

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
*Câmpus* de Rio Claro

Pedro Henrique Ferreira Costa

**O “JOVEM MILTON SANTOS”:**  
**PERSONAGEM DO PROTÓTIPO METODOLÓGICO:**  
**REVELAR**  
**[MATRIZES CLÁSSICAS ORIGINÁRIAS]**  
**PARA DEFINIR**  
**[VANGUARDA, UNIVERSALIDADE E VIÉS GEOGRÁFICO]**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Geografia

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy

**Co-orientador:** Prof. Dr. Dante Flavio da Costa Reis Junior

Rio Claro - SP

Outubro de 2013

910  
C837j Costa, Pedro Henrique Ferreira  
O jovem Milton Santos: personagem do protótipo metodológico: revelar [matrizes clássicas originárias] para definir [vanguarda, universalidade e viés geográfico] / Pedro Henrique Ferreira Costa. - Rio Claro. 2013  
220 f. : il., figs., quadros  
  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Orientador: Paulo Roberto Teixeira de Godoy  
Coorientador: Dante Flavio da Costa Reis Junior  
  
1. Geografia. 2. Santos, Milton Almeida dos - Teoria e método. 3. Pensamento geográfico - História. 4. Matriz clássica originária. I. Título.

PEDRO HENRIQUE FERREIRA COSTA

**O “JOVEM MILTON SANTOS”: PERSONAGEM DO PROTÓTIPO  
METODOLÓGICO: REVELAR [MATRIZES CLÁSSICAS ORIGINÁRIAS] PARA  
DEFINIR [VANGUARDA, UNIVERSALIDADE E VIÉS GEOGRÁFICO]**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Geografia

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Prof. Dr. Dante Flavio da Costa Reis Junior  
Universidade de Brasília – UnB / Departamento de Geografia – GEA

Profa. Dra. Alice Maria de Araújo Ferreira  
Universidade de Brasília – UnB / Departamento de Linguas Estrangeiras e Tradução - LET

Profa. Dra. Vanderli Custódio  
Universidade de São Paulo – USP / Instituto de Estudos Brasileiros - IEB

Prof. Dr. Samuel Frederico  
Universidade Estadual Paulista – UNESP/RC / Departamento de Geografia

Prof. Dr. José Gilberto de Sousa  
Universidade Estadual Paulista – UNESP/RC / Departamento de Geografia

**APROVADO**

Rio Claro, SP 14 de Outubro de 2013

*Dedico esta Tese à memória de Samira Peduti Kahil, uma geógrafa humana que lutou por uma outra Geografia. “Samira gozava de uma capacidade intelectual memorável, de um senso de solidariedade e responsabilidade inconfundível e de uma perspectiva humanista renovadora.” (COSTA, 2012, p. 86).*

*Dedico esta Tese à memória de Maria José de Araújo Ferreira (minha avó), uma guerreira, de coração e espírito aberto, que lutou e esperou até os últimos segundos para saber o resultado deste trabalho; seu amor e carinho por mim foi sincero até no dia do seu decesso (15/10/2013). Sou-lhe eternamente grato.*

## AGRADECIMENTO

Àos professores que me acolheram nos momentos mais difíceis, até então, da minha jornada acadêmica: Dante, Gilberto e Samuel. / Ao Professor. Paulo Godoy que me permitiu começar e ao Professor. Dante que me ajudou terminar à redação desta Tese. / Àos membros da comissão examinadora desta Tese que, com suas generosas palavras e intenções positivas, reconheceram o esforço do meu trabalho e me entusiasmarem a continuar. / Às amigas, já professoras, Isabela Fogaça e Adryane Gorayeb, que se tornaram um exemplo e um norte. / A turma de Brasília, em especial, Carla Gualdani, Viviane Fernandes e Anne Rossignoli que me aguentaram por dias além de Julia Zanin e família pelos conselhos e por acreditar. / A minha família, aos amigos de Belo Horizonte (MG) e de Rio Claro (SP); e a família que ganhei em São Paulo, em especial, a uma pessoa que não cochilou em nenhum segundo e sempre esteve do meu lado nos momentos de tristeza e alegria, me dando apoio, amor e carinho, não sei como te agradecer, Roberta Moraes Curan. / Às republicas onde vivi e, sobretudo, todos àqueles que cruzaram a minha estrada,:

N B Q G Q A U B Z Ú Á A Ç F F A M E I L I A V L L A Ê Á C O Á Ö I O P G C C H Ê J O N A S P I V E A Ó J U V U Ô M  
H O V D O O I N T H I R M O A Z D D F F R U Z E R V N T W A I O S E T I O P B Í O B R Ó L U N O W P G C C H Ê J O N A S P I V E A Ó J U V U Ô M  
L M A N U E L L G O O Ç O O F S X B E R O E Ó P A T F I L N A E É D U V É Ü G T À T Y T ò U Ú È Ò B G L I I U X Á Á H Ó F Y E C Ü N N U V R Ü Ö U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
Í Q G Q P A B X H N E N C I F S D D O O L Ô Ú L A Í O O T F I L N A E É D U V É Ü G T À T Y T ò U Ú È Ò B G L I I U X Á Á H Ó F Y E C Ü N N U V R Ü Ö U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
L V D Q Q Ç I G Ê Ô Á Í E E M A Ô Í N G N E S T I O Ó F Í M O B S E R T A C F A E L A R A Ô Ö U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
C B H Q R Q O V H Ú V F T Ç E P B I A L R I T D H E O D J N Z D R Z Ê Ô N A S Z I J O O D O D C K A M P A N T H A S À R I S T E L A M E C P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
S O Ê N Ô A Z M Á Z M A F R Ê Á Í M P U Ô V L R I T D H E O D J N Z D R Z Ê Ô N A S Z I J O O D O D C K A M P A N T H A S À R I S T E L A M E C P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
Y O Ô B O Ú V F T Ç E P B I A L R I T D H E O D J N Z D R Z Ê Ô N A S Z I J O O D O D C K A M P A N T H A S À R I S T E L A M E C P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
Á Z M Á Z M A F R Ê Á Í M P U Ô V L R I T D H E O D J N Z D R Z Ê Ô N A S Z I J O O D O D C K A M P A N T H A S À R I S T E L A M E C P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
Ú Q Ç I G Ê Ô Á Í E E M A Ô Í N G N E S T I O Ó F Í M O B S E R T A C F A E L A R A Ô Ö U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
É Y O Ô B O Ú V F T Ç E P B I A L R I T D H E O D J N Z D R Z Ê Ô N A S Z I J O O D O D C K A M P A N T H A S À R I S T E L A M E C P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
B A L S W E S G A V J I J B E P C E M L Q M Z R Ü S U A A R I L I N C O L N G Ó A M C H U M H G Ç D K É F A B B I O B A R R Ç O S R I B U I J Z Ú P P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
M E X O A V F S J A T O T X O U A M L R C E I E F E M Z T L I N C O L N G Ó A M C H U M H G Ç D K É F A B B I O B A R R Ç O S R I B U I J Z Ú P P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
L F O A V F T Ç E P B I A L R I T D H E O D J N Z D R Z Ê Ô N A S Z I J O O D O D C K A M P A N T H A S À R I S T E L A M E C P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
À B T J A V J I J B E P C E M L Q M Z R Ü S U A A R I L I N C O L N G Ó A M C H U M H G Ç D K É F A B B I O B A R R Ç O S R I B U I J Z Ú P P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
P Y R Á Á T O T X O U A M L R C E I E F E M Z T L I N C O L N G Ó A M C H U M H G Ç D K É F A B B I O B A R R Ç O S R I B U I J Z Ú P P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
A R F U Z J J I J B E P C E M L Q M Z R Ü S U A A R I L I N C O L N G Ó A M C H U M H G Ç D K É F A B B I O B A R R Ç O S R I B U I J Z Ú P P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
N C Q F W N V I L R I N Ú L E E Ô R É I R R I C A O M C H U M H G Ç D K É F A B B I O B A R R Ç O S R I B U I J Z Ú P P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
C P F Í G A U S Ú J I D F R M V A Z Ô B X Z R Ó C H Ç Z M Y Ú B E S Ú Ö U W R É F A B B I O B A R R Ç O S R I B U I J Z Ú P P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
E A À Ç A H L A I Á A A R M V A Z Ô B X Z R Ó C H Ç Z M Y Ú B E S Ú Ö U W R É F A B B I O B A R R Ç O S R I B U I J Z Ú P P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
T E R Á Á N N O L L L N C E I E F E M Z T L I N C O L N G Ó A M C H U M H G Ç D K É F A B B I O B A R R Ç O S R I B U I J Z Ú P P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
A L Á J Ô Ô Ó Í I A R I O A I F U R U S P L Ô Ü V Ô M O F A M C H U M H G Ç D K É F A B B I O B A R R Ç O S R I B U I J Z Ú P P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
F Z S Á Á Ô Ó Í I A R I O A I F U R U S P L Ô Ü V Ô M O F A M C H U M H G Ç D K É F A B B I O B A R R Ç O S R I B U I J Z Ú P P É Z A L V U O F A M I H R T G À L D P E P A U L A C C T Ô A O P Á Á S Z D A N A I U Z C O Z  
I E V V M É Ô N M A R J O A I O N E K V A F G D R Ó J Á C C E O A L H E I S X N E E Y Á Z Z O C C U O R Ú I F D H E L À Ü E A G Ó Ú R R O Ê E X G Ú N M Ó Ó T A  
E N E Ô T T A R M A E D I M G S V A L V A F F I Í L R B I R A F E R A N A N A S H P Ó Ç O X Ó I E D W U D R S A G Ó Ú R R O Ê E X G Ú N M Ó Ó T A  
L D O I H D Á Z Z Ú Í G O N Ô I Á M H N Ç V I E I D E L C I O F E R A N A N A S H P Ó Ç O X Ó I E D W U D R S A G Ó Ú R R O Ê E X G Ú N M Ó Ó T A  
R O Ê S O L L Z Z Ú Í G O N Ô I Á M H N Ç V I E I D E L C I O F E R A N A N A S H P Ó Ç O X Ó I E D W U D R S A G Ó Ú R R O Ê E X G Ú N M Ó Ó T A  
E N U A F D Ó J Ó T Á S C C Ü Á Á R H E R Ü B À L P E R Ó Ç A J J O O I F D H E L À Ü E A G Ó Ú R R O Ê E X G Ú N M Ó Ó T A  
P A Á V A Ó É I E I L Ç L Z Z Ç Á Á R H E R Ü B À L P E R Ó Ç A J J O O I F D H E L À Ü E A G Ó Ú R R O Ê E X G Ú N M Ó Ó T A  
S D Ó F F J G A B J I L L P E R Ó Ç A J J O O I F D H E L À Ü E A G Ó Ú R R O Ê E X G Ú N M Ó Ó T A  
E I Ô E Ô Á A B J I L L P E R Ó Ç A J J O O I F D H E L À Ü E A G Ó Ú R R O Ê E X G Ú N M Ó Ó T A  
D Í I A E X Á H L F W É T I À R Á C X Á Q I A E D J U L I A Z A N I N Ü E Á J Ô Ê Á R Ô S R F C Í A É Ó W A T  
E W S F P Á F E A Ú E X J W M M Q Ó F A M I L I A C U R A N É Ç F A M I L I A C C O S T A C A Á Á H U Z F À C S C X A C  
À Á J É Ô S Q R M Ú E A T G Ó G Á J E K Ç H X S N T N S R Ç K K O A U I O Ô Ü P V O V M S E L Í R Ü N R K T S A C  
Q H X Á K P C Á Ô X P Ô F Ó M Ô Í N T O B Á G F X Ú C A O E Ç E X T J U Q Ô H É Ü W B O F A M I L I A A R A U J O H

Sintam-se parte da conclusão deste trabalho, uma vez que, sou um pouco de cada um contido nesta “sopa de letrinhas”.....

*Hoje eu completei oitenta e cinco anos. O poeta nasceu de treze. Naquela ocasião escrevi uma carta aos meus pais, que moravam na fazenda, contando que eu já decidira o que queria ser no meu futuro. Que eu não queria ser doutor. Nem doutor de curar nem doutor de fazer casa nem doutor de medir terras. Que eu queria ser fraseador. Meu pai ficou meio vago depois de ler a carta. Minha mãe inclinou a cabeça. Eu queria ser fraseador e não doutor. Então, o meu irmão mais velho perguntou: Mas esse tal de fraseador bota mantimento em casa? Eu não queria ser doutor, eu só queria ser fraseador. Meu irmão insistiu: Mas se fraseador não bota mantimento em casa, nós temos que botar uma enxada na mão desse menino para ele deixar de variar. A mãe baixou a cabeça um pouco mais. O pai continuou meio vago. Mas não botou enxada.*

*Manoel de BARROS **Memórias Inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.*

## RESUMO

A presente Tese pertence ao campo da História do Pensamento Geográfico. Nela buscamos analisar a primeira fase intelectual de Milton Santos (1948 – 1964), tendo em vista a construção de uma Matriz Clássica Originária para reconhecermos a **vanguarda**, a **universalidade** e o **viés geográfico** “miltonianos”. Abordamos o personagem em três perspectivas: na trajetória de vida, na enunciação do discurso e no inventário linguístico. Para tanto propomos um protótipo metodológico para ajudar a organizar a Matriz Clássica Originária e encontrar aquelas “características seletivas” [**vanguarda, universalidade e viés geográfico**]. Este protótipo é composto por três mediadores [células identitárias, cláusulas capitais e unidades terminológicas] que permitem rastrear, respectivamente, ao longo dos materiais [biografia, produção científica / geográfica, vocabulário], evidências para constatar as matrizes no discurso do jovem Milton Santos o que nos permitiu afirmarmos nossa hipótese.

**PALAVRAS – CHAVES:** protótipo metodológico, Matriz Clássica Originária, biografia, produção científica/geográfica, vocabulário, Milton Santos.

## ABSTRACT

This Thesis belongs to the field of History of Geographical Thoughts. We aim to analyze Milton Santos first intellectual period (1948 – 1964) and build an Original Classic Matrix in order to recognize his **vanguard**, **universality** and **geographical contributions**. Our protagonist is observed from three perspectives: the life trajectory, the enunciation of discourse, and the linguistic inventory. We propose a “methodological prototype” to organize that “Matrix” [Original Classic Matrix] and find its "selective characteristics" [**vanguard, universality and geographical contributions**]. The prototype is composed of three mediators [identitary cells, capital clauses and terminological units] which allow the tracking of evidences along several materials [biography, scientific / geographical production, vocabulary] and at the end to confirm our hypothesis in young Santos's speech.

**KEY-WORDS:** prototype methodological, “Matrix Original Classical”, biography, scientific / geographical production , vocabulary, Milton Santos.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01</b> Mapeamento Biográfico.....	122
<b>Figura 02</b> Localização geográfica das cidades as quais eram referenciadas nos artigos.....	147
<b>Figura 03</b> Sumário do livro “Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico” (1957).....	148
<b>Figura 04</b> Mapas, Tabelas, Gráficos.....	170
<b>Figura 05</b> Mapeamento Textual – uma leitura interpretativa da produção científica/geográfica do Milton Santos.....	182
<b>Quadro 01</b> A trajetória intelectual de Milton Santos.....	30
<b>Quadro 02</b> Hipóteses de correspondência.....	36
<b>Quadro 03</b> Domínio Teórico-Conceitual.....	39
<b>Quadro 04</b> Domínio Metodológico.....	40
<b>Quadro 05</b> Domínio Complementar.....	40
<b>Quadro 06</b> Domínio Epistemológico.....	40
<b>Quadro 07</b> Células Identitárias.....	42
<b>Quadro 08</b> Exemplo: Estudos tópicos.....	50
<b>Quadro 09</b> Representantes da Geografia Clássica.....	67
<b>Quadro 10</b> Cláusulas Capitais – Variantes do Pensamento Geográfico na Obra de Milton Santos.....	83
<b>Quadro 11</b> Células Identitárias.....	124
<b>Quadro 12</b> Referências Bibliográficas – Geografia Clássica.....	142
<b>Quadro 13</b> O recurso histórico como subsídio para o argumento geográfico.....	153
<b>Quadro 14</b> Os investidores e a finalidade dos trabalhos.....	169
<b>Quadro 15</b> Referências Bibliográficas – Geografia Aplicada.....	174
<b>Quadro 16</b> As unidades terminológicas – critérios de seleção.....	202
<b>Quadro 17</b> Matriz Clássica Originária.....	206
<b>Quadro 18</b> A comprovação da hipótese por material analisado.....	208

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	10
<b>Capítulo 1 – Protótipo Metodológico: como dissecar o personagem</b> .....	33
1. Introdução .....	33
2 As Unidades de Análise .....	41
2.1 As células identitárias.....	41
2.2 As cláusulas capitais.....	47
2.3 Unidades Terminológicas.....	84
3 Considerações .....	86
<b>Capítulo 2 O retrato biográfico [O Jovem Milton Santos]: a formação de um intelectual entre as décadas de 1930 e 1960</b> .....	87
1. Introdução .....	87
1.1 A Biografia como peça de um mosaico metodológico .....	90
2. O Jovem Milton Santos.....	97
3 As células identitárias e as Características seletivas.....	123
4 Considerações .....	127
<b>Capítulo 3 – Taxonomia da produção científica/geográfica do “Jovem Milton Santos”</b> .....	129
1. Introdução .....	129
2 Panorama Bibliográfico: Principais Textos Comentados .....	132
2.1 – Escola Francesa de Geografia Clássica.....	132
2.2 – Geografia Aplicada .....	155
2.3 – Geografia Ativa .....	177
3. Considerações .....	181
<b>Capítulo 4 – A definição dos termos na leitura do vocabulário</b> .....	184
1. Introdução .....	184
2 À exemplo: cinco termos que remodelaram ao longo da trajetória epistemológica do personagem Milton Santos.....	187
3. Considerações .....	201
<b>Considerações Finais</b> .....	205
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	210
<b>Anexo</b> .....	223

## INTRODUÇÃO

Logo que o projeto desta Tese foi julgado e aprovado, até esse momento, não tínhamos certeza sobre o método proposto ou o tema a ser discutido. De início pensamos em estudar “a proposta ontológica do espaço geográfico no pensamento crítico de Milton Santos”, no entanto, o obstáculo encontrado estava na profundidade desta questão e na dúvida quanto a forma de abordar o assunto.

Por um longo tempo buscamos na literatura maneiras de amenizar a hesitação levantada. Sem muito sucesso, somente o personagem<sup>1</sup> já nos havia convencido da importância de investigá-lo. O próprio nos brindava com o livro “A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção” (1996) com uma longa discussão sobre “uma ontologia do espaço: noções fundadoras”. No entanto, não nos cativava e não enxergávamos recursos para criticar ou apontar outras questões sobre assunto. Por consequência, até, das afinidades que se confluíam ao longo da leitura do livro.

Em seguida, optamos por apurar “as Matrizes Clássicas Originárias nas fases da trajetória intelectual de Milton Santos”, texto da qualificação. Ainda assim, era necessário delimitar melhor o recorte da pesquisa, já que a dimensão proposta para a interrogação despertada não cabia em mais um ano de Tese. Contudo, a relação de como sondar o personagem já ganhava expressividade e a motivação de restringir à investigação na primeira fase intelectual sobressaía.

É interessante ressaltar que dois pontos justificavam desde o início a pesquisa e a escolha do personagem: a **vanguarda** e a **universalidade** do pensamento de Milton Santos, tanto ao estudar a proposta ontológica quanto as Matrizes Clássicas Originárias. Tais pontos nos intrigavam e nos encorajavam a continuar. Sem abrir mão desses dois pilares, após a qualificação, acatamos a sugestão da banca avaliadora e, outro elemento ganhava corpo na Tese: o **viés geográfico** de Milton Santos. Nesse momento, estabeleceram-se os três eixos de

---

<sup>1</sup>A categoria personagem, na Tese, não reduz a análise ao mundo de faz-de-conta ou a coloca sobre um universo de ficção. O personagem é retratado como uma figura de linguagem com objetivo de afirmar, portanto, algo além do próprio sujeito anunciado. O personagem, no caso Milton Santos, é revelado ora por sua “própria” voz, na narrativa sobre sua vida, ora pela exposição de seu pensamento enunciado em sua produção científica/geográfica e em seu vocabulário, o que o torna tanto o sujeito da Tese quanto o objeto da mesma. Além disso, o termo “personagem”, também, simboliza o reconhecimento da contribuição intelectual perante a Ciência Geográfica, como uma pessoa posta em ação na construção e no desenvolvimento de uma disciplina e que, infelizmente, não foi possível conhece-lo em pessoa. Em visto disto, Milton Santos acaba sendo um ser fictício de uma realidade existencial; um personagem ativo no enredo da História da Geografia. Junto com Milton Santos existem outros personagens, logo, evidencia-los propicia clarear o que há de mais vivo na História da Geografia, os próprios construtores.

análise, que nomeamos como “características seletivas”<sup>2</sup>: **vanguarda, universalidade e viés geográfico.**

(A) **Vanguarda** - A análise da **vanguarda** leva-nos a discutir tanto os “problemas” de comportamento discordantes quanto os “desvios” do discurso do personagem. Assim sendo, decidimos por procurar entre os materiais [biografia, produção científica/geográfica, vocabulário] a presença de uma linguagem renovada e os momentos pelos quais o personagem se fazia frente à ordem vigente.

De acordo com Gilberto Velho (1977, p. 27), “ser **vanguarda** é não estar preso a nenhum esquema definitivo, é duvidar das coisas” (VELHO, 1977, p. 27). De modo que, a noção de **vanguarda** “miltoniana”, em nossa pesquisa, não será abordada como uma negativa a existência de outras formas de olhar o mundo, mas no compromisso que o personagem teve em revelar as diferenças entre as visões de mundo, em rever seu posicionamento sobre o mundo, em deixar claro os elementos que compunha a sua maneira de perceber o mundo.

Por fim, ao qualificarmos o personagem como uma referência de **vanguarda**, pretendemos visualizar os caminhos pelos quais ele trilhou na tentativa de influenciar uma geração e romper com formas pretéritas.

(B) **Universalidade** - A busca pela referência de **universalidade** implica-nos mostrar a ressonância do pensamento do personagem em outros campos de saberes [História, Ciência Sociais, Economia, Ciências Políticas, Arquitetura e etc...]. Acreditamos que quando a **universalidade** é posta em prática o pensamento pode ser operacionalizado preservando o conteúdo explicativo original ou metamorfoseado para se adequar ao sentido empregado. Dessa forma, para chegarmos a delimitar a **universalidade** do pensamento do personagem buscamos o seu horizonte de entendimento, a sua escala de ação, a sua possibilidade de dialogar com o diferente. Para Serres (2005, p. 229, *grifo do autor*) a palavra **universalidade** significa “seguir rumo a um ponto comum (*versus*) para que seja formado um conjunto único (*unus*)”. Ao considerarmos o personagem dotado por um pensamento universal, esperamos perceber como ele buscava a inteligibilidade das coisas no uso de outras referências ou trazia para si um pensamento novo ou uma literatura nova para somar a sua forma de ver o mundo.

A **universalidade** está na capacidade do personagem em rever seu posicionamento sobre as coisas, aceitar as novas críticas, admitir novos interlocutores e apresentar seu

---

<sup>2</sup>Como “características seletivas” do personagem, podemos nos valer de várias particularidades diferentes [senso prático, senso crítico, afinidades artísticas, caráter reformista, habilidades sociais, entre outras]. Porém, partimos da ideia de que o personagem não se reduz a nenhuma delas, ou a um grupo, mas é constituído por todas.

pensamento em novos espaços. A **universalidade** está na capacidade do personagem de renovar, de confrontar novas ideias e de se posicionar frente ao debate. Em suma, ao caracterizarmos o personagem como uma referência de **universalidade**, objetivamos identificar o circuito do pensamento do personagem.

(C) **Viés Geográfico** - A existência de um **viés geográfico** obriga-nos a comentar a forma na qual o personagem se via no mundo, na maneira que ele interpretava o mundo [Geografia como prática política], no discurso que ele produzia e que ele relacionava com o mundo [Geografia como um sistema de conhecimento teórico, constituído por conceitos, categorias de análise, princípios e valores]. O **viés geográfico** é comprovado ao verificarmos se o personagem: (i) situa o lugar da Geografia dentro do domínio do saber; (ii) estabelece os limites do conhecimento da Geografia; (iii) busca explicitar a natureza da Geografia.

Consequentemente, o **viés geográfico** é o resultado de uma construção na qual o personagem dedica-se a compreender o objeto da Geografia e interroga o empírico a partir de um corpus definido, ou seja, faz da Geografia um instrumento capaz de problematizar e refletir as instâncias da realidade posta.

Logo, as obras as quais o personagem embasa-se e organiza as suas ideias para serem confrontadas com o fenômeno a ser discutido contribui para afirmarmos o viés miltoniano. Então, as referências são a prova de como Santos sistematiza e explica o conhecimento sobre um fato geográfico. Ao caracterizar o personagem como uma referência com **viés geográfico**, planejamos entender o interesse dele pela Geografia.

À vista das dificuldades enfrentadas, apontadas nos primeiros parágrafos da introdução, traçamos uma nova estratégia. Procuramos conciliar os três eixos com outras preocupações que nos acompanhavam desde a elaboração do primeiro esboço do trabalho: (i) a busca de uma metodologia capaz de sustentar a hipótese elaborada; (ii) o desejo de pesquisar a trajetória intelectual de Milton Santos; (iii) o esforço de assimilar os elementos constitutivos do pensamento miltoniano.

Com isso em mente, e com base nas discussões apontadas na qualificação, a hipótese foi reelaborada e atendeu todas as inquietações já então afloradas com a Tese: **o personagem Milton Santos emerge como uma referência de vanguarda, universalidade e com viés geográfico já em sua primeira fase intelectual, a qual denominamos de “Jovem Milton Santos”**. Apesar disso, primeiro concentramo-nos numa proposta metodológica que nos possibilitasse esquadrihar o personagem ao ponto de afirmar a hipótese anunciada. O melhor

caminho era investigar as Matrizes Clássicas Originárias<sup>3</sup> do pensamento de Milton Santos e em consequência delas avaliar a **vanguarda**, a **universalidade** e o **viés geográfico**.

Com efeito, embora o personagem já fosse um objeto de análise em outros trabalhos, o estudo da construção de seu pensamento [origem, fatores externos e internos, usos e reproduções] para verificação de “características seletivas” próprias de Santos não fora explorado até então por pesquisadores brasileiros.

É bom lembrar que para a leitura desta Tese não se deve dissociar a relação arquitetada entre o intelectual em destaque e o sentido figurado e metafórico da palavra personagem. Fato é que o personagem é o sujeito da proposição narrativa [Tese] e o objeto da nossa reflexão. Enquanto sujeito, o personagem incorpora o papel de um locutor que interpreta o mundo e avalia o mundo interpretado por meio de seu discurso<sup>4</sup>. Agora, enquanto objeto, o personagem é o pivô da Tese e, como pivô foi dissecado ao ponto de desvelar a Matriz Clássica Originária e apresentar certas particularidades do personagem.

Assim, o que se busca, na Tese, está entre a estrutura do discurso do personagem e o pensamento do personagem revestido de significado que definimos como Matriz Clássica Originária, além, como dito antes, das características seletivas do personagem. Fato é que o discurso converte a natureza do pensamento em palavras escritas e/ou faladas e/ou gesticuladas, logo, produzindo um efeito de sentido que nos permite compreender tanto a genealogia da ideia transmitida quanto a própria identidade do personagem, ou seja, os caminhos trilhados na sua formação, os interlocutores fundantes de seu pensamento, sua práxis cotidiana, seu processo de luta, sua visão de mundo, sua história, emergem no discurso do personagem .... (FOUCAULT, 1999).

Diante disso, assentimos que a Matriz Clássica Originária assinala o alicerce do pensamento do personagem, isto é, “a forma e o caminho teórico-metodológico distintivos

---

<sup>3</sup>Antes de aprofundar na discussão a respeito da Matriz Clássica Originária, gostaríamos de levantar o seguinte apontamento. A Matriz Clássica Originária é construída a partir da categoria influência. Sendo que, esta, na Tese, supõe a existência de um conjunto de ideias, as quais direcionam o discurso do personagem, permitindo localizar de que ponto filosófico/geográfico [Matriz Clássica Originária] partiu o argumento enunciado. No entanto, sabemos que o discurso não é constituído por um único corpo de princípios, mas por diferentes frentes que atuam na produção daquele, segundo a própria trajetória de vida do locutor; o “discurso é marcado historicamente, espacialmente e subjetivamente, ou melhor, intersubjetivamente” (FERREIRA, 2012). Porém, assumimos o risco de revelar a presença marcante de uma Matriz Clássica Originária na produção do discurso do personagem sem desconsiderar a totalidade do processo de sua formação. Logo, optamos por visualizar os sinais mais significativos de uma corrente filosófica e/ou de uma variante geográfica, os quais nós definimos como influência. E o que nos orientou para a afirmação da existência desta foi a presença ou o predomínio de evidências ou características comuns, já definidas na literatura, e comprovada no discurso do personagem. Desta forma, a categoria influência não expressa uma relação fechada, total, rígida, mas busca ressaltar, diante a trajetória intelectual do personagem, os interlocutores mais acentuados em seu discurso.

<sup>4</sup>Para Ferreira (2012, p. 98) “todo discurso é marcado historicamente, espacialmente e subjetivamente, ou melhor, intersubjetivamente. Ele carrega, então, as marcas de uma época, de um lugar e dos sujeitos envolvidos”.

que levam o geógrafo a poder formular, com as ideias do seu tempo, a sua compreensão própria de mundo, por intermédio dos elementos da Geografia” (MOREIRA, 2008, p. 47).

Consequentemente, em seu discurso, o personagem enuncia a intelecção da realidade posta e a coloca em forma de linguagem<sup>5</sup>. Por conseguinte, o personagem, ao se manifestar, tanto sinaliza a Matriz Clássica Originária de seu pensamento quanto revela traços de sua particularidade, as marcas que lhe conferiam significado no conjunto analisado. No entanto, estas permaneceram sobre o contexto histórico e fizeram por reconhecermos a força que o pensamento exprimiu sobre o período. Assim, ao identificarmos a Matriz Clássica Originária do pensamento do personagem conseguiremos enquadrá-la na variante geográfica correspondente, no núcleo originário, na corrente filosófica entre outras características, de modo que, tais dão o sentido de unidade e organicidade do pensamento do personagem, tornando-o inteligível. As,

matrizes são as formas de pensamento que partem de um núcleo racional por meio do qual uma estrutura global emerge como discurso de mundo, uma estrutura matricial se distinguindo da outra justamente pela maneira como o intelectual vê e integraliza o mundo. (MOREIRA, 2008, p. 47)

Portanto, ao identificarmos as Matrizes Clássicas Originárias do pensamento do personagem consideramos ser possível perceber o que de genuíno se pode encontrar em seu discurso; de como ele apreendia as instâncias do real e a transformava em “concreto pensado”, de como ele sistematizava o enunciado deixando as marcas da enunciação presente, de como ele fazia a leitura do mundo entre outras questões e além de visualizar o campo geral de suas ideias, princípios e axiomas.

Portanto, buscar o domínio teórico-conceitual, domínio metodológico, domínio complementar e o domínio epistemológico de certo personagem norteia e esclarece os princípios que definem seus conceitos, suas categorias, a teoria que ele formula para explicar o mundo e a sociedade.

A maneira pela qual o personagem se expressava ou fazia uso dos conceitos e categorias de análise evidenciará a originalidade ou a filiação que este se vale. Isso não quer dizer que o personagem, ao adotar uma postura epistemológica, isola-se a ponto de formar guetos ideológicos ou de defender um pensamento homogêneo ou apresentar um comportamento unilateral. (MOREIRA, 2008). Assim, o conceito de Matriz Clássica Originária, de acordo com Moreira (2008, p. 47), presume, “o clareamento do campo

---

<sup>5</sup>De acordo com Ferreira (2012, p. 96 - 97)“a linguagem instaura um universo simbólico, linguisticamente construído, que evoca o mundo, mas que não se parece com ele. A linguagem é o que nos liga ao mundo, é a partir dela que percebemos o mundo e lhe conferimos significação”.

epistemológico dos pensadores. Isto é, o fundamento conceitual-ideológico de onde eles partem como raiz de base e o quadro das mediações que utilizam para organizar esse fundamento num formato discursivamente localizado”.

As referências para a definição da matriz estão na individualidade do personagem [características identitárias] e na *episteme* [características discursivas e terminológicas], as quais foram verificadas na trajetória de vida [biografia], na enunciação das ideias [produção científica/geográfica] e na formação de um inventário linguístico [vocabulário].

A individualidade e episteme se adensam no universo vocabular do pensador, sem que ele se isole e se retire para a solidão de sua caverna, antes capte na sua integralidade o pensamento do real do seu tempo a partir do modo pessoal como combina e traga para si a bagagem de história das ideias com que convive, trazendo para seu campo discursivo com elas a capacidade de verbalizar a realidade que vive e explica. (MOREIRA, 2008, p. 47).

Há um desconhecimento geral entre os geógrafos no que fundamenta as Matrizes Clássicas Originárias do pensamento de “seus” personagens. Segundo Moreira (2008, p. 37) “não nos demos conta de que cada geógrafo se distingue do outro por sua forma própria de pensamento”.

Consequência do fato de que muitos pesquisadores em vez de se aprofundarem em certas questões somente as tangenciam, ou seja, não buscam penetrar e sim abordar o pensamento de forma rápida e crua. Não há entre eles o conhecimento sobre de onde cada personagem partiu [matriz clássica originária] para apresentar o processo e o resultado da construção de sua visão de mundo. Não há incorporação das discussões, apenas seu uso com o objetivo particular, pois "o processo de produção intelectual se tornou muito fragmentado e apressado. A universidade deixou de ser o lugar da calma, passou a ser o lugar da pressa, e isso impede uma reflexão mais assentada, mais longa e mais ampla". (SANTOS, 2000, p. 102). Para melhor falar a respeito do personagem foi necessário consultar seu Currículo Lattes<sup>6</sup>, analisar as entrevistas concedidas ao longo de sua trajetória<sup>7</sup>, examinar as publicações a respeito da sua biografia e estudar sua produção científica/geográfica<sup>8</sup>.

<sup>6</sup>É possível acessar o Currículo Lattes do personagem Milton Santos através do link: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4798868Z6> ou pelo site mantido pela família dele: <http://miltonsantos.com.br/site/>

<sup>7</sup>Destacam-se: Revista GEOSUL, ano IV, n.7, p. 170 – 201, 1989 / Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos / Encontros: Milton Santos, 2007. Caros Amigos

<sup>8</sup>SOUZA, M. A. A. de (org) O mundo do cidadão um cidadão do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996. / BRANDÃO, M de A. Milton Santos: intelectual por projeto In: Revista VeraCidade, ano VII, n. 7, p.1 – 12, out., 2011. / VASCONSELOS, P. de A. Milton Santos: geógrafo e cidadão do mundo (1926 – 2001). In: Afro-Ásia, n. 25/26, p. 369 – 405, 2001. / SILVA, F. S. da & SILVA, M. A. da Uma leitura de Milton Santos (1948 – 1964). Revista Geosul, Florianópolis, v. 19, n. 37, p. 157 – 189, jan/jun, 2004. GRIMM, F Trajetória Epistemológica de

Assim, como objetivo geral para comprovar as hipóteses anunciadas, temos como propósito apresentar: (i) um protótipo metodológico capaz de compreender a complexidade do pensamento de um personagem e sua genealogia; (ii) um debate epistemológico da trajetória intelectual do personagem em busca da matriz geradora.

Sendo os objetivos específicos os seguintes:

[Capítulo 1]: (1.i) apresentar uma ferramenta de análise própria para dissecar o personagem; (1.ii) explicitar os componentes do protótipo; (1.iii) esclarecer o mecanismo de funcionamento; (1.iv) justificar cada unidade de análise; (1.v) exemplificar no próprio personagem como será testado.

[Capítulo 2]: (2.i) resgatar os dados biográficos referentes à história pessoal do personagem; (2.ii) delinear seu perfil nos diferentes momentos de sua trajetória; (2.iii) chegar a um retrato da pessoa que ele foi; (2.iv) perceber o comprometimento que o personagem tinha com a Geografia; (2.v) demonstrar o rigor na construção de seu pensamento.

[Capítulo 3]: (3.i) revisitar os trabalhos do personagem na fase Jovem; (3.ii) apresentar uma síntese das principais obras na fase Jovem; (3.iii) compreender a intelecção de certos pressupostos; (3.iv) evidenciar os caminhos que o personagem trilhou para a formação do seu pensamento; (3.v) contextualizar na produção científica o fator originalidade.

[Capítulo 4]: (4.i) analisar cinco unidades terminológicas presentes na trajetória intelectual do personagem; (4.ii) listar quais as significações específicas predominaram na escolha das unidades terminológica; (4.iii) identificar como o personagem verbaliza a realidade em cada período; (4.iv) comentar a eventual evolução do pensamento do personagem por meio das unidades terminológicas entre os períodos.

---

Milton Santos: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis. 2011. 307f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Ademais, nesse momento não podemos deixar de lembrar a ajuda incondicional de todos que trabalham na biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/SP), para onde o acervo da biblioteca pessoal de Milton Santos foi doado e que nos ajudaram a sistematizar as referências consultadas na Tese e apresentada no Anexo 1.

## O PERSONAGEM: MILTON SANTOS

Em seu discurso, Milton Santos apresenta insatisfações diante de certas questões que orbitam a Geografia. Os descontentamentos são antigos e a vontade de explicá-los é visível, porém, às vezes inalcançáveis.

No conjunto, ele arquiteta o Recôncavo Baiano, a Bahia, o Brasil e o Mundo pela asserções de seus argumentos e pressupostos. Para Milton Santos, o mundo existe como produto da História e das idéias, ambos em permanentes mudanças.

No âmbito da Geografia, embora se criasse um dualismo entre Geografia Antiga e Moderna, Geografia Geral e Regional e/ou Geografia Física e Humana, o campo sofreu grande renovação no seu conteúdo através do tempo. Por isso a Geografia, conforme Milton Santos, é uma ciência viva capaz de ler as mudanças do mundo.

A Geografia passou por etapas evolutivas<sup>9</sup> para alcançar a maioria científica<sup>10</sup> e se estabelecer como “ciência dos lugares”. No início a Geografia Científica brasileira, logo após a fundação das primeiras universidades no Brasil, permaneceu por muitos anos esquecida no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, sob a orientação de alguns professores estrangeiros<sup>11</sup>.

Os discípulos<sup>12</sup> desses professores, após o retorno de seus mestres aos países de origem, foram responsáveis por difundir os métodos de trabalhos e os princípios modernos do campo científico. (MONTEIRO, 1980; MORAES, 1991).

---

<sup>9</sup>De acordo com Milton Santos (1953, p. 15) as etapas da evolução geográfica são: (i) **Geografia Instintiva**, “quando o homem, tendo deixado seu abrigo natural, em busca de alimentos para sua subsistência, sentiu a necessidade de orientar-se para a volta aos seus penates”; (ii) **Geografia Designativa**, “ainda no afan de uma orientação mais segura, deu ele nomes aos lugares-marcos da sua passagem”; (iv) **Geografia Filosófica**, “com os gregos e mesmo antes deles, com os egípcios e assírios”, os quais tentavam explicar os fenômenos da natureza; (v) **Geografia Numérica ou dos Itinerários**, “com os romanos” os quais representavam suas conquistas em figuras; (vi) **Geografia Cartográfica**, na Idade Média, “com a feitura de mapas, com os quais espelhavam as concepções geográficas dominantes na época”; (viii) **Geografia Descritiva**, na Idade Moderna, com o período das grandes navegações, temos “uma arte geográfica, que muita vez deixava de parte a realidade e invadia pelo campo inseguro da fantasia”; (ix) **Geografia Científica**, “que não se contenta apenas em descrever ou retratar os fatos geográficos, mas procura explicá-los e interpretá-los”.

<sup>10</sup>De acordo com Milton Santos (1953, p. 15) “o que lhe dá [a Geografia] realmente o caráter científico é o fato de ter ela princípios próprios, que poderemos chamar de leis, métodos próprios e objetivos ou fins próprios”.

<sup>11</sup>A década de 1930 marcou o início da institucionalização da Geografia brasileira enquanto disciplina científica. Antes havia mais um “espírito” geográfico do que a sistematização racional de um conhecimento com objetivos definidos e um instrumental analítico. Assim, no ano de 1934 foram fundados os cursos de Geografia e História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), no mesmo ano em que se iniciava as atividades da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) orientada por Pierre Deffontaines e que o governo criava o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No ano de 1937, a fundação do Conselho Nacional de Geografia (CNG) e no ano de 1939, o surgimento da Revista Brasileira de Geografia. (MONTEIRO, 1980)

<sup>12</sup>Aroldo de Azevedo, Fabio Macedo Soares Guimarães, José Veríssimo da Costa Pereira, José Ribeiro de Araujo Filho, Lysia Maria Cavalcanti Bernardes.

O trabalho de campo foi colocado como a principal ferramenta de pesquisa e o intuito era observar cuidadosamente os fatos e buscar a interpretação incisiva para os mesmos.

Todavia, a grande dificuldade estava na imprecisão de definir os limites do objeto da Ciência Geográfica, mas, segundo Milton Santos, isso não a impedia de integrar, participar e interpenetrar entre as disciplinas das Ciências Humanas.

A Geografia de hoje [década de 1950, mas vale a observação para o presente momento] se caracteriza por seguir um quadro, em que se possa fixar o seu objeto e pela notória imprecisão dos seus limites, o que tudo lhe traz em consequência a dificuldade de sua conceituação. [...] A geografia assim, participa de uma tendência, comum, no atual momento, a todas as ciências, que é a integração, porque na verdade, as ciências evoluem para um ponto em que todas se completam, pela interpenetração dos seus respectivos objetos. (SANTOS, 1953, p. 12)

O personagem salienta que muitos dos problemas que tem causado à Geografia uma deficiência ou a colocado como uma ciência secundária estão na persistência de alguns geógrafos, de tomarem de empréstimo a nomenclatura de outras disciplinas para retratar realidades vinculantes a diferentes ramos do conhecimento, ou seja, o uso arbitrário de categorias de análise e conceitos para interpretar uma realidade destoante do ponto de vista geográfico.

O problema não se limita somente ao uso indiscriminado mas, ao uso sem ao menos incorporar a essência destes instrumentos de análise, o que pode estar orientando a Ciência Geográfica à reprodução (des)critéiosa de ideias ou encruzilhando-a em ambiguidades.

A incógnita: “a ciência que é tudo e nada ao mesmo tempo”, levou Milton Santos a definir o objeto da Geografia, os princípios norteadores e a construir um arcabouço teórico metodológico suficiente para explicar, na perspectiva desse campo do conhecimento, a sociedade, o mundo e os lugares. O que resultou no livro “A Natureza do Espaço” (1999<sup>13</sup>), esse que é a referência na última fase de sua trajetória intelectual, quando o autor atingiu a plenitude da realização acadêmica.

Por conta de tal posicionamento teórico, Milton Santos passou a ser alvo de crítica por seus pares estabelecendo calorosos debates no Brasil e fora dele, em diferentes momentos históricos, com a Geografia, as demais ciências sociais e a Filosofia. (GRIMM, 2011; GRIMM, 2012)

O professor Milton Santos participou ativamente da busca constante de renovação do pensamento geográfico. Assim, dialogou com as principais correntes da Filosofia a fim de

---

<sup>13</sup>A primeira edição data do ano de 1996.

apresentar tanto um modo distinto de ver, pensar e expor o real através da Geografia, como caminhos para construir seu próprio sistema teórico.

Contemporâneo a debates que ocorreram em diferentes correntes filosóficas, tais como o estruturalismo, a fenomenologia e o existencialismo, Milton Santos dialogou com todas elas sempre em busca de inspiração para a construção de seu próprio sistema teórico. (GRIMM, 2011, p. 167).

Milton Santos elegeu personalidades conceituadas no mundo intelectual para trilhar a construção de seu arcabouço teórico e metodológico: na Geografia, Tricart<sup>14</sup> (pelo “espírito de sistema e o rigor com que o ensinou a trabalhar”) e Pierre George (por ter “sistematizado à geografia humana”); na Filosofia, Jean-Paul Sartre (com à “ideia extraordinária de totalidade e totalização permanente”) e Whitehead (no debate da “diversificação da natureza”); na Sociologia, Durkheim (pela preocupação com a “morfologia social”) e Gurvitch (pelo “peso que dava à noção do tempo”), além de Marx, pela dialética concreta do mundo em processo permanente de transformação. Em suma, estes foram, dentre os mais importantes, os que o ajudaram a nortear seu sistema de idéias. (YAZIGI, 1996, p. 412).

O maior desafio de Santos, em grande medida, foi analisar criticamente o objeto da Geografia em seus diferentes momentos, o que resultou, segundo Grimm (2011, p. 165) em “40 livros, 15 trabalhos de editoria, 21 publicações menores e cerca de 380 artigos científicos, além de entrevistas, apresentações, prefácios e matérias de jornal”, em suas diferentes fases.

Nesta ampla produção intelectual há uma relação visível assinalada por interrupções e persistências ou continuidade e descontinuidades, que levaram Milton Santos a se destacar entre os cientistas sociais por sua relevante contribuição à teoria da Geografia.

A presença comum dos temas e conceitos fala de uma continuidade. O modo de compreensão e projeção dos conceitos sobre o real dando em concepções de relação espaço-mundo diferentes fala de uma descontinuidade. (MOREIRA, 2008, p. 137)

Assim,

Conhecer-lhe a obra significa desvendá-la, penetrar nas suas formulações, discuti-la, buscar novas formas de diálogos e comunicação, estabelecendo uma relação de troca, visto que Milton Santos não só discute a geografia, pois na verdade a sua produção define posições, registra agrados e descontentamentos, com determinadas posturas e escolas. (SILVA, 1996, p. 382).

---

<sup>14</sup>Milton Santos (1958), na introdução do livro “**Estudos de Geografia da Bahia: Geografia e Planejamento**”, testemunha sua admiração pelo professor Jean Tricart e afirma que o professor francês criou escola entre os geógrafos baianos.

Em sua totalidade, Milton Santos, ao longo de mais de cinco décadas de contribuição manteve uma coerência e um “respeito” à Geografia. A coerência supõe reconhecer na realidade em movimento, no concreto pensado, tanto os instrumentos para sua análise, retirados do processo histórico, quanto os elementos pertinentes à construção do método.

Isto quer dizer que ele, para sustentar a originalidade do pensamento dentro da Ciência Geográfica, o personagem defendeu que a pesquisa científica, em Geografia, exige uma coerência interna e externa, a qual não negligencie o próprio objeto do trabalho do geógrafo, o espaço geográfico.

A coerência interna da construção teórica depende do grau de representatividade dos elementos analíticos ante o objeto estudado. Em outras palavras, as categorias de análises, formando sistema, devem esposar o conteúdo existencial, isto é, devem refletir a própria ontologia do espaço, a partir de estruturas internas a ele. A coerência externa se dá por intermédio das estruturas exteriores consideradas abrangentes e que definem a sociedade e o planeta, tomados como noções comuns a toda História e a todas as disciplinas sociais e sem as quais o entendimento das categorias analíticas internas seria impossível. (SANTOS, 1999, p. 19).

Os conceitos encontram-se na realidade e, por definição, circunscrevem um universo que os explica. Todo conceito tem uma ordem dinâmica polivalente que, retirado do processo histórico, conduz à apreensão da própria realidade vista pelo sujeito.

Os conceitos devem ser operacionais e constitutivos ao objeto e, ao mesmo tempo, correspondentes aos problemas os quais se acredita descobrir ou solucionar. Evidentemente todo conceito tem uma história e por isso é recomendado que fosse renovado ao momento vigente de sua operacionalidade.

Numa palavra, dizemos de qualquer conceito que ele sempre tem uma história, embora a história se descubra em ziguezague, embora cruze talvez outros problemas ou outros planos diferentes. Num conceito, há, no mais das vezes, pedaços ou componentes vindos de outros conceitos, que respondiam a outros problemas e supunham outros planos. Não pode ser diferente, já que cada conceito opera um novo corte, assume novos contornos, deve ser reativado ou recortado. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 29 – 30)

Os conceitos complementam as categorias de análises de conteúdo e as dotam de condições para serem instrumentalizadas no processo de assimilação da realidade. As categorias de análise, por sua vez, assumem o papel de produto de intervenção filosófica na superfície do real analisado. Elas podem ser intrínsecas, próprias da Geografia, ou extrínsecas, de outra disciplina ou objeto.

Para Santos (1999), entre as categorias de análise intrínseca estão: a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo, entre outras. Sendo que as categorias de análise extrínsecas são a técnica, a ação, os objetos, a norma, o evento, a particularidade, a totalidade e a totalização, a temporalização e a temporalidade, a idealização e a objetivação, os símbolos e a ideologia, entre outras. Os recortes espaciais são: a região, o lugar, as redes, a escala, o território, a paisagem (GRIMM, 2011; GRIMM, 2012).

Os conceitos e as categorias figuram como chaves estruturais na composição de uma explicação. São as partes constitutivas de uma cadeia lógica. Têm um sentido próprio, mas se referem também, em graus variáveis, ao eixo explicativo do sistema mais geral do que fazem parte. (GOMES, 2010, p. 198).

Assim, as categorias de análises e os conceitos são os elementos fundamentais para reconhecer, a partir da história e do movimento da sociedade, as contradições de que resultam o espaço geográfico.

Falar sobre o espaço é muito pouco, se não buscamos defini-lo à luz da história concreta. Falar simplesmente do espaço, sem oferecer categorias de análise é insuficiente, por isso nos parece oportuno distingui-lo da paisagem e da configuração territorial que, entretanto, compõem como elementos fundamentais de seu reconhecimento. (SANTOS, 1988, p. 57)

Para Santos (1988, p. 45), as mudanças vão acontecendo no mundo de forma acelerada e “acabam por invalidar os conceitos herdados do passado e a obrigar a renovação das categorias de análise”, ou seja, “os modelos não são eternos, pelo contrário, as transformações rápidas da realidade os desacreditam, desgastando-os rapidamente, o que, portanto, não permite que se negligencie a elaboração de novos”. (SANTOS, 1978, p. 39). Logo, os conceitos e as categorias de análise, os quais se vinculam previamente com o objeto, constituem a centralidade do método.

É toda a questão da pertinência que aí se instala. Para que o espaço possa aspirar a ser um ente analítico independente, dentro do conjunto das ciências sociais, é indispensável que conceitos e instrumentos de análise apareçam dotados de condições de coerência e operacionalidade. Assim ao mesmo tempo demonstramos sua indispensabilidade e legitimamos o objeto de estudo. [...] Cada vez que um geógrafo decide trabalhar sem se preocupar previamente com o seu objeto, é como se para ele tudo fossem ‘dados’, e se entrega a um exercício cego sem uma explicitação dos procedimentos adotados, sem regras de consistência, adequação e pertinência. (SANTOS, 1999, p. 18).

Diante disso, a intelecção de seu sistema de ideias presume o clareamento do campo epistemológico, do qual parte para fazer a leitura da sociedade enquanto ‘prática teórica’. A fim de discutir uma epistemologia particular da Geografia, Milton Santos, já em sua terceira fase intelectual, propõe uma Geografia Existencialista, “uma geografia que abarque o Ser e o Existir, que não se contenta com um enfoque individualista e fragmentário, na qual o movimento do mundo como um todo é excluído. Trata-se da produção da particularidade como realização da existência” (SANTOS, 1996, p. 24). A construção desse projeto é o resultado de anos de estudos os quais o personagem refletiu tanto sobre o processo de estruturação, desenvolvimento e formação do conhecimento geográfico, quanto sobre o objeto da geografia, o espaço geográfico, como condição de acesso à constituição dos conhecimentos válidos.

Para Grimm (2011, 2012) o tema de maior importância e que ocupa lugar central nos questionamentos do personagem é, entre outros, o que versa sobre: (i) a busca incansável de uma epistemologia para geografia; (ii) a necessidade de construir uma teoria que ela seja fundamento de uma práxis.

Diante de tal contexto, é fato que o personagem aponta para a necessidade da mudança nos modos de pensar, para uma virada epistemológica, no qual o espaço geográfico encontra-se no centro das preocupações dos geógrafos. Assim, na produção de um complexo sistema de idéias, Milton Santos fundamenta o *corpus* teórico de sua pesquisa através de diálogos firmados com a própria geografia e demais ciências sociais e a Filosofia.

Assim, para explicar o mundo e os lugares, o intelectual operacionalizou um sistema conceitual e um método que, juntos, validassem a ‘superfície’ do real que ele, como geógrafo, abordava em seu discurso.

Paralelamente ao exercício constante da mediação entre teoria e aspectos do real e do diálogo com diferentes ideias na geografia e fora dela, o autor voltou-se para a elaboração de uma epistemologia particular dessa área do conhecimento. Para o geógrafo, um dos requisitos centrais para edificar essa epistemologia interna à disciplina era estabelecer uma coerência interna e externa a ela. A primeira seria sustentada por um *corpus* teórico, enquanto a segunda estaria voltada para a discussão sobre o papel da geografia frente às demais esferas do conhecimento. (GRIMM, 2011, p. 167 – 168)

A proposta de teorização, uma evidência da alteridade epistemológica do personagem, elaborada e consolidada, na última fase de sua trajetória intelectual, após anos de estudos, foi fundamental para delimitar o território da Geografia frente às outras disciplinas das Ciências Humanas e oferecer, mesmo que parcial, uma visão teórica do mundo.

Quando trabalho com o mundo, utilizo todas as suas variáveis em um momento dado. Mas nenhum lugar pode acolher todas nem as mesmas variáveis, nem os mesmos elementos nem as mesmas combinações. Por isso, cada lugar é singular, e uma situação não é semelhante a qualquer outra. Cada lugar combina de maneira particular variáveis que podem, muitas vezes, ser comum a vários lugares. O acontecer global dá-se seletivamente, de modo ímpar, ainda que sempre comandado pela totalidade, e é isso que nos leva imperativamente à necessidade de atentar para a história concreta do hoje, da comunidade humana, sua atualidade, não importa o lugar particular onde o novo se mostre. A teorização depende de um esforço de generalização e de um esforço de individualização. A generalização nos dá a listagem das possibilidades; a individualização nos indica como, em cada lugar, algumas dessas possibilidades se combinam. (SANTOS, 1988, p.58)

Então, o mundo seria um conjunto de possibilidades que reúne as diversas disciplinas, onde cada uma se ocupa de uma parte da superfície do real formando as instâncias da realidade. Segundo Santos (1999, p. 17):

O mundo é um só. Ele é visto através de um dado prisma, por uma dada disciplina, mas, para o conjunto de disciplinas, os materiais constitutivos são os mesmos. É isso, aliás, o que une as diversas disciplinas e o que para cada qual, deve garantir, como uma forma de controle, o critério de realidade total. Uma disciplina é uma parcela autônoma, mas não independente, do saber geral.

Os diversos temas abordados, por mais de cinco décadas de pesquisa, apontam como esse tão importante personagem enxergava o mundo e os lugares diante da complexidade e dos desafios da sociedade, e como contribuiu para torná-los mais inteligíveis.

O pesquisador buscava, na verdade, a associação entre os conceitos por ele tomados e seu modo de pensar a realidade em movimento, ou seja, empenhava-se através de um sistema de ideias, em preparar a leitura do mundo e dos lugares. Não se trata de controlar, identificar e dominar as instâncias do real, mas a necessidade constante de repensar as formas de problematizá-lo.

Para ele, uma das formas de dialogar e retomar as questões sobre a complexidade do real, sem reduzir a realidade, era unir o lugar e o mundo em um mesmo movimento visível. (GRIMM, 2011; GRIMM, 2012)

Para isso, Santos explorou o campo das reflexões filosóficas, orientou trabalhos de natureza teórico-metodológica e tornou operacional esse arcabouço de ideias para pensar o mundo e os lugares.

Nosso desejo explícito é a produção de um sistema de ideias que seja, ao mesmo tempo, um ponto de partida para a apresentação de um sistema descritivo e de um sistema interpretativo da geografia. [...] Descrição e explicação são inseparáveis. O que deve estar no alicerce da descrição é a vontade de explicação, que supõe a existência prévia de um sistema. Quando este faz falta, o que resulta em cada vez são peças isoladas, distanciando-nos do ideal de coerência próprio a um dado ramo do saber e do objeto de pertinência indispensável. (SANTOS, 1999, p. 16).

Entretanto, cada fase da trajetória intelectual do personagem Milton Santos é composta por um *corpus* teórico, munido por categorias de análises e conceitos, capaz de explicar não só por um sistema descritivo, mas por um sistema interpretativo o contexto histórico, social e político do momento vivido.

O esforço por renovar seu pensamento, ao longo da sua trajetória intelectual, acompanhava o processo de mudança do mundo. Milton Santos preocupava-se em atualizar a produção de um sistema de ideias que pudesse explicar as transformações da realidade em movimento, sem perder de foco o espaço geográfico. Esta mediação entre o arcabouço teórico, vinculado a seu pensamento, e aspectos do real potencializaram sua formulação de questões-problema e direcionaram suas pesquisas<sup>15</sup> para a discussão do espaço geográfico.

Um tópico fundamental na edificação desse complexo sistema de ideias é o constante processo de mediação entre a teoria e as manifestações do real. Se o mundo não é o mesmo nos diferentes momentos históricos, o arcabouço teórico precisa acompanhar tais mudanças para não perder seu valor de explicação e análise. (GRIMM, 2011, p. 166)

Desse modo, cada publicação do intelectual imprime o avanço de um pensamento em constante processo de ebulição. As inquietações sobre o mundo e os lugares eram desencadeadas de um texto a outro. Com isso, podemos entender que a evolução de seu pensamento, como uma construção intelectual, foi sendo amadurecida com as sucessivas experiências as quais permitiram o aperfeiçoamento de sua formação inicial.

Nesse percurso, Milton Santos foi construindo um vocabulário próprio que o assegurava refletir sobre o espaço geográfico e, paralelamente, transmitindo uma visão de mundo produzida em seu universo de discurso (FERREIRA, 2000).

As posições assumidas pelo intelectual buscavam uma interminável discussão a respeito do objeto da disciplina. Afirmava que “o *corpus* de uma disciplina é subordinado ao objeto e não ao contrário” (SANTOS, 1999, p. 19). Este exercício de pensar a Geografia e seu objeto contribuiu tanto para a discussão epistemológica da Ciência Geográfica quanto para

---

<sup>15</sup>Para Milton Santos todo geógrafo tem que partir do objeto, o espaço geográfico. (SANTOS, 1999).

organizar a construção do seu próprio sistema teórico. Contudo, Milton Santos acreditava que o ponto de partida para a compreensão da Ciência Geográfica era debater o *comum* entre todos que a praticam. Desse modo, defendia que a Geografia era um exercício singular do geógrafo e que por isso poderia apresentar diversas geografias: “a Geografia é o que faz cada qual e assim há tantas geografias quanto geógrafos”. (SANTOS, 1999, p. 18).

Nesse caso, o *comum* entre os geógrafos não seria a resposta para a pergunta “o que é Geografia?”. O *comum* era a discussão sobre o objeto da Geografia. Assim, o estudioso nos alertava que para dominar esse debate era necessário ter controle sobre o método em função do conhecimento que se inicia. O método entendido como um ‘dispositivo artificial’ adequado para explicar as inconstâncias do mundo e dos lugares.

Desse modo, a discussão é sobre o espaço e não sobre a geografia; e isto supõe o domínio do método. Falar em objeto sem falar em método pode ser apenas o anúncio de um problema, sem, todavia, enunciá-lo. É indispensável uma preocupação ontológica, um esforço interpretativo *de dentro*, o que tanto contribui para identificar a natureza do espaço, como para encontrar as categorias de estudo que permitam corretamente analisá-lo. (SANTOS, 1999, p. 19, *grifo do autor*)

Ao delimitar o esqueleto teórico, constitutivo e operacional correspondente para interpretar o mundo e os lugares a partir do espaço geográfico, internalizou-se em de tal proposta teórica categorias internas e externas à Geografia. Enfatizou-se que essas categorias, inseridas num sistema de ideias de maneira conjunta e nunca isoladas, formam um *corpus* coerente e capaz de explicar a superfície da realidade de que Milton Santos aborda.

Entretanto, nas diferentes fases do geógrafo, foram destacadas, ao longo da sua pesquisa categorias de análise coniventes à interpretação do mundo e dos lugares, conforme o momento vivido.

É importante ressaltar que ao assumir um sistema de ideias, Milton Santos limita seu pensamento a uma corrente ou a um conjunto de pressupostos afins ou a uma Matriz Clássica Originária. Esta postura orientou-o na construção de suas considerações sobre o mundo e os lugares.

Contudo, ao defender um posicionamento para determinada questão, o autor acaba por evidenciar e priorizar certas categorias de análise em detrimento de outras e fazer a leitura do mundo através de um prisma. Este exercício confronta-se, ao longo de sua trajetória intelectual, com outros posicionamentos tanto em relação à Geografia quanto a outras disciplinas das Ciências Humanas.

Sob esse contexto, outros colegas opõem-se a tal teoria por não se identificarem com o sistema de ideias apresentados para pensar o real em movimento. O geógrafo se vê em meio a intensos debates de ideias, ora negado por seus colegas ora em concordância.

Outro aspecto central de sua trajetória intelectual foram os intensos debates conceituais realizados, em diferentes momentos históricos, na própria geografia (no Brasil e no mundo), com as demais ciências sociais e com a filosofia, e ainda com algumas ciências exatas, mais especificamente a teoria da física. (GRIMM, 2011, p. 168)

Diante disso, a produção intelectual do professor Milton Santos pode ser dividida de maneira objetiva por dois marcos históricos importantes: primeiro o exílio na França (1964) e segundo o retorno ao Brasil (1977), cuja resultante apresentaram três fases (Bahia, França, Brasil). De acordo com Grimm (2011), a produção intelectual do geógrafo Milton Santos, de maneira bem ampla, pode ser dividida em três grandes temas de interesse: Bahia, urbanização do Terceiro Mundo e território brasileiro. Entretanto, transversal a esses temas, há a discussão epistemológica da Geografia, que estrutura filosoficamente toda a sua base conceitual deste campo do conhecimento.

Para que o estudo alcance os objetivos propostos, isto é, “interpretar o presente como resultado de um processo e indicar possíveis linhas de evolução, um esforço de periodização é necessário”. (SANTOS, 1988, p. 114). Se assim for, elegemos as seguintes fases: (1) A Bahia: o despertar reflexivo e os estudos urbanos-regionais; (2) A França: o exílio e a realidade “terceiro mundista”; (3) A Nação: o retorno e o “uso” autônomo da linguagem.

A proposta que se apresenta como periodização da trajetória epistemológica de Milton Santos e pela qual assumimos no trabalho, já foi: (i) assunto de artigos e palestras para os geógrafos: Manoel Correa de ANDRADE (1996) e Oswaldo Bueno AMORIM FILHO (2004); (ii) ponto central de uma Tese e artigo nas quais a geógrafa GRIMM, Flavia (2011 e 2012) aprofunda o debate em torno da questão; e (iii) define a seção “Biografia” do site miltonsantos.com.br subdividindo nas fases assinaladas (SANTOS; LEVY, 2011).

Para Manoel Correa de Andrade (1996, p. 95),

O pensamento geográfico de Milton Santos pode ser classificado em três etapas: a primeira, desenvolvida antes do exílio e voltada sobretudo para a análise da realidade baiana; a segunda, abrangendo o período em que viveu no exterior, quando, mudando de escala, procurou caracterizar os problemas de ocupação do espaço em escala mundial; e um terceiro período,

desenvolvido ao regressar ao Brasil, quando orientou as suas preocupações para a problemática da ciência geográfica e sua fundamentação filosófica.

Na primeira fase, foco do nosso estudo, durante os anos de 1950 e 1960, a produção científica do autor foi marcada pelas reflexões a respeito do processo de organização da zona cacauífera no sul da Bahia, da formação da rede urbana do Recôncavo e pelas mudanças provocadas no centro da cidade de Salvador.

Isso quer dizer que ele trabalhou, prioritariamente, a Geografia “local” e Regional, que resulta de uma vivência própria, onde os locais de estudo faziam parte de seu cotidiano.

Nesta fase, o pesquisador vai valorizar o trabalho de campo, fonte primária dos dados empíricos, a representação dos dados através da cartografia e o levantamento exaustivo de dados estatísticos.

Contudo, as análises levam em consideração a parte física. O recorte espacial fica por conta da região e da cidade e, suas referências e contatos internacionais ainda são incipientes. Milton Santos apresenta um vocabulário de poucas palavras (AMORIM FILHO, 2004; ANDRADE, 1996; GRIMM, 2011; SANTOS, LEVY, 2011).

[1948-1964]. Um pesquisador implicado na realidade local. Até 1964, ano em que deixa o Brasil em razão do golpe militar, ele conduz paralelamente uma carreira acadêmica e atividades públicas. Jornalista e redator do jornal A Tarde (1954-1964), professor de geografia humana na Universidade Católica de Salvador (1956-1960), professor catedrático de geografia humana na Universidade Federal da Bahia onde cria o Laboratório de Geociências, será diretor da Imprensa Oficial da Bahia (1959-1961), presidente da Fundação Comissão de Planejamento Econômico do Estado da Bahia (1962-1964), e representante da Casa Civil do presidente Janio Quadros na Bahia, em 1961. Suas pesquisas e publicações da época focalizam as realidades locais, principalmente a capital – a tese de doutorado é intitulada O Centro da Cidade de Salvador – assim como as cidades e a região do Recôncavo. (SANTOS, LEVY, 2011, p.1, grifo nosso).

Essa fase, da trajetória intelectual de Milton Santos, é marcada pelo pensamento tradicional da Escola Francesa de Geografia [Fase Clássica], da perspectiva da Geografia Aplicada no cenário francês e da variante da Geografia Ativa na França. Fase na qual chamamos de Jovem Milton Santos<sup>16</sup>. Os trabalhos, dessa fase, ficaram um pouco esquecidos

---

<sup>16</sup> Às vezes, buscamos entre as fases iniciais as teorias prontas e acabadas. Contudo, devemos ressaltar que a história das ideias, das mentalidades, da intelectualidade, dos conceitos, do pensamento devem ser compreendidas em sua historicidade. Levanto a seguinte questão: É possível ver no “Jovem Milton” um “Milton Maduro”? a resposta é não. Mas podemos ver no “Milton Maduro” traços constituídos entre os anos do “Jovem Milton”, ou melhor, Milton Santos apresenta inquietações que posteriormente seriam desenvolvidas e aprofundadas. Não tivemos a intenção de afirmar que o “Jovem Milton” já tinha como projeto se tornar o

depois da crítica do próprio personagem na obra “Por uma Geografia Nova”, “a falência da geografia clássica” (SANTOS, 1978, p. 22) e, também, pelo interesse dos pesquisadores em se dedicarem na leitura de trabalhos mais recentes.

Por um lado, os trabalhos da primeira fase se situam certamente aquém da sua última fase em relação a uma proposta teórica, mas, ao mesmo tempo esses trabalhos apontam inquietações que foram amadurecendo ao longo de sua trajetória. Na análise do período seguiremos uma ordem cronológica.

Na segunda fase, ao longo das décadas de 1960 e 1970, em estudos realizados na França em companhia de outros pesquisadores a atenção estava voltada para a compreensão da especificidade da urbanização nos países do Terceiro Mundo.

Nesse momento, Santos perde o contato com o empiricismo e passa a se dedicar mais à teoria, à epistemologia da Geografia, à fundamentação filosófica e a reflexão metodológica, assuntos que vão polarizar sua vida intelectual.

Nessa fase, o vocabulário vai tomando corpo e passa por um refino filosófico, de modo que ele inicia uma preocupação mais constante em conceitualizar os termos.

[1964-1977]. Um pesquisador viajante. Em 1964, começa uma carreira internacional imposta pela situação política no Brasil. Primeiro na França, professor convidado nas universidades de Toulouse, Bordeaux e Paris-Sorbonne, e no IEDES (Instituto de Estudos do Desenvolvimento Econômico e Social). De 1971 a 1977, inicia uma carreira verdadeiramente itinerante, ao sabor dos convites: no MIT (Massachusetts Institute of Technology – Boston) como pesquisador; e como professor convidado nas universidades de Toronto (Canadá), Caracas (Venezuela), Dar-es-Salam (Tanzânia), Columbia University (New York). Esse período abre uma longa caminhada em direção a teorização em geografia, com o intenso aproveitamento das ricas bibliotecas das grandes universidades. Primeiro uma ampliação do foco com o livro *Les Villes Du Tiers Monde*, 1971, onde já aparece o interesse em estudar as peculiaridades da economia urbana dos países então chamados subdesenvolvidos, caracterizada pelos seus dois circuitos, superior e inferior, e resultando no livro *L’Espace Partagé: les deux circuits de l’économie des pays sous-développés* publicado em francês em 1975, em inglês e português em 1979. (SANTOS, LEVY, 2011, p.1, grifo nosso).

E, a terceira fase, nos anos de 1980 e 1990, referente ao grande tema “território brasileiro”, na qual o autor investigava sobre a formação do território brasileiro e suas especificidades, além de abrir as discussões sobre a globalização e o mundo. Milton Santos,

---

segundo, mas isso aconteceu historicamente, e muito menos defender a continuidade de um pensamento sobre uma análise teleológica e simplista, mas sim histórica.

nesta fase, apresenta seu grande projeto, o de propor um sistema de ideias e que delimitou um “vocabulário fundamental<sup>17</sup>”.

[1977-2001]. Um pesquisador engajado. Em 1977, retorna ao Brasil. Passam-se dois anos antes de conseguir voltar a ensinar na universidade brasileira, primeiro na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 1979 a 1983, ano em que ingressa por concurso na Universidade de São Paulo, professor titular de geografia humana até a aposentadoria compulsória, recebendo o título de Professor Emérito da USP em 1997 e continuando a pesquisar, publicar e orientar estudantes até o final de sua vida. Será reintegrado oficialmente à Universidade Federal da Bahia em 1995, da qual tinha sido demitido por “ausência”. Doze universidades brasileiras e sete universidades estrangeiras lhe outorgaram o título de Doutor Honoris Causa. Em 1994, recebe o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud. Nesta última fase de seu percurso, publica *Por uma Geografia Nova*, da crítica da geografia a uma geografia crítica (1978), contribuição à efervescência e ânsia de renovação dessa ciência no Brasil. O espaço é definido como uma instância social ativa, a noção de formação sócio-espacial introduzida. As pesquisas, as aulas e as publicações resultantes tencionam um esforço epistemológico para dotar a geografia latino-americana de categorias de análise apropriadas. O estudo do meio técnico-científico-informacional deve permitir entender a organização do espaço no período histórico atual. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional (1994), Da totalidade ao lugar (1996), Metamorfose do espaço habitado (1997), são algumas dessas publicações que desembocam na sua obra maior (no seu livro maior?): *A Natureza do Espaço* (1996), que quer ser “uma teoria geral do espaço humano, uma contribuição da geografia ‘reconstrução da teoria social’”. Enfim, em 2000, publica *Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal*. (SANTOS, LEVY, 2011, p.1, grifo nosso).

Diante de tal configuração, a sistematização teórica de Milton Santos, pode ser dividida em três grandes períodos: (i) 1948 – 1963 (voltada para uma geografia “local”/Regional); (ii) 1964 – 1977 (dedicado a estudar os processos que ocorrem no terceiro mundo, em busca de uma teoria geográfica, principalmente para a América Latina e África); (iii) 1978 – 2001 (abertura para uma reflexão sobre o Brasil e o mundo) (Quadro 01).

Contudo, o trabalho em tela preocupou-se com a 1ª Fase da trajetória intelectual de Milton Santos, na qual foi rotulado como “Jovem Milton Santos”, referente aos anos de 1948 a 1964. Porém, apresentamos as demais fases de modo rápido como sugestão de novos estudos.

---

<sup>17</sup>Ver Ferreira (2000).

**Quadro 01:** A trajetória intelectual de Milton Santos

A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE MILTON SANTOS						
ANO		(1948 – 1963)		(1964 – 1977)		(1978 – 2001)
FASE		<i>A BAHIA: O DESPERTAR REFLEXIVO E OS ESTUDOS REGIONAIS</i>		<i>A FRANÇA: O EXÍLIO E A REALIDADE “TERCEIRO MUNDISTA”</i>		<i>A NAÇÃO: O RETORNO E O “USO” AUTONOMO DA LINGUAGEM</i>
DOMÍNIO EPISTEMOLÓGICO	VARIANTE GEOGRÁFICA	GEOGRAFIA CLÁSSICA	GEOGRAFIA APLICADA	GEOGRAFIA ATIVA	¿GEOGRAFIA CRÍTICA?	¿GEOGRAFIA REFLEXIVA?
	NÚCLEO ORIGINÁRIO	EPISTEMOLOGIA VIDALIANA	CORRENTE UTILITARISTA	ABORDAGEM MARXISTA	¿ABORDAGEM MARXISTA?	¿RELAÇÕES EXISTENCIALISTAS? <sup>18</sup>

Org.: COSTA, P. H. F. (2013)

De acordo com Souza (1996, p. 31),

Sua obra se confunde no meu modo de ver com a história do pensamento geográfico brasileiro: empirista no início – vide os seus primeiros trabalhos; formula depois, sob inspiração do método indutivo dedutivo – o Espaço Dividido e outros textos sobre a Economia Urbana, e entra plenamente na dialética a partir da Geografia Nova. Estamos na totalidade mundo, na aceleração contemporânea, enfim mergulhamos no movimento do mundo.

Por fim, ao tentar encontrar uma interpretação que nos garanta compreender a sociedade como uma totalidade racional, mesmo que sobre um pedaço do real e, com isto, criar uma ‘nova’ realidade fragmentada, sem perder a realidade total, Milton Santos contribuiu para o esforço de alcançar uma linguagem teórica ou uma teorização para a Geografia.

Enquanto teórico, esforçou-se para redefinir os conceitos e remodelar as categorias de maneira inovadora e crítica, conforme o período histórico que vivia, para que juntas orientassem sua vontade de explicar o mundo e os lugares.

Além de defender o papel ativo da Geografia como disciplina das Ciências Humanas, o desejo de alcançar uma razão epistêmica e filosófica para a Geografia corroborou para a construção, não ortodoxa, e tremendamente humanista de Ciência.

O texto encontra-se dividido em quatro capítulos e uma consideração final [para não concluir].

O primeiro capítulo “O protótipo metodológico: como dissecar o personagem” visa esclarecer os parâmetros da investigação. Esse, inspirado nas Ciências da Linguagem, encarou o personagem como um sistema de signos, próprios para serem revelados.

<sup>18</sup>As partes em destaque ainda serão avaliadas em trabalhos futuros e por isso podem sofrer alterações.

Optamos por decompor o personagem em três peças [Biografia, Produção Científica e Vocabulário], sendo que cada parte foi assunto de um capítulo e mediado por um filtro, para posteriormente reconstruí-lo e (re)significá-lo.

Dissecar o personagem, através do protótipo proposto, permitiu-nos evidenciar elementos originários do seu pensamento e retroceder a momentos que o constituíram. Para isso teve-se o cuidado de explicitar cada dispositivo operacionalizado na Tese.

O segundo capítulo “O retrato biográfico [O Jovem Milton Santos]: a formação de um intelectual entre as décadas de 1930 e 1960” resgata os dados biográficos referentes à história pessoal e profissional do personagem.

Ao delinear seu perfil nos diferentes momentos de sua trajetória edifica-se o retrato da pessoa que ele foi. Por entre tais linhas, foi possível perceber o comprometimento que o personagem tinha com a Geografia, bem com sua consciência revolucionária e cidadã, além das relações interpessoais firmadas em sua vida e a escala de difusão de seu pensamento.

O terceiro capítulo “Taxonomia da produção científica/geográfica do ‘Jovem Milton Santos’” teve como objetivo da seção apresentar os principais trabalhos do personagem. Voltar às obras e revisá-las nos permitiu a intelecção de certos pressupostos dos quais o personagem partiu para construir sua reflexão.

Tivemos o propósito de apresentar uma sequência textual para que se revelasse o caminho de como o personagem chegou a inteligibilidades das ideias. A leitura comentada ou crítica deu lugar a um olhar preocupado sobre o que de original se pode constatar na produção científica do personagem, assim como a procedência de cada elemento que o personagem usa para sua análise.

Conforme Moreira (2008, p. 47), “é comum as matrizes brotarem e se revelarem das obras”. Neste Capítulo, foi importante perceber como as “características discursivas” de um grupo ou um indivíduo influenciam o pensamento de um personagem [um indivíduo, uma instituição] para assim estabelecer uma relação de pertencimento, na qual o personagem constrói uma sensação entre iguais, por exemplo, legitimando o discurso do outro como seu discurso e em sua própria produção textual ou fala.

Destaca-se que a influência ocorre por conta de que além do personagem se relacionar com o outro [exterior], se relaciona consigo [interior em transformação], e essas relações acontecem dentro de um contexto histórico.

O quarto capítulo “A definição dos termos na leitura do vocabulário”, tem a intenção de discutir o vocabulário encontrado na produção científica do personagem de acordo com a perspectiva do período.

É interessante perceber que, ao início, Milton Santos já apontava pré-ideias que serão, em obras recentes, lapidadas e melhor desenvolvidas. Os termos expostos revelam, em sua maioria, tanto o estilo de pensamento do autor e a sua fase quanto sua intelecção sobre algum assunto.

Esse é o momento em que o autor é capaz de verbalizar a realidade e, a partir do seu vocabulário, explicá-la por meio de seu campo discursivo. Segundo o próprio personagem (1999, p. 67), “a linguagem tem um papel fundamental na vida do homem por ser a forma pela qual se identifica e reconhece a objetividade em seu derredor, através dos nomes já dados”.

Analisamos as unidades terminológicas em dois momentos: sincrônico [estuda a unidade terminológica num estado particular, sem referência a tempo e sentido histórico, somente gramatical, “popular”] e diacrônico [estuda a unidade terminológica em sua evolução no tempo].

Por fim, nas considerações finais apresentaremos a Matriz Clássica Originária e a avaliação sobre o protótipo metodológico elaborado para esta pesquisa.

## CAPÍTULO 1 – PROTÓTIPO METODOLÓGICO: COMO DISSECAR O PERSONAGEM

### 1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a maioria dos artigos, dissertações, teses ou outras publicações na área de história do pensamento geográfico, ora se preocupam com o conceito e categorias de análise do personagem, ora com o personagem e o contexto histórico, ora com as principais produções de um personagem, entre outras abordagens.

Segundo Reis Jr. (2011, p. 15-16) a produção doméstica em História e Teoria Geográfica podem ser divididos em: (i) “trabalhos que releem obras clássicas (...)”; (ii) “trabalhos que inspecionam muito detidamente a obra de um geógrafo em particular (...)”; (iii) “trabalhos que produzem verdadeiros dossiês a propósitos de difusão de correntes ou ‘escolas de pensamento geográfico’ (...)”; (iv) “trabalhos que fazem estudo acurado de fontes documentais que atestem o papel-chave de certas instituições (...)”.

No entanto, são raros os trabalhos que tem buscado se enveredar pelos estudos de um personagem além da exposição metodológica da qual se utilizou o pesquisador a fim de tecer considerações e informações sobre o personagem abordado<sup>19</sup>.

Portanto, como objetivo geral a Tese tem como propósito, apresentar: (i) um protótipo metodológico capaz de compreender a complexidade do pensamento de um personagem e sua genealogia; (ii) um debate epistemológico da trajetória intelectual do personagem em busca da Matriz Clássica Originária<sup>20</sup>.

Quanto ao protótipo metodológico, assunto desse capítulo, foi armado com a finalidade de compreender a complexidade do pensamento do personagem Milton Santos, do

<sup>19</sup>Destacam-se: a tese de doutorado da geógrafa Flavia Grimm: GRIMM, F. **Trajetória epistemológica de Milton Santos: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis**. 2011. 307f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012; a tese de doutorado da geógrafa Mariana Lamego: LAMEGO, M. **Práticas e Representações da Geografia Quantitativa no Brasil: a formação de uma caricatura**. Rio de Janeiro, 2010. 247f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010; a dissertação de mestrado da geógrafa Larissa Lira: LIRA, L A de **O primeiro esboço do método geográfico de Vidal de la Blache a partir dos estudos do Mediterrâneo. Permanências e rupturas no contexto da institucionalização da geografia (1872 – 1918)**. 2012. 228f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012; os artigos do professor Dr. Dante Flavio da Costa REIS JR: REIS JR História do pensamento geográfico: como lê-lo para interpreta-la? (as rotinas técnicas). In: **I Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo**. Anais... Rio Claro: UNESP, 2008. p. 596-605 e REIS JR História da ciência geográfica: espectro temático e uma versão descritiva. In: **Cadernos de História da Ciência**, v. 7, n. 1, p. 11-33, 2011.

<sup>20</sup>Lembrando que, de acordo com Moreira (2008, p. 47) “matrizes são as formas de pensamento que partem de um núcleo racional por meio do qual uma estrutura global emerge como discurso de mundo, uma estrutura matricial se distinguindo da outra justamente pela maneira como o intelectual vê e integraliza o mundo”.

ponto de vista de sua genealogia, isto é, das condições que permitiram a emergência das suas formações discursivas (FOUCAULT, 2008), para afirmar as características seletivas anunciada na seguinte hipótese: **O personagem Milton Santos emerge como uma referência de vanguarda, universalidade e com viés geográfico já em sua primeira fase intelectual, a qual denominamos de “Jovem Milton Santos”.**

Tendo como: (i) **vanguarda**, o ato de influenciar uma geração e romper com as formas do passado; (ii) **universalidade**, a iniciativa de construir um diálogo com outras ciências e outras pessoas; (iii) **viés geográfico**, a busca por uma definição dos limites da Ciência Geográfica e o interesse de acompanhar as mudanças do mundo. Tais pontos foram considerados como “características seletivas” do personagem.

Diante disso, as partes historiografadas na busca pelos itens acima, são: (a) a trajetória de vida [biografia]; (b) a enunciação do discurso [produção científica/geográfica]; e (c) o inventário linguístico [vocabulário]. Em todas as partes buscamos sinais para defender a hipótese destacada acima. Esperamos que este instrumento de análise possa contribuir, levando em consideração alguns ajustes, para a investigação de outros pesquisadores da área.

Precisamos notificar o leitor que decifrar a Matriz Clássica Originária ou vincular um conjunto de ideias [pensamento] a um personagem é um assunto delicado e pode ser tendencioso. Nem sempre a nossa interpretação acompanha os limites da proposição ou as intenções de um personagem, podendo em alguma medida corrompê-las. A interpretação busca o sentido, no caso, da vida, do discurso e do vocabulário do personagem, mesmo que esta seja restrita a visão de mundo do interprete. Segundo Canata, Reis Jr. e Cruz (2013, p. 4),

em se tratando de uma pesquisa dirigida à escala dos personagens, o cuidado com a ponderação das informações deve ser redobrado. E isso porque o personagem, conquanto profissional da ciência, pertence irremediavelmente à condição de entidade volúvel; logo, nem sempre conseguirá manter-se perfeitamente escrupuloso na enunciação de suas impressões.

É bom lembrarmos, também, que a leitura que se faz deste conjunto não oferece só uma interpretação, mas outras possíveis. Já que se passa por considerações linguísticas, semânticas, lógicas, históricas, entre outras questões, como a diversidade de interpretes e de, conseqüentemente, sua formação, que podem tanto desviar o foco dos pensamentos explicitados pelo personagem quanto potencializá-los em interesse do interprete.

Nesse sentido, para tentar diminuir o efeito da pessoalidade contido nas interpretações, apresentaremos, além da análise textual, a análise da biografia e do vocabulário, como alternativa para assumir o veredicto das hipóteses levantadas.

Levamos em consideração, para definir a Matriz Clássica Originária do pensamento do personagem, a contextualização do autor e da obra [biografia], a interpretação da sua produção intelectual e, por fim, a delimitação do vocabulário do personagem.

Logo, com objetivo de visualizar certas particularidades do personagem [características seletivas], só foi possível, por meio da construção do protótipo metodológico indicado no presente capítulo, o qual é composto por três unidades de análise que, como peças de uma engrenagem, encaixam-se entre si. Essas são as ferramentas propostas para investigar tanto a trajetória de vida do personagem [biografia] quanto os elementos que constituem o seu processo de formação do conhecimento [produção científica/geográfica e vocabulário]. No entanto, cada unidade de análise tem sua particularidade. Para cada uma foi proposto uma série de mediadores de modo a retirar as informações desejadas, a fim de tornar claro à hipótese e não desfocar o trabalho de investigação.

As unidades de análise são:

(1) “células identitárias”: são as referências que constituem a subjetividade do personagem e o afirmam enquanto ser e enquanto ser no mundo. Os mediadores, com objetivo de delimitar o que será analisado, são: (1.i) ação revolucionária [momentos em que o personagem resistiu a ordem vigente]; (1.ii) a consciência cidadã [nas passagens as quais o personagem revela a importância de transmitir valores para uma vida melhor]; (1.iii) as relações interpessoais [na ocasião em que revelava-se através das convivências], (1.iv) a escala de difusão do pensamento [nas ocasiões que o personagem ampliava o universo dos diálogos], (1.v) o compromisso com a ciência [quando o personagem assumiu para si a Geografia como sua especialidade].

(2) “cláusulas capitais”: são os sinais que apontam a inclinação do personagem para determinada literatura, isto é, a materialidade das “vozes” dos interlocutores que estão por de trás do discurso do personagem. Os mediadores, com o objetivo de orientar a investigação, são: (2.i) terminologias [o uso intencional de termos comuns que identifica uma geração ou um grupo]; (2.ii) estudos tópicos [a síntese do assunto abordado]; (2.iii) orientação filosófica [um elemento marcante na construção textual]; (2.iv) gênero discursivo [a perspectiva do discurso na produção textual ou a natureza da escrita]; (2.v) recurso argumentativo [um ponto de apoio na ordem do discurso];

(3) “unidades terminológicas”: são os termos representativos do universo de discurso do personagem. Os mediadores, cujo intuito é filtrar os termos ao longo da produção discursiva, são: (3.i) frequência <sup>21</sup> [frequentemente aparecem no texto]; (3.ii) impacto [os termos produzem um efeito na interpretação do próprio texto]; (3.iii) conceito [os termos foram preocupações do autor em conceitualizá-los]; (3.iv) histórico [os termos marcaram um momento na história do pensamento do autor]; (3.v) permanência [os termos passaram a ser lapidados e persistiram em obras mais recentes].

A primeira unidade de análise examinou na biografia os elementos que definem o personagem enquanto ser no mundo. A segunda rastreou na produção científica/geográfica as tradições discursivas que declaram a relevância de uma escola ou variante geográfica na estrutura do pensamento do personagem. A terceira revelou a evolução dos conceitos e sua genealogia que afirmam tanto os contornos de uma ideia no decorrer da vida de um personagem, quanto o comprometimento do personagem com a ciência que ele defende. O exercício foi validar, no contexto relacionado, nossas hipóteses a exemplo de Canata, Reis Jr e Cruz (2013)<sup>22</sup>.

#### Quadro 02: Hipóteses de correspondência

UNIDADE DE ANÁLISE	MEDIADOR	MATERIAL	RESULTADO
Célula identitária	Ação revolucionária; consciência cidadã; relações interpessoais; escala de difusão; compromisso com a ciência.	Biografia	Definir o personagem enquanto ser e enquanto ser no mundo
Cláusula Capital	Terminologia; estudos tópicos; orientação filosófica; gênero discursivo; recurso argumentativo.	Produção Científica/ Geográfica	Revelar as influências por de trás do texto
Unidade Terminológica	Frequência; impacto; conceito; histórico; permanência;	Vocabulário	Apresentar os principais termos através das palavras enunciadas

Org.: COSTA, P. H. F (2013)

Os mediadores foram importantes, no que tange visualizar o que pulsa de relevante e o que nos surpreende no material historiografado [biografia, produção científica e geográfica, vocabulário]. Logo, permitiram refletir os momentos pelos quais ocorreram as mudanças de perspectivas e as transições epistemológicas; entender a dimensão e a escala do discurso

<sup>21</sup>Para REIS JR (2008), o mapeamento da frequência textual aponta o alinhamento entre um sistema de ideias proposto por uma escola de pensamento e o personagem/autor da publicação.

<sup>22</sup>O trabalho de Canata, Reis Jr. e Cruz (2013) pré-estabeleceu um conjunto de “cláusulas capitais” que foram validadas na produção de um personagem (Aziz N. Ab’Sáber), no entanto, avançamos na proposta metodológica de autoria dos citados acrescentando ao estudo: a análise da biografia mediada pelas “células identitárias” e o estudo do vocabulário compreendendo a evolução da “unidade textual”.

presente no texto; perceber a inserção de novos elementos a análise e novos interlocutores; além de acompanhar o rebatimento de certas questões em textos subsequente. Para Canata, Reis Jr e Cruz (2013, p. 2),

a produção de historiografias com o especial propósito de identificar aquelas transições cumpre a função, grandemente esclarecedora, de inventariar os modos como a tradição científica – e o rompimento com ela – foi assimilada e praticada nas cenas domésticas, via exame particular da obra de seus agentes.

Por exemplo:

(i) a dedicação, quase afetiva [pai-filho], que Milton Santos tinha com seus alunos e orientandos, revelados nas homenagens tantos em vida como póstumas, nos asseguraram a detectar uma “célula identitária”, definida como “formação de uma consciência cidadã”. A preocupação maior do personagem era formar pessoas, antes mesmo do que formar geógrafos, como seus pais haviam o educado.

(ii) a investigação excessiva de um determinado lugar [Recôncavo Baiano], na tentativa de esgotar a unidade de análise, nos orientou a assinalar a existência de uma inclinação teórica-filosófica para determinada escola [Escola Francesa de Geografia Clássica], já que os vidalianos produziam extensas monografias regionais, ou seja, a partir da “cláusula capital” denominada, “estudos tópicos”, foi possível atestar tal característica.

(iii) a produção de um léxico particular e sua variação no tempo, contribuiu para afirmar quais eram as “unidades terminológicas”, mais relevantes, entre as publicações e como foi seu processo de renovação ao longo do tempo. Como, por exemplo, a unidade terminológica “centro” que a princípio era compreendida como uma das partes da estrutura da cidade e onde se localizam certas funções urbanas para depois representar a cidade mais importante de uma região, isto é, o centro, verificado através de fórmulas e dados estatísticos.

Cabe assinalar que os materiais examinados [biografia, produção científica/geográfica e vocabulário], que dizem respeito ao personagem, foram investigados a partir das “unidades de análise” [células identitárias, cláusulas capitais e unidades textuais], as quais compõe o protótipo metodológico proposto, com a intenção de selecionarmos as

informações necessárias tanto para defender a hipótese levantada [**vanguarda, universalidade e viés geográfico**] quanto para a construção da Matriz Clássica Originária.

Contudo a função dos mediadores foi contribuir [além de buscar evidências para defender a hipótese anunciada e procurar elementos na construção da Matriz Clássica Originária], também, para que o trabalho não se enveredasse para outro caminho. Isto é, os mediadores contribuíram orientando a nossa investigação na procura dos objetivos da Tese.

Pensamos nos mediadores por conta da dimensão que é estudar a trajetória de uma vida, a enunciação de um discurso e o inventário linguístico de um personagem, já que desses pontos nós podemos enumerar diversas questões. No entanto, para delimitarmos o universo da pesquisa, nós optamos pela seleção de mediadores, os quais estivessem associados à hipótese explicitada.

Lembrando que, na Tese, transparece, às vezes, um peso maior para o estudo de um determinado material por uma unidade de análise, contudo, todos estão na mesma frequência e, somente, por meio da sintonia entre as partes é que foi possível finalizar o trabalho. Ou seja, fazendo uma analogia a uma máquina industrial não realizamos trabalho e não temos produção se uma das peças de uma engrenagem não funcionar. No caso, cada material examinado pela unidade de análise foi um sinalizador informativo para as demais partes, ou melhor, as partes se auto-ajudam e se convergem para entendermos o personagem em sua forma total.

Acreditamos que este protótipo metodológico proposto poderá ser adaptado em estudos que tem objetivos comuns. Até mesmo em outros grupos de personagens, não só referentes a intelectuais, lideranças, pessoas, como: revistas, escolas, movimentos. Tal técnica processualística, de certa forma, permite compreendermos o pensamento sistemático de um personagem e visualizar, assim, tanto o desencadeamento dos pensamentos ao longo de uma série temporal, quanto os tratados filosóficos que a sustentam.

Assim, podemos enquadrar a pesquisa no âmbito chamado História das Ideias [pensamento], já que esta remete à produção de textos nos quais os portadores dos conceitos-chaves e as relações externas são entendidos como agentes históricos e todos dão condições à existência das ideias propriamente ditas (FALCON, 2011).

Para Krieger (1973, p. 500),

a história das ideias se refere a uma categoria da literatura em que articulam-se os próprios conceitos como agentes históricos primários, com suas

particularidades e nas relações externas apresentadas como condições destes<sup>23</sup>. (tradução nossa)

Contudo, o trabalho, de maneira particular, ajudou a clarear o horizonte no qual o pensamento do personagem era construído e a entender as relações que manteve em sua vida. Consequentemente, nos permitiu comprovar a hipótese mencionada e, também, a formular a Matriz Clássica Originária. Segundo Koyré (1991, p. 256) a história do pensamento científico nos ensina:

1º que o pensamento científico nunca foi inteiramente separado do pensamento filosófico; 2º que as grandes revoluções científicas foram sempre determinadas por subversões ou mudanças de concepções filosóficas; 3º que o pensamento científico – (...) – não se desenvolve *in vacuo*, mas está sempre dentro de um quadro de idéias, de princípios fundamentais, de evidências axiomáticas que, em geral, foram considerados como pertencentes exclusivamente à filosofia. (itálico do autor)

Logo, podemos considerar que as ideias, os conceitos, os princípios, as evidências (re)significam o pensamento, e ao transformá-lo em linguagem, este é mediado pela Matriz Clássica Originária, como sendo o seu núcleo racional. Assim, quanto a matriz, essa, é constituída:

(A) Domínio teórico-conceitual: refere-se aos elementos que participam no processo de construção da produção do conhecimento. As variáveis que ali estão: a corrente filosófica [forma de ver o mundo e de organizar o pensamento]; a teoria [conjunto de princípios que orientam a produção do conhecimento]; as categorias de análise [produto de intervenção filosófica na superfície do real analisado].

### **Quadro 03: Domínio Teórico-Conceitual**

<b>DOMÍNIO TEÓRICO-CONCEITUAL</b>		
<b>CORRENTE FILOSÓFICA</b>	<b>TEORIA</b>	<b>CATEGORIAS DE ANÁLISE</b>

Org.: COSTA, P. H. F (2013)

(B) Domínio metodológico: aplica-se aos elementos que dirijam o processo de produção do conhecimento. As variáveis são: a representação dos dados [recursos que ilustram as informações coletadas]; objeto [realidade material apreendida pela

<sup>23</sup> [original] “(...) the history of ideas refers to a category of literature in which articulate concepts have themselves been the primary historical agents, with their personal bearers and external relations adduced as conditions of them”. (KRIEGER, 1973, p. 500).

percepção do personagem]; método de análise [conjunto de procedimento no momento da investigação].

**Quadro 04:** Domínio Metodológico

DOMÍNIO METODOLÓGICO		
REPRESENTAÇÃO DOS DADOS	OBJETO	MÉTODO DE ANÁLISE

Org.: COSTA, P. H. F (2013)

(C) Domínio complementar: emprega-se aos elementos que subsidiam o processo de produção do conhecimento. As variáveis são: proposição expressiva [máxima]; referências bibliográfica [as leituras recorrentes do personagem que aparecem em seu discurso]; temas em análise [assunto que despertou no personagem a preocupação com a investigação].

**Quadro 05:** Domínio Complementar

DOMÍNIO COMPLEMENTAR		
ASSERÇÃO DE VALOR	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	TEMAS EM ANÁLISE

Org.: COSTA, P. H. F (2013)

(D) Domínio Epistemológico: associa-se aos elementos que certifica a variante geográfica e o núcleo originário.

**Quadro 06:** Domínio Epistemológico

DOMÍNIO EPISTEMOLÓGICO	
VARIANTE GEOGRÁFICA	NÚCLEO ORIGINÁRIO

Org.: COSTA, P. H. F (2013)

Em suma, a Matriz Clássica Originária é a reunião de todos os itens explicitados acima. A concretização da matriz corrobora a afirmar as hipóteses anunciadas: (i) **vanguarda**, uma vez que o personagem faz uso desta matriz para afetar o outro; (ii) **universalidade**, já que amplia a rede de contatos a partir da publicação desta matriz tanto em outros meio de difusão do pensamento como entre disciplinas afins; (iii) **viés geográfico**, visto que a ciência que serve de fundamento para a consolidação desta matriz é a geografia.

## 2 AS UNIDADES DE ANÁLISE

As unidades de análise são as ferramentas propostas para investigar tanto a trajetória de vida do personagem quanto o seu processo de produção do conhecimento. Essas unidades incidem sobre os materiais examinados [biografia, produção científica/geográfica, vocabulário] com o propósito de encontrarmos informações necessárias para defender a hipótese e construir a Matriz Clássica Originária.

### 2.1 As células identitárias

O que define o comportamento de um personagem é o fato dele ser circunscrito a uma identidade? Será que a família, os amigos, as instituições são capazes de nos orientar às condições de uma vida coletiva? E como compreender as particularidades de um processo de singularização? Mas como apontar evidências indicadoras de que o personagem pode inclinar-se a uma conduta sem negligenciar outras informações?

Para tratarmos essas questões, pela análise da trajetória biográfica de um personagem, propomos que o processo de investigação passe a ser mediado por “células identitárias”. Estas são as referências que constituem a subjetividade do personagem e o afirmam enquanto ser e enquanto ser no mundo.

Consideramos que o personagem, na presente Tese, é um tipo de ser que estabelece sentido e significado tanto para o mundo quanto para si mesmo, ou seja, um indivíduo. Logo, esse ser singular constrói sua identidade por meio da relação com o outro e com ele mesmo.

Para Guattari (2007, p. 80), “a identidade é o conceito de referenciação, de circunscrição da realidade a quadros de referência, quadros estes que podem ser imaginários”. Então, esse processo de referenciação consiste tanto em fazer com que o outro se identifique com um indivíduo, por meio do que ele é, quanto o indivíduo se identifica com o outro, com ele mesmo, com o mundo, formando sua identidade. De modo que, na cartografia da vida, o indivíduo é uma constelação de fatores e, são estes, que serão analisados, por meio das células identitárias, com o objetivo de enquadrar o personagem frente à referência de **vanguarda**, **universalidade** e com **viés geográfico**.

Antes de tudo, é bom lembrarmos que, a “constituição do personagem” resultou do diálogo em que falas de diferentes agentes entrecruzam: as do próprio personagem, as dos comentadores deste personagem, as dos entrevistadores, as dos admiradores, as dos amigos, as da família entre outros.

Nesse entrecruzamento de depoimentos são tecidas reflexões sobre o processo de constituição do personagem. Sua linha do tempo é construída cronologicamente por meio de fragmentos retirados desses relatos e mesmo que apontem ano a ano sua vida não pode ser considerada ela, a vida, em sua totalidade. Não caberia nas páginas dessa Tese e muito menos teríamos material suficiente para isso.

Portanto, a trajetória de vida do personagem está ligada a contextos muito maiores que apenas suas ações selecionadas, para o presente estudo, no decorrer da vida biografada. Assim, o personagem é um ser em plena comunicação e pronto para ser interpretado. Cada momento desencadeia um conjunto de relações, um conjunto de suposição, um conjunto de dúvidas ... .

A leitura da vida de um personagem deve passar por critérios para decidirmos, no texto biografado, quais os fatos podem ser classificados como desejáveis para compor nossa reflexão e nos ajudar a argumentar a hipótese de que Milton Santos é uma referência de **vanguarda**, de **universalidade** e de **viés geográfico**.

A biografia acaba por ser um texto extenso e expressa tantas curiosidades que podem tomar direções infinitas, assim, para definirmos os sinais os quais nossos olhos registram, analisam, informam e retiram as informações correspondentes, o que chamamos de “características seletivas”, proporemos cinco mediadores: (i) ação revolucionária [momentos em que o personagem resistiu à ordem vigente]; (ii) a consciência cidadã [nas passagens as quais o personagem revela a importância de transmitir valores para uma vida melhor]; (iii) as relações interpessoais [na ocasião em que revelava-se através das convivências], (iv) a escala de difusão do pensamento [nas ocasiões que o personagem ampliava o universo dos diálogos], (v) o compromisso com a ciência [quando o personagem assumiu para si a Geografia como sua especialidade].

Tais, portanto, foram usados em referência a um atributo do personagem que permita comprovarmos, em sua trajetória de vida, a confirmação da hipótese anunciada.

#### **Quadro 07:** Células Identitárias

<b>MEDIADORES</b>	<b>RECURSO</b>	<b>CARACTERÍSTICAS SELETIVAS</b>
Ação Revolucionária	Resistir	Vanguarda
Consciência Cidadã	Transmitir	Viés Geográfico
Relações Interpessoais	Conviver	Universalidade
Escala de Difusão do Pensamento	Ampliar	Universalidade
Compromisso com a Ciência	Assumir	Viés Geográfico

Org.: COSTA, P. H. F (2013)

## (i) A “ação revolucionária”

O entendimento desta célula identitária esta na concepção do personagem de como, na posição dele, deve-se resistir no mundo. Em um mundo repleto de contradições e desigualdades, onde presenciamos os avanços do modo de produção capitalista sob a humanidade, é importante discutirmos os mecanismos de resistências em suas diversas manifestações.

A resistência convém lembrarmos, é pensada nos momentos, sobre os quais o personagem, de alguma forma, manifesta-se em oposição a uma ordem. Ou seja, o personagem em resposta a pressões que está sendo submetido [consciente ou inconsciente], enfrenta as forças coercitivas, que num dado momento histórico, atuam sobre ele de maneira a acuá-lo.

A resistência tem como impulso a vontade de enfrentar os desafios que são colocados para o personagem na trajetória de sua vida e, que o faz lutar contra as forças que o anulam diante de uma estrutura ideológica que ele esta envolvido. Desta maneira, o personagem é quem oferece a resistência e são de suas ações o qualificativo de resistir. Portanto, a visão de mundo do personagem e seus valores morais contribuem para entendermos se a ação, em relação com o seu cotidiano, é conciliadora [conformista] ou se opõe as normas sociais [de resistência]. Logo, o personagem se vale de sua condição enquanto agente da sua própria ação de resistência.

Para explicarmos, entre os fragmentos da biografia do personagem, o movimento de resistência, procuramos enunciar os fatos sob a ótica de que denominamos: “ação revolucionária”. O que caracteriza a “ação revolucionária” não é somente a resistência contra as formas de controle social, mas também a tentativa de produzir formas e componentes eficazes de transformação social. Ou seja, corresponde à capacidade do personagem de operar de seu próprio trabalho atividades que sirvam de exemplo e capazes de influenciar o outro a refletir sobre o mundo.

A “ação revolucionária” consiste nos momentos pelos quais o personagem enfrenta o modo subversivo de viver e exterioriza isso de alguma forma a se livrar da “formalidade” do mundo. A questão da “ação revolucionária” oscila entre a micropolítica [de como o personagem absorve essa cultura opressora] e a macropolítica [de como o personagem reproduz os modos de luta].

A criação de uma ação revolucionária nasce da:

(A) ideia de revolução que se identifica com a ideia de transformação, mudança, em fluxo contínuo, e, por definição, não pode ser duradouro. “É um processo que acarreta mutações no campo social inconsciente, para além do discurso”. (GUATTARI, 2007, p. 213). Assim, o caráter revolucionário de um personagem está associado ao conjunto de práticas que tem condição de resistir, com seu potencial criativo.

(B) essência poética que se manifesta no exercício de libertar sua potência revolucionária por meio das intervenções práticas do cotidiano, ou seja, os meios que inspiravam o outro a aderir à causa levantada.

O personagem ousa a enfrentar os muros impostos pelo vivido, trava uma batalha emancipatória em relação aos imperativos dogmáticos, e, assim, é capaz de por em movimento sua forma de enxergar o real. Nesse sentido, a veia revolucionária dilata-se e o aumento do fluxo sanguíneo conflui para acelerar em seu corpo e incentivar em seu ser uma busca por ferramentas que o ajudam a viver sobre um mundo menos opressor. Sua angústia é liberada em sua política de luta.

O que a “ação revolucionária” nos mostra é que a resistência nunca está ausente na forma que o personagem se relaciona. A resistência fica subtendida na trajetória de vida do personagem e no momento em que nós o interrogamos, sob a categoria da “ação revolucionária”, da luz a uma ação contestadora.

(ii) A “consciência cidadã”

A consciência cidadã como célula identitária é uma ferramenta para compreendermos:

(A) a forma que o personagem constitui-se um ser no mundo e, a partir, do que ele representa tanto como pessoa, respeitando o próximo, quanto como ele se relaciona com os demais, transmitindo seus valores, foi possível entender como o personagem comprometeu-se na construção de uma consciência cidadã;

(B) como o conceito de ser cidadão foi tomando corpo e sendo estruturado ao longo de sua trajetória.

A cidadania aponta-se no sentido da possibilidade da transformação, por meio de suas próprias ações e a exemplo de outras, do mundo. Ser cidadão é saber viver em comunhão social, isto é, em equilíbrio com todos. Ser cidadão, também, é saber aprender com o próximo e retribuir passando adiante o que lhe foi ensinado. Assim, a prática dessa unidade, para ser validada na trajetória de vida do personagem, deve partir dos momentos sobre os quais o

personagem reclama o direito de ser cidadão, exige esse direito e contagia o outro com a questão de ser cidadão, a exemplo de como foi contaminado.

Ou seja, seus valores e sua visão de mundo, constituídos ao longo da vida, norteiam o caminhar do personagem. Destes atributos ele usufrui para alcançar o mundo no qual projeta e as pessoas as quais ele deseja nesse mundo.

De modo que, quando o personagem busca em sua prática de vida uma ação solidária, na qual a reciprocidade medeia à relação com o outro, podemos compreender que o feito procede de sua consciência cidadã. Lembrando que essas questões, que envolvem a formação de uma consciência cidadã, não nascem conosco, mas se apreendem.

O que assinala a consciência cidadã são os fatores tanto que estão em seu âmago ou que permitiram a formação desta, a família, por exemplo, quanto o movimento de afetar o outro, via a reprodução dos valores que formaram essa consciência.

O personagem deve exercer o que lhe foi transmitido para, no fim, lutar pelo o que acredita. A “consciência cidadã”, como célula identitária, revela a dedicação que o personagem tem em dar continuidade àquilo que lhe foi concebido e a partir disso tocar o outro com seus princípios.

### (iii) As “relações interpessoais”

A presente unidade de análise: “relações interpessoais” dá importância ao relacionamento do personagem com os outros. Consiste, então, em compreender como um personagem se completa e se realiza quando agenciado por seus pares, famílias, amigos e o mundo. É imensamente difícil não aceitarmos que a personalidade do personagem e o conjunto de suas ideias são frutos, também, dos processos em relação aos outros. Assim, o personagem age sobre os outros e sofre a ação dos outros, já que ele não é o único agente do seu mundo.

A formação de uma identidade é definida com a presença, então, de um outro. Este, por intermédio de suas ações, pode influenciar [negativamente ou positivamente] na trajetória de vida do personagem: em suas certezas, em sua personalidade, em suas vontades, em seus estudos, em seu trabalho... . (LAING, 1976).

Neste caso o personagem se encontra em plena interação com o outro podendo confirmar [ele aceita a presença de uma pessoa, de uma ideia, de um fato em seu mundo] ou negar [ele afasta a presença de uma pessoa, de uma ideia, de um fato em seu mundo] o que o

outro tem a lhe oferecer, mesmo que ele admita primeiro e rejeite depois ou despreze primeiro e reconheça depois.

Buscamos, com esta célula identitária, apresentar o outro na trajetória de vida do personagem. A história do personagem é uma aproximação de histórias individuais, ela vai se consolidando frente a sua relação com o que afeta o personagem e é afetado por ele, ou seja, a formação da trajetória de vida do personagem em função, também, da trajetória do outro. Este pode ser encontrado por meio das personalidades, das estruturas, dos momentos que diretamente ou indiretamente interferiram ou o fizeram pensar sobre as questões, ter posicionamento, decidir o rumo a seguir, conquistar os espaços.

As pessoas, as instituições, os acontecimentos são, indiscutivelmente, o outro na relação com personagem. São destas que ele opina e formula suas ideias. O personagem é um pouco de suas relações interpessoais e sabe fazer uso delas para trilhar sua trajetória.

(iv) A “escala de difusão do pensamento”

A questão da “escala de difusão do pensamento”, na trajetória de um personagem, diversifica com o momento vivido. As oportunidades e as ferramentas que o personagem possui para manifestar decorrem, também, das relações políticas que o personagem realiza, dos lugares que ele frequenta, dos diálogos que ele firma.

Logo, a escala de difusão de pensamento é diretamente associada com os meios pelos quais o personagem possui para expor sua apreciação sobre a realidade: um congresso, um simpósio, um livro, um palanque, uma conversa, um jornal, entre outros. A busca por novos ares e a mudança de ambiente, também, revela que o personagem traça o debate em diferentes ocasiões.

É interessante notar, por meio desta célula identitária, que o personagem procura um espaço para colocar seu pensamento em movimento e varia os interlocutores e as localidades ao longo de sua trajetória. Portanto, é possível compreender tanto o raio de ação que o personagem é levado a atuar, quanto o público para o qual o personagem transmite o seu pensamento.

(v) O “compromisso com a ciência”

Sendo o personagem um cientista e que busca, constantemente, a afirmação entre os membros da ciência, na qual defende. A célula identitária investiga o compromisso que o

personagem tem, em se valer de estratégias, para alcançar o reconhecimento frente a seus pares.

A formação de um cientista envolve as relações que este teve com seu mestre e que mantêm com seus alunos. O cientista é lapidado, de forma quase artesanal, por outro cientista. Assim, o seu compromisso com a ciência é amplamente manifesto: (i) em seu cuidado para atualizar seu pensamento e transmiti-lo; (ii) em seu laborioso esforço para formar um outro profissional capaz de avançar e reproduzir seus passos; (iii) em seu incansável vigor em defender a própria ciência.

A atividade do cientista depende tanto dos fatores externos [laboratórios e bibliotecas bem qualificadas e financiamento para os projetos] quanto da relação passional entre o cientista e sua profissão. Assim, pretendemos com esta célula identitária monitorar as formas pelas quais o personagem conquista seu espaço entre os colegas; os caminhos que ele percorre tanto para divulgar a ciência da qual faz parte quanto para se atualizar; e a dedicação em promover os princípios norteadores que alicerçam a ciência.

Portanto, acreditamos que as células identitárias sejam capazes de orientar a investigação para defender as hipóteses explicitadas.

## **2.2 As cláusulas capitais**

As “Cláusulas Capitais” são os sinais que apontam a inclinação do personagem para determinada literatura, isto é, a materialidade das “vozes” dos interlocutores que estão por de trás do discurso do personagem. Em particular, entendemos que as “cláusulas capitais” sejam a frequência de uma determinada característica discursiva, manifestada por um indivíduo ou um grupo, constituídas em um período histórico, que adquirem um valor simbólico próprio (portanto significativo) e usadas para um determinado desígnio comum [entre o grupo e o personagem/autor] e que, por fim, sejam capazes de apontar a aproximação do texto analisado com o grupo referenciado.

A característica discursiva são os elementos atestados no discurso do personagem. De modo que a “cláusula capital” revela a recorrência a certa variante do pensamento do personagem, em um determinado período histórico, na sua prática discursiva. Para Canata, Reis Jr e Cruz (2013, p. 6), “sem isso não temos como garantir a credibilidade das afirmações em torno de sua inclinação teórico-filosófica”.

A “cláusula capital” identifica um sinal particular dentro de um universo discursivo de um personagem, o que nos permite afirmar que o texto em si é construído segundo os pressupostos de determinada perspectiva do pensamento geográfico.

Avalia-se o elemento histórico que tanto atribui sentido ao discurso quanto indica a circunstância que o personagem partiu para realizar a análise em questão, ou seja, a cláusula capital busca o recurso referencial que caracteriza o discurso do personagem segundo o posicionamento de uma vertente do pensamento geográfico.

Contudo, o discurso do personagem pode modificar ao longo de sua trajetória intelectual, dando origem a mudanças na forma de pensar, o que aponta a influência de uma nova variante do pensamento geográfico, de modo que algumas frequências discursivas podem ser mantidas e outras extintas, sem que deixe de existir uma forma de pensar anterior.

Nesse caso, a análise parte para o documento como um todo e foca nas intenções que o personagem tem em publicar a ideia central. É bom lembrarmos que não existe uma forma de pensar estável, única, já que cada indivíduo tem seu sistema de organizar suas ideias e sofre influência do meio externo de maneiras distintas.

Dessa forma, cabe apontarmos as características discursivas regulares, identificá-las junto à perspectiva projetora, assinalando em qual o personagem recorre a seu uso para manifestar e estruturar seu pensamento sobre determinada coisa.

É preciso colocarmos que o texto compartilha determinadas nuances que se apresentam com uma finalidade comunicativa, de modo que cada “texto realizado é situável como acontecimento em algum lugar historicamente” e “características funcionais ou formais de um texto individual servem como exemplo ou modelo para outros textos” (KABATEK, 2005, p. 164 – 165).

Por isso, admitimos que cada grupo de pensadores tem em seu sistema de ideias, constituído historicamente, publicações que lhe dão sentido e, portanto, passíveis de serem reproduzidas.

Podemos dizer que as “cláusulas capitais” permitem relacionar aspectos considerados internos do texto [coesão, coerência] e externos [sistemas contextuais preexistentes] com as tradições de certas formas discursivas, ou seja, as manifestações linguísticas de um grupo e a construção de sentidos de um texto de um personagem que parte deste grupo para representar a realidade da sua perspectiva.

A coesão pode ser verificada no modo como as características discursivas, presentes nas diversas maneiras de pensar o fato geográfico, encontram-se interligadas à superfície textual. Já a coerência, pode ser confirmada, caso o personagem, ao escrever o texto,

transmita, por meio de uma sequência de ideias, uma unidade significativa que veicula o sentido do texto com a forma que este grupo interpreta o mundo. Os sistemas contextuais preexistentes são o momento vivido e interpretado pelo personagem.

Logo, o traço definidor da “cláusula capital” será a presença da característica discursiva na produção do personagem. A “cláusula capital” é um instrumento que funciona como um sinal que pode ajudar a definir de que lugar, no campo filosófico/geográfico, parte um determinado pensamento; além de esclarecer qual objetivo da formulação de um pensamento ou quais os elementos que o envolvem; quais as perguntas elaboradas e as respostas apresentadas para a manifestação de um determinado pensamento.

Precisamente, o intuito da “cláusula capital” é visualizarmos o conjunto de ideias de um personagem e associá-lo a um grupo dentro da história do pensamento geográfico. Portanto, podemos dizer que há uma historicidade e que esta deriva da partilha do pensamento “X” entre os membros de um grupo, e que o mesmo pensamento é reproduzido em textos de membros do mesmo grupo ou de afins. Assim, é possível visualizarmos a presença de uma constelação de formas discursivas, apropriadas para definir uma perspectiva de pensamento, em uma publicação e, logo, ligá-la ao grupo emissor.

As características discursivas foram classificadas quanto: (i) terminologia [o uso intencional de termos comuns que identifica uma geração ou um grupo]; (ii) estudos tópicos [a síntese do assunto abordado]; (iii) orientação filosófica [um elemento marcante na construção textual]; (iv) gênero discursivo [a perspectiva do discurso na produção textual ou a natureza da escrita]; (v) recurso argumentativo [um ponto de apoio na ordem do discurso]

A priori foi realizada uma leitura dinâmica das publicações do período [1ª Fase Intelectual: Jovem Milton Santos]. Diante deste estudo prévio rastreamos às prováveis variantes do pensamento geográfico presente junto ao discurso do personagem. Levantamos as principais características discursivas dos grupos em evidência, no período assinalado, que acusariam uma filiação do personagem a esses.

Para tentar confirmarmos a presença desses geógrafos no discurso do jovem Milton Santos, primeiro nos certificamos, em artigos e obras clássicas, dos integrantes desses grupos, as características discursivas assinaladas; segundo, retornamos a produção geográfica/científica do personagem para revelar tais semelhanças, como referido antes, a exemplo da proposta de Canata, Reis Jr. e Cruz (2013) denominada “hipótese de correspondência”.

Primeiro devemos assumir um sistema de características discursivas que revelam determinada variante do pensamento geográfico, segundo explicitar nos trabalhos de seus membros, terceiro, sustentar este universo definido nas publicações do personagem abordado.

**Quadro 08:** Exemplo: Estudos tópicos

CARACTERÍSTICA DISCURSIVA	GEOGRAFIA CLÁSSICA	PERSONAGEM
Estudos Tópicos	<i>La Valachie: essai de monographie géographique.</i> (Emmanuel de Martonne / 1902).	Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico. (Milton Santos/1957).

Org.: COSTA, P. H. F (2013)

Logo, encontramos sintomas das seguintes escolas de pensamento geográfico: a Escola Francesa de Geografia [Fase Clássica], o grupo de Geografia Aplicada e a perspectiva da Geografia Ativa.

### 2.2.1 Escola Francesa de Geografia – Fase Clássica

Dos últimos decênios do século XIX<sup>24</sup> até meados do século XX<sup>25</sup>, a geografia francesa viveu sua *époque classique*. Entre outros nomes, tivera seu maior expoente o geógrafo Paul Vidal de La Blache<sup>26</sup> (1845 - 1918). Este período inaugurou uma simbiose

<sup>24</sup>Até a primeira metade do século XIX, a Geografia atravessava uma profunda crise, um “longo purgatório”. Lembrando que nos séculos anteriores a Geografia acenava grandes avanços com as navegações e o desenvolvimento do comércio. Contudo, ela não era considerada uma ciência, mas uma disciplina, “de domínio exclusivo da memória”, a serviço dos militares, dos comerciantes, dos Estados. (BROC, 1976, CAPEL, 1977).

<sup>25</sup>Alguns pesquisadores divergem-se a respeito do período no qual a geografia francesa viveu sua época clássica. Para BERDOULAY (2008, p.7) “A “Escola Francesa de Geografia”, formada no final do século XIX e início do século XX (1870-1914) foi dirigida por Paul Vidal de La Blache”; segundo MEYNIER (1969), a geografia francesa, primeira fase, pode ser dividida em três períodos: (i) tempo de eclosão (1872 – 1905); (ii) tempo de intuição (1905 – 1939); (iii) tempo de tempo de estalos (1939 – 1969); de acordo com CLAVAL e SANGUIN (1996, p. 7) “dos anos 1920 aos anos de 1960, entre a morte de Vidal de La Blache (1918) e a grande crise social de maio de 1968, estende-se o período no qual a geografia francesa viveu o que denominamos de época clássica”. (tradução nossa) / [original] “L’ “École Française de Géographie”, formée à la fin du XIX siècle et au début du XX (1870 – 1914) sous l’impulsion de Paul Vidal de la Blache”; segundo MEYNIER (1969), a geografia francesa, primeira fase, pode ser dividida em três períodos: (i) temps de l’éclosion (1872-1905); (ii) temps de l’intuition (1905-1939); (iii) temps des craquements (1939-1969); de acordo com CLAVAL e SANGUIN (1996, p. 7) “des années 1920 aux années 1960, entre la mort de Vidal de la Blache (1918) et la grande crise sociale de mai 1968, s’étend la période où la géographie française vécut ce qu’il est convenu d’appeler son *époque classique*”. (BERDOULAY, 2008, p.7 – itálico do autor)

<sup>26</sup>Paul Vidal de La Blache (1845-1918) é, sem dúvida, o fundador da Escola Francesa de Geografia: pelo vasto público que ele influenciou graças as *Cartes Murales* (quarenta-quatro) e ao *Atlas Général* (1895); pelas aulas na Escola Normal e na Universidade da Sorbonne; pela fundação dos *Annales de Géographie* e a *Bibliographie Géographique Universelle*; pelas teses que ele orientou e a colaboração de muitos de seus alunos no ambicioso projeto de *Géographie Universelle*. (LAGEAT, 2008, p. 148-149 – itálico do autor e tradução nossa). [original] Paul Vidal de la Blache (1845-1918) qui est, sans conteste, le fondateur de l’« école française de géographie » : par l’immense public qu’il atteint grâce aux *Cartes Murales* (au nombre de quarante-quatre) et à l’*Atlas Général*

entre a geografia instrumental, a carreira universitária e a reforma nos programas de ensino primário e secundário. Foi necessário diplomar geógrafos tanto para atuarem nas escolas primárias e secundárias<sup>27</sup>, como professores, quanto para exercerem atividades como técnicos em cargos públicos e privados. (BERDOULAY, 2008)

Para alguns autores (BERDOULAY, 2008; BROU, 1974, 1977; LAGEAT, 2008; MEYNIER, 1969; RHEIN, 1982) o Estado francês não valorizava a geografia como uma ciência emancipatória, capaz de contribuir para a ordem sociopolítica e orientar o desenvolvimento econômico, diferentemente, do arquirrival: o Estado Alemão que investia, sobretudo, na atualização dos Manuais de Campo, na educação primária, secundária e superior e nas pesquisas dos professores<sup>28</sup>.

a educação geográfica [na França] é negligenciada, bem fraca... Estamos reduzidos a áridas nomenclaturas, próprias somente para protelar o espírito e a memória... Não há nenhum livro interessante para as séries iniciais; e muito menos para o ensino superior... Graças à ampla organização liberal de sua educação pública, a Alemanha soube divulgar e popularizar a ciência; ela dispõe de tudo que necessitamos. A ciência geográfica ocupou um lugar considerável de destaque no ensino secundário e no ensino superior... Ela possui bons manuais e excelentes atlas... Que a Alemanha nos sirva de

---

(1895), par l'enseignement qu'il dispense à des générations de normaliens, puis d'étudiants en Sorbonne, par la fondation des *Annales de géographie* et de la *Bibliographie Géographique Universelle*, par les thèses qu'il dirige et par l'association de nombreux de ses élèves à l'ambitieux projet de la *Géographie universelle*. (LAGEAT, 2008, p. 148-149 – itálico do autor).

<sup>27</sup>De acordo com CAPEL (1977, p. 8) “o fator essencial que conduziu a institucionalização da geografia e o surgimento de sua comunidade científica é a presença desta ciência no ensino primário e secundário no meio do século XIX. A tradição de ensinar as crianças as noções elementares acerca de nosso planeta através da Geografia” (tradução nossa) / [original] “el factor esencial que conduce a la institucionalización de la geografía y a la aparición de la comunidad científica de los geógrafos es la presencia de esa ciencia en la enseñanza elemental y secundaria a mediados del siglo XIX. La tradición de enseñar a los niños las nociones elementales acerca de nuestro planeta a través de la "Geografía"” (CAPEL, 1977, p. 8). Para outras informações sugiro a leitura do artigo: RHEIN, C **La géographie: discipline scolaire et/ou science sociale? (1860-1920)** In: *Revue française de sociologie*, 1982, V. 23-2, pp. 223 – 251.

<sup>28</sup>O êxito é inegável: em 1890, praticamente todas as universidades alemãs possuem um ensino especializado em Geografia, ao passo que a França tinha cinco cadeiras e a Inglaterra apenas uma. Por essas razões, Leipzig (com Peschel, Richthofen e Ratzel) e Berlim (com Richthofen e Penck) atraem inúmeros estrangeiros. Na segunda metade do século XVIII, é fundado um instituto geográfico privado que não possui rival na Europa: trata-se do Justus Perthes Geographischer Anstalt, localizado em Gotha. Verdadeiro “ministério da geografia”, no século XIX suas publicações habituais em torno da genealogia, diplomacia e estatística serão acompanhadas da cartografia, resultando no *Physikalischer Atlas* e no *Stieler Handatlas*. Em 1855, surge o *Petermanns Mitteilungen*, periódico mensal cuja originalidade dos artigos, revisões críticas, bibliografias e suplementos cartográficos e estatísticos fará dele o modelo a ser seguido pelos demais países europeus após 1870. Em 1866, aparece outra publicação vinculada ao instituto: *Geographisches Jahrbuch*, congregando especialistas alemães e estrangeiros (Camena d’Almeida e de Martonne, p.ex.) na produção de uma série de artigos de conteúdo crítico e bibliográfico. Os anos de 1899, 1901 e 1903 são testemunhos de novos canais editoriais, como *Geographischer Anzeiger* (destinada aos professores do secundário), *Deutsche Erde* (voltada para o conhecimento da Alemanha) e o anuário *Geographen Kalender*. (RIBEIRO, 2009, p. 23).

exemplo e modelo... (VIVIEN DE SAINT-MARTIN, 1863, p. 19-20 – tradução nossa<sup>29</sup>).

Contudo, tal atraso, acelerou o processo de institucionalização da geografia nas universidades francesas e promoveu o surgimento das comunidades científicas francesas. O apoio das Sociedades de Geografia<sup>30</sup> e do governo francês foi incisivo a permitir tamanha conquista, já que outras comunidades científicas atuantes (botânicos, geólogos, historiadores, etnólogos, ecólogos ...), na cena política, manifestavam contra. (BERDOULAY, 2008; BROU, 1974; CAPEL, 1977).

La aparición de esta comunidad se realizó contando con apoyos decididos (de los gobiernos, de las Sociedades de Geografía, de algunos científicos) y con oposiciones violentas (de buen número de científicos de otras comunidades). En la lucha por el reconocimiento de su existencia los miembros de la nueva comunidad (a los que llamaremos geógrafos) tuvieron que esforzarse en mostrar el carácter específico de su ciencia, discutiendo el objeto de la misma y definiendo los límites respecto a las ciencias practicadas por otras comunidades de científicos (geólogos, historiadores, etnólogos, ecólogos, sociólogos, etc.). (CAPEL, 1977, p. 2).

A Escola Francesa de Geografia teve um papel fundamental tanto na evolução e difusão do pensamento geográfico francês quanto na aprovação, entre os intelectuais, de um *status* científico. Adesão, esta, mostrou que a Geografia ganhara território entre as disciplinas de forma rápida e iniciara um trabalho a qual reconheceria os limites e as fronteiras da ciência geográficas, identificara suas disciplinas conexas e definira suas atribuições. Assim, deixou claro sua especificidade e os motivos que a levaram a ganhar autonomia.

Diante disso, o começo coincide, com o momento político, econômico e social francês favorável: (i) o resgate dos valores republicanos; (ii) propagação das ideias ligadas ao

<sup>29</sup>[original] “(...) l’éducation géographique est très négligée, très faible. Nous en sommes réduits à d’arides nomenclatures, propres seulement à rebuter l’esprit et la mémoire. Il n’y a point de livre avouable pour le premier degré; il y en a moins encore pour l’étude supérieure. Grâce à l’organisation largement libérale de son éducation publique, l’Allemagne sait répandre et populariser la science ; elle possède tout ce qui nous manque. Les sciences géographiques y occupent une place considérable dans l’enseignement secondaire et dans l’enseignement supérieur. Elle a de bons manuels, d’excellents atlas. Que l’Allemagne nous serve d’exemple et de modèle”.(VIVIEN DE SAINT-MARTIN, 1863, p. 19-20)

<sup>30</sup>A primeira Sociedade de Geografia foi a parisiense criada em 1821. [original] “Así la Société de Géographie de Paris, que tenía a poco de su fundación 378 socios (en 1827) experimentó luego un proceso de decadencia que hizo descender el número de sus socios a 100 en 1850, manteniéndose en unos 200 en 1860; a partir de este año, en cambio, el crecimiento se produce de forma ininterrumpida: 645 socios en 1870, 800 en 1872, 1.150 en 1875 y 1.700 en 1877”. (CAPEL, 1977, p. 14). “Los objetivos de estas sociedades eran mucho más amplios que lo que hoy se entienden por geográficos, e incluían no solo la organización de exploraciones y el fomento del comercio sino también la creación de estaciones meteorológicas, la realización de observaciones astronómicas, los estudios etnográficos.... Para la realización de sus fines, algunas dispusieron de elevados presupuestos procedentes de las cuotas de sus afiliados y muchas gozaron de ayudas económicas estatales directas”. (CAPEL, 1977, p. 16).

cientificismo; (iii) a expansão colonial e o desenvolvimento do comércio marítimo. (BERDOULAY, 2008; DENEUX, 2006)

Para os vidalianos, o conhecimento geográfico pressupõe formas lógicas pretéritas à experiência sensível, formuladas no etéreo ou no que denominaram ‘espírito geográfico’, ainda que, certificado “pela forte base empírica (por sua metodologia quanto por seu projeto: o conhecimento da “fisionomia” terrestre) permitiu-se esclarecer os domínios das pesquisas complexas cuja relevância social é evidente”. (ROBIC, 1991, p. 66 – tradução nossa<sup>31</sup>).

Prova que os vidalianos, a exemplo de Vidal, não dispensavam as expedições de campo de caráter regional e valorizavam as visitas *in loco* para vivenciar os fenômenos geográficos<sup>32</sup>. “Esta tendência idealista, não foi agravada no sentido de que em sua parte não negava a realidade das coisas e consideravam que a experiência permitiu o conhecimento de todo conteúdo”. (BERDOULAY, 1983, p.5 – tradução nossa<sup>33</sup>).

Conforme Claval (2006, p. 94), como historiador Vidal foi orientado a praticar uma geografia histórica de gabinete, no entanto, “aprendeu ao longo dos muitos anos em que percorreu a França e a Europa a fecundidade do trabalho de campo”.

Para os vidalianos, o geógrafo deveria prestar atenção na relação homem-natureza<sup>34</sup> e não se limitar em descrevê-la ou retratá-la simploriamente, mas compreendê-la para explicá-

<sup>31</sup>[original] “à fort base empirique (par sa méthodologie comme par son projet: la connaissance de la "physionomie" terrestre) ont permis de défricher des domaines de recherches complexes dont la pertinence sociale est évidente”. (ROBIC, 1991, p. 66).

<sup>32</sup> As homenagens post-mortem de Lucien GALLOIS (1918, p. 170 – 171 – tradução nossa) “O que consagrou a reputação de Vidal de La Blache, e o que tornou seu nome conhecido fora de um ambiente do qual, até então, ele pouco havia saído, foi a publicação de “*Tableau de la Géographie de la France*” na introdução do livro “*l’Histoire de France*”, publicação de Mr. Ernest Lavisse (...) Vidal de la Blache era, de uma maneira diferente, bem capacitado para sua tarefa. Talvez não haja um canto da França que ele não tenha visitado por lazer, na maioria das vezes a pé, durante a longa elaboração desta grande obra, tomando notas, marcando com uma característica um traço da paisagem (toque colorido que passava sobre o texto), atento aos detalhes sugestivos da história. Assim se fazia constantemente no seu espírito a aproximação entre o meio e a obra do homem”; Jean BRUNHES (1918, p. 9) “durante as viagens, ele [Paul Vidal de la Blache] se aproximava de um agricultor e com curiosidade, observava sua casa, seu traje, sua força, percebia com alegria o odor e o gosto do campo, com seu olhar de artista sensível foi feliz com as coisas simples da terra”, tais passagens revelavam a preocupação que Vidal tinha em ir ao campo comprovar os fatos geográficos. / [original] “Ce qui a consacré la réputation de Vidal de la Blache, ce qui l’a fait connaître en dehors du milieu d’où son nom n’était guère sorti jusque-là, ce fut l’apparition de son *Tableau de la Géographie de la France*, introduction à *l’Histoire de France* que publiait Mr Ernest Lavisse. (...) Vidal de la Blache était bien autrement préparé à sa tâche. Il n’est peut-être pas un coin de France qu’il n’ait visité à loisir, le plus souvent à pied, pendant la longue élaboration de cette grande œuvre, prenant des notes, marquant d’une épithète un trait du paysage, touche colorée qui a passé dans son texte, attentif à tout détail évocateur d’histoire. Ainsi se faisait constamment dans son esprit le rapprochement entre le milieu et l’œuvre des hommes” (GALLOIS, 1918, p. 170); “lors de ses voyages, il s’approcha de l’agriculteur avec curiosité, regardait sa maison, son costume, sa puissance, perçue avec plaisir les odeurs et les saveur de terrain, de son regard d’artiste sensible a été heureux avec les choses simples de la terre”. (BRUNHES, 1918, p. 9).

<sup>33</sup>[original] “Esta tendencia idealista, no era exacerbada en el sentido que en su mayor parte no negaban la realidad de las cosas y consideraban que era la experiencia la que otorgaba al conocimiento todo este contenido”. (BERDOULAY, 1983, p.5).

<sup>34</sup>Conforme Vidal (1904, p. 313 – tradução nossa), “o estudo das sociedades humanas ganhará certamente novas noções, escreve ele, se for considerado sob a perspectiva de fatos físicos e biológicos através e por meio da qual

la, isto é, suas reflexões eram mediadas ao exercício da crítica, de modo que não somente representava os dados, mas tinha o cuidado de interpretá-los. “Os métodos críticos do conhecimento [geográfico] foram também utilizados pela escola francesa para explicar os fundamentos históricos das paisagens contemporâneas”. (BERDOULAY, 2008, p. 187 – tradução nossa<sup>35</sup>).

O método descritivo não renunciava à explicação<sup>36</sup>, para Vidal (1913) era importante tal exercício, mas seu processo precedia a compreensão: da unidade de análise, da combinação dos fenômenos envolvidos, da relação da força do meio e dos processos humanos, da ligação da geografia e da história. Tais características revelavam o caráter distintivo da Ciência Geográfica naquela época. Apesar de Vidal (1913) defender o método descritivo da ciência geográfica, essa não era uma descrição estática e, sim, uma descrição dinâmica<sup>37</sup>. De acordo com Berdoulay (2008, p. 213),

Vidal, portanto, recomenda a “abordagem descritiva”. Isso não significa que a geografia deva interromper a explicação. Ele queria simplesmente afirmar que o método empírico, que por si só pode respeitar a diversidade dos lugares, permite revelar a relação entre os fenômenos e conduz na explicação. A preferência da Escola Francesa por monografias regionais resulta da adaptação deste método. (tradução nossa<sup>38</sup>)

---

aja a inteligência humana”. Para Santos (1954, p. 8) a tarefa do geógrafo é dar a conhecer, penetrando no passado, “os esforços do homem na modificação da paisagem”. / [original] Vidal (1904, p. 313), “l'étude des sociétés humaines gagnera certainement de nouvelles clartés, écrit-il, si elle se place dans un plan de perspective des faits physiques et biologique à travers et au moyen desquels agit l'intelligence de l'homme”.

<sup>35</sup>[original] “Les méthodes critiques de l'érudition furent aussi utilisées par l'école française pour élucider les fondements historiques des paysages contemporains” (BERDOULAY, 2008, p. 187).

<sup>36</sup>A saber, essa uma característica que permanece nas obras mais recentes de Milton Santos. De acordo com ele (1999, p. 16), “descrição e explicação são inseparáveis. O que deve estar no alicerce da descrição é a vontade de explicação, que supõe a existência prévia de um sistema. Quando este faz falta, o que resulta em cada vez são peças isoladas, distanciando-nos do ideal de coerência próprio a um dado ramo do saber e do objeto de pertinência indispensável”.

<sup>37</sup>Jules Sion (1934, p. 80 – 81 – tradução nossa e itálico do autor) aponta a diferença entre descrição estática e dinâmica na obra de Vidal. “Evidentemente, uma descrição deste gênero não pode ter o mesmo objetivo ou os mesmos procedimentos que aqueles do itinerário de Paris à Jerusalém, ou de uma Ilha de Pescadores, ou nada além da terra. Não se deve censurar o que é pessoal na visão da paisagem - *homo additus naturae*, -; ao contrário, apresentar aquilo que é constante a todos os olhos capazes de observar. Também, o que há de mais característico, diante do qual existem análogos, mas não iguais na superfície do planeta. Trata-se de um retrato a se traçar, um retrato que não pare na epiderme, mas que faça sentir uma vida profunda, as forças que moldaram a fisionomia de uma região. / [original] Segundo Jules Sion (1934, p. 80 – 81), “Évidemment, une description de ce genre ne peut avoir le même but ni les mêmes procédés que celles de l'Itinéraire de Paris à Jérusalem, ou de Pêcheur d'Islande, ou de Rien que la terre. Elle ne doit pas accuser ce qu'il y a de personnel dans la vision du paysage - *homo additus naturae*, - mais au contraire ce que celui-ci présente de constant à tous les yeux capables de regarder. Et aussi de plus caractéristique, ce par quoi il a des analogues, mais non pas son pareil sur la surface de la planète. C'est un portrait qu'il s'agit de tracer, portrait qui ne s'arrête pas à l'épiderme, mais qui fasse sentir la vie profonde, les forces qui ont modelé la physionomie d'une région”.

<sup>38</sup>[original] De acordo com Berdoulay (2008, p. 213) “Vidal recommanda donc la "méthode descriptive". Par là, il ne signifiait pas que la géographie devait couper court à l'explication. Il voulait simplement dire que la méthode empirique, qui seule peut respecter la diversité des lieux, permet de révéler les rapports entre les phénomènes et débouche sur l'explication”.

A literalidade da geografia regional se refletia não apenas no tratamento dado às descrições da paisagem, mas também na interpretação ou nas posições de decisão assumidas pelos vidalianos. Para Jules Sion (1934, p. 80 - tradução nossa<sup>39</sup>), “Vidal de La Blache [criador da Geografia Francesa] teve esta influência, não apenas pelo valor de suas ideias, mas pelo modo através do qual ele se serviu a fim de descrever os aspectos da natureza e pela impressão que aí se grava no trabalho do homem”; de modo a unir, ciência/poesia e reflexão/imaginação, em seus trabalhos.

Vidal tinha um estilo de escrita que se confundia com a sua maneira de falar ao público sobre a paisagem, ao ler algumas passagens de sua obra, principalmente, “*Tableau de la géographie de la France* (1903)”, a narrativa apresentava como um diálogo com o seu leitor<sup>40</sup>. Segundo Jules Sion (1934, p. 82),

aquilo que é o mais pessoal na arte de Vidal é talvez essa maneira de dar socorro de razão ao sonho, à memória, à sugestão, enfim, às potências do inconsciente para criar “o sentimento verdadeiro do país”. Ele fala à nossa inteligência, mas ao mesmo tempo ele abre nosso tesouro secreto de lembranças, de imagens e é de nossas próprias profundezas que ele faz jorrar a ideia “da região”. Vidal prefere sempre nos convidar a adivinhar que dizer. Sem dúvida é a fonte desta poesia que se é certo encontrar no *Tableau* [referindo à obra *Tableau de la Géographie de la France* (1903)]. Ela é

<sup>39</sup>[original] Para Jules Sion (1934, p. 80), “Vidal de La Blache [créateur de la géographie française] dut cette influence, non seulement à la valeur de ses idées, mais à la façon dont il savait décrire les aspects de la nature et l’empreinte qu’y grave le travail de l’homme”.

<sup>40</sup>A exemplo, LA BLACHE (1903, p. 4 – tradução nossa), “Vemos, em Loches, o Castelo de Valois levantado sobre subestruturas romanas, as quais superaram as rochas de calcário cheias de grotas, que podem ter sido habitações primitivas. Por um longo tempo o homem foi o discípulo fiel do solo. O estudo deste solo contribuíra, portanto, para esclarecer as características, os costumes e as tendências dos habitantes. Para chegar a resultados precisos, este estudo deve ser fundamentado; isto é, ele precisa relacionar o aspecto presente na atual composição do solo e seu passado geológico. Não tenhamos medo de prejudicar, assim, a impressão que se exprima a partir das linhas da paisagem, das formas de relevo, dos contornos do horizonte, do aspecto exterior das coisas. Pelo contrário. A inteligência das causas na realidade nos faz melhor experimentar a ordem e a harmonia. Eu [La Blache] procurei reviver, na parte descritiva deste trabalho, uma fisionomia que me pareceu variada, amável, acolhedora. Eu esperaria ter conseguido exprimir algo das impressões que eu tive, ao percorrer em todos os sentidos esta região profundamente humanizada, e não degradada pela obra da civilização. O espírito aqui é solicitado pela reflexão, mas é ao espetáculo por vezes rindo, por vezes imponente das campanhas, dos montes e dos mares que ele é, incessantemente, levado, como a uma fonte de causas”. / [original] “On voit, à Loches, le château des Valois s’élever sur des substructions romaines, lesquelles surmontent la roche de tuffeau percée de grottes, qui ont pu être des habitations primitives. L’homme a été, chez nous, le disciple longtemps fidèle du sol. L’étude de ce sol contribua donc à nous éclairer sur le caractère, les mœurs et les tendances des habitants. Pour aboutir à des résultats précis, cette étude doit être raisonnée; c’est-à-dire qu’elle doit mettre en rapport l’aspect que présente le sol actuel avec sa composition et son passé géologique. Ne craignons pas de nuire ainsi à l’impression qui s’exhale des lignes du paysage, des formes du relief, du contour des horizons, de l’aspect extérieur des choses. Tout au contraire. L’intelligence des causes en fait mieux goûter l’ordonnance et l’harmonie. J’ai [La Blache] cherché à faire revivre, dans la partie descriptive de ce travail, une physionomie qui m’est apparue variée, aimable, accueillante. Je voudrais avoir réussi à fixer quelque chose des impressions que j’ai éprouvées en parcourant en tous sens cette contrée profondément humanisée, mais non abâtardie par les oeuvres de la civilisation. L’esprit y est sollicité par la réflexion, mais c’est au spectacle tantôt riant, tantôt imposant de ces campagnes, de ces monts et de ces mers qu’il est sans cesse ramené comme à une source de causes”. (LA BLACHE, 1903, p. 4).

proveniente menos da beleza da expressão que desta evocação à qual o escritor nos faz colaborar. Talvez também ela nasça às vezes da penumbra misteriosa na qual ele nos pede para entrever as origens de ocupação do solo, as profundezas da história ou da pré-história, “as coisas meio-apagadas que escapam hoje e que é necessário apanhar através do longínquo do passado”. (tradução nossa<sup>41</sup>)

A influência neokantiana, de certa maneira, colocou a natureza e o homem sobre um mesmo quadro de observação. E certificou na corrente vidaliana a incorporação de saberes tanto da dimensão física quanto humana em seu método de abordagem regional (GRAU, 1977).

Na dimensão física, além do cruzamento de disciplinas proveniente das ciências naturais, houve ainda a presença de elementos associados ao que chamaríamos de evolucionismo “renovado”<sup>42</sup>, “que contribuía à difusão das metáforas organicistas”<sup>43</sup>,

<sup>41</sup>[original] Segundo Jules Sion (1934, p. 82 – itálico nosso), “Ce qu’il y a de plus personnel dans l’art de Vidal, c’est peut-être cette manière d’appeler au secours de la raison le rêve, la mémoire, la suggestion, bref les puissances de l’inconscient pour créer « le sentiment vrai du pays ». Il parle à notre intelligence, mais en même temps il ouvre notre trésor secret de souvenirs, d’images et c’est de notre propre fond qu’il fait jaillir l’idée « de la contrée ». Toujours Vidal dit bien moins qu’il n’invite à deviner. Sans doute est-ce la source de cette poésie qu’on s’accorde à trouver dans le *Tableau [Tableau de la Géographie de la France (1903)]*. Elle provient moins de la beauté de l’expression que de cette évocation à laquelle l’écrivain nous fait collaborer. Peut-être aussi naît-elle parfois de la pénombre mystérieuse où il nous demande d’entrevoir les origines de l’occupation du sol, les profondeurs de l’histoire ou de la préhistoire, « ces choses à demi-éteintes qui se dérobent aujourd’hui et qu’il faut saisir à travers les lointains du passé »”.

<sup>42</sup>De acordo com Berdoulay e Soubeyran (1991, p. 621 – tradução nossa), “confortada pela empreitada neokantiana, a República nascente faz um grande apelo ao sentido do esforço, do dever, da iniciativa própria a todo indivíduo. Aqui se encontra um terreno favorável para o neo-lamarquismo, que colocava a priori um evolucionismo fundado na adaptação, entendida como um processo ativo da parte do ser vivo. Este, em função de suas necessidades, diante de um meio adverso, procura obstinadamente se adaptar graças a manutenção de um esforço. Motivada pelas adversidades do meio, realizada pelo esforço – ou mesmo pela vontade –, a adaptação é deste modo consagrada pelo hábito. Atribuindo a esta noção um papel essencial na evolução, esta corrente de pensamento se junta àquela derivada de Kant. O hábito aparece como uma noção importante, situada no cruzamento das preocupações quanto às mudanças e quanto à permanência das soluções retidas” / [original] “confortée par la démarche néo-kantienne, la République naissante fait le plus large appel au sens de l’effort, du devoir, de l’initiative propre à tout individu. C’est là un terrain favorable pour le néo-lamarckisme, qui mettait de l’avant un évolutionnisme fondé sur l’adaptation entendue comme un processus actif de la part de l’être vivant. Celui-ci, en fonction de ses besoins, face à un milieu contraignant, cherche obstinément à s’adapter grâce à un effort soutenu. Motivée par la contrainte du milieu, réalisée par l’effort, voire la volonté, l’adaptation est ainsi consacrée par l’habitude. En attribuant à cette notion un rôle essentiel dans l’évolution, ce courant de pensée ne fait que rejoindre celui qui est dérivé de Kant. L’habitude apparaît comme une notion importante située à la croisée des préoccupations pour le changement et pour la permanence des solutions retenues”. (BERDOULAY & SOUBEYRAN, 1991, p. 621)

<sup>43</sup>Passagens encontradas nas obras dos vidalianos: “(...) nos encontramos diante de uma multiplicidade de pequenas comunidades de vilas ou de famílias, de inumeráveis *células* (...)” (VIDAL, 1898, p. 106 – itálico e tradução nossa) / [original] “(...) nous trouvons en face d’une multitude de petites communautés de village et de famille, d’innombrables cellules (...)” (VIDAL, 1898, p. 106); “(...) com exceção a algumas *moléculas* obstinadamente refratárias, tais (...)” (VIDAL, 1922, p. 11 – itálico e tradução nossa) / [original] “(...) à l’exception de quelques molécules obstinément refractaires tels (...)” (VIDAL, 1922, p. 11); “(...) uma das grandes partes da obra humana consiste em manipular as *moléculas* de água, (...)” (BRUNHES & VALLAUX, 1921, p. 22 – itálico e tradução nossa) / [original] “(...) une des grandes parts d l’oeuvre humaine consiste à manier les molécules d’eau, (...)” (BRUNHES & VALLAUX, 1921, p. 22).

(BERDOULAY, 1982, p. 580 – tradução nossa<sup>44</sup>), uma vez que, o “uso de conceitos de plantas e animais era compatível com muito dos argumentos apresentados pelos pragmáticos e neokantianos”. (ENTRIKIN, 1980, p. 48 – tradução nossa<sup>45</sup>)<sup>46</sup>.

Tal influência implicaria na incorporação de uma linguagem “organicista”, a qual compartilharia ao ideário evolucionista, em voga no fim do século XIX, pelos vidalianos-neokantianos, portanto, causando certo impacto<sup>47</sup> tanto na confecção de seus textos quanto no desenvolvimento da ciência geográfica como um todo. (BACHIMON, 1979).

Para Berdoulay (1982, p. 581 - tradução nossa<sup>48</sup>), “a linguagem metafórica (...) e o vocabulário organicista dos geógrafos recobririam uma analogia estruturada com pretensões teóricas e metodológicas”.

Quanto à dimensão humana, os vidalianos-neokantianos recorreram a História para explicar a realidade presente, à medida que, para eles, reviver os acontecimentos históricos contribuía para esclarecer as virtualidades latentes da região em análise, isto é, praticavam por meio de um olhar geográfico uma visão histórica das relações homem-natureza. (CAPEL, 1981; 1983).

Esses geógrafos receberam uma formação consistente em História e estavam sempre preocupados em se capacitarem para realizar seus estudos geográficos. (CHOLLEY, 1942; MEYNIER, 1971).

De acordo com Robert Marconis (1996, p. 61), “todas as grandes Teses da geografia francesa, da época clássica, acordam um grande lugar ao estudo do passado. Certamente, todos os geógrafos desta época haviam recebido uma sólida formação histórica”. Para Vidal<sup>49</sup>

<sup>44</sup>[original] “qui contribuaient à la diffusion des métaphores organicistes ” (BERDOULAY, 1982, p. 580).

<sup>45</sup>[original] Para Entrikin (1980, p. 48) “use of concepts from plants and animal ecology was consistent with many of the arguments of pragmatists and neo-kantians”.

<sup>46</sup>Nicholas ENTRIKIN (1980, p. 44), professor da University of California (Los Angeles/USA), ao estudar o trabalho do sociólogo Robert Park, mais precisamente, suas publicações entre o fim do século XIX e início do século XX, aponta que os artigos de Park revelam sua influência neokantiana oriunda da leitura das obras de geógrafos alemães, franceses e norte-americanos. “Park’s arguments were based on a neo-kantian philosophy of science, similar to such geographers as Hettner, Vidal de la Blache, and Hartshorne, all of whom considered geography to be essentially an idiographic science”. O autor recomenda para aprofundar a discussão da corrente filosófica neo-kantiana nos citados a leitura do texto de MAY, J. A. “Kant’s Concept of Geography”, publicado pela University of Toronto em 1970.

<sup>47</sup>Ver os trabalhos de: LIVINGSTONE, D. N. Natural Theology and Neo-Lamarckism: the changing context of Nineteenth-century Geography in the United States and Great Britain. In: **Annals of the Association of American Geographers**, v. 74, p.9-28, 1984; LIVINGSTONE, D. N. The Geographical tradition. London: Blackwell, 1992; STODDART, D. R. Darwin's impact on geography. In: **Annals of the Association of American Geographers**, v. 56, p. 683-698, 1966.

<sup>48</sup> [original] Para Berdoulay (1982, p. 581) “le langage métaphorique (...) et le vocabulaire organiciste des géographes recouvriraient une analogie structurée à prétentions théoriques et méthodologiques”

<sup>49</sup>Em outros textos, Vidal (1913, p. 298 – 299) especifica ainda mais a importância da História nos estudos de Geografia. “A história e a geografia são anciãs companheiras que por muito tempo caminharam juntas e que, como acontece entre velhas conhecidas, perderam o hábito de discernir as diferenças que as separam. Estou

(1898, p. 98) “uma das razões pelas quais o espírito histórico tem seu papel marcado na geografia é que ele é o único capaz de assinar aos fatos toda sua significação e seu alcance”. (tradução nossa<sup>50</sup>).

Os historiadores que se preocuparam em colocar em relevo as influências geográficas, obedeceram, sobretudo, a este pensamento: que essas influências, muito fortes ou mesmo preponderantes no começo, se enfraqueceram na sequência, ao ponto de se tornarem, para muitos deles, negligenciáveis. Este ponto de vista não poderia ser aquele do geógrafo. Certamente, a emancipação, pela qual o homem se livrou pouco a pouco no julgo das condições locais, é uma das mais instrutivas lições que a história fornece. Mas, civilizado ou selvagem, ativo ou passivo – ou, antes, um e outro ao mesmo tempo – o homem não cessa, nos seus diferentes estados, de ser parte integrante da fisionomia do globo. Pelos estabelecimentos que ele [homem] funda na superfície do solo, pela ação que ele [homem] exerce sobre os rios, sobre as formas mesmas do relevo, sobre a flora, a fauna e todo o equilíbrio do mundo vivo. Eu [La Blache] pertencço à geografia na qual ele [homem] cumpre o papel de causa. Se sua habitação não cobre totalmente o globo, pode-se dizer que em raras regiões, onde ele [homem] não penetre, a ação preponderante que ele [homem] exerce sobre o mundo da vida não deixa, numa certa medida, se fazer sentir. A superabundância da vida animal, que encontra um refúgio em uma parte das regiões polares, é ainda um indicio indireto da sua presença. (LA BLACHE, 1898, p. 99 – tradução nossa<sup>51</sup>).

---

longe de querer perturbar a harmonia desta unidade. É inútil, entretanto, que, continuando a se doarem serviços recíprocos, elas tenham nitidamente consciência das divergências que existem no seu ponto de partida e seus métodos. A geografia é a ciência dos lugares e não aquela dos homens; ela se interessa aos eventos da história conquanto que eles coloquem em obra e em luz, nas regiões nas quais eles se produzem, as propriedades, as virtualidades que sem eles ficariam latentes”. (grifo e tradução nossa) / [original] “L’histoire et la géographie sont d’anciennes compagnes qui ont longtemps cheminé ensemble et qui, comme il arrive entre de vieilles connaissances, ont perdu l’habitude de discerner les différences qui les séparent. Loin de moi l’intention de troubler l’harmonie de ce ménage. Il est utile toutefois que, tout en continuant de se rendre de réciproques services, elles aient nettement conscience des divergences qui existent dans leur point de départ et leurs méthodes. La géographie est la science des lieux et non celle des hommes; elle s’intéresse aux événements de l’histoire en tant qu’ils mettent en oeuvre et en lumière, dans les contrées où ils se produisent, des propriétés, des virtualités qui sans eux seraient restées latentes”. (LA BLACHE, 1913, p. 298 – 299, grifo nosso). A saber, sobre essa passagem Berdoulay (2008), destaca que o trecho “A Geografia é a ciência dos lugares e não aquela dos homens” / “La Géographie est la science des lieux et non celle des hommes” foi mal interpretada entre os geógrafos contemporâneos a La Blache, o acusando de um certo abandono da figura do homem e a valorização da natureza no centro da construção epistemológica da Geografia, assim, as críticas foram aceitas e Vidal publicou, em seguida, no artigo *Sur l’esprit géographique* (1914): “Isso implica que ela [a Geografia] se ocupe dos homens na medida em que eles estão em relação com os lugares, seja que ele deles sofram influências, seja que eles os modifiquem o aspecto. (...) A vida, nas suas diversas manifestações, é essencialmente ligada às obras do homem; e estas se impregnam de todas as influências do clima e do solo”. (LA BLACHE, 1914, p. 558 – tradução nossa) / [original] “Cela implique qu’elle [la Géographie] s’occupe des hommes en tant qu’ils sont en rapport avec les lieux, soit qu’ils en subissent l’influence, soit qu’ils en modifient l’aspect. (...) La vie, dans ses manifestations diverses, est essentiellement liée aux œuvres de l’homme ; et celles-ci s’imprègnent de toutes les influences de climat et de sol”. (LA BLACHE, 1914, p. 558).

<sup>50</sup>[original] De acordo com Robert Marconis (1996, p. 61), “toutes les grandes thèses de géographie française, à l’époque classique, accordent une très large place à l’étude du passé. Certes tous les géographes de cette époque avaient reçu une solide formation historique”. Para Vidal (1898, p. 98) “une des raisons pour lesquelles l’esprit historique a son rôle marqué en géographie, c’est qu’il est le seul capable d’assigner aux faits toute leur signification et leur portée”.

<sup>51</sup>[original] Para La Blache (1998, p. 99) “Les historiens qui se sont préoccupés de mettre en relief les influences géographiques, ont surtout obéi à cette pensée que ces influences, très fortes ou même prépondérantes au début, s’affaiblissaient ensuite, au point de devenir, pour beaucoup d’entre eux, négligeables. Ce point de vue ne saurait

Diante disso, para os vidalianos, o trabalho dos geógrafos deveria se concentrar sobre uma base física, o que lhe conduziram à prática de monografias regionais. Conforme Robert Dickinson (1969, p. 214), “Vidal de La Blache insistiu que a pesquisa geográfica, e certamente, a formação de um geógrafo, poderia concentrar-se no estudo de áreas particulares, pequenas e bastante acessível para aprofundar na relação entre o campo e as pessoas”. (tradução nossa<sup>52</sup>).

Contudo, essa porção da superfície terrestre estudada não poderia ser considerada isolada dos fatores que lhe envolvem, por isso, definiram como unidade básica de análise a região. Para os vidalianos, esses estudos deveriam prestar atenção na dimensão e na escala da ação dos fatores geográficos. Tais não deveriam perder o foco do todo que atua nas partes e nem concluir as partes através do todo, para não recorrerem em generalizações precoces.

Se se deve temer este perigo [generalizações prematuras], é necessário então ter bons métodos de recurso de preservação. Eu não saberia aconselhar algo melhor que a composição de estudos analíticos, de monografias nas quais as relações entre as condições geográficas e os fatos sociais seriam acompanhadas de perto, sobre um campo bem escolhido e restrito. (LA BLACHE, 1902, p. 23 – tradução nossa<sup>53</sup>).

O pensamento vidaliano considerava a realidade monográfica como um conjunto de unidades interdependentes, mas com uma relativa autonomia que lhe permitia afirmar sua individualidade espacial quando concebida em função do enquadramento regional. Logo, Vidal impunha um estilo de trabalho sobre um conjunto de conceitos que estruturava o desenvolvimento de suas pesquisas o que lhe capacitou a orientar estudos das mais diversas regiões francesas. De acordo com Claval (2006, p. 94),

---

être celui du géographe. Assurément l'émancipation par laquelle l'homme s'affranchit peu à peu du joug des conditions locales, est une des leçons les plus instructives que nous donne l'histoire. Mais, civilisé ou sauvage, actif ou passif, ou plutôt toujours en même temps l'un et l'autre, l'homme ne cesse pas dans ses différents états, de faire partie intégrante de la physionomie géographique du globe. Par les établissements qu'il fonde à la surface du sol, par l'action qu'il exerce sur les fleuves, sur les formes mêmes du relief, sur la flore, la faune et tout l'équilibre du monde vivant. J'appartiens à la géographie, où il joue le rôle de cause. Si même son habitabilité ne couvre pas entièrement le globe, on peut dire que dans les rares contrées où il ne pénètre pas, l'action prépondérante qu'il exerce sur le monde de la vie ne laisse pas, dans une certaine mesure de se faire sentir. La surabondance de vie animale qui trouve un refuge dans une partie des régions polaires, est encore un indice indirect de sa présence”.

<sup>52</sup>[original] Conforme Robert Dickinson (1969, p. 214) “Vidal de la Blache insisted that geographical research, and certainly the training of a geographer, should concentrate on the study of particular areas, small and accessible enough for thorough study in the field among the people”.

<sup>53</sup>[original] Para La Blache (1902, p.23) “Si ce péril est à craindre [généralisations prématurées], il faut alors avoir recours en bonne méthode à des préservatifs. Je n'en saurais conseiller de meilleur que la composition d'études analytiques, de monographies où les rapports entre les conditions géographiques et les faits sociaux seraient envisagés de près, sur un champ bien choisi et restreint.”.

a partir de 1890, passa a ser habitual fazer monografias sobre as entidades regionais. Quase todas as teses de Geografia seguem este modelo, desde o início do século XX: o estilo é definido passados poucos anos pelos trabalhos de Albert Demangeon (1872-1940), de Jules Sion (1880-1940) e de Raoul Blanchard (1877-1965).

De modo que a escola francesa de geografia estabeleceu sua problemática na relação entre a sociedade e o meio natural e se encontrou na encruzilhada das ciências naturais e das ciências humanas. Logo, apoiou-se em disciplinas como: geologia, botânica, pedologia, climatologia, meteorologia, hidrografia... , as quais sofreram grandes avanços técnico-científicos ao longo do século XVIII e XIX.

Tal aproximação imprimiu, também, uma abordagem quase literal, descritiva e inventariante das diferentes formas de vida (orgânica, inorgânica e social) visíveis ao meio natural, herança do período naturalista<sup>54</sup>, a qual refletia uma intuição e um senso artístico dos geógrafos. (SION, 1934).

O pensamento evolucionista de Darwin e Lamarck, também, marcou os trabalhos da primeira geração de vidalianos, “essas explicações fornecem à geografia científica, em gestação, um princípio de unidade (o homem e o meio natural), e uma garantia de cientificidade (as ciências naturais)”. (DENEUX, 2006, p. 48 – tradução nossa<sup>55</sup>).

As planícies, as montanhas, as ilhas, as penínsulas se comportaram diferentemente; e é assim que ao longo de tipos demográficos especiais, refletindo a configuração ou o relevo das regiões, puderam se formar. Mas é um princípio de movimento que preside a essas transformações; elas se produzem porque a conquista do espaço pelo homem é um fato em curso. Assim se aplica à geografia humana a teoria darwiniana sobre os efeitos que resultam das migrações dos organismos. Tal qual foi formulada por Moritz Wagner, ela pode se resumir nesses termos: a formação de variedades novas depende não somente da soma de diferenças do meio com os quais os seres emigrantes lutam, mas do grau de isolamento no qual eles se encontram em

---

<sup>54</sup> Por exemplo: André Allix (1914, p. 300 – 301 – tradução nossa), “o lugar e a posição geográfica de Goncelin : ocupando a parte superior de um cone de dejeção torrencial, Goncelin não parece, quanto ao seu lugar, diferir muito das outras aglomerações da margem esquerda. Está no começo, como elas, o ponto de cristalização de uma pequena população agrícola, vivendo do cone de dejeções ele mesmo e de inclinações ao entorno, acampando na parte a menos propícia ao cultivo e a mais fácil a se defender, e elevada assim sobre as inundações perpétuas, do frio e das neblinas do baixo plano ”. / [original] “Le site et la position géographique de Goncelin: Occupant la partie supérieure d'un cône de déjections torrentiel, Goncelin ne semble pas, quant à son site, différer beaucoup des autres agglomérations de la rive gauche. C'est au début, comme elles, le point de cristallisation d'une petite population agricole, vivant du cône de déjections lui-même et des pentes qui l'environnent, se cantonnant dans la partie la moins aisée à cultiver et la plus facile à défendre, et élevée ainsi au-dessus des inondations perpétuelles, du froid et des brouillards de la basse plaine”. (ALLIX, 1914, p. 300 – 301).

<sup>55</sup>[original] De acordo com Deneux (2006, p. 48) “ces explications [la pensée évolutionniste] fournissent à la géographie scientifique en gestation un principe d'unité (l'homme et le milieu naturel), et un garant de scientificité (les sciences naturelles)”.

relação aos seus antigos congêneres. (LA BLACHE, 1903, p. 227-228 – tradução nossa<sup>56</sup>).

À vista disso, as ideias vidalianas que se propagaram durante o século XIX e XX, respondiam a uma inspiração filosófica e científica correspondentes a abordagem neokantiana, movimento no qual retomava as teses centrais de Kant, *naturphilosophie*, introduzidas, na França, por Antonie Augustin Cournot (BERDOULAY, 1983, 2008).

Sobretudo depois da crise de valores ligada à derrota de 1870 diante da Prússia, o neo-kantismo inspira, com efeito, uma grande parte do pensamento francês, tanto nos seus aspectos ideológicos, quando nos científicos. Vidal e sua escola estão, aliás, entre aqueles que disso tiram partido habilmente, a fim de estruturar o discurso possível e suas escolhas epistemológicas. (BERDOULAY & SOUBEYRAN, 1991, p. 620-621 – tradução nossa<sup>57</sup>).

Outras correntes influenciaram a construção do estatuto epistemológico vidaliano, a saber, a espiritualista e a historicista. Todas buscavam romper com a visão mecanicista da natureza e, portanto, da ciência em geral. (BERDOULAY, 2008; CAPEL, 1980, 1983; NICOLAS-OBADIA, 1981).

De acordo com Capel (1983, p. 11 – tradução nossa<sup>58</sup>), “desde o fim do século XIX, Hettner e Vidal de La Blache impulsionam o estudo de Geografia Regional a partir de uma perspectiva neokantiana, espiritualista e historicista, que insiste na singularidade da região e no caráter ideográfico do estudo”. Com isso, percebemos que o pluralismo epistemológico na reflexão intelectual vidaliana afasta a hipótese de “acreditar na existência de um contexto intelectual homogêneo à época” (GOMES, 2010, p. 193). Para Robic (1991, p. 54),

Neste campo da geografia, que se constrói no final do século XIX e que se realiza durante sessenta anos sob a forma da Escola Francesa de Geografia,

---

<sup>56</sup>[original] Segundo La Blache (1903, p. 227 – 228) “Les plaines, les montagnes, les îles, les péninsules se sont comportées différemment; et c'est ainsi qu'à la longue des types démographiques spéciaux, reflétant la configuration ou le relief des contrées, ont pu se former. Mais c'est un principe de mouvement qui préside à ces transformations; elles se produisent parce que la conquête de l'espace par l'homme est un fait en marche. Ainsi s'applique à la géographie humaine la théorie darwinienne sur les effets qui résultent des migrations des organismes. Telle qu'elle a été formulée par Moritz Wagner, elle peut se résumer en ces termes: la formation de variétés nouvelles dépend non seulement de la somme de différences de milieu avec lesquels les êtres émigrants sont aux prises, mais du degré d'isolement dans lequel ils se trouvent par rapport à leurs anciens congénères”.

<sup>57</sup>[original] “Surtout après la crise des valeurs liée à la défaite de 1870 face à la Prusse, le néo-kantisme inspire en effet une grande partie de la pensée française, tant dans ses aspects idéologiques que scientifiques. Vidal et son école sont d'ailleurs parmi ceux qui en tirent habilement parti pour structurer le discours possibiliste et leurs choix épistémologistes”. (BERDOULAY & SOUBEYRAN, 1991, p. 620-621).

<sup>58</sup>[original] Segundo Capel (1983, p. 11), “desde fines de dicho siglo [XIX] Hettner y Vidal de La Blache impulsan el estudio de la geografía regional desde una perspectiva neokantiana, espiritualista e historicista, que insiste en la singularidade de la región y en el carácter ideográfico del estudio”.

poderia bem se ler, através do número de posturas colocadas em obra pelo seu fundador reconhecido, Paul Vidal de la Blache, como tendo desenvolvido uma estratégia epistemológica do mista. (tradução nossa<sup>59</sup>)

Entretanto, “a orientação neokantiana contribuiu, reciprocamente, um esquema geral, conceituador das relações homem-natureza, ao mesmo tempo que um método de aproximação, evitando os perigos metodológicos”. (BERDOULAY, 1983, p. 5 – tradução nossa<sup>60</sup>). Essa posição filosófica, segundo Berdoulay (2008), evitou que os vidalianos recorressem ao determinismo ambiental ou ao possibilismo radical como alternativa metodológica para explicar os fenômenos geográficos.

Para Berdoulay (1983) a corrente neokantiana, em oposição ao positivismo e o empirismo, submetia-se tanto aos fundamentos do convencionalismo<sup>61</sup> quanto a concepção de contingência<sup>62</sup>. Ambas garantiam à geografia vidaliana uma base epistemológica sólida e, por conseguinte, uma coerência e originalidade no debate dos limites do campo científicos entre as disciplinas das ciências humanas, revelando o território no qual a Geografia Francesa alicerçou os fundamentos teórico-metodológicos. “A epistemologia vidaliana permitia à geografia de se afirmar como uma disciplina inteiramente à parte”. (BERDOULAY, 2008, p. 226 – tradução nossa<sup>63</sup>).

O convencionalismo, conforme Berdoulay (2008, p. 204 – tradução nossa<sup>64</sup>) “colocava as diversas ciências sobre um pé de igualdade, pois nenhuma, do fato da pluralidade de métodos, não era reduzível à outra”, qualificou os vidalianos a definirem meios e objetivos próprios para conduzirem as investigações.

<sup>59</sup>[original] Para Robic (1991, p. 54), “Dans ce champ la géographie qui se construit à la fin du XIXe siècle et qui se réalise durant une soixantaine d’années sous la forme de l’Ecole française de géographie pourrait bien se lire, à travers nombre de postures mises en œuvre par son fondateur reconnu, Paul Vidal de la Blache, comme ayant développé une stratégie épistémologique du mixte”.

<sup>60</sup>[original] Segundo Berdoulay (1983, p. 5), “la orientación neokantiana aportó, por el contrario, un esquema general, conceptualizador de las relaciones hombre-naturaleza, al mismo tiempo que un método de aproximación, evitando las trampas metodológicas”.

<sup>61</sup>De acordo com Hilton Japiassu e Danilo Marcondes (1996, p. 55, *grifo do autor*), o “convencionalismo é uma concepção da ciência, elaborada por alguns matemáticos, segundo a qual os princípios de nossos conhecimentos não passam de puras *convenções* das quais podemos *deduzir* enunciados que descrevem o mais economicamente possível a realidade. O importante é que a teoria permitia ‘salvar os fenômenos’. Opondo-se ao empirismo, que faz de uma teoria um simples elo lógico estabelecido entre fatos de observação ou de experiência, sem que a teoria contenha nada mais do que os próprios fatos, o convencionalismo reduz a teoria a uma simples construção útil e arbitrária da razão”.

<sup>62</sup>Segundo Hilton Japiassu e Danilo Marcondes (1996, p. 54), contingência pode ser definida: “**1.** Caráter de tudo aquilo que é concebido como podendo ser ou não ser, ou ser algo diferente do que é. **2.** (...) **3.** Acontecimento do qual não podemos reduzir o aparecimento a um feixe de causalidade; é um acontecimento (como uma emergência) de ocorrência possível mas incerta. **4.** (...)”.

<sup>63</sup>[original] De acordo com Berdoulay (2008, 226), “l’epistemologie vidalienne permettait à la géographie de s’affirmer comme une discipline à part entière”.

<sup>64</sup>[original] Para Berdoulay (2008, p. 204) “mettait les diverses sciences sur un pied d’égalité car aucune, du fait de la pluralité des méthodes, n’était réductible à l’autre”.

Partiram, então, do entendimento do conceito de “unidade terrestre<sup>65</sup>” considerado como o princípio norteador da geografia geral, por “representar o ponto de partida da tradição científica da geografia”. (LA BLACHE, 1898, p. 141 – tradução nossa<sup>66</sup>).

---

<sup>65</sup>Segundo Vidal (1896, p. 129 – 130, *grifo nosso*) “a ideia que a Terra é um todo, cujas as partes são coordenadas, fornece à geografia um princípio de método cuja fecundidade parecia melhor, na medida em que se estende sua aplicação. Se não existe nada isolado no organismo terrestre, se por todos os lados repercutem as leis gerais, de modo que não se possa tocar numa parte sem criar todo um encadeamento de causas e efeitos, a tarefa do geógrafo toma uma característica diferente daquela que às vezes a ele é atribuída. Qualquer que seja a fração da Terra que ele estude, ele não pode ali se fechar. Um elemento geral se introduz em toda pesquisa local. Não existe efeito de região cuja fisionomia não dependa de influências múltiplas e longínquas, cuja origem é importante determinar. Cada região age imediatamente sobre sua vizinha e é influenciada por ela. Mesmo fora de toda relação de vizinhança, a ação cada vez mais reconhecida das leis gerais se traduz pelas afinidades de formas ou de climas que, sem alterar a individualidade própria das regiões, as marca com uma impressão análoga. Essas analogias ou “conformidades”, seguindo a palavra bem conhecida de Bacon, desde que o homem começou a dominar o conjunto dos fenômenos terrestres, foram sinalizadas por sua atenção. Várias podiam não ser senão que aparentes, mas outras são reais; elas são fundamentadas, não em puros encontros exteriores, mas em relações de origem e de causa. Entre estas a aproximação se impõe, posto que cada uma traz a outra seu tributo de explicação; e o geógrafo é levado assim a projetar sobre o assunto que ele estuda toda a luz fornecida pela comparação deste análogos. É dentro deste espírito que são tratadas cada vez mais atualmente as questões geográficas. Não teríamos senão que a escolha de exemplos. Este ponto de vista supõe, seguramente, uma ciência bastante avançada para ser capaz de apanhar o que há de regular nos mecanismos dos agentes físicos, e para seguir sua ação sobre a maior parte, senão sobre a totalidade, do globo. Entretanto, o princípio sobre o qual ele repousa, e que se poderia formular recorrendo à ideia de unidade terrestre, está longe de ser novo na ciência geográfica. Esta ideia aqui se manifesta primeiramente de uma modo que se poderia, com rigor, nomear prematuro, posto que o estado real dos conhecimentos estava longe de o corresponder; ela existe contudo e frutílie, visto que ela vai se retificando e se desenvolvendo pelos progressos da ciência. Existe talvez interesse a se retrair a evolução desta ideia, que não se pode contestar o papel capital na marcha do método geográfico. / [original] “l'idée que la Terre est un tout, dont les parties sont coordonnées, fournit à la géographie un principe de méthode dont la fécondité apparaît mieux, à mesure que s'étend son application. Si rien n'existe isolément dans l'organisme terrestre, si partout se répercutent des lois générales, de sorte que l'on ne puisse toucher à une partie sans soulever tout un enchaînement de causes et d'effets, la tâche du géographe prend un caractère différent de celui qui lui est parfois attribué. Quelle que soit la fraction de la Terre qu'il étudie, il ne peut s'y enfermer. Un élément général s'introduit dans toute recherche locale. Il n'est pas en effet de contrée dont la physionomie ne dépende d'influences multiples et lointaines dont il importe de déterminer le foyer. Chaque contrée agit immédiatement sur sa voisine et est influencée par elle. En dehors même de toute relation de voisinage, l'action de mieux en mieux reconnue de lois générales se traduit par des affinités de formes ou de climats qui, sans altérer l'individualité propre des contrées, les marque d'une empreinte analogue. Ces analogies ou "conformités", suivant le mot bien connu de Bacon dès que l'homme a commencé à dominer l'ensemble des phénomènes terrestres, elles se sont signalées à son attention. Plusieurs pouvaient n'être qu'apparentes, mais d'autres sont réelles; elles sont fondées, non sur de pures rencontres extérieures, mais sur des rapports d'origine et de causes. Entre celles-ci le rapprochement s'impose, puisque chacune apporte à l'autre son tribut d'explication; et le géographe est amené ainsi à projeter sur le sujet qu'il étudie toute la lumière fournie par la comparaison des cas analogues. C'est dans cet esprit que sont traitées de plus en plus de nos jours les questions géographiques. On n'aurait que le choix des exemples. Ce point de vue suppose assurément une science assez avancée pour être en état de saisir ce qu'il y a de régulier dans le mécanisme des agents physiques, et pour en suivre l'action sur la plus grande partie, sinon sur la totalité du globe. Pourtant, le principe sur lequel il repose, et que l'on pourrait formuler en appelant l'idée de l'unité terrestre, est loin d'être nouveau dans la science géographique. Cette idée s'y manifeste d'abord d'une façon qu'on pourrait à la rigueur nommer prématurée, puisque l'état réel des connaissances était loin de lui correspondre; elle existe néanmoins et frutílie, puis elle va se rectifiant et se développant par les progrès mêmes de la science. Il y a peut-être intérêt à retracer l'évolution de cette idée, dont on ne peut guère contester le rôle capital dans la marche de la méthode géographique. (LA BLACHE, 1896, p. 129 – 130, *grifo nosso*)

<sup>66</sup>[original] “représente le point de départ de la tradition scientifique de la géographie”. (VIDAL, 1898, p. 141).

Vidal se referia a esta ideia da unidade terrestre como a um “princípio” fundamental da geografia geral. Ora este termo é precisamente aquele que foi empregado pelos convencionalistas para designar uma convenção importante que escapava ao controle da experiência (um princípio não era nem verdadeiro nem falso), mas que se revelava cômodo na prática científica. (BERDOULAY, 2008, p. 205 – tradução nossa<sup>67</sup>).

Tais eram considerados como ferramentas de análise, isto é, categorias analíticas as quais permitiam “fundar a geografia geral a fazendo participar rapidamente do projeto científico tal qual definido, com todos os limites epistemológicos, pelos convencionalistas”. (BERDOULAY, 2008, p. 205 – tradução nossa<sup>68</sup>).

Por outro lado, a concepção de contingência ajudou os vidalianos a caracterizarem o meio, referindo-se, tanto às circunstâncias físicas quanto às sociais, de forma dinâmica. Este pode ser comparado a uma rede de interações que resultava da interseção de séries causais próprias. “As influências do meio não se revelava a nós senão que através de uma massa de contingentes históricos que as cobria” (LA BLACHE, 1922, p. 8 – tradução nossa<sup>69</sup>)<sup>70</sup>. De modo que os vidalianos, segundo Bauling (1959, p. 324 – tradução nossa<sup>71</sup>), apoiavam-se nesta corrente para “preparar os espíritos a compreender um mundo em movimento onde se enroscam relações cada vez mais complexas”.

Para Berdoulay (2008, p. 212 – 213 – tradução nossa<sup>72</sup>) Vidal,

<sup>67</sup>[original] Conforme Berdoulay (2008, p. 205) “Vidal se référait à cette idée de l’unité terrestre comme à un “principe” fondamentale de la géographie générale. Or ce terme est précisément celui que était employé par les conventionnalistes pour désigner une convention importante qui échappait au contrôle de l’expérience (un principe n’était ni vrai ni faux) mais qui se révélait commode dans la pratique scientifique”.

<sup>68</sup>[original] “fonder la géographie générale la faisant participer d'emblée du projet scientifique tel que défini, avec toutes ses limites épistémologiques, par les conventionnalistes”. (BERDOULAY, 2008, p. 205).

<sup>69</sup>[original] Segundo Vidal (1922, p.8) "Les influences de milieu ne se révélaient à nous qu'à travers une masse de contingences historiques qui les voile".

<sup>70</sup>Outro exemplo de como Vidal (1922, p. 213 – tradução nossa) refletia sobre o termo *contingência*, pode ser acompanhado no trecho a seguir: “Da aproximação e da mistura dos diversos elementos foram formados impérios, religiões, estados; os quais foram empurrados, com mais ou menos rigor, pelo rolo da história, com suas quedas e retornos, suas ações e reações, suas calamidades e bênçãos: todos os contingentes, em uma palavra, que arrastam o jogo das causas humanas. Mas através desses contingentes filtram as influencias geográficas”. / [original] "Du rapprochement et du mélange de ces divers éléments se sont formés des empires, des religions, des états, sur lesquels a possé, avec plus ou moins de rigueur, le rouleau de l'histoire, avec ses chutes et ses retours, ses actions et reactions, ses fleaux et ses bienfaits: toutes les contingences en un mot qu'entraîne le jeu des causes humaines. Mais à travers ces contigents filtrent les influences géographiques". (LA BLACHE, 1922, p. 213).

<sup>71</sup>[original] “préparer les esprits à comprendre un monde mouvant où s'enchevêtrant des relations de plus en plus complexes”. (BAULING, 1959, p. 324).

<sup>72</sup>[original] Para Berdoulay (2008, p. 212 - 213) Vidal, il s'en suivait un modèle particulier de l'explication en géographie. On trouve les mots "cause" et "effet" dans les écrits de Vidal, mais les expressions qui y apparaissent le plus souvent sont "séries de phénomènes" et "enchaînement". L'accent est mis sur les séries causales ou les séquences causales comme outils fondamentaux dans la méthodologie vidalienne. [...] Les vidaliens participèrent donc pleinement au mouvement épistémologique anti-mécaniste qui tirait sa vigueur d'une réflexion sur la contingence.

daí se seguia um modelo particular de explicação em geografia. Encontram-se as palavras “causa” e “efeito” nos escritos de Vidal, mas as expressões que aí aparecem mais frequentemente são “séries de fenômenos” e “encadeamento”. O acento é colocado sobre as séries causais ou as sequências causais como ferramentas fundamentais na metodologia vidaliana. [...] Os vidalianos participaram, portanto, plenamente do movimento epistemológico anti-mecanicista que retirava seu vigor de uma reflexão sobre a contingência.

Contudo, a ciência geográfica “no grupo das ciências naturais às quais ela se prende, sem dúvida, ela tem um lugar”. (LA BLACHE, 1913, p. 19 – tradução nossa<sup>73</sup>). Para diferenciar, das ciências naturais e se afirmar entre as disciplinas das ciências humanas, os geógrafos franceses, liderados por Vidal de La Blache, focaram suas análises na articulação entre os fatos naturais e os fatos sociais, sobre uma perspectiva histórica, ou seja, pela primeira vez, a natureza e a sociedade eram avaliadas no mesmo plano de observação. De acordo com Gomes (2010, p. 198) “Vidal não se restringiu a descrever a realidade, ele também criou categorias, noções gerais interligadas que constituem a própria base de seu discurso teórico”. A atitude contribuiu para que a geografia deixasse de ser um “exercício de memória” e passasse a praticar uma “reflexão particular” das questões que eram exigidas a responder.

Contrariamente à ideia de uma natureza fixa, que formaria o teatro imutável da ação humana, o acento é doravante colocado sobre a relatividade histórica: de um lado, o espaço terrestre tem, ele mesmo, uma dinâmica natural; e, de outro, ele é criação humana contínua pelos limites que as sociedades aí inscrevem, as modificações introduzidas pelas novas técnicas de transporte, o conhecimento mesmo que os homens têm da terra. (LAGEAT, 2008, p. 149 – tradução nossa<sup>74</sup>).

A geografia francesa clássica, portanto, teve ao longo dos anos um discurso amparado por uma epistemologia vidaliana. Vidal de La Blache revela em seus trabalhos uma preocupação teórica-metodológica, mesmo que incipiente, própria para constituir uma “matriz vidaliana” que se encontra discutida tanto em obras de geógrafos contemporâneos quanto posteriores. (COSTA GOMEZ, 1993).

---

<sup>73</sup>[original] “dans le groupe des sciences naturelles auxquelles elle se rattache sans nul doute, elle tient une place part” (LA BLACHE, 1913, p. 19).

<sup>74</sup>[original] “Contrairement à l’idée d’une nature fixe, qui formerait le théâtre immuable de l’action humaine, l’accent est désormais mis sur sa relativité historique : d’une part, l’espace terrestre a lui-même une dynamique naturelle, et, d’autre part, il est création humaine continue par les limites que les sociétés y inscrivent, les modifications introduites par de nouvelles techniques de transport, la connaissance même que les hommes ont de la terre”. (LAGEAT, 2008, p. 149).

### A matriz vidaliana

A “nova geografia” proposta por Vidal de La Blache teve como princípio norteador a relação entre os fatores sociais e naturais. De orientação, mais empírica do que filosófica, tratada com certa preocupação teórica-metodológica, Vidal buscou romper com a tradição anterior de classificações meramente enumerativas.

Apresentou para a “nova” classe de intelectuais um estudo detalhado das regiões, chamado “Monografias regionais”, primeiro, das regiões da França [*Tableau de la Géographie de la France (1903)*], “a obra emblemática da geografia vidaliana”, na qual foi possível, através da publicação, visualizar uma representação territorial, por meio de mapas, imagens e texto, da identidade nacional francesa, “que não existia antes” (ROBIC, 1999, p. 125 – tradução nossa<sup>75</sup>); depois, as regiões do Mundo [*Géographie Universelle (1927 – 1948)*] “como uma exposição monumental das terras e povos do mundo”. (DICKINSON, 1969, p. 210 – tradução nossa<sup>76</sup>), obra que relacionava a diversidade das regiões do globo e as combinações, comuns ou distintas, entre os fenômenos físicos e humanos.

As “Monografias regionais” foram o grande exercício intelectual da época, uma vez que, principalmente, a primeira geração de vidalianos esforçou-se para contemplar as direções sugeridas pelo mestre Vidal. A crítica apresentada, sobretudo, pela Escola de Emille Durkheim consistia na questão se os estudos monográficos tornavam a geografia uma ciência, uma vez que a abordagem monográfica-idiográfica apresentada não estimulava a construção de leis gerais – nomotética (SIMIAND, 1906-1909; BERDOULAY, 2008).

No entanto, a geografia vidaliana não exercitava uma geografia chamada idiográfica cujo objetivo resumia na produção exaustiva de monografias de um determinado lugar ou um determinado país sem levar em conta a complexidade da relação das partes com o todo; e/ou tampouco cometia uma geografia chamada nomotética, cujo objetivo consistia em analisar a superfície terrestre em geral dividida em temas sem prestar a atenção no envolvimento do todo com as suas partes. (DENEUX, 2006).

---

<sup>75</sup>[original] “l’œuvre emblématique de la géographie vidalienne” (...)“qui n’existait guère auparavant” (ROBIC, 1999, p. 125).

<sup>76</sup>[original] “as a monumental exposition of the lands and peoples of the world” (DICKINSON, 1969, p. 210)

**Quadro 09:** Representantes da Geografia Clássica

	AUTOR	ANO	TESE	ELEMENTOS DA ANÁLISE	
				TEMÁTICA GERAL	REGIÃO
Contemporâneos	Lucien Gallois	1890	<i>Les Géographes Allemands de la Renaissance</i>	Cartografia e geografia histórica	Alemanha
	Jean Brunhes	1902	<i>Irrigation: ses conditions géographiques, ses modes et son organization dans la peninsule ibérique et dans l'Afrique du Nord</i>	O sistema de irrigação	Península Ibérica e Africa do Norte
2ª Geração	Emmanuel de Martonne	1902	<i>La Valachie: essai de monographie géographique</i>	O comercio e as paisagens naturais	Valachie
	Albert Demangeon	1905	<i>La Picardie et les régions voisines, Artois-Cambrésis-Beauvaisis</i>	O meio físico como suporte dos limites administrativos	Picardie et les régions voisines
	Raoul Blanchard	1906	<i>La Flandre: étude géographique de la plaine flamande em France, Belgique et Hollande.</i>	As áreas férteis	Flandre
	Camille Vallaux	1907	<i>La Basse-Bretagne: étude de géographie humaine</i>	As populações em áreas primitivas	Basse-Bretagne
	Jules Sion	1909	<i>Les Paysans de la Normandie orientale. Pays de Caux, Bray, Vexin Normand, Vallée de la Seine: étudié géographique</i>	O estudo de economia agrária	Paises da Normandia Oriental
3ª Geração	André Cholley	1923	<i>Les Préalpes de Savoie (Buges et Genevois): étude de géographie régionale</i>	A interpretação científica dos Alpes	Buges et Genevois

Fonte: Dickson (1969)

Org.: COSTA, P. H. F (2013)

Para a geografia humana da escola vidaliana, a região era o único espaço legítimo onde, os geógrafos, encontravam evidências de uma articulação entre o meio e a ação do homem e a partir desse ponto poderiam construir as argumentações sobre o lugar e o mundo. Para Vidal a oposição da sociologia estava na incompreensão que o fenômeno social era projetado através de formas distintas de observação e de escala.

O geógrafo, para ele, tinha uma maneira própria para lidar com a organização social dos agrupamentos humanos. O elemento que o permitia ir à frente das questões levantadas pela sociologia estava no processo de relação que o homem estabelecia com a natureza e que a natureza, por si só, respondia ao homem.

Assim, os vidalianos concebiam a região como uma unidade indissociável entre os elementos naturais e humanos, já que, o viver em sociedade e o seu processo de existir dependiam, não só, mas também do ambiente no qual estava enraizado.

Todos os fenômenos vivos dependem de um meio, mas um meio que evolua e evoluirá sempre. (...) as ciências da observação econômica, morais e sociais devem partir de estudos dos meios, de meios que modificam e reformam sem cesso a vida. (...) A claridade desta iluminação geral das

ciências que toca à vida, e especialmente à vida humana, devem ser abordadas pelos estudos de geografia se referindo ao homem. (BRUNHES, 1912, p. 12 – tradução nossa<sup>77</sup>)

Tal questão levou a reflexão, na defesa entre as demais ciências humanas, de uma personalidade geográfica que estava garantida na unidade e cooperação entre o meio físico e ação do homem, que poderia ser comprovada nas afirmações dos autores nas teses apontadas acima.

Analisando as condições geográficas da vida rural do século XVIII no momento presente, nós vimos que a cada uma dessas épocas corresponde um tipo particular de economia agrária, uma adaptação diferente da atividade humana no meio físico. (SION, 1909, p. 504, grifo e tradução nossa<sup>78</sup>)

Em resumo, a Planice Picarde é um tipo de região geográfica nascida da ação comum do elemento natural e do elemento humano. Seus limites não são obras exclusivas nem da natureza nem do homem; elas não coincidem exatamente nem com a linha de contato de formações geológicas, nem com o traço de divisões administrativas. [...] Num país como a França, antigamente civilizado e habitado, acontece sempre que uma região geográfica se define antes por um conjunto de relações entre o homem e o meio natural; trata-se de um fenômeno no qual esses dois elementos jogam em conjunto o efeito e a causa; trata-se de uma sobre a qual uma simples linha não conseguiria circunscrever; trata-se da superposição, sobre o mesmo território, de certo número de fenômenos dominantes, cuja reunião cria uma fisionomia original; alguns são naturais, como o subsolo, o solo, o relevo, a hidrografia, o clima, e outros são humanos, como a cultura, a propriedade, o trabalho. A originalidade de uma fisionomia geográfica provem portanto de uma síntese de dados da natureza e de dados do homem. (DEMANGEON, 1905, p. 455-456, grifo e tradução nossa<sup>79</sup>).

Se o estudo detalhado de uma província natural, tal qual a Valachie, comporta uma conclusão, parece que se trata de uma interpretação geográfica dos fatos os mais marcantes de sua história e sua evolução

<sup>77</sup>[original] “Tous les phénomènes vivants dépendent d’un milieu mais un milieu qui évolue et évoluera toujours. (...) les sciences d’observation économiques, morales et sociales doivent devenir des études de milieux, de milieux qui modifie et réforme sans cesse la vie. (...) A la clarté de cette illumination générale des sciences qui touchent à la vie, et spécialement à la vie humaine, doivent être abordées par des études de géographie se rapportant à l’homme”. (BRUNHES, 1912, p. 12).

<sup>78</sup>[original] “En analysant les conditions géographiques de la vie rurale au XVIII siècle et au moment présent, nous avons vu qu’à chacune de ces époques correspond un type particulier d’économie agraire, une adaptation différente de l’activité humaine au milieu physique. (SION, 1909, p. 504, grifo nosso).

<sup>79</sup>[original] En résumé, la Plaine Picarde est un type de région géographique, issu de l’action commune de l’élément naturel et de l’élément humain. Ses limites ne sont l’œuvre exclusive ni de la nature ni de l’homme; elles ne coïncident exactement ni avec la ligne de contact de formations géologiques, ni avec le tracé de divisions administratives. [...] Dans un pays comme la France anciennement civilisé et peuplé, il arrive souvent qu’une région géographique se définit plutôt par un ensemble de rapports entre l’homme et le milieu naturel ; c’est un phénomène où ces deux éléments jouent tour à tour le rôle d’effet et de cause ; c’est une zone qu’une simple ligne ne saurait circonscrire ; c’est la superposition, sur le même territoire, d’un certain nombre de phénomènes dominants dont la réunion crée une physionomie originale ; les uns sont naturels comme le sous-sol, le sol, le relief, l’hydrographie, le climat, les autres sont humains comme la culture, la propriété, le travail. L’originalité d’une physionomie géographique provient donc d’une synthèse des données de la nature et des données de l’homme. (DEMANGEON, 1905, p. 455-456, grifo nosso).

econômica; de uma visão mais nítida de suas tendências e de suas relações com os países vizinhos. A individualidade geográfica da Valachie resulta do estudo de seu clima e de sua vegetação, como também de seu relevo, e se manifesta nos esforços, frequentemente coroados com sucesso e definitivamente vitoriosos nos tempos modernos, para se constituir em unidade política. Mas dela não se deve esquecer os contrastes locais que apresentam as diferentes partes e as afinidades naturais que ela teve sempre com certos países vizinhos, pois é aí que se pode encontrar a razão profunda de mais de um fato curioso de sua história. (DE MARTONNE, 1902, p. 339, grifo e tradução nossa<sup>80</sup>).

La Flandre se formou, por assim dizer, a despeito da natureza; é uma obra do trabalho humano. Nada é mais exato. (...) Os habitantes alí tornaram-se numerosos, e forçaram a natureza. Há poucos países onde o aspecto, o valor do solo, o traçado dos cursos de água, seu regime, em uma palavra as condições geográficas, foram similarmente transformadas pelo homem. (...) A marca do homem está em todo lugar; sua presença domina o estudo geográfico do país. (BLANCHARD, 1906, p. 520, grifo e tradução nossa<sup>81</sup>)

Talvez não haja região na França onde a terra seja, como na Baixa-Bretanha, mestra do destino do homem. O isolamento geográfico da península, o isolamento linguístico da raça, as águas paradas ou selvagens sobre o solo impermeável, as rochas compactas e rebeldes ao cultivo, o mar rude e violento sobre uma costa munida de perigos, determinaram com uma inflexibilidade ao menos aparente a maneira como se formou colônia humanas, reduzindo-as a vegetar sobre o local, sem relações como o exterior e quase sem desenvolvimento autônomo, como os seres fixos nos rochedos. (...) Isso não quer dizer que o Baixo-Bretão seja reduzido a uma passividade absoluta. Fez-se, com este ponto de vista, uma lenda cômoda, o representando como um ser incapaz de se virar nas mais baixas necessidades terrestre, desarmado na luta pela existência, idealista de instinto. (VALLAUX, 1907, p. 5, grifo e tradução nossa<sup>82</sup>)

---

<sup>80</sup>[original] “Si l’étude détaillée d’une province naturelle telle que la Valachie comporte une conclusion, il semble bien que ce soit une interprétation géographique des faits les plus saillants de son histoire et de son évolution économique, une vue plus nette de ses tendances et de ses rapports avec les pays voisins. L’individualité géographique de la Valache résulte de l’étude de son climat et de sa végétation, aussi bien que de son relief, et se manifeste dans les efforts, souvent couronnés de succès et définitivement victorieux dans les temps modernes, pour se constituer en unité politique. Mais elle ne doit pas faire oublier les contrastes locaux que présentent ses différentes parties et les affinités naturelles qu’elle a toujours eues avec certains pays voisins, car c’est là qu’on peut trouver la raison profonde de plus d’un fait curieux de son histoire”. (DE MARTONNE, 1902, p. 339, grifo nosso).

<sup>81</sup>[original] “La Flandre s’est formée, pour ainsi dire, malgré la nature ; c’est une œuvre du travail humain. Rien n’est plus exact. (...) Les habitants y vinrent donc nombreux, et forcèrent la nature. Il y a peu de pays où l’aspect, la valeur du sol, le tracé des cours d’eau, leur régime, en un mot les conditions géographiques, aient été pareillement transformées par l’homme. (...) L’empreinte de l’homme est partout; sa présence domine l’étude géographique du pays. (BLANCHARD, 1906, p. 520, grifo nosso).

<sup>82</sup>[original] “Il n’est peut-être pas de pays en France où la terre soit, autant qu’en Basse-Bretagne, maîtresse de la destinée de l’homme. L’isolement géographique de la péninsule, l’isolement linguistique de la race, les eaux stagnantes ou sauvages sur sol imperméable, les roches compactes rebelles au défrichement, la mer âpre et violente sur une côte hérissée de dangers, déterminent avec une inflexibilité tout au moins apparente le sort des colonies humaines, en les réduisant à végéter sur place, sans relations avec l’extérieur et presque sans développement autonome, à la manière des êtres fixes aux rochers. (...) Cela ne veut pas dire que le bas-Breton soit réduit à une passivité absolue. On lui a fait, à ce point de vue, une légende complaisante, en le représentant comme un être incapable de se plier aux basses nécessités de la vie terrestre, désarmé dans la lutte pour l’existence, idéaliste d’instinct. (VALLAUX, 1907, p. 5, grifo nosso).

De modo que, a originalidade do pensamento geográfico francês derivou da síntese entre os acontecimentos observados do quadro físico e as ações do homem em sociedade sobre a região, esta que se encerra na unidade de análise da geografia, ou seja, em seu objeto.

A preocupação dos geógrafos franceses, nesta época, era estudar a ação do homem no meio mais do que o homem pelo homem, ou seja, “a projeção do querer humano sobre a parte superficial da crosta terrestre”. (BRUNHES, 1912, p. 5 – tradução nossa<sup>83</sup>).

Compunha a matriz vidaliana, o gênero discurso descritivo, a orientação de escrita dos textos [primeiro os fatores físicos e depois os humanos], o recurso argumentativo ancorado na História e no ideário evolucionista, todos discutidos anteriormente.

Além disso, era comum entre os membros da escola vidaliana o uso de um vocabulário próprio, logo, algumas ideias eram recorrentes nas obras dos franceses: organismo, habitat, meio, ação humana, paisagem, combinação e gênero de vida, entre outros (GOMES, 2010).

(i) “*Milieu*”

A ideia de Meio encontra-se discutida na obra de diversos geógrafos franceses, seja ele contemporâneo ou da 2<sup>a</sup> ou 3<sup>a</sup> geração de vidalianos. Da categoria Meio, inicia-se o processo de descrever os atributos visíveis [“sua manifestação concreta”] e, a partir daí, compreender a dinâmica da essência dos fenômenos invisíveis [“o movimento”]. (COSTA GOMEZ, 1993). No Meio, o geógrafo expressava sua sensibilidade e conduzia a interpretação da paisagem.

A ideia de meio para Vidal tem a mesma característica sintética e circular. Sintética, porque corresponde à fusão de forças de origens diversas que agem simultaneamente, dando-lhe uma forma. Circular, porque essa forma, que aparece como totalidade (a região, por exemplo), é todavia a reunião de diversos elementos em conexão, ao mesmo tempo causa e efeito uns dos outros. (GOMES, 2010, p. 1999).

O Meio revela duas questões pontuais: (i) a fronteiras da contemplação sobre a paisagem, ou seja, a noção de “olhar geográfico” e seu alcance; e (ii) a “finitude”<sup>84</sup> dos elementos destacados na contemplação. Para Baulig (1959, p. 324 – tradução nossa<sup>85</sup>), “o

<sup>83</sup>[original] “la projection du vouloir humain sur la partie superficielle de écorce terrestre”. (Brunhes, 1912, p. 5).

<sup>84</sup>Finitude, levando em consideração o ponto de vista do observador, mas infinitude caso pensemos na totalidade dos elementos que podem ser observados.

<sup>85</sup>[original] “le géographe se sent tout à fait à l'aise, puisqu'il retrouve la notion familière du « milieu », conçu dynamiquement comme un réseau d'interactions”. (BAULIG, 1959, p. 324).

geógrafo se sente bastante confortável, posto que ele encontra a noção familiar de “meio”, concebido dinamicamente como uma rede de interação”.

A expressão Meio servia para apontar a coexistência entre diversos fatores, sejam eles banais ou complexos, posto em movimento por causas gerais ou específicas, os quais materializavam sobre uma porção da unidade terrestre.

Portanto, a categoria Meio, nas obras dos vidalianos, retrata a preocupação do geógrafo em observar os elementos constitutivos da paisagem. Esta categoria é uma herança dos naturalistas, que dedicavam seu tempo a observar a natureza e a paisagem ou a natureza da paisagem.

É fato que não existia uma visão única sobre a paisagem, no entanto, a fisionomia descrita, apesar de não ser uma leitura idêntica ou fiel a todos, era uma expressão próxima, ou melhor, representava a partir da linguagem escrita ou falada elementos comuns que mantinham o discurso semelhante, independente, do agente relator. Tal terminologia era disseminada entre os membros da escola de geografia francesa clássica.

(ii) “*Genre de vie*”

A noção de gênero de vida, apresentado inicialmente em dois importantes artigos de Vidal, no ano de 1911, correspondia às atividades técnicas habituais de um grupo humano ou de um indivíduo, as quais asseguravam a posse sobre o meio natural e sua sobrevivência. “Um gênero de vida constituído implica uma ação metódica e contínua, entretanto, muito forte, sobre a natureza, ou, por falar em Geografia, sobre a fisionomia dos países”. (LA BLACHE, 1911, p. 194 – tradução nossa<sup>86</sup>). A reflexão de Vidal sobre tal conceito foi possível por conta dos preciosos trabalhos dos etnógrafos, arqueólogos e sociólogos sobre os grupos humanos.

A essência do gênero de vida está no poder criativo do grupo ou do indivíduo [coeficiente cultural] em combinar técnicas para fazer uso das possibilidades que o meio lhe oferece. “Reunião de técnicas, os gêneros de vida são formas ativas de adaptação do grupo humano ao meio geográfico”. (SORRE, 1948, p. 100 – tradução nossa<sup>87</sup>).

Para Vidal (1911), os grupos mais atrasados da humanidade eram os que, em sua organização social, apresentavam um conjunto de instrumentos de exploração, do meio natural, menos complexo, ou seja, o que definia o grau de civilidade e de dominação entre os

<sup>86</sup>[original] Para Vidal (1911, p. 194) “Un genre de vie constitué implique une action méthodique et continue, pourtant très forte, sur la nature, ou, pour parler en géographe, sur la physionomie des contrées”.

<sup>87</sup>[original] “Assemblages de techniques, les genre de vie sont des formes actives d’adaptation du groupe humain au milieu géographique”. (SORRE, 1948, p. 100).

povos era o gênero de vida, para Sorre (1948, p. 108 – tradução nossa<sup>88</sup>) “muitas vezes era descrito o desaparecimento dos grupos indígenas pela impotência de se modificar o seu gênero de vida com a chegada do homem branco”.

Contudo, é bom lembrarmos, que o conhecimento empírico sobre o meio e, portanto, as limitações da ação humana sobre ele, variam conforme as adversidades apresentadas. Assim as especializações técnicas são condicionantes ao lugar da prática, ou seja, o meio físico, a cultura e a matéria prima presente exprimem as variações do gênero de vida.

Nos povos que sofreram a pressão de um meio muito especializado, desértico ou ártico, e cujas características não variam quase nada de ano a ano, a direção impressa pelas influências exteriores não muda: os tipos de vida são sempre orientados da mesma maneira. Existem meios menos caracterizados, margens imprecisas nas quais prevalecem tanto um grupo de condições quanto um outro: assim é a borda das estepes, seja do lado dos climas úmidos, seja do lado do deserto. Em condições marginais, tipos de vidas marginais. Um período de seca prolongada e severa demais transforma o grupo de criadores nômades em uma reunião de coledores, levados ao mais baixo nível de vida pela perda de seu rebanho; transforma o criador sedentário em nômade, ao menos por um tempo. Antes que se tenha começado a lhes trazer alguma facilidade pelos trabalhos de irrigação, os habitantes do Ceará (Nordeste, Brasil) conheciam os efeitos dos períodos sem chuvas. O abandono de vilarejos na borda do deserto de Thar durante as grandes secas é, desde muito tempo, assinalado. (SORRE, 1948, p. 101 – tradução nossa<sup>89</sup>).

A validade do gênero de vida é representada pela eficiência da técnica em retirar do meio os seus proveitos.

Se é verdade que a constituição de um gênero de vida demanda certa estabilidade necessária ao ajustamento dos elementos que o compõem, no seu enraizamento no meio, todas as suas mudanças, mesmo quando elas obedecem a um élan interno, são ligadas a algum grau de atividade de circulação. Esta faz o grupo humano participar de uma vida mais geral, ela

---

<sup>88</sup>[original] para Sorre (1948, p. 108) “on a souvent décrit la disparition de groupes indigènes par impuissance à modifier leur genre de vie à l’arrivée des Blancs”. (SORRE, 1948, p. 108).

<sup>89</sup>[original] “Chez les peuples qui ont soumis la pression d’un milieu très spécialisé, désertique ou arctique, et dont les caractères ne varient guère d’une année à l’autre, la direction imprimée par les influences extérieures ne change pas: les genres de vie sont toujours orientés de la même manière. Il y a des milieux moins caractérisés, des franges où prévalent tantôt un groupe de conditions, tantôt un autre: ainsi la bordure des steppes, soit du côté des climats humides, soit du côté du désert. A conditions marginales, genres de vie marginaux. Une période de sécheresse prolongée et trop sévère transforme le groupe d’éleveurs nomades en un ramassis de cueilleurs ramenés par la perte de leur troupeau au plus bas niveau de vie, transforme l’éleveur sédentaire en nomade, au moins pour un temps. Avant qu’on eût commencé à leur apporter quelque soulagement par des travaux d’irrigation, les habitants du Ceara (Brésil du Nord-est) connaissaient les effets des périodes sans pluies. La désertion des villages à la bordure du désert de Thar durant les grandes sécheresses a été depuis longtemps signalée”. (SORRE, 1948, p. 101).

lhe traz os germes da renovação que vêm fecundar os antigos modos de existência. (SORRE, 1948, p. 193 – tradução nossa<sup>90</sup>).

Enquanto o propósito de sua criação [gênero de vida] satisfaz as necessidades do grupo, o gênero de vida é capaz de sobreviver no mundo que o cerca quando este deixa de ter utilidade. Assim, ou o grupo inova e aperfeiçoa para o momento no qual vive ou está fadado ao fracasso.

Em resumo a geografia francesa clássica, na história da disciplina, avançou e sistematizou um *corpus* teórico-metodológico próprio para realizar a leitura dos fenômenos geográficos, além de contribuir para o desenvolvimento do Estado e aprofundar no debate entre as ciências humanas, defendendo o papel da Geografia frente às demais.

### 2.2.2 O grupo de Geografia Francesa Aplicada

O conhecimento geográfico sempre foi um saber pelo qual o homem fez uso, mesmo que de forma espontânea, para se defender, esconder, orientar, deslocar, organizar... diziam os geógrafos do grupo de Geografia Francesa Aplicada e justificam sua prática instrumental. Neste raciocínio, as grandes navegações marítimas, as conquistas dos territórios pelos Impérios, as estratégias de guerra, a escolha das áreas de plantios e da localização das casas foram ou são atividades, independente da escala, nas quais os princípios de geografia intermediam a ação. De modo que a geografia aplicada sempre acompanhou o desenvolvimento do homem.

Logo, o grupo de Geografia Francesa Aplicada buscou, no pensamento prático, demonstrar e verificar as relações empiricamente estabelecidas. Com este inaugura uma fase na qual a ciência geográfica atua diretamente nos fatores decisivos para o desenvolvimento econômico, político e social de uma região. Para Gottmann (1958, p. 12 – tradução nossa<sup>91</sup>), a geografia “representa o desenvolvimento ao espaço acessível a soluções de atividade humana, para os problemas que estas atividades aumentam, com base em um conhecimento sólido em

---

<sup>90</sup>[original] “S’il est vrai que la constitution d’un genre de vie demande une certaine stabilité nécessaire à l’ajustement des éléments qui le composent, à son enracinement dans le milieu, tous ses changements, même quand ils obéissent à un élan interne, sont liés à quelque degré à l’activité de la circulation. Celle-ci fait participer le groupe humain à une vie plus générale, elle lui apporte des germes ‘de renouvellement qui viennent féconder les anciens modes d’existence’”. (SORRE, 1948, p. 193).

<sup>91</sup>[original] “il s’agit de l’élaboration dans l’espace accessible aux activités humaines de solutions, , pour les problèmes que ces activités soulèvent, basées sur une bonne connaissance des données et des principes de la géographie”. (GOTTMANN, 1958, p. 12).

dados e princípios geográficos”. Nesse momento, a Geografia Aplicada era influenciada pelo pragmatismo francês.

O pragmatismo contém, portanto, de uma só vez um método e uma teoria: um método, que espera resolver facilmente todos os problemas, posto que ele oferece um critério puramente empírico de valor das diversas soluções trazidas; uma teoria que descobre o fundamento da verdade, e indica claramente em quais signos nós podemos reconhecê-la. Ele (o pragmatismo) constitui para a especulação uma atitude econômica, visto que, visando unicamente o interesse do problema, ele elimina um excesso de questões que teriam, até então, enlaçado o espírito humano; ele introduz, enfim, no pensamento, toda a flexibilidade e a fecundidade da atividade da vida. (PALHORIES, 1913, p. 346 – tradução nossa<sup>92</sup>)

Essa nova variante do pensamento geográfico, voltada para fins utilitários, não abandonou o “espírito de síntese” e o método descritivo-crítico, portanto, fazia uso de uma razão instrumental, técnica, para realizar o trabalho. Os geógrafos, tendo como base os fundamentos da escola anterior, viam-se completos para chegar às conclusões, já que, compreendiam o dinamismo dos fatores geográficos sobre uma área. Essa afinidade e sensibilidade em entender a complexidade do mundo depunham a favor para que os geógrafos colocassem o saber em prática, “já que uma ciência puramente acadêmica é uma ciência amputada”. (TRICART, 1958, p. 6 – tradução nossa<sup>93</sup>). Para Monbeig (1961, p. 1225 – 1226 – tradução nossa<sup>94</sup>), a realização dessa nova etapa era recorrente aos estudos anteriores.

os mestres da geografia francesa não podiam ao mesmo tempo forjar um instrumento de trabalho e fingir um experimento; era necessário esperar ser assegurado do seu valor. Seria melhor lembrar que, se os geógrafos podem hoje pretender passar à ação, eles o devem muito ao pensamento de seus precursores.

No entanto, a criação do Centro de Geografia Aplicada de Estrasburgo (França), na década de 1960, constituiu a primeira manifestação oficial de que mudanças estavam acontecendo, já que, a França “atrasou-se quinze anos no campo da planificação regional”.

<sup>92</sup>[original] De acordo com Palhories (1913, p. 346) “Le pragmatisme contient donc, à la fois, une méthode et une théorie : une méthode, qui prétend résoudre facilement tous les problèmes, puisqu'elle offre un critère purement empirique de la valeur des diverses solutions apportées; une théorie qui découvre le fondement de la vérité, et indique clairement à quels signes nous pouvons la reconnaître. Il constitue pour la spéculation une attitude économique, puisque envisageant uniquement l'intérêt du problème, il élimine une foule de questions qui avaient jusqu'ici retenu l'esprit humain; il introduit enfin, dans la pensée, toute la souplesse et la féconde activité de la vie”.

<sup>93</sup>[original] “parce que une science purement académique est une science amputée” (TRICART, 1958, p. 6).

<sup>94</sup>[original] Para Monbeig (1961, p. 1225 – 1226) “les maîtres de la géographie française ne pouvaient en même temps forger un instrument de travail et prétendre l'expérimenter; il fallait attendre d'être assuré de sa valeur. Il serait bon de mieux se souvenir que, si les géographes peuvent aujourd'hui prétendre passer à l'action, ils le doivent largement à la pensée de leurs devanciers”.

Países como a Bélgica, Canadá e o Reino Unido, entre outros, já incorporavam essas discussões entre os governos locais e empregavam geógrafos nas repartições públicas. (TULIPPE, 1956).

Para Raoul Blanchard, já consciente do caráter utilitário da geografia, na década de 1950, declarou no Séminaire de Géographie de l'Université de Liège, ao público que

Vocês [geógrafos belgas] têm sorte: seu Governo os apreciam e empregam. Eu tenho ciúmes, pois não se demanda nada parecido a nós na França, onde o Governo e Administrações nos ignoram. “A Escola Geográfica francesa” é completamente inutilizada, o geógrafo lá é considerado como um artista, da mesma forma que o filósofo. (BLANCHARD apud MEYNIER, 1955, p. 41 – tradução nossa<sup>95</sup>).

No início do século XX os geógrafos franceses “tradicionais” eram desinteressados às aplicações práticas da geografia e investiam na carreira de licenciatura. A geografia perdia espaço no mercado de trabalho e comprometia as gerações posteriores [reflexos sentidos pela geografia brasileira atualmente]. Eram raríssimos aqueles que serviam as esferas públicas ou privadas como geógrafos.

No plano moral, consideremos que o geógrafo, devendo a sua formação à sociedade a que pertence, tem o dever de pôr à disposição desta os conhecimentos e a experiência que ela lhe deu ensejo de adquirir. A sua abstenção não impediria, de resto, uma evolução inevitável. Simplesmente, seriam outros especialistas os convidados a desempenhar o papel que teria podido ser o seu, e as consequências disso são já graves para o futuro da geografia. Os especialistas de outras disciplinas deram-se, com efeito, perfeitamente conta de todo o interesse destas novas colocações que a abstenção dos geógrafos lhe deixava. (PHILIPPONNEAU, 1964, p. 97).

A Geografia Aplicada tem seu maior expoente o francês Michel Philipponneau que pensou a geografia à imagem dos cursos de engenharia e geologia aplicada e defendeu um saber técnico. Para ele as investigações devem ser feitas em função da ação, “o cientista não se limita a tentar explicar o que existe, busca prever as tendências, as probabilidades de transformação, e dar um balanço aos efeitos possíveis das medidas tomadas ou cujas propostas lhe são submetidas”. (PHILIPPONNEAU, 1964, p. 12).

Para Philipponneau (1964; 1981), na segunda metade do século XX, os geógrafos franceses, munidos de uma acumulação de informação sobre o globo [oriunda de um saber

---

<sup>95</sup>[original] “Vous [géographes belges] avez de la chance : votre Gouvernement vous apprécie et vous emploie. Je suis jaloux parce que l'on ne nous demande rien de pareil en France, où Gouvernement et Administrations nous ignorent. “L'École Géographique française” est complètement inutilisée, le géographe y est considéré comme un amuseur au même titre, que le philosophe”. (BLANCHARD apud MEYNIER, 1955, p. 41)

descritivo, narrativo e justaposto], avançaram nas técnicas de fazer pesquisas que o deixaram confiante na possibilidade de praticar o conhecimento adquirido nas investigações.

Esta nova orientação atestava o espírito utilitário que tanto a ciência geográfica quanto seus representantes se dedicaram nessa época. A originalidade estava na possibilidade de utilização prática dos conhecimentos geográficos tanto na esfera física como na esfera humana. A Geografia Aplicada,

trata-se, em seu espírito, de centralizar a análise dos fatos e de relatórios de fatos sobre temas que pudessem contribuir, no menor tempo possível, para a informação dos serviços ou das empresas que têm por tarefa utilizar ou valorizar uma porção do território. Fundaram laboratórios de estudos, fizeram contrato com serviços públicos ou sociedades privadas, empreenderam a formação de especialista ou peritos-geógrafos, organizaram colóquios, até congressos de Geografia Aplicada. (GEORGE, P et al., 1968, p. 13).

Esses “novos” geógrafos foram responsáveis pelas sugestões de soluções às regiões e países atingidos pelas crises econômicas, devido aos conflitos da Primeira e Segunda Guerra Mundial. Logo, garantir a estabilidade econômica aos países afetados, bem como, paz as populações atingidas; propor medidas para que as populações retornem a suas terras; reconstruir o sistema político, corrigir os desequilíbrios regionais entre outros.

O olhar “totalizador”, a capacidade técnica de relacionar “n” variáveis e ainda a facilidade de comparar regiões fez com que o geógrafo se diferenciasse dos demais cientistas sociais, bem como afirmava Vidal (1899, p. 107), sobre a Geografia, “ce qui frappe depuis on peut comparer sur une plus grande échelle les phénomènes de la surface terrestre est la merveilleuse variété de combinaisons ils présentent”.

Para os geógrafos “práticos”, a capacidade técnica aliada à objetividade e justaposta sobre o conhecimento das esferas físicas e humanas permitia ao geógrafo exercer sua função utilitária. (MEYNIER, 1957). De acordo com Philipponneau (1964, p. 115) “O conhecimento do meio natural é tão necessário como o dos mecanismos econômicos para nortear a acomodação da região”.

Nos países de economia socialista, o agenciamento do espaço traduz, no plano geográfico, a preocupação de explorar racionalmente todos os meios de produção. É a transposição espacial das decisões de planificação que efetuam um papel fundamental na economia dependente inteiramente do Estado. Nos países de economia liberal, no nordeste da Europa, particularmente no Reino Unido, a crise de 1929 se manifesta pelas grandes dificuldades sociais nas regiões industriais tradicionais; toma-se então consciência da importância dos problemas de agenciamento regional dos

recursos, de reconversão das atividades. Nos Estados Unidos, com o New Deal, que reage contra o excesso de um liberalismo total, cuja crise mostra os efeitos, a Tennessy Valley Authority colocar em marcha uma obra grandiosa de agenciamento regional e de conservação das riquezas naturais, enquanto os homens de negócio reconhecem a importância das questões de ordem geográfica para a gestão das empresas. Enfim, nos países tropicais, onde domina ainda o regime colonial, as falhas de uma política de colocação em valor, não apoiada numa enquete geográfica prévia, incita o poder a associar os geógrafos à preparação de novos programas e, em alguns países então politicamente independentes, como o Brasil e o México, os governantes tomam consciência da importância dos problemas de agenciamento e confiam seu estudo a geógrafos. (PHILIPPONNEAU, 1981, p. 149 – 150 – tradução nossa<sup>96</sup>)

É, portanto, sobre os problemas de ordenamento territorial que o geógrafo “prático” deve manifestar duas características singulares da ciência geográfica: a aceção da síntese e interpretação do espaço. Ele não tem o interesse de trabalhar sozinho ou se colocar a frente de outros profissionais, o importante para o geógrafo “prático” é a interdisciplinaridade.

Para funcionar como um pivô em uma equipe, o geógrafo “prático”, faz uso de sua base em economia, sociologia, antropologia, geologia, botânica e outra áreas afins, por isso sua facilidade em coordená-las. (PHILIPPONNEAU, 1981)

O geógrafo não aparece como um especialista encarregado de trazer uma documentação precisa sobre um ponto particular; por outro lado, sua formação o designa a interpretar, no plano do planejamento de um meio rural ou urbano de uma região, as contribuições de todas as outras disciplinas. Visto que se trata de detectar as insuficiências ou os desequilíbrios de uma região visando suprimi-los e modificar profundamente a paisagem, de fazer uma nova geografia, é ao geógrafo, acompanhado pelos técnicos, que parece surgir essa meta. (PINCHEMEL, 1952, p. 16 – tradução nossa<sup>97</sup>).

<sup>96</sup>[original] Segundo Philipponneau (1981, p. 149 – 150), “dans les pays d'économie socialiste, l'aménagement de l'espace traduit sur le plan géographique le souci d'exploiter rationnellement tous les moyens de production. C'est la transposition spatiale des décisions planificatrices qui jouent un rôle fondamental dans une économie dépendant entièrement de l'État. Dans les pays d'économie libérale, au nord-ouest de l'Europe, particulièrement au Royaume-Uni, la crise de 1929 se manifeste par de grosses difficultés sociales dans les régions industrielles traditionnelles; on prend alors conscience de l'importance des problèmes d'aménagement régional, d'utilisation rationnelle des ressources, de reconversion d'activités. Aux États-Unis, avec le New Deal, qui réagit contre les excès d'un libéralisme total dont la crise montre les effets, la Tennessy Valley Authority entreprend une œuvre grandiose d'aménagement régional et de conservation des richesses naturelles, tandis que les hommes d'affaires reconnaissent l'importance des questions d'ordre géographique pour la gestion des entreprises. Enfin, dans les pays tropicaux, où domine encore le régime colonial, les échecs d'une politique de mise en valeur ne s'appuyant pas sur une enquête géographique préalable incitent le pouvoir à associer les géographes à la préparation de nouveaux programmes et, dans quelques pays alors politiquement indépendants, comme le Brésil et le Mexique, les gouvernants prennent conscience de l'importance des problèmes d'aménagement et en confient l'étude à des géographes”.

<sup>97</sup>[original] De acordo com Pinchemel (1952, p. 16), “Le géographe n'apparaît pas comme un spécialiste chargé d'apporter une documentation précise sur un point particulier; par contre sa formation le désigne pour interpréter, sur le plan de l'aménagement d'un milieu rural ou urbain, d'une région, les apports de toutes les autres disciplines. Puisqu'il s'agit de déceler les insuffisances ou les déséquilibres d'une région en vue de les supprimer et de modifier profondément le paysage, de faire une nouvelle géographie, c'est bien au géographe, entouré par les techniciens, que semble revenir cette tâche”.

O desenvolvimento da Geografia Aplicada não agradou a todos. Os próprios geógrafos eram contrários a esta mudança de perspectiva, o que comprometeu o desenvolvimento da ciência. Para alguns, a geografia afastar-se da essência de uma “ciência pura” perderia a clareza de seus argumentos. Para outros, a geografia a serviço da sociedade era refém dos interesses do grande capital privado. (MEYNIER, 1957)

Pierre George mostra-se muito crítico em relação à corrente sustentada por Philipponneau (GEORGE, 1961). Trata-se para ele de evitar que a geografia não se coloque a serviço de governos liberais ou reacionários, ou que forneça meios às empresas para novos lucros. (CLAVAL, 2011, p. 260).

Em resposta as críticas E. Julliard (1958) levantou que os métodos de investigação e as teorias explicativas derivariam da mesma objetividade necessária que presidia os trabalhos da escola clássica, assim não escaparia de um estudo de ciência pura. Não era o fato, para o geógrafo, de servir a sociedade que daria a atividade um qualificativo anti-geográfico. O que estava em jogo era o retorno que esta ciência deveria permitir àqueles que realmente necessitavam de soluções práticas [menos elucubrações e mais ações].

Além disso, o geógrafo francês, para conquistar seu espaço, enfrentava a concorrência de outras disciplinas, as quais tratavam com “desprezo os métodos dos geógrafos”, e da mentalidade atrasada tanto da esfera pública [governo] “como dos dirigentes privados da economia”. (MEYNIER, 1957, p. 282 – tradução nossa<sup>98</sup>).

Mas já era mais que tempo de reagir, de mostrar que não se põe o dilema “ciência pura, ciência aplicada”, e que sem um largo desenvolvimento da geografia aplicada, em si mesmo justificado, a geografia francesa correria o risco de desaparecer, fragmentando-se pelas disciplinas vizinhas e deixando-se invadir por elas. (PHILIPPONNEAU, 1964, p. 90).

Porém, numa época em que as preocupações utilitaristas eram soberanas, já que o mundo passava por um processo de reconstrução, a Geografia Aplicada, “on peut donc dire que, lentement mais sûrement, la géographie consacre une part croissante de ses activités aux applications pratiques”. (MEYNIER, 1957, p. 283).

---

<sup>98</sup>[original] “dérision les méthodes des géographes” / “comme des dirigeants privé de l'économie”. (MEYNIER, 1957, p. 282).

## As ferramentas da Geografia Aplicada

(A) A explicação do presente: Para a geografia aplicada os fenômenos geográficos devem ser compreendidos no momento de sua manifestação, cabe ao geógrafo primeiro focar nas consequências à sociedade e depois pensar nas causas que desencadearam tais. Assim o geógrafo “prático” cindiu com a disciplina da história e se aproximou de outras tão úteis quanto para sua formação. “Os utilizadores, precisando resolver imediatamente um problema muito concreto de planejamento do espaço, necessitam de respostas rápidas, precisas, lhes permitindo de tomar uma decisão”. (...) “Se geógrafos não respondem a essas necessidades, outros o farão no seu lugar.” (PHILIPPONNEAU, 1981, p. 157 – tradução nossa<sup>99</sup>).

(B) O saber técnico: O saber técnico introduzia, entre as ciências aplicadas, ferramentas que seriam úteis aos cientistas para que as investigações intervissem na realidade de maneira eficaz. O seu emprego sistemático por meio de questionários e quadros estatísticos indicavam os resultados da pesquisa. Era claro, para os geógrafos “práticos”, que esta servia para melhorar a situação existente e subsidiar as decisões dos “homens de ação” [político e empresários]. No entanto, o geógrafo deve ser polivalente e, para realizar a sua síntese, deveria integrar os trabalhos de numerosos especialistas ao meio geográfico.

(C) Os principais temas: As pesquisas na área de geografia aplicada avançaram nas questões sobre o ordenamento territorial, a planificação regional, o planejamento urbano, os equipamentos turísticos, a proteção do meio ambiente entre outros. Tais temas tinham o objetivo de “buscar a racionalidade, a coerência e a eficácia da utilização do espaço pelo homem”. (TAIEB, 1978, p. 23 – tradução nossa<sup>100</sup>). A preocupação inicial era atrelar os interesses do Estado, constituído tanto por políticas liberais quanto por economias socialistas, com as necessidades da sociedade. Para

---

<sup>99</sup>[original] Para Philipponneau (1981, p. 157), “les utilisateurs ayant à résoudre immédiatement un problème très concret d'aménagement de l'espace ont besoin de réponses rapides, précises, leur permettant de prendre une décision”. O geógrafo, preocupado com o tempo presente, executa seu trabalho como um perito e propõem as soluções de ordem imediata, e apresenta propostas preventivas para que a sociedade não seja lesada novamente. “Si des géographes ne répondent pas à ces besoins, d'autres le feront à leur place”.

<sup>100</sup>[original] “rechercher la rationalité, la cohérence et l'efficacité de l'utilisation de l'espace par l'homme”. (TAIEB, 1978, p. 23)

Pinchemel (1952, p. 15 – tradução nossa<sup>101</sup>) a ideia era “se esforçar a empregar um método global, agindo sobre as causas suscetíveis de favorecer um melhor planejamento do território, evitando ao máximo as intervenções de detalhe contrariando as iniciativas particulares”.

Por fim a Geografia Aplicada mostrou aos geógrafos que a sua participação nas decisões políticas, econômicas e sociais, requeridas por uma esfera pública ou privada, contribuem para mudar o mundo. Para os membros desse grupo, enquanto os geógrafos não acreditarem na possibilidade de empregar seu conhecimento nas instâncias da vida e trabalharem de maneira dispersa, não cooperativa e não colaborativa, a sua profissão estará fadada a desaparecer.

### 2.2.3 A perspectiva francesa da Geografia Ativa

Os trabalhos, da Escola Francesa de Geografia Ativa, tomaram corpo após a 2ª. Guerra Mundial: (i) apresentaram um discurso de renovação, uma aproximação entre a Geografia, as Ciências Sociais e a Economia; (ii) realizaram críticas severas à geografia aplicada; e (iii) defenderam a ciência geográfica como uma ciência humana, sendo as ciências da natureza um suporte para que o geógrafo compreendesse a complexidade que envolve a sociedade.

Para estes geógrafos o estudo de um elemento do quadro natural não era de essência geográfica (se for considerado como um fim em si), uma vez que a sociedade não vive em contato com um fato isolado, mas com todos ao mesmo tempo. Assim, não negligenciavam as contribuições da geologia, hidrologia, climatologia, geomorfologia, no entanto, esforçavam-se para revelar as contradições, à luz dos estudos históricos, que incidiam sobre a sociedade. E estas eram de ordem econômica, social e política. (GEORGE, 1972)

A seguir esta postura, segundo Moraes (2005, p. 124-125), a Geografia Ativa “não rompia, em termos metodológicos, com a análise regional tradicional”. Porém, propunha politizar o discurso geográfico tornando a um “instrumento de ação política”, ou seja, refletir em tom de denúncia contra as ações do modo de produção capitalista. Com fim de introduzir, mesmo que incipiente, os conceitos da abordagem marxista nos estudos de Geografia, esse geógrafos tentaram articular o materialismo histórico à análise regional, refletindo sobre: “a

---

<sup>101</sup>[original] “s'efforcer d'employer une méthode globale, agissant sur les causes susceptibles de favoriser un meilleur aménagement du territoire, en évitant autant que possible les interventions de détail contrariant les initiatives particulières”. (PINCHEMEL, 1952, p. 15).

noção de diversidade das relações de produção e das relações sociais que daí resultam em cada meio geográfico”; “a forma de organização do grupo humano para a exploração dos recursos no meio determina e em condições históricas dadas”(…) “a apropriação privada dos meios de produção em sistema capitalista” (...) “a divisão da sociedade em classes com posses e em classes sem posses” (...) “o desenvolvimento do proletariado”. (GEORGE, 1949, p. 5-6 – tradução nossa<sup>102</sup>).

Ainda que, na esteira dos mestres franceses da geografia clássica, a geografia ativa renovou a forma de explicar a realidade geográfica ao apresentar um discurso ancorado sobre uma perspectiva engajada e crítica, “renovando o gênero graças à sua reflexão e fazendo da geografia uma ciência humana”. (DESHAIES, 2008, p. 306 – tradução nossa<sup>103</sup>).

A geografia só pode ser útil quando não é “aplicada”. Aplicada, passa a integrar-se numa política. Perde suas possibilidades de crítica, permanece *a quo* da decisão. Quando ativa, o quadro muda de figura: estabelece o balanço tanto dos desastres como dos êxitos e das potencialidades; mantém-se distante das posições doutrinárias e fornece elementos para que se possa aquilatar as doutrinas em ação. Conserva o “olhar desapassionado”. Não poupa, nem fraquezas. É temível, perigosa para si mesma e para todos aqueles que se deixam levar por uma complacência que entraria em cena para justificar a realização de suas hipóteses construtivas – incluídos os riscos calculados e os não calculados. (GEORGE, 1972, p. 116)

Para a geografia ativa o presente é instável e por isso as análises geográficas sobre ele devem se prender aos fatos historicamente constituídos [condição que conserva um valor explicativo] e, a partir deste ponto, perceber as diretrizes e as tendências do desenvolvimento, em curto prazo, avaliar seu impacto sobre um meio inerte, a longo prazo, e definir as estratégias para frear os avanços do capitalismo. Para George (1990, p. 232 – tradução nossa<sup>104</sup>) “a geografia torna-se uma consciência e uma tomada de consciência das transformações contemporâneas”.

O debate centralizava-se entre os conceitos: subdesenvolvimento e desenvolvimento. De modo que as preocupações concentravam sobre: o custo do subdesenvolvimento para o mundo (LACOSTE, 1967); as desigualdades regionais (GEORGE, 1965); as diferenças entre

<sup>102</sup>[original] “la notion de diversité des rapports de production et des rapports sociaux qui en résultent dans chaque milieu géographique”/ “la notion de diversité des rapports de production et des rapports sociaux qui en résultent dans chaque milieu géographique”; “a forme d’organisation du groupe humain pour l’exploitation des ressources dans un milieu détermine et dans des conditions historiques données”; “l’appropriation privée des moyens de production en système capitaliste”; “la division de la société en classes possédantes et en classes non-possédants”; “le développement du prolétariat”. (GEORGE, 1949, p. 5-6).

<sup>103</sup>[original] “renouvelle le genre grâce à sa réflexion et en faisant de la géographie une science humaine”. (DESHAIES, 2008, p. 306).

<sup>104</sup>[original] Para George (1990, p. 232) “la géographie devient une conscience et une prise de conscience des transformations contemporaines”.

os países capitalistas/socialistas, subdesenvolvido/desenvolvido no setor industrial (LACOSTE, 1959) e agrícola (GEORGE, 1946, 1962); os aspectos da produção, circulação, distribuição, localização e consumo (GUGLIELMO, 1956); as formas do desenvolvimento urbano (GEORGE, 1953). Para George et al. (1968, p. 45)

a geografia ativa deve, pois, tomar como quadro fundamental de referencia a distinção que existe entre situações de desenvolvimento e situações de subdesenvolvimento. (...) as oposições de regime político e econômico. (...) a diferenciação entre Estados capitalistas e Estados socialistas.

Contudo, o tema desenvolvimento e subdesenvolvimento não eram exclusivos das ciências geográficas. Tornaram-se uma “preocupação”, após a 2ª. Guerra Mundial, primeiro das ciências econômicas, sociais e políticas, e polarizaram as posições, no que tange suas consequências (LACOSTE, 1962).

O subdesenvolvimento é, infelizmente, uma combinação catastrófica, um feixe de distorções e de veículos viciosos, uma imbricação de desequilíbrios, uma gama de caracteres heteróclitos, submetidos a uma evolução acelerada. Os economistas tinham sido preparados para o estudo de tais fenômenos negativos, pela análise de desequilíbrios de uma outra natureza, os da Grande Crise entre as duas guerras. Os sociólogos e os etnólogos abordaram o estudo de conjunto deste drama que é o subdesenvolvimento pelo subterfúgio dos fenômenos de aculturação, que traduzem a deslocação das estruturas econômicas e sociais tradicionais. (GEORGE et al., 1968, p. 46).

Para finalizar pode-se apontar que a Geografia Ativa:

(A) analisa as mudanças do passado e do presente articulando o método histórico [que “consiste em um estudo de diferentes tipos de organização social, elaborados sucessivamente, e de associações desses tipos nas sociedades complexas”] e o método analítico do presente [sendo “uma análise do mundo atual partindo do tipo mais difundido permitirá distinguir as sociedades que o desenvolvimento do Capitalismo transformou pelo interior, estas que sofreram modificações mais ou menos importantes pela sequência da expansão do sistema capitalista”] (GEORGE, 1949, p. 6-7 – tradução nossa<sup>105</sup>);

---

<sup>105</sup>[original] “consiste en une étude des différents types d'organisation sociale, élaborés successivement, et des associations de ces types dans les sociétés complexes” / “une analyse du monde actuel partant du type le plus diffus permettra de distinguer les sociétés que le développement du Capitalisme a transformées par l'intérieur, celles qui ont subi des modifications plus ou moins importantes par suite de l'expansion du système capitaliste”. (GEORGE, 1949, p. 6-7).

(B) analisa as contradições sociais que se projetam em escalas diferentes, ou seja, entre países, entre regiões, entre o meio urbano/rural, industrial/agrário, o mundo subdesenvolvido e desenvolvido, as sociedades capitalistas, pré-capitalistas e socialistas. (GEORGE, 1990);

(C) visa uma geografia do movimento; por meio do diagnóstico percebe as tendências e as perspectivas e sugere as ações preventivas e remediativas para o cenário. (GEORGE et al. 1968). A Geografia Ativa era, em grande medida, “uma geografia de discordância e de desarmonias” (GEORGE et al. 1968, p. 48).

A investigação por meio das cláusulas capitais nos permitiu além de detectar as características discursivas de um período histórico sobre o texto de um personagem contribuiu para visualizar a intertextualidade entre os textos. (SHAW & PECORARI, 2013). Para facilitar o processo investigativo na produção do personagem, montamos o seguinte quadro que sintetiza as características discursivas de cada variante do pensamento geográfico envolvido na trama e que serão operacionalizados sobre a produção científica e geográfica do personagem.

**Quadro 10:** Cláusulas Capitais – Variantes do Pensamento Geográfico na Obra de Milton Santos

		<b>VARIANTES DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO NA OBRA DE MILTON SANTOS</b>		
		<b>GEOGRAFIA CLÁSSICA</b>	<b>GEOGRAFIA APLICADA</b>	<b>GEOGRAFIA ATIVA</b>
<b>CLÁUSULAS CAPITAIS</b>	<b>TERMINOLOGIA</b>	meio, gênero de vida, habitat, paisagem	Ordenamento territorial, planejamento, eficiência	Subdesenvolvimento, Desenvolvimento, desigualdades
	<b>ESTUDOS TÓPICOS</b>	Monografias regionais	Planejamento de uma região	Crítica geográfica ao desenvolvimento e revelações a respeito do “Terceiro Mundo”
	<b>ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA</b>	Expedições a campo	Relatórios Técnicos	Geografia da discordância e de desarmonias
	<b>GÊNERO DISCURSIVO</b>	Descritivismo	Técnico	Contestatório
	<b>RECURSO ARGUMENTATIVO</b>	Retrospectiva histórica, ideário evolucionista	Interesse pelo presente, pensamento pratico	Denuncia, crítica ao modo de produção capitalista

Org.: COSTA, P. H. F (2013)

### 2.3 Unidades Terminológicas

O vocabulário<sup>106</sup> representa, para nós, um conjunto de palavras [unidades terminológicas] capazes de transmitir e, conseqüentemente, validar o conhecimento sobre um determinado assunto, fato ou acontecimento.

O termo não pode definir-se aleatoriamente, ele é constituído de um conceito que lhe fornece um significado. Assim, a “unidade terminológica” concorre para descrever o mundo por meio de definições e, sobretudo, relacionar a realidade a uma forma de expressar o mundo por meio da linguagem do personagem.

Portanto, cada termo do vocabulário emite um conceito que corresponde às características próprias de uma situação, interpretada por seu “personagem<sup>107</sup>”, na qual pode sofrer transformações ao longo de uma trajetória, “qualquer linguagem científica depende dos conhecimentos adquiridos e das questões que quer transmitir para a constituição de seus conceitos e possíveis denominações” (FERREIRA, 2000, p. 25).

Logo, o conteúdo da “unidade terminológica” é a base da comunicação entre o personagem e o mundo, é a sua forma de ver o mundo, sendo este construído em relação com a sua prática social. Ou seja, o mundo significa o conceito e este transmite um significado ao mundo.

É por meio dos termos, operados por conceitos, que comunicamos um saber e formulamos nossos pensamentos sobre o mundo. Tais conceitos carregam os valores e a visão de mundo presente no discurso do “personagem”. Assim, o estudo dos vocabulários contribui para clarificar a ideia de um personagem e permite situá-lo em seu universo constitutivo [momento histórico, situações particulares, conversas paralelas, leituras praticadas] para veicular sua “visão de mundo” a ideia ou o conceito manifestado.

---

<sup>106</sup>Não tivemos a intenção de escrever, no capítulo 4 – A projeção dos conceitos sobre o real: o vocabulário, um inventário linguístico que cumpre as funções de organizar, armazenar e divulgar o conhecimento de um personagem através dos termos encontrados, já que este deve ser orientado à luz de uma metodologia rigorosa que estabeleça uma estrutura coerente. O objetivo foi selecionar as unidades terminológica que se revelam nas seguintes significações específicas: (i) frequentemente aparecem no texto; (ii) produzam impacto na condução da escrita do texto [ou seja provoca o leitor a refletir]; (iii) foram preocupações do autor em conceitualizá-las; (iv) marcam um momento na história do pensamento do autor; (v) foram lapidadas e permanecem em obras mais recentes. Outra ressalva é a diferença entre glossário e vocabulário, de acordo com Barbosa (1996, p. 36), “cumpre, pois, distinguir, um vocabulário de um glossário, por um critério qualitativo-quantitativo básico: o **vocabulário** busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez, “n” discursos manifestados -, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; o **glossário** pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado (no limite, de uma macrotexo) em sua especificidade léxico-semântica e semântico-sintática, numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivas e bem determinadas”. (negrito da autora).

<sup>107</sup>O personagem, no caso, é o agente da fala, autor da ideia, responsável em organizar as palavras para compor o discurso sobre o mundo. Na Tese o personagem é o intelectual Milton Santos.

Para Ferreira (2000, p. 27, *grifo da autora*), “é preciso inserir a terminologia e seu objeto no *período histórico atual*, para que com isso, possamos avaliar sua coerência, sua pertinência, e sua operacionalidade enquanto ciência”. No entanto, há de se ressaltar para o nosso trabalho que foi necessário inserir a unidade terminológica e seu conceito no período histórico que esta foi pensada.

Lembramos que o mesmo termo [unidade terminológica] pode apresentar conceitos diferentes e esta desconformidade está relacionada às interferências externas, seja por um processo no qual o personagem sofre com as mutações presente no mundo, por meio de uma carga de leitura que o personagem tomou contato e desconhecia, por conversas que lhe permitiram rever seu posicionamento sobre determinada coisa ou em outras situações.

Com o objetivo de verificarmos, se as “características seletivas” investigadas na tese estão presentes também no vocabulário do personagem, procedemos à análise da mesma “unidade terminológica”, ou seja, primeiro isolamos o termo no discurso, destituído de sentido e confrontamos as definições postas pelo personagem e, com isso, localizamos as influências presentes no vocabulário e a evolução dos conceitos, ambos, no tempo histórico que o pensamento do personagem está situado.

Para escolhermos a unidade terminológica que será analisada optamos por termos que apresentam uma das seguintes significações específicas: (i) frequentemente aparecem no texto; (ii) produzam impacto na condução da escrita do texto [ou seja provoca o leitor a refletir]; (iii) foram preocupações do autor em conceitualizá-las; (iv) marcam um momento na história do pensamento do autor; (v) foram lapidadas e permanecem em obras mais recentes.

Seja qual for a “unidade terminológica” posta em uma rede conceitual ela deve ser capaz de possibilitar ao interprete traços de **vanguarda**, **universalidade** e **viés geográfico**. Tendo como: (i) **vanguarda**, o ato de influenciar uma geração e romper com as formas do passado; (ii) **universalidade**, a iniciativa de construir um diálogo com outras ciências e outras pessoas; (iii) **viés geográfico**, a busca por uma definição dos limites da Ciência Geográfica e o interesse de acompanhar as mudanças do mundo. Parte-se do pressuposto que os termos não estão isolados, que esses pertencem à mesma área do conhecimento e são oriundas dos trabalhos de um mesmo personagem, tendo com isso um núcleo comum que os relaciona.

Para nós, as definições dos termos podem variar ao longo da trajetória intelectual do personagem e quando isso é alcançado constatamos uma interferência externa que pode ser oriunda das leituras que estão sendo realizadas, dos lugares que estão sendo frequentados e/ou dos diálogos que estão sendo firmados.

Logo, todas as “unidades terminológicas” reunidas formam o universo conceitual e o vocabulário de um personagem. De modo que, podemos verificar nesse universo: a formalização de novos conceitos, a troca de conhecimento entre disciplinas e a unificação de saberes científico. (FERREIRA, 2000).

Tal processo pode revelar uma quebra com o modelo anterior de pensamento e, portanto, dá um novo qualificativo ao termo, no qual definimos, como **vanguarda**. Os conceitos, também, podem estar presentes auxiliando as reflexões de disciplinas afins ou presente em outras obras, o que, para nós, contribuí para assumir a **universalidade** do termo.

Os termos quando empregados por um grupo de pessoas fazem parte de uma lista usual de uma determinada ciência, revelam a existência de uma linguagem comum, no nosso caso, o **viés geográfico** do personagem.

Cumpramos assim observarmos a evolução dos conceitos presentes nas unidades terminológicas manifestadas nas obras do personagem estudado. E apresentar uma lista de unidades terminológica que foram tomando corpo ao longo da trajetória intelectual de Milton Santos.

### 3 CONSIDERAÇÕES

O protótipo metodológico proposto é composto por três unidades de análise [células identitárias, cláusulas capitais, unidades terminológicas] que investiga três materiais que dizem respeito ao personagem [biografia, produção científica/geográfica, vocabulário]. Estas devem ser entendidas de forma conjunta, sendo que o produto de cada parte analisada ajudará a subsidiar a investigação sugerida na Tese: desvelar a Matriz Clássica Originária e afirmar a hipótese anunciada.

Acreditamos que tal protótipo poderá ser operacionalizado em outros personagens e em busca de outras características seletivas. Assim, entre as contribuições desta Tese, a apresentação de um procedimento metodológico para estudar personagens da História do Pensamento Geográfico é o que temos de mais original.

Os próximos capítulos tratarão de mostrar o comportamento de cada unidade de análise sobre o personagem Milton Santos em sua primeira fase: “Jovem Milton Santos”.

## CAPÍTULO 2 O RETRATO BIOGRÁFICO [O JOVEM MILTON SANTOS]: A FORMAÇÃO DE UM INTELLECTUAL ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 E 1960

### 1. INTRODUÇÃO

O conhecimento da vida, o dia-a-dia dos fatos, a cronologia dos momentos de um personagem deixa mais claro a compreensão de suas ideias? A produção intelectual de um personagem carrega elementos de sua vida? O intelectual derrama a sua experiência na concatenação de seus *insights*?

A resposta para estas perguntas depende do modo de conceber o estudo biográfico. Por um lado, há quem afirme que a finalidade da biografia é a de elaborar uma estória de vida capaz de suscitar no leitor reações emotivas, destinadas a comover, a persuadir, a induzir, para modificá-lo segundo um fim, ou seja, cegá-lo a crítica.

Por outro lado, há quem sustente que a biografia, ao reconstruir a vida de um personagem, pode contribuir para a compreensão não só da sua obra, mas de toda a relação que envolvera para a constituição desta. A biografia historiza as ideias e esclarece características-chaves do personagem. (YOUNG, 1988; SODERQVIST, 2007).

Para sublinhar estas características e iluminar significados que explicam o desenvolvimento de toda a obra/vida de um personagem utilizamos como recurso a historiografia, já que, “a historiografia é uma das fontes indispensáveis para compreender o fazer biográfico, na medida em que contempla pesquisa, documentação, interpretação e recursos narrativos”. (VILAS BOAS, 2006, p. 19).

Em nosso texto, a vida do personagem Milton Santos é relatada em sua primeira fase: “Jovem Milton Santos”. Optamos por ele, pela importância de suas contribuições para a Geografia brasileira e pelo período, por conta dos poucos trabalhos que se preocupam com a primeira fase intelectual dele<sup>108</sup>.

A trajetória biográfica do geógrafo Milton Santos é importante que seja conhecida para que se possa refletir sobre a sua produção geográfica e científica, de vez que os marcos biográficos, pessoais, norteiam as atividades e a produção científica, sobretudo no setor das ciências sociais. (ANDRADE, 1996, p. 95)

---

<sup>108</sup>Destacam-se: (a) o livro de SOUZA (1996), que prestou um testemunho à pedagogia cidadã empenhado por Milton Santos nesses anos destinados à Geografia; (b) o artigo de SILVA & SILVA (2004) que aborda o período no qual focamos na nossa tese, contudo não examina miudamente o período, mas é o primeiro a iluminar tais trabalhos fator de originalidade do artigo; e (c) a tese de GRIMM (2012) que apresenta um estudo amplo da trajetória intelectual de Milton Santos entre os mais de 50 anos de dedicação à Geografia.

Em nossa tese, a biografia ajudou a revelar uma continuidade entre obra/vida, já que bruscas mudanças de perspectivas e, até, de estilo de escrita foram dadas pela própria variação no tempo, dos lugares que o personagem frequentava, das pessoas que o personagem se relacionava, e das leituras que realizava. Tanto a sua produção intelectual quanto a sua práxis social sofreram interferências, as quais se destacam conforme o momento vivido pelo personagem.

É necessário reconhecer que muitos fatos da vida de um artista constituem uma contribuição direta e insubstituível para a compreensão da sua arte. As alusões a certos fatos, o uso e o significado de com outros artistas, o significado de certos símbolos e de certas convenções, eis tantos elementos que são perspectivados no seu justo valor e no seu exato alcance quando se conhece, averiguável e documentável também por outra via, a vida do artista, isto é, a sua formação, a sua cultura, o seu tirocínio, os seus contatos com os outros artistas, o ambiente cultural por ele frequentado, e assim por diante. (PAREYSON, 1997, p. 90).

Pode-se pensar, portanto, que vida/obra são dimensões inerentes e necessárias à compreensão de ambas. Contudo, não é o caso de sobrepô-las e, muito menos, descartá-las; o leitor [estudioso] deve saber mediá-la e ao operacionalizar certas categorias e conceitos, de autoria do personagem, ter a sapiência que estas são fruto de um momento pensado e vivido [um momento histórico].

Diante disso não devemos ignorar tudo sobre a vida do personagem e direcionar o olhar somente para a obra ou generalizar uma obra ou mesmo um momento vivido pelo personagem como a marca de sua história. Logo, devemos entender o caminho de uma vida sobre uma relação de permanência e mudanças. Mas para que reconstruir a vida quando se pretende, antes de tudo, alcançar a inteligibilidade de um pensamento (materializado nos conceitos, nas categorias, nas ideias, nos princípios, nas visões de mundo, no discurso)?

Logo, é preciso interpretar e ordenar os fatos da vida do personagem, observados por documentação<sup>109</sup> e depoimentos do próprio personagem<sup>110</sup>, a pretensão de extrair não só a biografia, mas o conjunto de circunstâncias que contribuíram para revelar e caracterizar o pensamento do personagem. Trata-se de destacar as passagens que melhor sirvam para elevar

<sup>109</sup> Os documentos consultados ou fazem parte do acervo de Milton Santos que foi doado ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) ou estão disponíveis no site: <[www.miltonsantos.com.br](http://www.miltonsantos.com.br)>, mantido pela família de Milton Santos.

<sup>110</sup> Á exemplo: SANTOS, M. Entrevista com o professor Milton Santos. In: **Revista GEOSUL**, ano IV, n. 7, p. 170 – 201, 1989; SANTOS, M **Território e Sociedade**: Entrevista com Milton Santos. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000; LEITE, M. A. P. (org.) **Milton Santos** – Encontros. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2007.

a interpretação do pensamento de Santos, os quais foram “criados” para explicar o momento vivido ou o presente falado, já que muitas destas questões tornam-se funcionais em outros tempos e, às vezes, não respondem a angústia do contemporâneo.

Narrar a história de vida do personagem teve como intuito destacar os momentos os quais nos ajudaram a afirmar a hipótese da tese: **O personagem Milton Santos emerge como uma referência de vanguarda, universalidade e com viés geográfico já em sua primeira fase intelectual, a qual denominamos de “Jovem Milton Santos”.**

Nessa tarefa, tivemos o cuidado de selecionar as passagens que melhor exemplificavam essas características seletivas por meio do que nomeamos “células identitárias”. As “células identitárias” seriam, portanto, a unidade de análise que ao percorrer a biografia identificava ações as quais aproximavam sua atitude àquelas buscadas a comprovar na hipótese.

Para isso, as “células identitárias” eram auxiliadas por cinco mediadores, com objetivo de delimitar o que será analisado: (i) ação revolucionária [momentos em que o personagem resistiu a ordem vigente]; (ii) consciência cidadã [nas passagens as quais o personagem revela a importância de transmitir valores para uma vida melhor]; (iii) relações interpessoais [na ocasião em que revelava-se através das convivências], (iv) escala de difusão do pensamento [nas ocasiões que o personagem ampliava o universo dos diálogos], (v) compromisso com a ciência [quando o personagem assumiu para si a Geografia como sua especialidade]<sup>111</sup>, e não perder o foco da investigação.

Tal mecanismo permitiu que correlacionássemos as “características seletivas” com a história de vida do personagem. Para completar, levantamos alguns pontos da conjuntura política, econômica e social da época vivida com a intenção de ilustrar melhor o cenário da trama.

Por exemplo: na trajetória de vida do personagem foi claro perceber os momentos pelos quais ele defende uma visão sobre os fatos ocorridos na Bahia e faz uso do jornal para divulgar tais e emitir sua opinião. A interpretação da passagem se auxiliada por células identitárias, como (A) “escala de difusão” retrata a “característica seletiva”: **universalidade**, uma vez que o personagem publica sua opinião em uma coluna diária no jornal da cidade; (B) “ação revolucionária” aponta a “característica seletiva”: **vanguarda**, já que por meio do jornal apresenta um posicionamento engajado sobre os fatos; (C) “consciência cidadã” afirma a

---

<sup>111</sup>Como visto no capítulo 1

“característica seletiva”: **viés geográfico**, dado que ao interpretar o fato é capaz de transmitir sua opinião e instruir o leitor.

O foco da nossa Tese foi colocar em evidência os momentos que, na nossa interpretação, confluíram “positivamente” para Milton Santos galgar patamares mais elevados e defini-lo como um intelectual de **vanguarda, universalidade** e com **viés geográfico**.

Buscamos, assim, ao reconstruir a biografia darmos conta do discurso do personagem que, seja na escrita ou na fala, dedicou-se tudo de si para afirmar “verdades” sobre o mundo ou sobre ele no mundo.

Milton Santos se entregou descomedidamente à produção de ideias e de um pensamento crítico a fim de explicar o mundo por meio da ciência geográfica o que o torna um intelectual, de **vanguarda, de universalidade** e com **viés geográfico**.

Assim, ao prolongar a leitura de sua trajetória foi possível apreciar a fundo os motivos pelos quais o levaram a ser autor de seu sistema de ideias, provocador da nossa forma de pensar o mundo e contestador de outras maneiras de ver o real, portanto, a biografia contribuiu para compreender o personagem fora de seus textos.

Milton Santos ao teorizar sobre o mundo transforma a conjuntura histórica, política, econômica, social..., isto é, a realidade considerada, em conceitos, categorias, ideias, princípios, visões de mundo e pensamento. Seu discurso ilumina tanto o concreto pensado, a realidade em si, seu ponto vista sobre o mundo quanto revela a pessoa que ele foi.

O interprete não deve renunciar a nenhum dos meios que podem facilitar-lhe a penetração ou aumentar-lhe a compreensão, de modo que recorrerá à biografia até nos casos em que nela procure apenas a confirmação de descobertas já feitas ou a antecipação de descobertas a serem feitas na pura consideração da arte. (PAREYSON, 1997, p. 96).

Tudo isto nos encoraja a defender e a promover a biografia como um recurso de método, afirmando que através da reconstrução e estudo da vida, é possível iluminar as ideias, esclarecer os pensamentos, compreender a visão de mundo, identificar características seletivas e entre tantas outras coisas, de um personagem.

### **1.1 A Biografia como peça de um mosaico metodológico**

O estudo biográfico do Milton Santos surge como um recurso no método de análise cujo propósito foi, primeiro, compreender a vida social do personagem, segundo, o momento

histórico vivido e assim sustentar as hipóteses da tese. Recurso que permite interpretar o ser [personagem] e o mundo através do ser [personagem] no mundo (CANDIDO, 1999).

Tal iniciativa teve como proposta narrar a vida a partir da memória. Esses testemunhos orais, oriundos da lembrança, advêm de um processo de (re)significação de laços do passado exposto ao presente, funcionando como uma linha de sombra que vai delineando os contornos dos fatos individuais à luz dos acontecimentos históricos, enrijecidos pela textura das inspirações intelectuais, as quais o personagem confessa em: livros, depoimentos, discurso, entre tantos documentos.

Contudo, é uma ferramenta arriscada já que pode levar o biógrafo a reduzir o contexto a um cenário estático, secundário, uma relação causa/efeito (ponto!) e não atentar para os elementos que constituem a proposta: análise historiográficas do pensamento do personagem.

Metodologicamente, é um instrumento perigoso e o biógrafo-históriador encontra uma série de obstáculos que podem comprometer o seu trabalho. O risco de simplificação, por exemplo, que consiste em reduzir a situação histórica a acessório, não lhe dando importância devida na configuração dos fatos que tocam na vida do biografado. (CANDIDO, 1999, p. 64).

Logo, a consequência, em geral foi o estabelecimento de um nexos causal, ou melhor, um vínculo direto entre o personagem e os acontecimentos, sem aprofundamentos. O que nos parece um tanto perigoso, já que a relação restringe a análise em afirmações positivas sobre fatos e não os associam em cadeia, ou seja, não colocam um fato desencadeando outro fato, o que pode negligenciar a história de vida ou a história de um pensamento.

O que acontece é que a elevação do indivíduo à objeto ou à causa de situações, que o envolvem, leva, às vezes, a interpretação antropocêntrica, vulgar, sempre disposta a explicar por meio de nexos igualmente simples, focando no homem e não no homem + contexto histórico, esquecendo que os fatos estão entrecruzados a fatos complexos e que o personagem deve ir de protagonista à coadjuvante espontaneamente, o que não ocorre.

Na maioria dos casos, o intérprete ou o biógrafo, prende-se a um ponto e gera uma atitude quase partidária em atribuir sobre o ponto valores de culpa ou mérito, ou melhor, fixam-se em partes da vida, em momentos, às vezes em detalhes tão sórdidos que não representam o todo.

O resultado ruim dessa forma de se manifestar é que o público constrói os rótulos, encobrindo o que o personagem realmente foi. Tal atitude, por nós, é considerada: senso

comum e segundo Candido (1999, p. 64) “o biógrafo escorrega nela [vulgarização] quase insensivelmente, pela tendência a ressaltar o perfil do biografado”. (CANDIDO, 1999, p. 64).

Diante disso, a presente tese, para não escorregar na vulgarização, procurou exprimir da biografia, não só a descrição de uma existência, mas revelar, através de um panorama histórico, as características seletivas investigadas.

A impressão é que o recurso descrito acima colabora para inteirar leitor/personagem a se tornarem próximos e, ao expor fragmentos da vida do personagem aponta o que definimos como **vanguarda, universalidade e viés geográfico**.

Com o intuito de que ao realizar uma leitura crítica da vida do personagem podemos realizar uma leitura do seu pensamento apontando aquelas características seletivas citadas anteriormente.

Contudo, incapaz de escrever um texto neutro, cada biógrafo apreenderá o personagem biografado por meio de sua perspectiva. E, por mais que, o biógrafo busque interferir menos possível, ausentando-se de posições pessoais, e se esforçando para se eximir da narração, a imagem do personagem construído nunca será o retrato idêntico do biografado.

Daí nascem as divergências e as discussões, as querelas intelectuais, as quais não invalidam a iniciativa do trabalho, pelo contrário, contribuem para incitar novas reflexões e posicionamentos. Não há nada de passivo quando a crítica incide sobre o texto ou sobre o personagem, diminuindo ou somando. O processo de escrita é árduo e a leitura do outro é mais dolorosa, seja a leitura da narrativa seja a leitura do personagem para narrativa, já que não leva o universo das dificuldades da construção textual e nem a convivência ou a vivacidade real com o personagem. Toda leitura é um refazer de fatos governado por critérios próprios.

Na verdade tanto o biógrafo quanto o biografado são alvos das interpretações. De qualquer forma, porém, o que deverá estar sempre presente é o respeito entre biógrafo/personagem para sermos honestos com o conjunto (biógrafo/biografado/ sociedade). É essa arte que deverá ser avaliada.

Segundo Vilas Boas (2006, p. 123), o jornalista-biógrafo Alberto Dines após biografar o escritor austríaco Stefan Zweig defende “que não existe biografia definitiva, todas insuficientes. Uma vida – na realidade, a vida – é irreproduzível em todas as suas dimensões”.

Todavia, na biografia, o biógrafo deve se responsabilizar sobre os fatos apresentados. Cabe a ele equilibrar o texto entre um romance documental, não ficcional, e os acontecimentos históricos pertinentes à trama, uma vez que esse gênero narrativo é tanto literário como historiográfico.

Para tantos, a biografia “faz o traço de união entre o romance e a história – sem ter a realidade fantasista de um, nem a erudição rebarbativa do outro” (VIANA FILHO, 1945, p. 12). De acordo com Antônio Candido (1999, p. 63),

O ideal, todavia, é que a biografia possa funcionar de modo válido como conhecimento e interpretação, cabendo indagar se, uma vez estabelecido o equilíbrio ideal entre os dois perigos [vocação histórica/vocação literária], o estudo de uma pessoa eminente pode servir ao mesmo tempo para esclarecer a sua natureza e a sociedade em que viveu.

Isso não significa a inexistência de um rigor científico ou que não partamos de pressupostos teóricos e metodológicos para narrar a espetacularização ou a ruína da vida de um personagem. De fato, chegamos a interpretação através de um longo interrogatório, feito de perguntas bem elaboradas e de respostas bem capturadas.

A seleção dos fatos é operosa, posto que o resultado da seleção necessite apresentar ao leitor elementos significativos, o qual nós denominamos como células identitárias, e que lhe devolvam a compreensão da realidade circunstanciada pela formulação de seus pensamentos.

A biografia busca, não apenas, a interpretação do personagem ou do momento, mas a compreensão tanto do seu papel, da época vivida quanto à atmosfera intelectual que efervescia as ideias. Isto é, trata as circunstâncias de fermentação dos conceitos e categorias através da leitura dramatizada, como recurso narrativo, da vida.

Na Geografia, a variedade de trabalhos, apresentados em eventos de História do Pensamento Geográficos ou publicados nesta área, podem ser colocados sob essa designação, mas de forma rasa, uma vez que são levados a uma superficialidade com limitações de ordem filosóficas ou até mesmo histórica.

Os trabalhos, em sua maioria, não contemplam a essência das dimensões de seu objeto de análise, ou seja, não o dissecam e, muito menos o inter-relacionam. Tais pesquisadores insistem pôr em evidência elementos que o margeia, mas apenas esses. De modo que não apresentam uma preocupação metodológica ou, até mesmo, um suporte teórico. Assim o objeto de análise ou o personagem da trama é simplesmente algo em suspensão fatiado segundo uma linearidade. Poucos são os trabalhos que preocupam com a complexidade da natureza humana do seu personagem.

Ora, a biografia vai desde a enumeração cronológica dos acontecimentos e sua relação com a trajetória de vida de um personagem, como narrado nesta tese, mas com a condição de não se encerrar por aqui; ora em um estudo histórico cujas informações

evidenciadas sobrepõem a própria vida de um personagem ou seu coletivo; ora uma análise crítica de uma escola ou seus alunos na forma de negar e postar outros pressupostos.

Contudo para uma completa história das ideias ou do pensamento de um personagem ainda faltam estudos, infelizmente estes são ocasionais nas universidades brasileiras. Os trabalhos hoje rotulados como biográficos podem ser classificados, ainda<sup>112</sup>, em: (i) simples relação cronológica de fatos relativos a alguém; (ii) trabalhos em que, ao par duma vida, se estuda determinada época; (iii) trabalhos nos quais à descrição duma existência se conjugam apreciações críticas sobre a obra do biografado; (iv) trabalhos em que a narração da vida constitui o objetivo primordial; (VIANA FILHO, 1945).

Na análise biográfica ou na construção textual da biografia precisamos praticar o desapego com o personagem, mesmo que seja impraticável [ou mesmo que na avaliação do leitor nós não conseguimos nos afastar do personagem como evidenciado], mas o esforço é necessário. Deste modo, perder a afeição ao ilustrado contribui para alcançarmos níveis maiores de compreensão, já que laços afetivos podem escamotear peculiaridades importantes na análise. O biógrafo, de um personagem, lida com relações humanas e acaba imerso em seu sujeito e seu mundo.

A individualidade, portanto, é aderente à biografia, dentro da qual se pode procurar conhecer como um ser humano viveu em seu tempo; como uma vida pode influenciar muitas – mesmo a vida do próprio autor, pois nenhum biógrafo respeitável pode permanecer à sombra de seu biografado (vivo ou morto) tanto tempo, pesquisando-o, interpretando-o diariamente, às vezes durante vários anos, e não ser tocado por essa experiência. (VILAS BOAS, 2006, p. 19).

Contudo, devemos evitar os endeusamentos e deixar os acontecimentos falarem sobre a trajetória biográfica do citado a fim de tentar evitar tratar o personagem como um personagem-herói “por meio de superlativos indiscriminatórios, enquanto ainda o interpretam em termos que o aproximam ao máximo do nível do homem comum”. (LOWENTHAL, 1962, p. 115).

Por mais genial que o fosse, vivera, ou vive, entre o caos e a ordem, as euforias e as frustrações, os avanços e as decadências, ambiguidades sujeitas a qualquer ser humano. Logo, a idolatria não o retrata na intimidade, mas o (supra)valoriza e o doutrina. (VILAS BOAS, 2006).

---

<sup>112</sup>Luiz Viana Filho (1945) apresenta uma crítica sobre os caminhos que os estudos biográficos seguiram e estes ainda são presente na nossa literatura.

A leitura da vida de alguém é uma leitura interpretativa e passível de desvio, principalmente, quando este é um indivíduo morto, [possui voz e não fala por si], incapaz de manifestar-se contra ou a favor da narrativa biográfica. No processo de transposição do vivido pelo personagem e a sua reprodução em um texto, há uma série de condicionantes que não estão estampadas textualmente e por isso a narrativa não é o real propriamente dito, mas uma versão do biógrafo sobre a realidade do seu personagem.

É que a vida de qualquer pessoa, trata-se, ou não, duma dessas figuras incorporadas à história, será sempre marcada por soma tal de conflitos íntimos, de ambições, de esperanças e desenganos, que não conseguiremos, no estado atual do conhecimento humano, descobrir com precisão os meandros em que ora terá refugiado inconscientemente, ora se terá propositadamente escondido, para, afinal, se afirmar tal qual a vemos através de dados parciais, e esses mesmos nem sempre exatos. (VIANA FILHO, 1945, p. 54).

A empreitada do biógrafo envolve investigar nas produções publicadas por comentadores, nas entrevistas cedidas aos mais diversos meios de comunicação, nas anotações e dedicatórias dos próprios livros ou ofertados a terceiros entre outras fontes. Estes detalhes que vão definir no personagem, no tempo e no espaço, seu traço mais característico, ou seja, sua personalidade e seu modo de se relacionar com o mundo.

O processo de recolhimento do material ao analisar deve ser lento e cuidadoso para que o pacto referencial, entre o biógrafo-biografado, seja construído frente aos acontecimentos mais representativos para que possam compor uma narrativa significativa.

Deve-se ter claro que a pesquisa não se encerra por, simplesmente, conhecer um personagem e sua vida em episódios, mas por tirar destes momentos as mais sinceras reflexões que permitem que nos inflitremos no universo de contradição e complexidade do qual o personagem esta inserido.

A seleção de mediadores: (i) ação revolucionária [momentos em que o personagem resistiu a ordem vigente]; (ii) consciência cidadã [nas passagens as quais o personagem revela a importância de transmitir valores para uma vida melhor]; (iii) relações interpessoais [na ocasião em que revelava-se através das convivências], (iv) escala de difusão do pensamento [nas ocasiões que o personagem ampliava o universo dos diálogos], (v) compromisso com a ciência [quando o personagem assumiu para si a Geografia como sua especialidade], foi uma estratégia tanto para se apossar do personagem com propriedade, mas também, delimitar o universo da pesquisa.

Mesmo admitindo o texto como um quebra-cabeça arbitrário não podemos negar que ele é um conjunto de acontecimentos que exemplifica a história de vida do personagem. A resultante fina do texto será um retrato iconográfico e o personagem um objeto dilacerado entre seus atos, isto é, sua história de vida como uma linguagem analítica.

O que vale, para os propósitos desta tese, são os acontecimentos que influenciaram o cotidiano do personagem e que o direcionaram como referência de **vanguarda**, **universalidade** e **viés geográfico**.

Para efeito, as passagens que se destacaram foram selecionadas e apresentadas como células identitárias. Estas células forneceram a clareza histórica da vida “geográfica” [só para ilustrar o conjunto de relação em evidência] do personagem. Contudo, por meio das células, o passado do personagem é reconstruído e colocado em fragmentos, mas relacionado ao restante do seu passado. Os fragmentos são a realidade social constituída culturalmente pelo personagem. As células identitárias deixaram mais visível à relação, a partir de uma cronologia da vida, dos momentos que edificaram a imagem do personagem e o constituíram como um intelectual de **vanguarda**, **universalidade** e com **viés geográfico**.

Tentamos tratar a interpretação das células identitárias fora de sua linearidade, mesmo que a apresentação do texto biográfico seja temporal, já que “esta vida organizada como uma história se desdobra segundo uma ordem cronológica”. (BOURDIEU, 1986, p. 69 – tradução nossa<sup>113</sup>). Logo, optamos por colocar as células como um conjunto coerente de elementos que o definem como ser e como ser no mundo: sua ética, seu humanismo, seu senso crítico são fatos não determinados por um só momento, mas por todas as dificuldades, mudanças e amadurecimento que o personagem sofreu ao longo de sua trajetória.

Portanto, os acontecimentos biográficos representativos, isto é, as células identitárias, em nossa leitura, derivaram-se de posições do personagem no espaço social que, na nossa interpretação, o conduziram a ser um intelectual de **vanguarda**, **universalidade** e com **viés geográfico**.

Lembrando que,

os melhores retratos não são os que têm mais tinta, ou os que nos mostram todos os poros duma face, também as melhores biografias não serão as que encerrem maior número de documentos e citações, mas as que, no conjunto, logrem proporcionar-nos nítida e real impressão sobre a vida e a personalidade de um homem. (VIANA FILHO, 1945, p. 82).

---

<sup>113</sup>[original] “cette vie organisée comme une histoire se déroule, selon un ordre chronologique”. (BOURDIEU, 1986, p. 69).

O que há, no entanto, a concluirmos é que nos estudos biográficos serão inevitáveis as divergências entre os que vão realizar a leitura da tese. De forma que a opção em escrevermos a história na sucessão do tempo cronológico foi, também, dar margem para que outros investiguem fatos da história os quais podem vir negar ou ajudar a afirmar a hipótese levantada.

Afinal, divergências positivas e críticas construtivas são necessárias para entoar novas questões e desdobrá-las em novos parágrafos, textos, artigos e trabalhos. Mas tais deverão ser afastadas de qualquer dogmatismo para que o diálogo prevaleça.

Dentre os muitos trabalhos publicados a respeito da biografia do Milton Santos destacam-se, precisamente, a coletânea organizada por Maria Adélia e os artigos de Maria Auxiliadora da Silva e Pedro Vasconcelos<sup>114</sup>, além da, auto biografia<sup>115</sup> encaminhada à Thales de Azevedo.

## 2. O JOVEM MILTON SANTOS

O geógrafo Milton Santo nasceu exatamente no dia três de maio de 1926, na pequena cidade de Brotas de Macaúbas, na Chapada Diamantina. Filho de Adalgisa Umbelina de Almeida Santos e Francisco Irineu dos Santos, ambos foram diplomados no Instituto Central de Educação Isaias Alves (ICEIA), em Salvador.

Seus pais haviam se casado um ano antes de seu nascimento e estavam locados na cidade para praticar a docência. Em virtude da formação profissional de seus pais, professores primários, Milton Santos passou a infância circulando entre os municípios do sul do estado da Bahia, como Brotas de Macaúbas, Ubaitaba e Alcobaça (cidade na qual Milton Santos aprendera as primeiras letras), onde eles lecionavam, na Zona do Cacau.

Os primeiros anos da vida de Milton Santos foram marcados por um cenário político-ideológico de permanente instabilidade, derivada da crise econômica, dos conflitos sociais e das revoltas armadas, entre elas, o combate ao banditismo no largo sertão da Bahia.

quando a República Velha entrava em agonia, confrontada por movimentos renovadores diversos que muitas vezes confluíam e outras conflitavam; eram os tenentes com suas revoltas indefinidas, os comunistas com os olhos

<sup>114</sup>SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. SILVA, F. S. da & SILVA, M. A. da Uma leitura de Milton Santos (1948-1964). In: **Revista GEOSUL**, Florianópolis, v. 19, n. 37, p. 157-189, jan/jun, 2004; VASCONCELOS, P. de A. Milton Santos: geógrafo e cidadão do mundo (1926-2001). In: **Afro-Ásia**, n. 25/26, p. 369-405, 2001.

<sup>115</sup>A carta é um manuscrito sem data. Não se sabe o que motivou a escrita desta carta e, também, não há uma comprovação empírica que esta havia chegado às mãos de Thales de Azevedo, o que levou a dedução é o nome de Thales no fim do documento.

voltados para a Jovem União Soviética, à espera da redenção do proletariado, e os fascistas e fascizantes que encontravam semelhança entre a pregação de Mussolini e a realidade patriarcal brasileira e que confluíam para o integralismo e para o Estado Novo. (ANDRADE, 1996, p. 92).

Os avôs maternos, formados na Escola Normal, eram membros da velha pequena burguesia negra da Bahia e lecionavam para as séries iniciais no Centro Operário de Salvador<sup>116</sup>, uma agremiação fundada em defesa dos operários. Eram pessoas que tinham peso na vida política e social da cidade de Salvador e do estado da Bahia. O avô materno foi prefeito do Município da Glória, enquanto seu bisavô fazia parte da pequena oligarquia negra, sendo proprietário de escravos e, ainda, amigo de Ruy Barbosa. Já os avós paternos, meeiros e lavradores urbanos, bem mais simples, comercializavam a produção hortícola na cidade para a classe média soteropolitana.

Ambas as famílias eram representantes da “classe média” baiana, tinham uma formação intelectual e possuíam pequenas propriedades de terra. Contudo, a família da mãe era mais abastada e vivia entre os pequenos burgueses negros que tinham espaço na sociedade baiana.

Eu me recordo, neste tempo, de minha mãe contando as festas que meus avós costumavam dar - os saraus, as reuniões musicais, literárias, que eram muito comuns em uma classe média que não era abastada, era uma classe média com algumas posses, algumas propriedades, um cotidiano seguro, mas sobretudo com uma base cultural importante. (SANTOS, 1989, p. 172).

Como os pais eram professores primários do governo do estado da Bahia optaram por alfabetizá-lo em casa, cuja obstinação dos pais em educá-lo, Milton Santos jamais deixou de evidenciar. “Naquele tempo havia uma separação nítida entre sertão e litoral, eram duas culturas diferentes. Mas eu tive, em função da origem dos meus pais, uma cultura urbana”. (SANTOS, 2000, p. 73).

Aos oito anos Milton Santos foi matriculado na última série do primário, a fim de obter o diploma. Por ter sido alfabetizado pelos pais em casa destacava-se em relação aos colegas de sala, sendo que na prova de conclusão obteve uma nota distinta do restante. Contudo, não pode cursar o ensino secundário por conta da pouca idade.

---

<sup>116</sup>Que será depois o Sindicato dos Trabalhadores da cidade de Salvador.

Dos oitos anos aos dez anos, idade normal de ingresso, estudara português, álgebra<sup>117</sup>, língua francesa e etiqueta em casa. O fato de Milton Santos dominar a língua francesa desde a infância o ajudaria na leitura dos geógrafos e filósofos franceses, o que marcaria a sua formação intelectual. (GRIMM, 2012).

Contudo, a opção dos pais em ensinar a língua francesa era que tal repercutia entre sua época e o seu meio e caracterizava o *savoir vivre* baiano. Além do mais, era a única língua viva estrangeira ministrada no curso normal e ofertada como aula particular. Contribuiu bastante para que o clima de “belle époque” se consolidasse na Bahia o fato de que o porto fora, ao longo do século XVIII e XIX, porta de entrada das temidas ideias revolucionárias francesas, as quais influenciaram toda uma geração. Não obstante era comum entre os magistrados a fluência em francês, visto que as preferências intelectuais, literárias e científicas, disponíveis no território brasileiro, circulavam no original (AZEVEDO, 1985).

A mãe, mulher extremamente inteligente, bonita, com enorme vocação para a organização material da vida. O pai, mais contemplativo, seduzido pela atividade intelectual. Estes foram, sem dúvida, os ingredientes para uma harmonia muito grande na família Santos. (SOUZA, 1996, p. 28).

A sociedade brasileira, entre as décadas de 1930 e 1950, ainda era marcada por preconceitos de cor e comportamentos racistas. A fim de confrontar essa atitude hostil levada por um determinado grupo social, os pais de Milton Santos o educaram sobre um sistema, sem distinção de classe, cor ou gênero, ou seja, combatiam a submissão da ordem e defendiam que o caminho para a prosperidade era a educação.

Para Souza (1996, p. 28), “o seu traço branco”, sua *branquitude*, manifesta-se no uso da palavra ou na exposição da ideia ou na maneira de colocar suas reflexões em movimento, tudo a partir da influência da forma pelo qual foi orientado pelos pais. “Em minha casa me ensinaram a olhar para frente” (SANTOS, 1997, p.4)

Em 1936, com dez anos, tornou-se interno em um colégio em Salvador, “porque a Bahia só tinha ginásio em oito ou nove localidades” (SANTOS, 2000, p. 74), após ficar em primeiro lugar no exame de admissão.

Neste educandário, o pai havia lecionado antes de ir morar no interior. Iniciou, então, o ginásio no Instituto Baiano de Ensino (IBE), uma escola de classe média, onde além de

---

<sup>117</sup>De tal forma que durante o ginásio ajudara os companheiros em Matemática.

estudar, morava com os colegas que, assim como ele, tinham a família residindo em outras cidades; para Milton Santos, esse foi seu primeiro exílio<sup>118</sup>.

O IBE era considerado uma instituição laica e respeitada por conta de seu corpo docente. Os professores lecionavam nas universidades locais, entre os principais cursos de Medicina, Engenharia e Direito. Da escola, os alunos já saíam formados bacharel em Ciências e Letras.

O Brasil nesse ano encontra-se sob uma atmosfera de instabilidade política. A fraqueza das instituições liberal-democráticas representativas, após a Lei de Segurança Nacional e o anúncio do Estado de Guerra corroboraram para o golpe de Estado, personalizado no então presidente Getúlio Vargas.

A constituição de um regime político ditatorial republicano-nacional-unitário-autoritário submeteu o país a rigorosas censuras e forçou o exílio de personalidades políticas e intelectuais para não serem presos no território. (TAVARES, 2001).

No 2º ano, orientado pelo Professor Hugo Balthazar da Silveira, diretor do IBE, fundou o jornal “O Pharol”, por meio do qual “provocava” o debate literário por meio de seus comentários e, ainda, publicava pequenos ensaios ou parágrafos de Castro Alves, Rui Barbosa, Gilberto Freyre, Machado de Assis e Eça de Queiroz, com o intuito de estimular a leitura, além de fatos cotidianos da vida escolar.

Por mais que fossem incinerados, no pátio da Escola de Aprendizes de Marinheiro, em novembro de 1937, livros aprendidos em livrarias da cidade do Salvador e nas Bibliotecas Públicas e sentenciados como subversivos a ordem, a saber: romances de José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado entre outros (TAVARES, 2001).

Milton Santos e sua turma não se preocupavam com as consequências que, a formulação do jornal, poderiam incidir sobre o grupo, já que viviam sobre uma repressão “mascarada”. O periódico era escrito a mão e logo se esgotava entre os colegas.

No 3º ano, Milton Santos articulou com os amigos próximos e, juntos, (re)organizaram o Grêmio Estudantil cuja função dada era cuidar de sua administração. Nesse tempo, já apresentava interesse no movimento estudantil e mantinha contato com outros grêmios e com a Associação dos Estudantes da Bahia (A.E.B).

---

<sup>118</sup>No livro “**Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos**”(2000), José Corrêa Leite, pergunta ao Milton Santos, *Porque o senhor diz que foi o seu primeiro exílio?*, Milton Santos, responde, “Porque eu fui com 10 anos. Ao mesmo tempo que fui obrigado a aprender a por uma meia nos pés – o que não sabia fazer -, fui extraído da família. Era, então, um exílio. Acho que isso foi muito importante, me fez alguém menos prisioneiro da família, mas me deu a dimensão do isolamento, da solidão, da necessidade de organizar o presente e um pouquinho, pelo menos, o futuro. Creio que só hoje reconheço a importância dessa necessidade de viver, até certo ponto, autonomamente” (p. 74).

Fundou, também, o jornal “O Luzeiro<sup>119</sup>”, ao final do curso ginásial, a fim de publicar romances escritos por colegas, contos e poemas de iniciantes e a literatura de cordel. A impressão era custeada por contribuições dos alunos, dos professores, dos comerciantes e das festas que organizava nas salas do IBE com a participação da Banda do Corpo de Bombeiros. (SILVEIRA, 1996). Milton Santos, desde as séries iniciais, mantinha ativa sua vida cultural e intelectual como um traço básico característico.

Os professores de Geografia Oscar Hilário e Oswaldo Imbassahy, percebendo o interesse de Milton Santos para com a disciplina, indicaram a leitura de Josué de Castro, “Ensaio de Geografia Humana”, e alguns livros sobre a Geografia Clássica.

Dentre os últimos, fora-lhe indicado a obra “La Terre et l’évolution humaine”, editada 1922, do historiador Lucien Febvre, que apontava, naquele momento, a existência de duas “escolas geográficas” de perspectivas diferentes. A primeira de origem alemã, estruturada por Ratzel e considerada “determinista” pelo autor e a outra, em contraposição, francesa, representada por Vidal de La Blache e “possibilista”. De sorte que,

a confluência de um professor importante, de um livro importante, as explicações do mundo, de como a sociedade se relacionava com o meio, a teoria do possibilismo, determinismo, tudo isso a gente aprendia no segundo, terceiro ano de ginásio. Era ao mesmo tempo um debate filosófico sobre o destino do homem, a presença do homem na Terra e o seu destino, e a história do mundo se fazendo através da produção do espaço geográfico. (SANTOS, 1998, p. 22)

Contudo, através dos incentivos dos docentes, dos debates provocados, das reflexões alcançadas, das leituras realizadas, Milton Santos se aprofundou na disciplina e, desde o colegial, já assinalava uma inclinação para ser geógrafo.

Aos quinze anos, já na década de 1940, quando deixou o ginásio, retornou ao IBE para lecionar Geografia aos primeiros anos. Conformado com a carreira de advogado, pelo fato de que a Escola Politécnica de Salvador não admitia negros, renuncia aos estudos de Matemática e começa a se interessar pela Geografia.

Conforme Santos (1989, p. 120), “então, como eu ia estudar Direito, decidi que a Matemática não tinha mais cabimento e passei a estudar Geografia e, logo que deixei o ginásio, com quinze anos, eu comecei a ensinar Geografia”. Na ocasião, ministrava aulas de Geografia Humana, explicando aos alunos “os novos rumos das relações políticas que a guerra vinha determinando no planeta”.

---

<sup>119</sup>Na carta direcionada a Thales de Azevedo, Milton Santos afirma a validade das publicações estudantis como “vida efêmera”. (SANTOS, sem data, p. 4).

Outros intelectuais geógrafos, como Aroldo de Azevedo e Manuel Correia de Andrade, também se formaram em Direito, e cursaram o Curso Complementar ou Preparatório, antes de exercerem a profissão de geógrafos; ou Teodoro Sampaio, que apesar de ser formado em Engenharia, escreveu sobre o rio São Francisco e a chapada Diamantina, a cidade de Salvador, além do Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil e o Atlas dos Estados Unidos do Brasil (AMORIM FILHO, 2000; SANTOS, 1989). Segundo Santos (1989, p. 121),

as Faculdades de Letras e Filosofia estavam apenas começando e na maior parte do Brasil, eram muito mais débeis do que são hoje, e naquele tempo muito menos aparelhadas do ponto de vista do corpo docente do que as Faculdades de Direito. Então, a Faculdade de Direito era o lugar da formação geral, inclusive porque o Direito não era ministrado como algo técnico; o Direito era ensinado juntamente com Economia Política (pode-se chamar assim) - não era ensinada a Economia como hoje se ensina, mas Economia Política que obrigatoriamente ensinada na Faculdade de Direito, juntamente com Sociologia Jurídica, Teoria do Estado, Direito Constitucional que eram dados no sentido de propiciar uma formação em Ciência Política, em Finanças, etc

Antes de ingressar na Universidade Federal da Bahia, na Faculdade de Direito, frequenta o Curso Complementar ou Preparatório. Nele, aprofunda-se nas seguintes disciplinas: História da Filosofia, História da Literatura Mundial, História do Pensamento Econômico e Político, Geografia Humana, Português e Latim.

O curso foi obrigatório para os alunos interessados em obter o título de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Segundo Milton Santos (1989, p. 121), “isto dava uma base em humanidades que nenhum outro curso oferecia”.

Paralelamente, a Bahia vivia um momento de mudanças e reivindicações emblemáticas das entidades da sociedade civil e o povo. Em consequência, no mês de agosto de 1942, após a notícia do torpedeamento de navios mercantes brasileiros, em águas territoriais (na altura dos litorais de Sergipe e Bahia), por submarinos alemães, diversas organizações políticas, que antes estavam na ilegalidade ou em processo de formação, sob uma ação coordenada, com militares e personalidades baianas, realizaram passeatas e comícios na cidade do Salvador e, lançaram a campanha baiana pela intervenção do Brasil na segunda Guerra Mundial. Populares de diferentes categorias, políticos, intelectuais e militares saíram para as ruas do centro da cidade exigindo uma resposta do governo a afronta militar germânica<sup>120</sup>.

---

<sup>120</sup>De acordo com Tavares (2001, p. 430), “nesses dias de agosto de 1942 começaram a se formar na cidade do Salvador organizações que tiveram grande atuação na campanha pela participação do Brasil na guerra: União da

Ainda nesse ano, Milton Santos e seus colegas, encorajados pelas manifestações solidárias dos estudantes da “União Nacional dos Estudantes” (UNE) e outras organizações contra o nazi-nipo-fascismo, e, principalmente, em represália<sup>121</sup> a atitude da A.E.B., que não dava voz aos secundaristas, iniciam na vida política. É de um período de efervescência intelectual. É também, nessa fase que Milton tem uma grande decepção na juventude, e a segunda frustração por ser negro.

eu convoquei o Congresso Brasileiro de Estudantes Secundários e se formou a chapa para a presidência da entidade, Mario Alves, mais velho que eu, e outros, recusaram-me a possibilidade de eu ser o presidente alegando, para fazer um acordo com a Igreja, que um negro teria dificuldades para conversar com as potências da política e da sociedade, e aquilo me chateou. (SANTOS, 1989, p. 126).

Apesar da decepção, a chapa é eleita e aceitam-no como vice. No mandato, em 1943, inicia as investidas pelo interior da Bahia, a fim de levantar fundo para a construção do mausoléu do poeta Castro Alves.

A campanha, iniciada pela “Ala das Letras e das Artes”<sup>122</sup> do estado da Bahia, despertou enorme entusiasmo e interesse em todo Brasil, o que levou os principais jornais a publicarem a favor do ato e, assim, receberam donativos de diversos lugares e instituições.

Além disso, os representantes da gestão vencedora viajaram por vários municípios brasileiros orientando os jovens secundaristas a fundarem seus núcleos estudantis e os convocaram para o congresso nacional da classe. O evento ocorreria em Salvador, no mês de setembro do presente ano, e Milton Santos foi coordenador geral.

Em 1944, após um vestibular concorrido, na Faculdade de Direito, participou do movimento estudantil local: no primeiro ano fora convocado a compor o Conselho Fiscal do Centro Acadêmico; no segundo ano participou como 1º Secretário; no 3º e 4º dedicara à União dos Estudantes da Bahia.

Assim, militou a favor da redemocratização do país e contra a ditadura de Getúlio Vargas. Milton Santos não se considerava membro do Partido Comunista ou militante de

---

Bahia pela Defesa Nacional, Comissão Central Estudantil pela Defesa Nacional e Pró-Aliados, Legião de Médicos pela Vitória, Sociedade dos Amigos da América e outras”.

<sup>121</sup>Em 1942, quando se convocará o Conselho Estadual dos Estudantes, Milton Santos não concordou com as prerrogativas dadas aos estudantes secundários dentro da A.E.B, os quais ficariam subalternos aos seus colegas universitários, vez que constituiriam, apenas, um departamento dentro daquele órgão. Com a colaboração de seus companheiros e a despeito da oposição de muitos, juntos levantaram a classe no sentido de exigir igualdade de representação e mando, dentro da A.E.B, sem serem atendidos, dividiram a entidade em União dos Estudantes da Bahia (composto por universitários) e a Associação dos Estudantes Secundários da Bahia. (SANTOS, sem data, p. 5).

<sup>122</sup>Grupo literário de Salvador.

esquerda<sup>123</sup>. Contudo, os companheiros Fernando Santana, João Falcão, Jacob Gorender, Mario Alves entre outros, filiados a partidos políticos, organizaram os palanques ao lado de Milton e seus colegas, apartidários, em defesa de um Estado livre.

O discurso ético moral sobre o Brasil e o Mundo e, principalmente, nesta época sobre a anistia era capaz de mobilizar e entusiasmar os estudantes baianos. (DUARTE, 1996; SILVA, 2002; SANTOS, 2000).

Durante a universidade, Milton Santos teve aula com grandes personagens baianos<sup>124</sup>, que mais tarde, foram agentes da campanha de “redemocratização” na Bahia e parlamentares da bancada udenista. A UDN (União Democrática Nacional) surgiu da união dos políticos, militares e intelectuais ligados a corrente liberal-democrática a qual se opunha ao ideário difundido pela ditadura estadonovista (TAVARES, 2001).

Esses, com uma enorme convicção liberal, desestimularam-no a exercer a ocupação de advogado e, até mesmo, a função pública. Fatos que o levaram a se inclinar para o magistério, “porque naquela época era muito clara a distinção entre professor e funcionário” (SANTOS, 1989, p. 123).

Milton seguiu sua carreira de professor<sup>125</sup> de Geografia no Instituto Central de Educação Isaiás Alves (ICEIA) e no Colégio Central, já nos últimos anos da sua vida universitária como aluno. Entretanto, pouco tempo depois de formado, convidado por Simões Filho, diretor do “A Tarde”, principal jornal do Estado da Bahia, torna-se jornalista<sup>126</sup>.

---

<sup>123</sup>Conforme Milton Santos, em entrevista (2000, p. 81) “a minha ida para a esquerda foi lenta e intelectual, não foi resultado de uma militância, foi resultado de um aprendizado, é parte de uma redescoberta do mundo que eu fiz na Europa”.

<sup>124</sup>Teve professores como: Nestor Duarte, debatedor da questão da formação social brasileira; Aliomar Baleeiro, grande financista; Aloiso de Carvalho Filho, criminalista e autor do Código Penal Brasileiro; Orlando Gomes, revisor do Código Civil Brasileiro; Luiz Viana Filho, especialista em Direito Internacional, entre outros (SANTOS, 1989). Os quais se destacaram, entre outros, na comissão de elaboração do texto constitucional de 1946.(TAVARES, 2001). Até os fins da década de 1950, excluindo o período das intervenções militares, a elite intelectual era, em sua maioria, senhores da elite governante do Estado da Bahia. Até porque os “doutos” eram filhos dos donos de engenhos, fazendeiros ou da própria burguesia comercial, escapando alguns populares. (SAMPAIO, 1960).

<sup>125</sup>Nesta época a Secretaria de Educação e Saúde do Estado da Bahia foi coordenada por Anísio Teixeira, o qual inaugurou um período de transformação do quadro educacional da Bahia em busca de um sistema que fosse democrático, eficiente e aberto a amplas camadas da população. O educador participara da comissão internacional da UNESCO para planejar os princípios norteadores da educação no mundo do pós-guerra. A experiência contribuiu para que visualizasse o quadro precário da educação da Bahia e fizera a proposta de expandir significativamente não só o número de escolas (prédios e salas de aula), mas o número de concurso para professores [antes os cargos eram nomeado e os docentes não eram obrigado a portar diploma]. Além disso, Anísio Teixeira propôs o Departamento de Cultura, na própria Secretaria, e “em pouco tempo, ele se tornou o grande centro de apoio e inovação para as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema e a literatura baiana”. (TAVARES, 2001, p. 462).

<sup>126</sup>Um episódio entre dois os grupos, pela disputa do grêmio estudantil da Faculdade de Direito, fez com que Ernesto Simões Filho, dono do poderoso jornal *A Tarde*, conhecesse Milton e o convidasse para trabalhar na redação do jornal quando terminasse a faculdade. Esse foi o início de uma amizade profunda e duradoura entre os dois. (SILVA, 2002; SANTOS, 2000). Simões Filho era de família tradicional da oligarquia baiana, era uma

Como correspondente do jornal, escrevera a respeito dos principais acontecimentos da cidade de Ilhéus, fato que lhe deu notoriedade política na Região do Cacau. Assinava a crônica “Bilhetes de Ilhéus”, que depois foi ampliado para uma seção chamada “Sul do Estado”.

Paralelamente à função de jornalista, Milton Santos, submete-se ao concurso para a carreira de professor do Colégio Municipal de Ilhéus, à cadeira de Geografia do Brasil. Para concorrer à vaga foi necessário escrever uma tese, cujo assunto contemplasse um aspecto de um dos itens do programa de Geografia do Brasil ministrado no ginásio.

Santos, então, procurou estudar o povoamento da Bahia e suas causas econômicas, políticas e sociais, já que na 4ª série ginásial os alunos aprendiam “Povoamento da Região Leste”. O trabalho defendido, “O povoamento da Bahia: suas causas econômicas”, publicado em 1948, inaugura um estilo mais acadêmico de escrita, referenciando intelectuais<sup>127</sup> importantes na cena brasileira.

O livro disserta sobre o uso e a ocupação do território baiano e os fatores que o levaram a esse quadro. Não obstante, o geógrafo apresenta uma verdadeira aula sobre a formação territorial do Brasil e sua história econômica, de modo que garante a vaga ao impressionar a banca com clareza dos fatos discorridos.

Milton Santos, antes de defender a tese, consultou Pierre Monbeig com o intuito de confirmar se a proposta apresentada avançava no campo do conhecimento da Geografia. O geógrafo francês o orientou a continuar o trabalho. Inspirado em diversos autores, inclusive no sergipano Felisbello Freire, “História Territorial do Brasil”, escreveu o livro chamado ‘O Povoamento da Bahia’. (SANTOS, 1989).

O livro teve ampla divulgação na França após a publicação da sua resenha no periódico, fundado, em 1936, por André Cholley, *L’Information Géographique*, pela geógrafa Jacqueline Beaujeu-Garnier. (SANTOS, 1989; VASCONCELOS, 2001).

É interessante notar que Milton Santos alcança, nesta etapa da vida, dois ofícios capazes de permiti-lo certa expansão intelectual e vazão da sua própria produção. Tanto a imprensa quanto o ensino eram cargos de prestígio na sociedade baiana e o levou a projeção social.

Apesar da formação em ciências jurídicas, ele se encontrou, profissionalmente, diante dos papéis de jornalista e, principalmente, como professor de Geografia. Nesta época,

---

peessoa ligada à política e respeitado pelas críticas severas a Juracy Magalhães (ex-governados do Estado). Em 1950, apoiou a volta de Getúlio Vargas à presidência e foi indicado para ministro da Educação.

<sup>127</sup>Aroldo de Azevedo, Caio Prado Junior, Delgado de Carvalho, Felisbello Freire, Gilberto Freyre, João Capistrano de Abreu, Pierre Monbeig, Sergio Buarque de Hollanda, entre outros.

Milton Santos, já conhecia a AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros) e acompanhava as publicações do Boletim Geográfico, editado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que o deixava atualizado sobre as principais discussões, no âmbito da Geografia, realizadas no país.

Viajava todos os anos para o Rio de Janeiro a um curso de férias ministrado pelo IBGE e mantinha-se em contato com profissionais da área, uma vez que vivia fora do eixo Rio - São Paulo. “Vinha ouvir os colegas mais velhos que explicavam a Geografia e aí descobri a AGB. Era uma coisa pequena, que funcionava como escola” (SANTOS, 2000, p. 81). Ainda no período, iniciou os primeiros rascunhos do livro “A Zona do Cacau”, que fora publicado em 1955, e que apresentava um resumo das transformações sócio-espaciais da região onde vivia.

Porém, a experiência, tanto como professor quanto como jornalista, em Ilhéus, durou até o início da década de 1950, quando Milton Santos retornou a Salvador (SILVA, 2002). Na capital da Bahia, começou a lecionar nos principais estabelecimentos privados e públicos de ensino secundário, como no Colégio Mercês e na Universidade Católica de Salvador - UCSal.

Ainda, trabalhou no jornal *A Tarde* como redator principal. Nesta fase, continua a publicar artigos ‘âncoras’, ou seja, reportagens que tinham um teor crítico e denunciativo<sup>128</sup>, “foi o jornalismo de opinião que lhe deu notabilidade baiana”. (GUIMARÃES, 1996, p. 77).

Os principais alvos eram a Petrobras<sup>129</sup> e o Banco do Brasil, que promoviam um desenvolvimento acelerado e sem planejamento no território brasileiro, e os problemas relacionados com a região cacauzeira (VASCONCELOS, 2001).

Nesse período, Milton Santos continuava a se deslocar para o Rio de Janeiro a fim de participar dos cursos de especialização oferecidos pelo Conselho Nacional de Estatística, órgão oficial do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE). Tais viagens o aproximaram da

---

<sup>128</sup>Entre os anos de 1952 a 1964, ano final de sua participação como jornalista do “A Tarde”, foram publicados um total de 112 artigos voltados para o estado da Bahia. Tais artigos retratam a produção de cacau, a divisão regional do estado, sua formação territorial e sua forma de ocupação, além dos problemas políticos, econômicos e sociais do estado. Segundo SILVA&SILVA (2004) e GRIMM (2012), pode-se destacar: “Os fatores econômicos” (11/01/1952), “Uma aparente contradição” (13/09/1952), “O que é e o que não é geográfico” (13/02/1953); “Alimentação na zona cacauzeira” (17/03/1953); “O fracasso do Brasil” (17/04/1953), “A antiga capital do cacau” (02/05/1953); “Habitat Rural na Zona do Cacau” (27/06/1953); “Policultura na Zona do Cacau” (11/08/1953); “Habitat Urbano na Zona do Cacau: posição e problema” (18/02/1954); “Os vencimentos do professorado” (10/05/1954), “Comentário a dois mapas da zona cacauzeira” (22/10/1954); “Assassinato de uma cidade” (18/03/1955), “Divisão regional da Zona do Cacau” (09/02/1956), entre outros.

<sup>129</sup>Apesar da Petrobras ter sido criada em 1953, o Estado da Bahia já apontava, frente a estudos do Conselho Nacional de Petróleo, como uma das grandes reservas nacionais, o que lhe permitiu volumosos investimentos federais nos municípios onde havia a possibilidade de encontrar jazidas desse mineral. (TAVARES, 2001; VASCONCELOS, 2002)

Associação Brasileira de Municípios<sup>130</sup>, dos colegas José Ribeiro de Araujo Filho, de quem se tornou grande amigo, e Aroldo de Azevedo - ambos professores da Universidade de São Paulo (USP) -, e, fizeram eclodir o interesse em participar presencialmente dos encontros da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), então dirigida por Pierre Monbeig. De acordo com Milton Santos (1989, p. 131 – 132),

o meu primeiro contato com a AGB, na verdade, é resultante do fato de que em Ilhéus enquanto eu ensinava também advogava um pouco. Era divertido fazer parte do júri onde eu trabalhava com meu amigo José Candido Carvalho, hoje ministro do Supremo Tribunal de Recursos e graças a um amigo que era presidente do Sindicato dos Marítimos que me trazia causas de Direito Comercial Marítimo, eu ganhava algum dinheiro que me permitia ir para o Rio de Janeiro todas as férias, o que, aliás, era um hábito do pessoal do cacau já que Salvador não tinha tanta importância. Eu frequentava sistematicamente aqueles cursos de especialização do Conselho Nacional de Geografia. Em muitos verões frequentei aquelas aulas e foi aí que conheci a AGB.

Contudo para Manuel Correia de Andrade (1996, p. 93),

Nossos [Manuel Correia de Andrade e Milton Santos] primeiros contatos com a AGB, composta, sobretudo por geógrafos formados em São Paulo (USP) e no Rio de Janeiro, na então Universidade do Brasil, foram um pouco conflituosos. Nossa formação de bacharéis em direito, impregnada de compromissos filosóficos e, até certo ponto, de posições ideológicas definidas, surpreendia os colegas que, formados de maneira muito rígida, na escola francesa, por mestres franceses, defendiam intransigentemente uma postura dita neutralista. Nós não tínhamos formação feita sob a direção de geógrafos franceses, mas tínhamos um universo de leituras, também geográficas. Na realidade, nossa integração à AGB foi facilitada pela ação de um colega que unia à qualidade de grande geógrafo a de ser um homem compreensivo, aberto e desprendido – José Ribeiro de Araújo Filho, que quebrou arestas e nos abriu caminhos.

Nesse momento, iniciou tanto uma rede de contatos geográficos, na qual criou canais para divulgar seu trabalho, como surgiu a responsabilidade de escrever, com mais

---

<sup>130</sup>A Associação Brasileira de Municípios tem como objetivos: (i) estudar, permanentemente, a organização, o funcionamento, as condições e métodos de trabalho dos Municípios brasileiros, visando ao seu melhor rendimento; (ii) promover o maior intercâmbio possível entre os Municípios e com eles colaborar no planejamento, orientação, assistência e implantação de quaisquer modificações ou reformas administrativas; (iii) receber, estudar e difundir sugestões sobre os assuntos de administração municipal, promovendo, para tal fim, em colaboração com os órgãos federais e estaduais – por meio de palestras, documentário, congressos, publicações, etc. – ampla difusão de ensinamentos sobre os princípios, os problemas e a técnica de administração municipal; (iv) prestar aos Municípios completa e efetiva assistência; (v) realizar os objetivos de cooperação exposto nos Estatutos da Comissão Pan-Americana de Cooperação Intermunicipal, nas formas recomendadas e ratificadas pelos Congressos Pan-Americanos de Municípios e pela VI Conferência Internacional Americana. (XAVIER, 1948, p. 1).

propriedade, pequenos ensaios, já que a aproximação com os geógrafos de São Paulo e Rio de Janeiro fora conturbada<sup>131</sup>.

As reuniões da AGB eram realizadas anualmente em cidades médias, pequenas e, principalmente, do interior do Brasil. Os encontros eram organizados com o objetivo de discutir as teses, defendidas ou em processo de elaboração, e as comunicações, científicas ou técnicas, assim como, pretendia-se realizar um trabalho de campo coordenado pelos associados<sup>132</sup> (MONTEIRO 1980; ANDRADE, 1987).

Com isso, Milton Santos inicia um processo de difusão, para outros estados brasileiros, dos trabalhos que discorriam sobre a história da Geografia<sup>133</sup> e, principalmente, daqueles que tinham por assunto sua preocupação com a Geografia Urbana baiana e a questão regional do estado da Bahia, tema abordado na tese de 1948.

Em 1954, o pesquisador começa na carreira de professor universitário e ministra aulas de Geografia Humana na Faculdade Católica de Filosofia da Bahia<sup>134</sup>. Frente aos alunos, era rígido, exigia relatórios conclusivos em todas as saídas de campo, e buscava ensinar a metodologia de pesquisa e avaliação técnica através das observações realizadas nos lugares que visitavam (CARNEIRO; ERDENS, 1996); “para que o ensino não se torne verbal, é necessário introduzir os estudantes nos métodos de pesquisa da respectiva disciplina e fazê-los trabalhar, eles mesmos” (SANTOS, 2010, p. 30). Ainda nesse ano, no dia 23 de julho, na cidade de Ribeirão Preto/SP, participou, com a apresentação de um trabalho, do I Congresso Brasileiro de Geografia<sup>135</sup>.

---

<sup>131</sup>Conforme Milton Santos (1989, p. 132), “a AGB se reunia todo ano, só não tinha as dimensões que tem hoje. Naquela época, a gente cabia em um hotel. Era o Hotel Brasília Palace – o primeiro hotel de Belo Horizonte. Eu apresentei o meu primeiro trabalho – que foi reprovado – na década de 50. O mesmo trabalho foi novamente reprovado pelo professor Araújo Filho. O fato do trabalho não ter sido aceito duas vezes não me desanimou, ao contrário, me conduziu a representá-lo. Ao trazê-lo de volta, havia, por um lado, uma humildade na atividade intelectual e por outro lado, uma dignidade dos que o recusaram. Hoje a minha impressão é a de que ninguém mais recusa nada e tudo aparece como se fosse válido o que dá como resultado a ruína financeira da AGB, porque a impressão de algumas pilhas de trabalho de qualidade dentro de um oceano de trabalhos insignificantes custa um preço enorme para AGB”.

<sup>132</sup>Segundo Monteiro (1980, p. 15), nas ‘cruzadas agebeanas’ de difusão nacional, “sem muitos participantes ainda, trabalhava-se ativamente em equipes no campo e na cidade hospedeira, numa verdadeira extensão do treinamento recebido dos colegas vindos de outras regiões. E o que era mais importante – um proveitoso debate de ideias a propósito das comunicações ali apresentadas, cultivou um espírito crítico infelizmente fadado a posterior declínio”.

<sup>133</sup>SANTOS, M. **Geografia antiga e moderna**. Salvador: Revista da Educação e Cultura, 1952. / SANTOS, M. **Estudos sobre Geografia**. Salvador: Tipografia Manú, 1953. / SANTOS, M. **Os estudos regionais e o futuro da Geografia**. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1953A.

<sup>134</sup>Em 1953, Milton Santos prestou o concurso para docência livre à cadeira de Geografia Humana da Faculdade Católica de Filosofia da Bahia.

<sup>135</sup>Milton Santos apresentou, na primeira sessão, a seguinte comunicação: SANTOS, M. Notas para um estudo do “habitat” rural na zona cacauieira da Bahia In: Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiro, Vol. VIII, Tomo I, 1953-1954, São Paulo, 1956, p. 386 – 394; no Salão da Legião Brasileira às 13:30 horas do dia 24 de julho, na

No ano seguinte, 1955, Milton Santos publica o livro “Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico”, no qual relata a experiência de vida em Ilhéus, a capital do cacau e participa da “X Assembleia Geral Ordinária da AGB”, em Garanhuns/PE, com apresentação de trabalho<sup>136</sup>.

O ano de 1956<sup>137</sup> é marcado por ocasião do XVIII Congresso da União Geográfica Internacional (UGI)<sup>138</sup>, no Rio de Janeiro. Pela primeira vez após dez anos consecutivos, a AGB deixou de realizar a sua Assembleia anual, já que muitos de seus associados colaboravam ativamente para a organização do conclave internacional (ROMARIZ, 1958).

Milton Santos<sup>139</sup>, junto com Manuel Correia de Andrade, conhece no evento ilustres geógrafos europeus, os quais lera as principais obras como o português Orlando Ribeiro, os franceses Andre Cailleux, Jean Dresch, Jean Tricart, Michel Rochefort<sup>140</sup>, Pierre Birot, Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig; o alemão Karl Troll e o húngaro Erwin Raiz; “ao andarmos pelos corredores da Escola Naval, onde o congresso se realizou, parecia que estávamos em nossas bibliotecas, em face da presença dos autores dos livros que utilizávamos”. (ANDRADE, 1996, p. 93).

O evento fora a primeira reunião internacional de geógrafos realizada na América do Sul, entre os dias 8 e 18 de Agosto, para a apresentação de palestras, discussão de comunicações e excursões didáticas contou com, aproximadamente 300 brasileiros e 300 estrangeiros de 44 nações.

cidade de Ribeirão Preto/SP. Também, participou da excursão didática: “O estudo geográfico de Ribeirão Preto e arredores”, chefiada pelo Prof. Ary França.

<sup>136</sup>Milton Santos apresentou, na quinta sessão plenária, a seguinte comunicação: SANTOS, M. Nazaré: um porto ferroviário do Recôncavo Baiano In: **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiro**, Vol. IX, Tomo I, 1954-1955, São Paulo, 1955, p. 305 – 320.

<sup>137</sup>É interessante destacar que entre os nove livros-guias, especialmente, preparados para as excursões científicas efetuadas em 1956, como parte integrante do XVIII Congresso Internacional de Geografia, os quais, em seu conjunto, mostraram os aspectos geográficos do território brasileiro; o volume: Bahia, contou, nas referências bibliográficas a sugestão de duas publicações de Milton Santos: (i) SANTOS, M. **Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico**, 1955 e (ii) o próprio artigo apresentado no evento.

<sup>138</sup>De acordo com Orlando Valverde (1989, p. 83), o Congresso da UGI foi “um episódio excepcional de relações culturais em matéria de Geografia foi a oportunidade oferecida pelo XVIII Congresso Internacional de Geografia, que se realizou no Rio de Janeiro de 3 a 18 de agosto de 1956. Pela primeira vez, a UGI, patrocinava um colóquio mundial sob os trópicos e no hemisfério sul. A delegação francesa não era a mais numerosa mas foi sem contestação uma das mais brilhantes.”

<sup>139</sup>No XVIII Congresso Internacional de Geografia, Milton Santos expôs o trabalho: “**Problemas de Geografia Urbana na Zona Cacaueira da Bahia**”, no qual discuti a importância entre as cidades e o comércio e apresenta uma proposta de classificação dos aglomerados urbanos na Zona Cacaueira da Bahia. Contudo, em maio do corrente ano, parte do trabalho já tinha sido apresentado no XI Congresso Brasileiro de Geografia, o qual foi convocado pela Sociedade Brasileira de Geografia.

<sup>140</sup>A palestra de Michel Rochefort, “**Determination des types de villes d’un reseau urbain**”, no XVIII Congresso Internacional de Geografia, na cidade do Rio de Janeiro, será citada no livro: SANTOS, M **A cidade como centro de região: definições e métodos de avaliação da centralidade**. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959; no qual Milton Santos, a convite do próprio autor, aplica tanto no Recôncavo Baiano quanto na Zona cacaueira da Bahia.

A abertura oficial foi feita pelo então presidente Juscelino Kubitschek, e contribuiu para que os geógrafos brasileiros pudessem, por meio dos contatos estabelecidos com os professores estrangeiros, alcançar objetivos maiores para a vida profissional. Do encontro, muitos geógrafos iniciaram diálogos com os professores estrangeiros, o que anos mais tarde fora a porta de abertura para seus doutorados em outros países<sup>141</sup> (MONTEIRO, 1980; SANTOS, 1989).

Em seguida, junto com Manuel Correia de Andrade e outros professores universitários dos mais diversos estados do Brasil, teve a oportunidade de participar do Curso de Altos Estudos Geográficos, realizado na Universidade do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, organizado pelo Departamento de Geografia da Faculdade Nacional de Filosofia, sob a coordenação do professor Hilgard O'Reilly Sterberg. “Esse curso, ministrado em tempo integral, nos deu a base comprometidamente geográfica de que nossa formação necessitava” (ANDRADE, 1996, p. 94).

As afinidades, com o partido comunista francês e o pensamento progressista, dos geógrafos Jean Dresch e Jean Tricart fizeram com que os dois franceses fossem excluídos dos círculos de professores que iriam ministrar aulas no curso.

Jean Tricart elaborou, em paralelo, uma série de palestras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), junto com o professor Miguel Alves de Lima.

Sternberg organiza um Congresso de Geografia do Rio, com alguns colegas brasileiros, com o apoio do Conselho Nacional de Geografia do IBGE e paralelamente, ele organiza um Curso de Altos Estudos Geográficos e que foi um acontecimento. E na organização desse curso ele exerceu uma espécie de ‘caças às bruxas ideológico’, ele vetou de maneira nítida – a participação de professores de pensamento progressista. (SILVA, 2002, p. 9-10).

Sternberg com a sua conhecida fidelidade às posições políticas retrógradas, que devem aliás, ser louvadas pela sua constância reacionária, cortou a presença de Tricart. Não só cortou nessa ocasião, como conseguiu uma circular do IBGE, pedindo que Tricart não fosse apoiado em nenhum estado brasileiro. (SANTOS, 1989, p. 133).

Tanto o professor Milton Santos quanto Manuel Correia de Andrade, inconformados com a postura, resolvem participar dos dois eventos. “O curso era dado à noitinha, tanto que nós íamos assistir a Tricart, depois de terminadas as aulas na Faculdade Nacional de

---

<sup>141</sup>“Restabelecidos os serviços culturais franceses, no após guerra, a embaixada daquele país, a partir de 1946, passou a fornecer para Rio e São Paulo um apreciável número de bolsas de estudo para geógrafos brasileiros nas principais universidades da França. Foi o caso da difusão das ideias de Max Sorre, em São Paulo, por Ari França, no início desse período e de Jean Tricart, no Rio de Janeiro, por vários bolsistas de volta de Estrasburgo, ao longo de todo esse período”. (MONTEIRO, 1980, p. 16)

Filosofia” (SANTOS, 1989, p. 133). Na oportunidade Milton dá início a uma grande amizade e convida Jean Tricart para ir à Bahia<sup>142</sup>.

Nosso primeiro contato com a Bahia data de outubro de 1956. Após o Congresso Internacional de Geografia, ali fomos convidados, com o prof. Michel Rochefort, assistente da nossa faculdade, por um jovem advogado, professor na Faculdade Católica de Filosofia, o professor Milton Santos. Fiz algumas conferencias naquela Faculdade e, depois, graças à incompatível hospitalidade dos brasileiros, algumas excursões pelo litoral. Imediatamente fui tocado pelo contraste entre a importância de Salvador, cidade de 500.000 habitantes, e a mediocridade da valorização dos seus arredores. Falando nesse significativo problema, apesar da gentileza dos meus amigos brasileiros, precisamos rapidamente nos render à evidência: nada fora estudado e o Estado da Bahia era praticamente desconhecido do ponto de vista científico. (TRICART, 1960, p. 36).

Desse encontro, em 1957, Milton Santos sugere o nome de Jean Tricart para uma consultoria no interior do estado da Bahia, que a convite da Cooperação Técnica do Ministério das Relações Exteriores volta ao Brasil e realiza a atividade na Universidade Federal da Bahia, junto com Djalmo Pontual, então professor de Geografia Física da UFBA.

O trabalho tinha como intuito examinar a possibilidade da construção de uma barragem no interior do estado, cujo acesso era precário, “obrigava a atravessar uma mata xeromórfica espinhosa e sem trilhas”. (TRICART, 1996, p. 65). A oportunidade permitiu que Tricart, fascinado com a peculiaridade da diversidade biológica e geomorfológica, sugerisse à Universidade Federal da Bahia a criação de um núcleo de pesquisa e planejamento. Um laboratório que dedicasse ao treinamento de geógrafos, à formação de pesquisadores e a elaboração de trabalhos e pesquisas de interesse para aplicação.<sup>143</sup>

---

<sup>142</sup>De acordo com Milton Santos (1958, p. 5-6), “esse convívio [com os professores franceses] foi a semente de um intercâmbio baseado no interesse de melhor servir à Geografia brasileira, do que a Bahia tem sabido tirar bom partido. Nada menos de cinco geógrafos baianos foram mais diretamente favorecidos com essa aproximação. Três tiveram já ocasião de trabalhar no Instituto de Geografia da Universidade de Strasbourg e dois outros deverão fazê-lo no ano letivo de 1958-59”.

<sup>143</sup>A visita a Salvador fez com que Tricart aproximasse da Bahia ao ponto de propor trocas de experiências entre brasileiros e franceses, ficou admirado com o potencial do jovem geógrafo Milton Santos e o classificava como autodidata. “Havia, porém, em Salvador, um pequeno grupo de alguns jovens geógrafos, tendo terminado recentemente estudos essencialmente teóricos e, com exceção de Milton Santos, que tinha sobre eles um ascendente merecido, sem nenhuma experiência de pesquisa. Ora, esse pequeno grupo manifestava uma grande curiosidade de espírito e muito entusiasmo, muita vontade de sair, para se tornar útil, da formação por demais teórica e ultrapassada que havia recebido. (...) O mais urgente problema, de logo, evidenciou-se: formar pesquisadores. Só, o prof. Milton Santos, espírito muito curioso e dotado de uma grande capacidade de trabalho, havia já efetuado uma análise científica sobre a zona do cacau. Mas havia ele trabalhado isoladamente, autodidata, e, ainda dividido entre seu trabalho de jornalista e advogado, por um lado, e o ensino da geografia, ministrado quase gratuitamente na Faculdade Católica, por outro. (TRICART, 1960, p. 36 – 37).

Nesse ano, Santos aproxima-se do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, fundado em 1894, onde efetua a palestra “A Geografia da Baixa dos Sapateiros”<sup>144</sup>. Local onde vivera na ocasião, e da Seção Regional de São Paulo da AGB, que o convida a viajar para São Paulo e apresentar o trabalho “Regiões urbanas do Estado da Bahia”.

Começa por fortalecer seus laços políticos com a AGB e, conseqüentemente, a expandir suas ideias. Fato que na XII Assembleia Geral Ordinária da Associação dos Geógrafos Brasileiro, ainda em 1957, Milton Santos é proclamado sócio efetivo<sup>145</sup>, o primeiro do estado da Bahia, na cidade de Colatina/ES.

Nesta ocasião participa do Simpósio sobre “Habitat” rural no Brasil, organizado pela AGB local, e apresenta dois trabalhos, um de autoria própria<sup>146</sup> e outra em co-autoria<sup>147</sup> com a colega Ana Dias da Silva Carvalho.

No ano universitário de 1957 e 1958, de novembro a junho, o geógrafo brasileiro foi convidado por Jean Tricart e Michel Rouchefort para realizar o doutorado na França, em Strasbourg, no Instituto de Geografia da Universidade.

Ao atravessar o Atlântico em direção ao ‘Velho Mundo’, Santos realiza sua primeira viagem para fora do país. Desde a sua chegada à França, tem a oportunidade de debater a tese e ouvir conselhos de geógrafos importantes, como: Pierre George, da Universidade da Sorbonne, Pierre Monbeig, diretor do Instituto de Altos Estudos da América Latina, da Universidade de Paris, Michel Rochefort, da Universidade de Paris, entre outros.

O momento contribui para que ele amplie os horizontes literários, políticos e geográficos e lapide uma opinião crítica sobre o mundo, tanto a partir da leitura dos jornais europeus quanto da vivência na universidade e no dia-a-dia, onde era admirado por toda equipe de trabalho (TRICART, 1996; SANTOS, 1989; VASCONCELOS, 2001, SILVA, 2002).

Eu devo isto, ao fato de ter estado na França e lido o jornal ‘Le Monde’, porque os jornais brasileiros, inclusive o meu, me davam uma noção muito pouco nítida do que era o mundo. Minha noção de mundo começa a ficar mais clara a partir das leituras dos jornais franceses, sobretudo o jornal ‘Le

<sup>144</sup>Os pais de Milton Santos após a longa estada no interior da Bahia voltaram para Salvador em 1940, hospedando-se na casa de D. Maria José, tia dele. Ela morava, no Gravatá, cuja localidade ficava no entorno da Baixa dos Sapateiros (SILVA, 2002).

<sup>145</sup>Milton Santos, desde 1951, era membro da Ordem de Advogados da Bahia, do Instituto Histórico Geográfico da Bahia, da Associação dos Municípios da Bahia, do Centro de Estudos Etnográficos, da Associação Bahiana de Imprensa e sócio correspondente da Sociedade Brasileira de Geografia.

<sup>146</sup>SANTOS, M. Ituberá: porto cacauero rejuvenescido pela indústria. In: **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiro**, Vol. X, Tomo I, 1953-1954, São Paulo, 1958, p. 119 – 131.

<sup>147</sup> SANTOS, M; CARVALHO, A.D. da S. As indústrias da cidade do Salvador: distribuição geográfica. In: **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiro**, Vol. X, Tomo I, 1953-1954, São Paulo, 1958, p. 103 – 118.

Monde', que me reconcilia com o que hoje a gente chama de visão esquerda. (SANTOS, 1989, p. 130).

Na ocasião, Milton Santos participa de diversas palestras e cursos<sup>148</sup> e, convidado pelo governo francês, faz parte do grupo de geógrafos que viaja pelo interior da França e de Portugal e pela África, especialmente o Senegal, a Costa do Marfim e o Sudão.

Desta excursão técnica-científica, relata o cotidiano do grupo no jornal baiano “A Tarde” e, com base em notas colhidas das conversas com os pesquisadores franceses e somada a sua observação minuciosa da paisagem, escreve o livro “Marianne em Preto e Branco<sup>149</sup>”, produto de seus apontamentos e reflexões no campo, publicado em 1960. (SANTOS, 2010).

Em 1958, defende a tese “O Centro da Cidade do Salvador<sup>150</sup>”. Para Araújo Filho, a vasta bibliografia soteropolitana não havia ainda sido contemplada com um estudo de tamanha expressão a respeito da geografia urbana de Salvador,

ninguém cuidara ainda de fazer um estudo mais aprofundado sobre a geografia urbana de Salvador. Esta tarefa como que estava reservada a Milton Santos, geógrafo que, nos últimos 10 anos, vem publicado trabalhos de sua especialidade sobre diferentes aspectos das paisagens baianas. (ARAÚJO FILHO, 1959, p. 89)

Ao retornar ao Brasil, no mesmo ano, após obter o título de doutor pela Universidade Estrasburgo, o geógrafo é convidado pelo Reitor Edgard Santos para ministrar aulas na Universidade Federal da Bahia como professor do curso de Geografia, e fundar junto com Jean Tricart o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais (LGERUBa)<sup>151</sup>, o primeiro centro de Geografia Aplicada no Brasil, resultante do convênio entre a Universidade de Estrasburgo e a Universidade da Bahia. (SANTOS & CARVALHO, 1960; SANTOS, 1989).

A proposta do laboratório não era apenas fazer uma interpretação da paisagem, mas atuar, por meio da utilização dos conhecimentos geográficos, sobre a organização espacial das cidades baianas.

<sup>148</sup>No ano letivo de 1957 e 1958, na Universidade de Strasbourg, Milton Santos participou de vários cursos ministrados pelos professores: (i) Ettiënne Juillard sobre Geografia Agrária; (ii) Sautter sobre Geografia Tropical; (iii) Michel Rochefort e Nonn sobre Geografia Urbana; (iv) Mlle. Rimbert sobre Cartografia.

<sup>149</sup>SANTOS, M. **Marianne em preto e branco** 2.ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.

<sup>150</sup>SANTOS, M **O Centro da cidade do Salvador** Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959B.

<sup>151</sup>A fundação do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais (LGERUB), data do ano de 1959, porém o trabalho já estava sendo realizado entre os membros do grupo, em parceria, os quais com os resultados conseguiram instituir, junto à Universidade da Bahia, o primeiro Centro de Geografia Aplicada do país.

A equipe era formada por geógrafos baianos<sup>152</sup>, os quais eram orientados pelos professores Milton Santos e Jean Tricart, e convidava geógrafos de outros estados e estrangeiros, sobretudo franceses, para participarem dos projetos e ministrarem palestras. (VASCONCELOS, 2001).

O LGERUBa contava com ajuda de instituições como a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (atual CAPES), a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia (atual FAPESB), Universidade da Bahia, as quais concediam bolsas de estudos aos geógrafos brasileiros e financiavam tanto as idas desses à Strasbourg/França como a vinda dos professores visitantes, como Pierre Monbeig, Jean Tricart, Ettiennne Juillard, Michel Rochefort entre outros<sup>153</sup>.

Por conta dessa relação realizaram-se trabalhos no estado da Bahia em parceria com o Instituto de Economia e Finanças da Bahia, a Comissão de Planejamento Econômico do Estado da Bahia (CPE), a Inspetoria Regional do IBGE e outros setores do Governo, os quais publicaram os relatórios técnicos<sup>154</sup> e os livros<sup>155</sup>, juntamente, com a Universidade da Bahia e a Imprensa Oficial.

Sua finalidade: treinar professores e estudantes de Geografia no campo de pesquisa, desenvolvendo estudos que permitissem melhor conhecimento geográfico do estado da Bahia, como subsídios aos planos e programas governamentais da época, contribuindo para o próprio desenvolvimento da Geografia no país (GONÇALVES, 1996, p. 86).

<sup>152</sup>Além de Milton Santos e Jean Tricart participavam do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais as geógrafas: Ana Dias da Silva Carvalho, Theresa Cardoso da Silva, Nilda Guerra de Macedo.

<sup>153</sup>Nessa época o secretário-geral da Instituição Federal era o prof. Anísio Teixeira que, também, havia sido o fundador da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia e o reitor da Universidade da Bahia, Edgard Santos, pessoas próximas a Milton Santos, fato que facilitou a realização do projeto. “Nosso objetivo foi realizar certos estudos capazes de demonstrar a especialistas, de espírito aberto mas completamente desavisados, qual poderia ser o interesse de pesquisas sistemáticas para a valorização de um território como o do Estado da Bahia. No começo, era claro que não nos levavam muito a sério; e se um veículo e um ‘*chauffeur*’ nos foram cedidos foi mais pela amizade a Milton Santos e por gentileza para com um estrangeiro do que devido a uma tomada de consciência da utilidade de nossas atividades. (TRICART, 1960, p. 39).

<sup>154</sup>SANTOS, M. **Localização Industrial de Salvador**. Salvador: Comissão de Planejamento Econômico, 1958H. SANTOS, M. **Programa de Estudos de Geografia Humana para o Vale do Rio Paraguaçu**. Salvador: UFBA/LGER, 1959C. TRICART, J & SILVA, T. C. da. **Programa de estudos Geomorfológicos**. Salvador: UFBA/LGER, 1959. TRICART, J. & MACEDO, N. G. de **Esquema de planejamento hidráulico do rio Itapicuru**. Salvador: UFBA/LGER, 1959. MACEDO, N. G. de & SILVA, T. C. da **As enchentes do rio Paraguaçu** Salvador: UFBA/LGER, 1960. CARVALHO, A. D. da S. **A zona periurbana de Salvador**. Salvador: UFBA/LGER, 1960. SANTOS, M **A vida humana no vale médio do rio Paraguaçu e Itabuna e sua região**, ambos não publicado.

SANTOS, M. **A região de Amargosa**. Salvador: UFBA/LGER, 1963B.

<sup>155</sup>TRICART, J; SANTOS, M.; CARVALHO, A. D. da S.; SILVA, T. C. da **Estudos de Geografia da Bahia: Geografia e Planejamento**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958D. SANTOS, M. **A cidade como centro da região: definições e método de avaliação da centralidade**. Salvador: UFBA/LGER, 1959A. SANTOS, M. **O centro da cidade de Salvador**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959B. SILVA, T. C. da **Problemas geomorfológicos e paleogeográficos do Brasil Norte Oriental** Salvador: UFBA/LGER, 1959. SANTOS, M. **A rede urbana do Recôncavo**. Salvador: UFBA/LGER, 1959. SANTOS, M. & CARVALHO, A. D. da S. **A Geografia Aplicada**. Salvador: UFBA/LGER, 1960.

Coordenando as atividades do Laboratório, Milton Santos, não só preparou a equipe para excursões de campo, para visitas técnicas, pesquisas em documentos, realização de entrevistas, mas “empenhou-se na preparação e formação de um grupo de jovens através de leituras dirigidas, sessões de discussões sobre o método da Geografia”. (SILVA, 2009, p. 133). Com isso, Milton Santos foi capaz de imprimir uma nova consciência metodológica.

Esse laboratório foi responsável pelo desenvolvimento de uma nova filosofia de trabalho na Geografia, constituindo um marco histórico e tornando-se um polo de atração para geógrafos de outros estados e de outros países, muitos dos quais permanecem em atividade na Bahia (SILVA, 1996, p. 50).

No ano de 1959, Santos é nomeado Diretor da Imprensa Oficial do Estado da Bahia com duas condições: (i) de trabalhar após o expediente da Universidade e (ii) de viajar para a França quando necessário.

Fui nomeado Diretor da Imprensa Oficial com a condição de só chegar lá às 5 horas da tarde. O governador, que era o Juraci Magalhães, aceitou dois condicionantes: um que era o de não chegar antes das 5 da tarde porque eu queria permanecer no meu jornal, na minha cadeira e no meu laboratório e aí se vê que eu fazia muitas coisas ao mesmo tempo; o outro era o de que eu pudesse sair de quando em quando e passar um período na França estudando (SANTOS, 1989, p. 129).

Nesse ano alguns geógrafos baianos<sup>156</sup> reúnem-se e decidem formar o núcleo de Salvador da AGB<sup>157</sup>. A fundação do núcleo de Salvador foi a primeira tentativa de aproximar as causas locais e regionais das questões do território nacional, por meio da Associação de Geógrafos Brasileiros.

Esse núcleo municipal respondia à direção da Seção Regional do Rio de Janeiro. Os associados ao núcleo promoviam palestras e trabalhos de campo. No corrente ano, a AGB e a equipe do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia ajudaram na organização do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros que ocorreu na cidade de Salvador em agosto além de apresentar os trabalhos concluídos e em processo de conclusão.

---

<sup>156</sup>Os geógrafos: Ana Dias da Silva Carvalho, Nilda Guerra de Macedo, Norma Ramos de Freitas, Milton Santos, Theresa Cardoso da Silva, Waldir Freitas de Oliveira.

<sup>157</sup>“As seções regionais se ampliam pela criação de núcleos: o de Pernambuco, que logo passou a Seção Regional, o da Bahia (filiação ao Rio de Janeiro) e aqueles de Minas Gerais e do Paraná (filiação a São Paulo)” (MONTEIRO, 1980, p. 17).

O professor participa como relator e debatedor dos trabalhos apresentados e expositor<sup>158</sup> da seção I – O meio e o Homem –, junto com Aroldo de Azevedo, Jean Tricart, Nilo Bernades e outros colegas. No ano de 1959, nos meses de maio e junho, sai seu primeiro artigo internacional, na revista *L'Information Géographique*, publicado em um canal de comunicação importante entre os geógrafos.

Em outubro de 1959, na cidade do Rio de Janeiro, Milton Santos foi convidado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) e pelo Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS), para apresentar no Seminário sobre Resistências a Mudanças uma palestra.

O depoimento, baseado em dados estatísticos fornecidos pela Inspetoria Regional de Estatística do IBGE, versava sobre a industrialização entre os fatores que retardam o desenvolvimento da Bahia e aponta o quanto a economia baiana é conservadora, já que, “os interesses investidos no Estado preferiam manter as situações existentes em lugar de desejar uma mudança”; Milton Santos já aponta para uma renovação intelectual, um tom mais marxista do que pragmático. (SANTOS, 1959, p. 13).

Em 1960, Milton Santos e colegas, percebendo a necessidade de difundir algumas questões relacionadas à Bahia e outros assuntos, entre os membros da AGB, publicam, pela primeira vez, o *Boletim Baiano de Geografia* e, conseqüentemente, selam um compromisso com a Associação de, periodicamente, apresentar o produto de suas reflexões em artigos<sup>159</sup>.

O *Boletim* foi um veículo difusor da efervescência cultural, histórica e geográfica da Bahia. Os artigos presentes eram de excelente nível científico e representados por importantes intelectuais baianos. Além disso, na XV Assembleia Geral Ordinária, em uma sessão plenária, apresentou uma comunicação oral<sup>160</sup>, na cidade de Mossoró/RN.

O tema do encontro foi “Aspectos geográficos do problema agrário brasileiro, especialmente no nordeste”, de forma que, o pesquisador dirigiu uma excursão didática ao longo da cidade sede do evento. A atividade foi sua primeira participação efetiva, como

<sup>158</sup>Milton Santos apresenta os seguintes trabalhos: (i) Milton Santos – “A Rede Urbana do Recôncavo”, que depois será publicado; (ii) Milton Santos – “Aspectos geográficos da concorrência entre os diversos meios de transporte na zona cacauzeira da Bahia; (iii) Milton Santos e Dorcas Chagas Ferreira – “Bibliografia recente de Geografia Urbana brasileira; (iv) Milton Santos e Antonia Déa Erdens – “Notas para estudo da população do Recôncavo”.

<sup>159</sup>“Surgem os primeiros boletins da AGB – o Paulista (1949), o Carioca (1950). Além desses (alguns de vida efêmera), surgiram posteriormente: o Baiano (1960 – 1967), o Mineiro (1957 – 1966); o Paranaense (1961-1966) e o Gaúcho (1973 - )” (MONTEIRO, 1980, p. 17).

<sup>160</sup>SANTOS, M. A propriedade rural no vale médio do Paraguaçu. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. XIII, tomo I, (1959-1960), p. 165-176, 1964.

coordenador de equipe de campo, em um evento da AGB nacional, e também, a primeira participação de um membro do núcleo de Salvador.

Ainda em 1960, Milton Santos concorreu, na Universidade Federal da Bahia, ao concurso de livre-docente para cadeira de Geografia Humana (VASCONCELOS, 2001, SANTOS, 1997).

Como jornalista, uniu-se, junto com Rubem Braga, Fernando Sabino, Carlos Castelo Branco e outros, à comitiva de Janio Quadros, então presidente da República, na sua viagem a Cuba.

De acordo com Milton Santos (2000, p. 84-85), em entrevista concedida e publicada no livro “Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos”, ele se tornou, nesse momento,

então, encarregado do planejamento econômico do governo do estado da Bahia. Era presidente da Fundação de Planejamento Econômico da Bahia e membro do governo, tinha assento no secretariado. Era Fundação porque foi a forma de dar autonomia administrativa ao órgão. Pude chegar lá e, como meu primeiro ato, dobrar os salários, o que não poderia fazer se tivesse que passar pela Assembleia. E aí já estava cercado pelo Partido Comunista, que era quem produzia ideias e discursos.

No ano seguinte é nomeado por Jânio Quadros, sub-chefe do Gabinete Civil e representante pessoal do presidente para assuntos especiais. (VASCONCELOS, 2001). Conforme Santos (1989, p. 129),

o convívio com o poder me deu completo sentimento da fatuidade do poder. Representando o presidente no estado da Bahia eu pude fazer alguma coisa de interesse popular, por exemplo, forçar o banco da Bahia e os outros bancos baianos que eram dirigidos pelo Ministro da Fazenda Clemente Mariano, a devolver aos lavradores o excesso de divisas que ele guardaram quando houve a desvalorização da moeda. Obrigamos a companhia elétrica canadense-americana a devolver à população o excesso de dinheiro cobrado nas contas.

Ainda nesse ano, na cidade de Penedo/AL, Milton Santos conhece Celso Furtado<sup>161</sup> no Simpósio sobre “Geografia e Planejamento Regional”, realizado junto com a XVII Assembleia Geral Ordinária da AGB. O geógrafo, nesse evento, discorre sobre as atividades do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais<sup>162</sup> nos trabalhos de planejamento e as contribuições para a cidade de Salvador/BA.

No momento trabalhava no governo do estado da Bahia e acompanha os participantes no trabalho de campo na cidade de Itabaiana/BA, onde explana considerações

<sup>161</sup>Celso Furtado era superintendente da SUDENE e, no evento, discorre sobre o planejamento na SUDENE.

<sup>162</sup>Segundo Aziz Ab'Saber (1960, p. 75), “o primeiro do País, em seu gênero”.

pertinentes ao sítio urbano local. No mesmo ano, o Reitor Alberico Fraga convida-o a participar do Grupo de Trabalho<sup>163</sup> que avaliaria a importância da fundação de um Instituto de Ciências Sociais tanto para Universidade da Bahia quanto para o desenvolvimento e aprimoramento das pesquisas sociais do Estado.

Nesse ano Milton visita o Instituto de Geografia da Universidade de Rennes a convite dos colegas, Philipponeau, Meynier, Ruellan e apresenta os trabalhos realizados no Brasil.

Em 1962 a mando do presidente brasileiro João Goulart, o geógrafo foi à África dialogar com diversos presidentes e escreveu suas impressões em artigos no jornal “A Tarde”.

Em 1962, durante o governo João Goulart, Milton realizou uma segunda viagem à África, quando escreveu alguns artigos para jornais que nos dão outras impressões sobre o continente visitado. Um é intitulado “As Portas do Futuro”, no qual comenta as lutas que estavam ocorrendo na África, entre a tradição e progresso, entre o antigo e o moderno. Comenta, como exemplo, as construções de casas retangulares pelos africanos, tendo como referência as residências europeias, enquanto que os europeus, para abrigar os autóctones, imitavam as casas circulares dos “ouloffs”, no Senegal. Concluiu com a esperança de que o progresso não seja destruidor da cultura africana. Em um segundo artigo, “Nossos irmãos africanos”, de março de 1962, Milton comentou a experiência de ser tomado por africano, na própria África, e nunca ser reconhecido como brasileiro, e afirmou ter encontrado, em toda a parte, grande simpatia pelo Brasil. Em um terceiro artigo, comentou a “Unidade Africana”, no qual trata da instabilidade inicial dos estados africanos, com a prisão de opositores (Senegal e Costa do Marfim), da presença de soldados na rua (Togo), e as disputas entre estados: Mauritânia e Marrocos, Gana e Togo, Senegal e Mali. Por outro lado, o maior traço de união, segundo o autor, seria a música, assim como a luta contra o colonialismo, como no caso de Angola. (VASCONCELOS, 2001, p. 375).

Em setembro e outubro de 1962, aproveitando a presença do professor Pierre George, da Universidade de Sorbone, Milton Santos propõe uma série de seminários para ele apresentar aos jovens pesquisadores baianos.

---

<sup>163</sup>De acordo com Thales de Azevedo (1964, p. 79), “o Grupo de Trabalho foi constituído de Agostinho da Silva (Centro de Estudos Afro-Orientais); Antônio Cabral de Andrade (C. P. E.); A. L. Machado Neto (C. P. E.), Heron Alencar (U. da Bahia); John Friedmann (O. E. A.); Lafayette Pondé (U. da Bahia); Maria de Azevedo Brandão (C. P. E.); **Milton Santos (U. da Bahia)**; Myriam Augusto da Silva (Escola de Serviço Social da U. Católica da Bahia); Nelson Rossi (U. da Bahia); Nelson de Souza Sampaio (U. da Bahia); Renato Mesquita (U. da Bahia); Thales de Azevedo (U. da Bahia); Maria Isabel Bittencourt de Oliveira Dias (C. P. E.); Leda Jesuino (U. da Bahia); Partindo de um documento de trabalho elaborado por J. Friedmann e M. Azevedo Brandão, na C. P. E., o Grupo de Trabalho aprovou e encaminhou ao Governo do Estado uma Exposição, que, endereçada ao Reitor da U. Bahia e aprovada pelo Conselho Universitário em 10-XII-61, cfr. Boletim Informativo da U. da Bahia, n. 62, Dez. 1961 deu origem à Portaria n. 55, de 8-XI-1961, criando uma Comissão (Profs. Nelson S. Sampaio [Presidente], Lafayette Pondé, Renato Mesquita, A. L. Machado Neto e Thales de Azevedo), para promover a organização e estrutura do Instituto de Ciências Sociais, ficando designado o Prof. Thales de Azevedo diretor-técnico com poderes para dar início às atividades do aludido Instituto”. (*negrito nosso*)

Nessa época, Santos apresentava certa empatia com a obra do francês. As conferências pronunciadas foram: (i) A importância da Geografia do Subdesenvolvimento; (ii) As causas da insuficiência da produção; (iii) O subequipamento e o desenvolvimento industrial.

Após isso, Milton Santos e Teresa Cardoso convidam Pierre George a coordenar uma excursão de campo pela Bahia com o objetivo de ilustrar as discussões levantadas nas palestras.

Pierre George observou as sucessões de paisagens segundo a ocupação humana ao longo do trajeto (Recôncavo Baiano), o impacto da zona canavieira nos municípios do Recôncavo, a área ocupada pela refinaria de Mataripe (BA) e as transformações decorrentes da instalação desta, os subúrbios ferroviários de Salvador e os vazios periurbanos da capital e a exploração de trabalhadores de um pequeno agrupamento de casa pelos donos da terra (IBGE, 1963).

Durante o período de 1962 e 1963, Milton Santos é eleito Presidente da AGB<sup>164</sup>. Em sua gestão, reforma o Estatuto da AGB<sup>165</sup>, transforma o Núcleo Municipal de Salvador em Seção Regional da Bahia<sup>166</sup>, para ela tendo sido transferido o Núcleo Municipal de Aracaju, que até a presente data era dependente da Seção Regional do Rio de Janeiro.

Organiza a XVIII Assembleia Geral Ordinária da AGB, na cidade de Jequié na Bahia, no mês de julho. No evento, o intelectual, em sua palestra de abertura, discursa sobre a formação profissional do geógrafo<sup>167</sup>.

Já o ano de 1964, foi marcado pela Ditadura Militar e pelo exílio.

Mil novecentos e sessenta e quatro foi um ano decisivo em nossas [Manuel Correia de Andrade e Milton Santos] vidas, de vez que, exercendo cargos políticos em nossos estados, fomos atingidos pelas punições dos que fizeram a autodenominada Revolução. Revolução que tentava frear o caminho do Brasil em direção ao desenvolvimento, depondo um governo legalmente constituído, comprometido com a realização de reformas urgentes e essenciais, como a agrária, a urbana, a tributária, a da educação etc. e

<sup>164</sup>Os novos dirigentes da AGB eram: Presidente – Milton Santos; Secretário-Geral – José Ribeiro de Araújo Filho; Tesoureiro-Geral – José Francisco de Camargo; Diretor dos Anais – Dora de Amarante Romariz; Membro da Comissão Consultiva – Lysia Maria Cavalcanti Bernades.

<sup>165</sup>Entre as resoluções mais importantes foi discutido o período de mandato do presidente da AGB, que passaria para 3 anos a frente da entidade, e a eleição seria através dos votos dos consócios.

<sup>166</sup>Manuel Correia de Andrade, no relatório da AGB do ano de 1962, havia defendido a possibilidade de transformar o Núcleo em Seção Regional, de vez que, possuíam, na presente data, três sócios efetivos (Anna Dias de Carvalho, Milton Santos, Theresa Cardoso da Silva), publicavam regularmente o Boletim Baiano de Geografia e apresentavam nas Assembleias uma maior quantidade de comunicações científicas do que qualquer uma das cinco Seções Regionais.

<sup>167</sup>Conforme noticiado nos Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros (1969, p. 10).

deixando o Brasil embalsamado durante duas décadas. (ANDRADE, 1996, p. 94).

Foi perseguido por razões ideológicas, em abril de 1964, preso no quartel de Narandiba, em Salvador/BA. Na ocasião já tramitava no governo do estado da Bahia, um convite<sup>168</sup> para que ele ministrasse aulas na Universidade de Toulouse, assinado por Bernard Kayser.

Em fevereiro, Milton Santos havia participado de um Colóquio Internacional em Toulouse, “Le Problème des Capitales em Amérique Latine” e apresentado o trabalho “Brasília, a nova capital brasileira”. Após o evento, reuniu-se com os colegas franceses daquela Instituição de Ensino e demonstrou interesse em realizar um estágio de docência, foi quando Bernad Kayser o convidou.

Em 1964, tornou-se um dos alvos mais notórios do primeiro movimento de repressão a intelectuais na Bahia. Sua prisão foi uma arbitrariedade que, entretanto, significava o reconhecimento da autenticidade de sua atuação no planejamento social e econômico no estado da Bahia (PEDRÃO, 1996, p. 61).

Ele ficou aproximadamente oitenta dias enclausurado e em dezembro de 1964, conseguiu permissão para sair do país, uma vez que “quando saiu [da prisão] tudo se fechou para ele aqui no Brasil”. (CASTRO, 1996, p. 186).

Em julho do mesmo ano, por conta da sua prisão, Sylvio Bandeira de Melo, na XIX Assembleia da AGB, na cidade de Poços de Caldas, apresentou seu artigo, cujo título era “A medida da hierarquia urbana nos países subdesenvolvidos”. Inicia-se uma nova forma de olhar o mundo que será melhor desenvolvida em anos posteriores.

Para Souza (1996, p. 30),

Milton Santos, é bom que se repita, foi exilado político. Mas, como poucos, não tira proveito disso [exílio político na ditadura militar brasileira], exerce vivamente a ética na política. Jamais se comportou como vítima do regime militar, ou guarda amarguras. Aliás, este é um traço que não se observa no seu modo de viver.

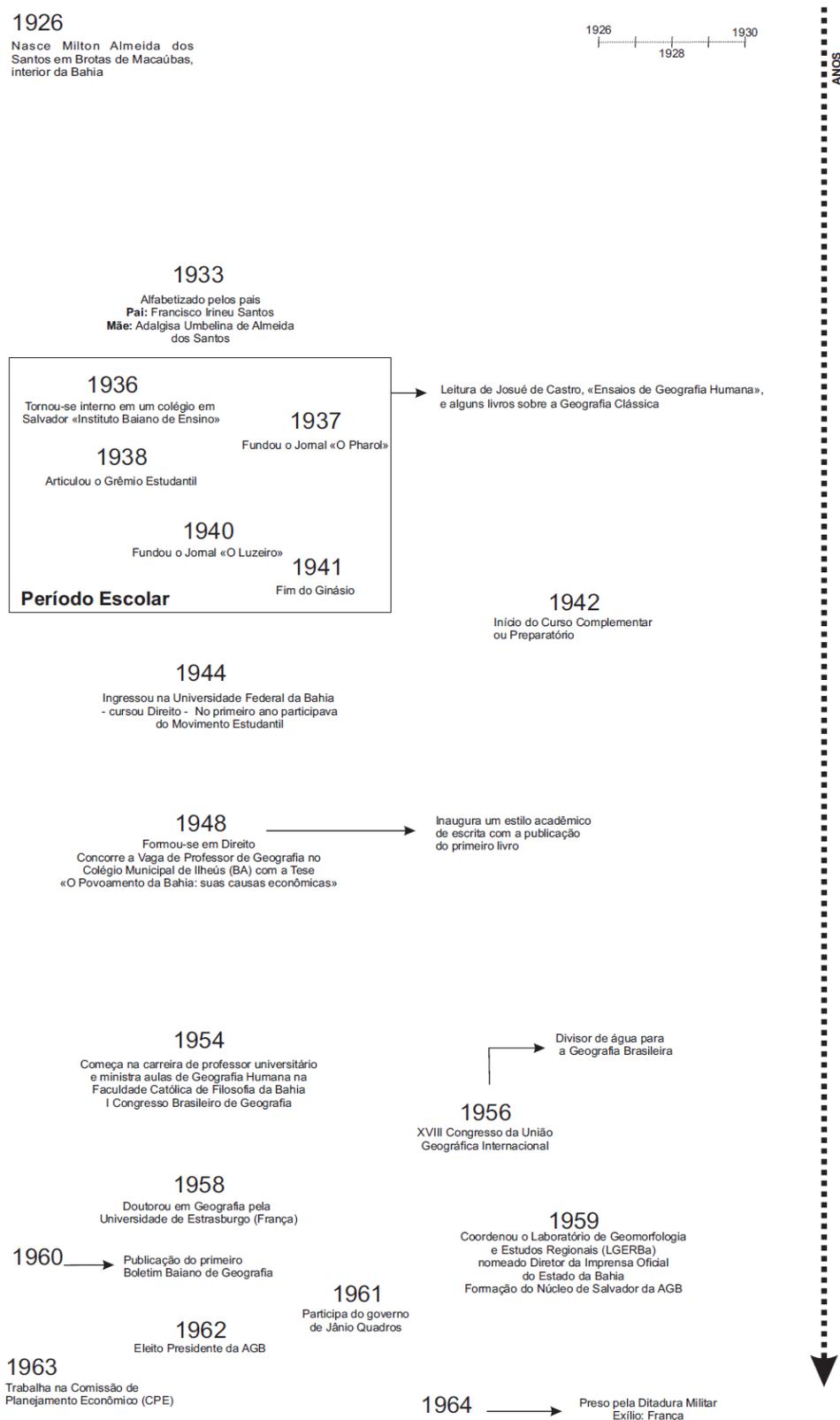
---

<sup>168</sup>Segundo Castro (1996, p. 185), “esse convite foi levado ao conhecimento da região militar pelo Coronel Humberto de Melo, promovido depois a general-comandante do 2º Exército de São Paulo. (...) O cônsul da França, Raymond Vander Haegen, foi o intermediário do governo francês que levou o convite ao Coronel Humberto de Melo, que era o ‘carcereiro’ do nosso quartel. Sabe qual foi a resposta desse coronel? ‘Diga que ele não vai não, ele gosta de louras’ (*risos*). (...) Pela atitude do coronel, conclui-se então, que a prisão de Milton, decorria do fato de Milton, sendo uma pessoa de cor negra, gostar de mulheres brancas. Segundo eu soube de fonte fidedigna, no dossiê contra Milton, havia fotografias dele com mulheres brancas em circunstâncias de reuniões sociais, conferências, o que mostra o caráter deprimente dessa gente que assumiu o país: a falta de decência pessoal”.

Nesse período, em que Milton se isolou do território brasileiro, aproximadamente treze anos, ele teve a oportunidade de dialogar com alunos e professores de diferentes lugares do mundo e de várias latitudes. Todas as suas ocupações, desde jornalista, político ou professor, eram desempenhadas na finalidade de exercer suas atividades com mestria, em consequência, Santos alcançou certo prestígio e reconhecimento social.

Segue um resumo dos principais eventos na trajetória biográfica do personagem.

## Mapeamento Biográfico: o «Jovem Milton Santos»



**Figura 01:** Mapeamento Biográfico

### 3 AS CÉLULAS IDENTITÁRIAS E AS CARACTERÍSTICAS SELETIVAS.

As “células identitárias” são as referências que constituem a subjetividade do personagem e o afirmam enquanto ser e enquanto ser no mundo. Muitas vezes são estas características que se sobressaem e, que nos fazem identificar com o personagem.

Esse processo de afinidades tem relação com o ideário produzido e defendido pelo personagem. Esse ideário, presente nas práticas intelectuais e sociais do personagem, são fruto tanto das relações exteriores que o formam quanto do processo interno que o faz conceber o mundo, que se afetam instintivamente e reciprocamente.

Não existe uma regularidade lógica que afirme que primeiro venha às relações exteriores e depois às práticas interiores. Portanto, as células identitárias partem destas premissas.

Como havíamos discutido anteriormente, para a tese, enumeramos cinco mediadores, com objetivo de delimitar o que será analisado: (i) ação revolucionária [momentos em que o personagem resistiu a ordem vigente]; (ii) consciência cidadã [nas passagens as quais o personagem revela a importância de transmitir valores para uma vida melhor]; (iii) relações interpessoais [na ocasião em que revelava-se através das convivências], (iv) escala de difusão do pensamento [nas ocasiões que o personagem ampliava o universo dos diálogos], (v) compromisso com a ciência [quando o personagem assumiu para si a Geografia como sua especialidade].

Ao longo da trajetória biográfica, os mediadores das células identitárias ajudaram a definir o personagem enquanto intelectual de **vanguarda**, **universalidade** e com **viés geográfico**, além de entender a ideia [ou sistema de ideias] do personagem como acontecimento situável no tempo. De modo que, a biografia foi imprescindível para visualizar os pontos em destaque.

**Quadro 11:** Células Identitárias

<b>CÉLULAS IDENTITÁRIAS</b>	<b>PASSAGENS NOS TEXTOS</b>
(i) ação revolucionária	Com a Sudene sob ataque, o planejamento estadual estava mais vulnerável aos seus adversários tradicionais da oligarquia (...). Ao pôr-se a frente desse processo, ao distanciar-se do discurso tímido do governo estadual, herdava Milton Santos os conflitos oriundos desse choque de interesses. (...) Milton Santos cometera o erro – ou acerto – de identificar-se com a corrente renovadora do planejamento, diferenciada da origem de municipalismo tradicionalista do governo. Com isso apresentou-se como vítima propiciatória, predeterminada, da opressão ditatorial em seus primeiros momentos. Em 1964, tornou-se um dos alvos mais notórios do primeiro movimento de repressão à intelectuais na Bahia. Sua prisão foi uma arbitrariedade que, entretanto, significa o reconhecimento da autenticidade de sua atuação no planejamento social e econômico no Estado da Bahia. (PEDRÃO, 1996, p. 60 – 61).
(ii) consciência cidadã	Alegre, descontraído, perspicaz, sutil, crítico, assim se apresentava o temperamento do nosso novo professor de geografia. Ocupava o tablado, mas não se distanciava de suas jovens discípulas. (...) Não tenho lembrança de um dia sequer de mau humor. Não tenho ideia de ter faltado, por uma vez, o sorriso que inebriava a todas nós. Não me recordo de uma aula menos interessante do que outra. (...) Assim começaram as nossas aulas de Geografia. A forma de expor era clara e cativante – (...). A ciência era posta como elemento de compreensão e de reflexão, de que resultava o entendimento que se construía a cada passo, sem recursos à pura memorização. (...). Aprendemos geografia, sim. Passamos a ter outra visão dos estudos geográficos e com isso pudemos fazer, a partir de então, uma aplicação mais geral dos conhecimentos apreendidos. Foram aulas magníficas. (CARDOSO, 1996, p. 83).
(iii) relações interpessoais	Minha estada na Bahia durou, aproximadamente, três meses. Uma colaboração mais eficiente se efetuou com o prof. Milton Santos, que soube despertar para as nossas pesquisas o interesse de numerosas personalidades do Estado. (...) No começo era claro que não nos levaram muito a sério; e se um veículo e um “chauffeur” nos foram cedidos foi mais pela amizade a Milton Santos (...). (TRICART, 1960, p. 38 – 39)
(iv) escala de difusão do pensamento	Atravessar a mancha azul de seu mapa-mundi exigiu, além de coragem na algibeira, o anseio de aprender interagindo com os mestres franceses que tanto o fascinavam, fortalecido pela certeza de que um sonho não é apenas para ser sonhado, mas sobretudo para ser perseguido. Assim obtém na França, em 1958, o título de doutor em geografia pela Universidade de Estrasburgo e volta à terra natal para ingressar como professor na Universidade Federal da Bahia. (SILVA, 1996, p. 50).
(v) compromisso com a ciência	O final dos anos cinquenta [1950] representa um marco para ciência geográfica na Bahia. Retornavam da França, onde tinham realizado cursos de doutorado na Universidade de Estrasburgo, geógrafos baianos – Milton Santos, Nilda Guerra de Macedo, Ana Dias Carvalho, Tereza Cardoso da Silva – que, com entusiasmo e sob a liderança do primeiro, constituíram na Universidade Federal da Bahia, com aprovação do então Reitor Edgard Santos e o apoio da Cooperação Técnica Francesa, através do Prof. Jean Tricart, o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais (...) desenvolvendo estudos que permitissem melhor conhecimento geográfico do Estado da Bahia, como subsídios aos planos e programas governamentais da época, contribuindo para o próprio desenvolvimento da geografia no país. (GONÇALVES, 1996, p. 85 – 86).

Org.: COSTA, P. H. F (2013)

(i) A ação revolucionária manifesta-se nos conteúdos publicados desde os jornais estudantis, ou seja, a escrita denunciativa. O discurso contestador é uma característica marcante em seus artigos de jornais e nos primeiros trabalhos de Geografia<sup>169</sup>. O enfrentamento da ordem é visível nas passagens que teve pelo Grêmio Estudantil do seu colégio e no Centro Acadêmico.

Um fato curioso transformou a vida de Milton Santos. Ele e Manuel Correia de Andrade contrariando as normas do Curso de Altos Estudos Geográficos e descontentes com o boicote a Jean Tricart, após o Congresso da União Geográfica Internacional, frequentaram as palestras do geógrafo francês que estavam sendo ministradas em outro local.

Esta aproximação rendeu bons frutos e uma parceria de muitos anos, como o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais (LGERUBa), na Bahia [primeiro no Brasil], que formavam geógrafos com a capacidade técnica de avaliar a paisagem. Além disso, o Laboratório, em parceria com Instituições na França incentivava os jovens pesquisadores para o doutorado no exterior.

Ademais, Santos incentivou os colegas baianos a se efetivarem como sócios na Associação de Geógrafos Brasileiros e fundarem uma revista própria para difundirem as ideias do grupo tanto no Brasil como em outros países. A contribuição aos governos de Jânio Quadros e João Goulart, os quais inauguram uma linha mais diplomática entre as nações e aprofundam os laços com os países socialistas e seu sistema de gestão, indicava a afinidade com o projeto de reforma anunciado.

E por fim, o Exílio foi à concretização que essa ação revolucionária era presente e incomodava.

(ii) A formação de uma consciência cidadã vem de uma estrutura familiar ciente ao preconceito presente na sociedade brasileira da época. A formação intelectual tanto dos pais quanto dos avós contribuíram para educá-lo contra este sistema racista e de classe que o Brasil estava inserido.

---

<sup>169</sup>Entre os artigos, percebe-se uma característica peculiar do personagem: o fato dele querer denunciar para mudar a realidade. A exemplo, duas passagens que se distam em exatamente dez anos: (i) “Com a instalação da ditadura no país e a ostentação megalômana dos seus chefes, a centralização política e administrativa roubava aos municípios com pesados impostos, todas as possibilidades de progresso, tirando a vitalidade, pois o resultado daqueles tributos não era aplicado nos municípios, mas sim na Capital Federal, onde foram construídos palácios babilônicos” (SANTOS, 1948, p. 86); (ii) “O subdistrito de São Caetano, legalmente reservado para habitação popular, vem sofrendo uma dupla evolução funcional, que terminará por dificultar aquele objetivo. Sob o apelo da estrada de rodagem, são muitas fábricas que se instalaram em suas margens. Se isso não tem maior gravidade, em virtude de não serem nocivas à saúde, é inegável que contribuem para crescer o preço dos terrenos, numa cidade cujo urbanismo é meramente especulativo. (SANTOS, p. 262, 1958d).

O rigor na alfabetização em casa, o ensinamento de disciplinas transversais como: álgebra, língua francesa e etiqueta e, a escolha por melhores centros de ensino, revela o comprometimento que seus pais tinham para a educação de Milton Santos. Ele nunca negou a importância de tal fato para sua formação e soube reproduzi-la nas manifestações estudantis, sendo apartidário e convicto em suas próprias ideias, na preocupação, quase particular, com seus alunos em eles aprenderem a matéria lecionada. E o esclarecimento ao povo da Bahia, por meio dos jornais que assinava, sobre as questões que incidiam diretamente em suas vidas. Além da vontade de lecionar Geografia tanto no ensino médio quanto na universidade.

(iii) As relações interpessoais simbolizam tanto uma rede de contatos que Milton Santos soube aproveitar quanto revelar a importância de personalidades que o direcionaram a seguir na trilha da Geografia. Os professores do ginásio, os professores da universidade incentivaram a prática da docência, os do colégio, foram ainda mais decisivos quanto à preferência pela Geografia.

Foi por meio dos livros indicados por eles que Milton teve seu primeiro contato com o discurso dos geógrafos. Os docentes universitários o desestimularam a seguir advogando e o valorizaram na carreira de professor, foi através das aulas dessas personalidades que Milton Santos construiu uma visão do Brasil como uma nação, já que muito atuavam na política e traziam para sala de aula o debate.

Conformado com a carreira de professor de geografia, Milton Santos alça voos maiores e, foram os contatos com os professores da Universidade de São Paulo que iniciam uma conexão e uma possibilidade de dar vazão aos escritos que até então circulavam somente pelo Estado da Bahia.

O convite para palestras e a participação dos eventos da classe o estimularam a insistir na área. Foi então que no Congresso da União Geográfica Internacional, Milton Santos conhece Jean Tricart e outros geógrafos estrangeiros e inicia-se um contato que lhe permitiu realizar o doutorado na França e trabalhos em cooperação.

(iv) A escala de difusão do pensamento era representada pela necessidade de expor suas ideias aos outros. Assim, primeiro na escola, por meio dos folhetins, depois no trabalho como jornalista e, por fim, nos periódicos das associações que faziam parte e dos eventos que participava tanto nacional quanto internacional.

A viagem para a França, com o objetivo de realizar o doutorado ajudou a ampliar sua cognição sobre o mundo e aproveitou para relatar aos professores a realidade brasileira.

(v) O compromisso com a ciência, no caso do personagem com a Geografia, declara-se no interesse de Milton Santos pelas obras de Josué de Castro, Lucien Febvre e outros

clássicos no colegial. Tal interesse pela Geografia o levou a lecionar a disciplina em colégio da cidade de Salvador e na região do Recôncavo Baiano e a optar pelo cargo de professor, mesmo depois de formado, tanto primário, secundário e universitário.

A participação dos cursos do IBGE, no Rio de Janeiro, em eventos de geógrafos e a leitura sistemática do Boletim Geográfico declarava a obsessão pela ciência. De modo que, Milton Santos decidiu por um doutorado no Instituto de Geografia da Universidade de Estrasburgo, que abriu as portas para ele seguir carreira.

Já em sua volta coordenou o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais (LGERUBa) onde passou a dedicar-se a estudos sobre o Estado da Bahia, além de treinar professores, técnicos e estudantes no campo da pesquisa. Milton Santos sempre buscou atualizar-se sobre as questões foco da Geografia, seja entre os geógrafos brasileiros seja entre os geógrafos franceses, para isso, acompanhava as principais publicações nacionais e internacionais, além de participar como membro das principais instituições da classe e formar eticamente novos geógrafos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES

A história do pensamento e das ideias do jovem Milton Santos não poderia ser compreendida fora de um desenho contextual e biográfico. A abordagem contribuiu para nos precaver de uma interpretação equivocada do pensamento miltoniano, o que diminuiu o risco de interpretarmos seus pensamentos erroneamente.

Infelizmente, muitas vezes, estudantes, professores e bacharéis conservam frases isoladas, questões atemporais, chavões mal interpretados e se esquecem de contextualizar o momento no qual o pensamento do personagem está inserido.

Logo, o mapeamento biográfico rastreou momentos cirúrgicos na formação e constituição de um indivíduo de **vanguarda** (pela ação revolucionária), de **universalidade** (via as relações interpessoais e a escala de difusão) e com **viés geográfico** (por meio do compromisso com a ciência e a formação de uma consciência cidadã).

O capítulo não teve a intenção de ressuscitar o intelectual ou imortalizá-lo, mesmo que isso ocorra. Porém o objetivo maior foi ver como a vida do biografado pela nossa ótica contribui para comprovar as hipóteses do trabalho.

Além de resgatar os dados biográficos referentes à história pessoal do personagem tentamos delinear seu perfil nos diferentes momentos de sua trajetória, edificar o retrato da

pessoa que ele foi, perceber o comprometimento que o personagem tinha com a Geografia e demonstrar o rigor na construção de seu pensamento.

O que tentamos foi não procurar escrever somente uma história de vida contextualizada, mas, um estudo sobre a vida e sua conexão com o Recôncavo, a Bahia, o Brasil e o Mundo para se afirmar o que defendemos na tese.

O elemento propriamente biográfico, contado cronologicamente, pode até ser sacrificado, já que o foco são algumas particularidades que estão presente em sua trajetória. A atenção para o mapeamento biográfico é retomada sobre um discurso, uma conversa, uma ação, um lugar, uma relação que provocou uma reflexão ou proporcionou o acesso a alguma coisa, seja em sua forma material ou em sua forma política.

Apesar das deformações, restrições e omissões decorrentes da pesquisa, o exercício foi reunir argumentos e matéria-prima presentes na primeira fase da historiografia do personagem, no sentido de apresentar não apenas o intelectual em formação devoto a refletir “geograficamente” a Bahia, mas o menino, o adolescente, o adulto; o “jovem” Milton Santos e os detalhes históricos.

Tal período incide as mais desconhecidas publicações, como veremos no próximo capítulo com detalhe, que quando investigadas se apresentaram sob uma matriz de pouco interesse aos geógrafos contemporâneos [àqueles que dedicam os estudos à escola miltoniana], por exemplo, a que se constrói por um núcleo originário o qual denominamos epistemologia vidaliana.

De fato buscamos selecionar e valorizar, no nosso trabalho, passagens pessoais e da cena política baiana, que evidenciaram o personagem como um pensador e um homem de ação, logo, um homem de **vanguarda, universalidade** e com **víeis geográfico**.

### CAPÍTULO 3 – TAXONOMIA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA/GEOGRÁFICA DO “JOVEM MILTON SANTOS”

#### 1. INTRODUÇÃO

O autor de uma obra é sem dúvida o personagem da própria. Na explicação de qualquer documento, conceito, palavra e pensamento buscamos ao lado de quem os produziu o entendimento do conjunto de sua literatura. O personagem/autor fala e sua voz revela-se sobre as linhas que ele publicou. Essas linhas podem demorar segundos, minutos, dias, ou um tempo infinitesimal de construção e arranjo, mas só o autor tem o discernimento da tamanha dedicação de conceber o tempo de amadurecimento da própria obra.

Às vezes a trajetória da construção dessa obra é dividida com o leitor, às vezes é guardada em segredo e jamais revelada explicitamente, cabendo o intérprete dar *corpus* à investigação. A obra é um conjunto de linhas, as quais são um emaranhado de símbolos, ou seja,

um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura. (BARTHES, 2004, p. 62)

O Autor e a obra praticam uma relação de confiança, de cumplicidade, de revelações. Por meio da obra o intérprete identifica a coerência, as influências, os desvios, as letras maiores e menores e o julgamos em rótulos pré-definidos pela ciência, pela filosofia e pelo senso comum.

Alguns intérpretes além de sentenciar somam ao veredicto final as penalidades e os erros. Contudo não devemos praticar tal heresia, não devemos condenar a figura do personagem/autor, generalizando como se os pensamentos evidenciados na obra o acompanhassem em toda trajetória de vida.

Mesmo que seu universo discursivo se limitasse a esse campo de pensamento, jamais deveremos censurá-lo e sim enfrentá-lo num embate argumentativo. O autor vive em sincronia com a sua obra, o que ele pensa = ele expõe, o que ele vê = ele revela, certo que, a interpretação da realidade é um acúmulo de vivência, experiências, leituras. Porém, a partir do momento que o pensamento é materializado sobre uma folha ele eterniza sobre o tempo da escrita e cabe ao autor rever e avaliar seu posicionamento e nós leitores a confrontar sem acusar.

Cada leitor tem uma interpretação e um tribunal. A figura do leitor é importante para o autor/personagem. Este pode ser somente um leitor [uma pessoa que lê sem compromisso com a análise e compreensão textual] e pode ser, também, um comentador. Já nesta categoria o leitor apresenta um discurso mais envolvente e cúmplice com a obra do personagem. Assim, a partir deste leitor é possível levar o legado do autor/personagem; ou reproduzir o conhecimento adquirido ou provocar o renascimento do autor/personagem; negá-lo e começar de novo, logo, ele rejuvenesce, moderniza, areja o pensamento do autor/personagem. Tal leitor é capaz de colocar o conjunto da obra em outro tempo, o tempo do leitor.

O leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse *alguém* que mantém reunidos em um mesmo campo todos os traços de que é construído o escrito. (BARTHES, 2004, p. 64, *grifo do autor*).

Por isso nós propomos para o capítulo 3 centralizarmos nossos esforços no exame do conteúdo da obra do personagem [produção científica/geográfica] sem perdemos o momento histórico no qual o personagem produziu o texto. Portanto, ao revisitarmos os trabalhos do personagem foi possível compreender a genealogia de seu pensamento. Ao o reproduzirmos, refletirmos sobre a intenção que levou o personagem a construir tal citação.

Apresentamos, então, uma taxonomia do discurso do personagem, para que quando evocarmos o pensamento dele, mesmo quando discordarmos, sejamos fiéis a essência das questões que o fizeram refletir. Logo, interpretaremos a obra, durante as décadas de 1950 e 1960, procurando um significado comum entre os textos produzidos no período ao qual nos ajudasse a firmar a hipótese: **O personagem Milton Santos emerge como uma referencia de vanguarda, universalidade e com viés geográfico já em sua primeira fase intelectual, a qual denominamos de “Jovem Milton Santos”.**

Diante disso percebemos que muitos não fazem parte de uma mesma raiz filosófica e nem de um mesmo grupo de preocupações. Contudo todos retratam a Bahia e no máximo o Brasil<sup>170</sup>, mas, em cada fase, deparamos com um quadro de pensamento diferente, ou melhor,

<sup>170</sup>Não analisamos os textos: (i) SANTOS, M. Notas de viagem à Costa do Marfim: Economia comercial e transformação da paisagem na A.O. F. In: **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, ano XII, n.1/2, p. 5 – 16, 1959I; (ii) SANTOS, M A cultura do cacau na Costa do Marfim. In: **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 31, p. 68 – 95. Mar, 1959J; (iii) SANTOS, M. Uma comparação entre zonas cacauceiras do Estado da Bahia (Brasil) e da Costa do Marfim. In: **Boletim Baiano de Geografia**, Salvador, ano I, n. 3, p. 21 – 33, dez, 1960D; e o livro: SANTOS, M. **Marianne em Preto e Branco**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1960E. Por não se encaixarem com a classificação apresentada e por serem fruto de viagens à África, apresentando um discurso ora comparativo com regiões do Brasil, ora literário.

uma matriz clássica originária distinta. Apesar de que alguns textos coexistem em dois momentos, isto é, percebemos artigos voltados a um determinado período e outros em transição “ideológica”.

A diversidade de influências<sup>171</sup>, demonstrada nos textos, em menos de duas décadas, registra as fontes pelos quais o personagem recorria para a construção de seu discurso e a “vontade de potência<sup>172</sup>” na qual o personagem empregava com o intuito de ampliar o horizonte do seu conhecimento. Em resumo, a investigação consistiu em primeiro resenhar os textos escolhidos. Em segundo, suprimir o autor do universo de sua escritura, identificando as matrizes clássicas originárias e as perspectivas geográficas que o seguem em cada ensejo.

Portanto, foi necessário defender que o discurso se limita às séries de comentários publicados sobre/ou do personagem, porém, a análise foi mediada pela biografia e pelo vocabulário, já que a produção do discurso é consequência dos processos de leituras que o personagem traz ao debate, as experiências cotidianas que o personagem realiza em vida, os acontecimentos que precederam o ato da escrita. Desse modo

todo discurso é marcado historicamente, espacialmente e subjetivamente, ou melhor, intersubjetivamente. Ele carrega, então, as marcas de uma época, de um lugar e dos sujeitos envolvidos. Se o objeto língua apresenta a linguagem como algo descontínuo, o discurso é da ordem do contínuo. (FERREIRA, 2012, p. 98)

O discurso ocupa dois níveis da análise: o primeiro “um nível imanente à matéria enunciada”, indicando o sentido que o personagem dá aos fatos que relata, isto é, o desencadeamento das ideias visível na escrita, logo, as frases por elas mesmas reproduzidas e seu efeito no texto. E o segundo que transcende a todo o texto e que permite identificar a estrutura filosófica presente e que orienta o autor/personagem no processo de escrita. (BARTHES, 2004)

Tornar o discurso do autor/personagem como objeto desse capítulo, ou, de análise do geógrafo é entrar numa questão debatida por Ferreira (2012) a qual apoiamos.

---

<sup>171</sup>Ver nota 3 sobre como consideramos a categoria influencia na Tese.

<sup>172</sup>Nas palavras de Nietzsche (2011, p. 245) “a vontade de potência é a forma primitiva das paixões, que todas as outras paixões são apenas configurações dessa vontade, que haveria aí maior clareza, em lugar da idéia de ‘felicidade’ individual (à que deve aspirar qualquer ser vivo), a idéia de potência: ‘aspirar a potência, a um acréscimo de potência; o prazer é apenas um sintoma do sentimento de que a potência foi atingida, é a percepção de uma diferença – (não se aspira ao prazer: este produz-se desde que se atinge ao que se aspirava: o prazer acompanha, ele não põe em movimento); que toda a força é vontade de potência, que não há outra força física, dinâmica ou psíquica”. Isto, para dizer que Milton Santos no que tange a permanência e as rupturas da Ciência Geografia sempre se esforçava na intensão de

Todos esses aspectos definidores do discurso [o discurso é orientado; o discurso é uma forma de ação; o discurso é interativo; o discurso é contextualizado; o discurso é assumido; o discurso é rígido por normas; o discurso é um interdiscurso] fazem dele um objeto complexo apreendido na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Ele é muito mais uma concepção de linguagem do que o objeto de uma ciência particular. (FERREIRA, 2012, p. 99).

O objetivo da seção foi apresentar os principais trabalhos do professor Milton Santos em sua primeira fase ou “Jovem Milton Santos”. Voltar às obras ou revisitá-las permite a intelecção de certos pressupostos dos quais o autor partiu para construir sua reflexão, ou seja, dá ao leitor uma sequência para chegar à inteligibilidade das ideias do autor/personagem.

A leitura comentada ou crítica dá lugar a um olhar preocupado sobre o que de original se pode constatar, assim como a procedência do discurso. Segundo Moreira (2008, p. 47), “é comum as matrizes brotarem e se revelarem das obras dos autores”. Contudo, primeiro apresentamos uma síntese dos principais textos na fase Jovem e em seguida a análise.

## 2 PANORAMA BIBLIOGRÁFICO: PRINCIPAIS TEXTOS COMENTADOS

A lista do anexo 1 apresenta todos os textos que foram analisados durante a Tese. Contudo, resenhamos alguns a exemplo de cada período da trajetória do Jovem Milton Santos. A leitura comentada ou crítica deu lugar a um olhar preocupado sobre o que de original podemos constatar nas publicações. Assim, como a intertextualidade presente entre eles.

### 2.1 – Escola Francesa de Geografia Clássica

Os textos apresentam características da Escola Francesa de Geografia Clássica, período vidaliano, o qual será melhor pontuado no próximo tópico.

1) SANTOS, M **O povoamento da Bahia:** suas causas econômicas. Tese para concurso à cadeira de Geografia do Brasil do ginásio de Ilhéus, Bahia. Imprensa Oficial da Bahia 1948.

O trabalho em questão foi um esforço de interpretação sobre a formação da população da Bahia à luz dos principais fenômenos econômicos ocorridos no território. Os fatores econômicos para Milton Santos foram de extrema importância para a primitiva localização dos grupos humanos na Bahia, assim como sua permanência e desenvolvimento.

Interessa-o ver até onde certa classe de fatores econômicos influenciou no adensamento populacional do território baiano. Assim, ele divide a obra em duas partes denominadas respectivamente como: (i) o povoamento num sentido estático, a qual enumera os elementos étnicos (indígena, branco e negro) da formação social baiana, fator importante no crescimento da população, bem como a miscigenação; (ii) o povoamento no sentido dinâmico, que investiga as causas que levaram os diferentes grupos a se expandirem não só no sentido do litoral, mas nas outras direções e aponta o papel da lavoura de cana e indústria açucareira, da criação de gado e da mineração como os principais fatores de desenvolvimento.

Nesse estudo, Milton Santos<sup>173</sup> discute os elementos indígena, branco e negro. Em relação aos indígenas muitas eram as famílias e nações as quais, dividindo um mesmo espaço baiano, encontravam-se em permanente estado de guerra, entre elas e com os portugueses.

As lutas, muitas vezes, forçavam as migrações indígenas, principalmente, levando-os a desbravar o interior do estado da Bahia. As perseguições aos índios, assim como a busca por pedras preciosas, serviram aos portugueses a sua marcha para o oeste. O povoamento da Bahia configurou-se sob a influência desses processos de ocupação do território.

Outro elemento a considerarmos é o elemento branco, ou seja, os descendentes de portugueses. “O povoamento da Bahia por essa classe de gente é obra exclusiva do português”. (SANTOS, 1948, p. 33). Dos portugueses, segundo Milton Santos, o povo brasileiro herdou o cosmopolitismo, a capacidade de acomodação nos mais diferentes lugares e a tolerância à mestiçagem<sup>174</sup>.

O fator preponderante na formação social baiana e que completa o trinômio racial da Bahia foi o elemento negro. A chegada dos negros tem influência nas questões econômicas. Os negros, de origem africana, vieram suprir o trabalho do indígena, principalmente no Recôncavo Baiano.

O contato com terra do Brasil, transformando o português num agricultor, iria, forçosamente, determinar a necessidade de braços para a lavoura. Eram a lavoura da cana e a conseqüente indústria do açúcar, as atividades básicas

---

<sup>173</sup>Nas referências bibliográfica, encontram-se importantes historiadores, geógrafos e sociólogos, como: ABREU, J. C. – O Brasil no Século XVIII, Caminhos antigos e povoamento do Brasil, Diálogos das Grandezas do Brasil, O descobrimento do Brasil, Capítulos de História Colonial; AZEVEDO, A. de – Geografia do Brasil; CARVALHO, D. de – Geografia do Brasil, Geografia Regional do Brasil; FREYRE, G. – Novos Estudos Afro-Brasileiros, Casa Grande e Senzala, Nordeste, Sobrados e Mucambos, Interpretação do Brasil, O mundo que o Português criou, Região e Tradição; FREIRE, F. – História Territorial do Brasil; HOLLANDA, S. B de – Monções, Raízes do Brasil; MONBEIG, P. – Ensaios de Geografia Humana Brasileira; PRADO JUNIOR, C – História Econômica do Brasil, Formação do Brasil Contemporâneo; entre outros.

<sup>174</sup>“Depois de Cristo, foi o português quem mais contribuiu para a fraternidade entre as raças”. Gilberto Freyre (2004, p. 52).

do Brasil colonial e essas atividades exigiam grande número de trabalhadores. (SANTOS, 1948, p. 37).

Os primeiros escravos negros eram trocados por fumo, do qual era a Bahia o principal centro produtor. Daí, segundo Milton Santos, que se justifica, entre outros fatores, o grande número de negros entrados e permanecidos no estado.

Os primórdios do povoamento exigiram primeiro a fortificação da costa, depois o estabelecimento de feitorias e pequenos núcleos de povoações. O deslocamento de grandes massas e sua consequente fixação ao solo reflete a influência direta dos fatores econômicos, lavoura ou criação, e acusa a irradiação desses núcleos pelo litoral.

O interior foi ocupado, posteriormente, pelo pastoreio e pela mineração, responsáveis pelo grande êxodo do litoral para o interior e um relativo despovoamento da costa. No entanto, o fator de penetração era associado à caça ao índio.

Para Santos, o Recôncavo Baiano, principal área de estudo ao longo da sua primeira fase intelectual, foi a matriz do povoamento da Bahia e o ponto de partida das principais atividades econômicas. O geógrafo denominava de *Recôncavo* “todo o território povoado graças à determinada atividade econômica, no caso a lavoura do açúcar, tendo como subsidiária a do fumo”. (SANTOS, 1948, p. 57).

Logo, a região viu avolumar a população por conta do desenvolvimento da lavoura, principalmente, de cacau, introduzida no século XVIII e bem adaptada, ao passo que outras zonas encontravam-se sob uma estagnação econômica.

2) SANTOS, M. **Os estudos regionais e o futuro da Geografia**. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1953A<sup>175</sup>.

O tema, que se apresenta no livro influi para pensarmos a orientação que está seguindo a Geografia na década de 1950. Milton Santos, no momento, atribui aos geógrafos de orientarem-se cada vez mais para os estudos locais. De acordo com o estudioso, esse movimento da Geografia Mundial busca afirmar no mundo científico a disciplina Geografia como categoria autônoma e individual, ou seja, chegar à pretendida maioria científica por meio de investigação sobre as particularidades locais<sup>176</sup>.

<sup>175</sup>Tese de concurso para docência livre apresentada à cadeira de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.

<sup>176</sup>Além disso, Milton Santos colocava que (1953, p. 10), entre os seguidores das diversas direções do pensamento geográfico, existiam aqueles que questionavam, ainda porque não se havia fixado perfeitamente o objeto da Geografia, se merecia a esta disciplina “as honras de ser considerada como um ramo independente da Ciência”.

No entanto, apesar das dificuldades presentes em um estudo regional, Santos defende que o tema deve ser tratado com o maior cuidado. Para ele, com o desenvolvimento da chamada Geografia Regional, é possível construir uma mentalidade geográfica e apresentar na obra o papel da mesma.

No primeiro capítulo o autor alerta aos geógrafos que a Geografia Humana, diferente da Geografia Física, é imprevisível, ou melhor, é inexata como todas as ciências sociais. Para Milton Santos (1953A, p. 15), “os que primeiro lutaram por dar à Geografia os foros de ciência” não perceberam o quanto é inoperante a atribuição de leis derivadas da natureza para a Geografia Humana, “desconhecendo o quanto de instável, de inconstante e surpreendente acontece em tudo que participa o homem”.

Ainda critica os geógrafos que defendem que a Geografia é apenas um ponto de vista<sup>177</sup> ou, supõe que os fenômenos geográficos podem ser subordinados à previsão e à experimentação. Lembra-os que a analogia, ferramenta de análise para alguns deles, não é uma explicação científica, podendo no máximo ser uma etapa da construção da reflexão geográfica. “Em lugar de isolar os fatos que descreve, o geógrafo os vê enquadrados por outros fatos, que destes são inseparáveis”. (SANTOS, 1953A, p. 19).

Assim, a Geografia para Milton Santos, apesar das oposições impostas pelos cientistas sociais, possui princípios, objeto e métodos próprios, o que a faz uma ciência, integral e de relações preocupada com o todo.

Há, ainda, uma forte objeção, partida de vários pontos e principalmente dos sociólogos, que a consideram, como observa Le Febvre, um mero capítulo seu, uma espécie de Morfologia Social, e que consiste em afirmar que, não tendo o geógrafo um campo específico de atividades, não raro invade o das demais ciências, dessas intromissões se alimentando para poder continuar vivendo. É uma graciosa afirmativa que nos obriga a por em relevo uma das principais, senão a principal característica da Geografia em sua fase atual, pois ela quer ser, antes de tudo, uma ciência de relações, uma ciência integral. (SANTOS, 1953A, p. 18).

Não devemos, todavia, conforme Santos, explorar as generalizações. Dado que, o fato de duas ou mais regiões apresentarem condições naturais semelhantes ou partirem do

---

<sup>177</sup>Milton Santos, no livro *Os estudos regionais e o futuro da Geografia*, faz severas críticas à conferência, “Evolução da Geografia Humana”, proferida pelo prof. Delgado de Carvalho, em uma das sessões do IX Congresso Brasileiro de Geografia na cidade de Florianópolis no ano de 1940, e publicada pela Revista Brasileira de Geografia no ano de 1941, na qual, Delgado de Carvalho, defende que a Geografia é apenas um ponto de vista sobre o qual são examinados os elementos fornecidos por outras ciências, portanto uma ciência subordinada.

mesmo período tecnológico não conduz a que sejam organizadas da mesma forma pelo homem, tendo, assim, fisionomias idênticas.

Isso, junto às próprias diferenças estruturais de lugar para lugar, constitui o germe da diferenciação do mundo e de sua repartição em conjuntos regionais, cada qual guardando a sua individualidade e podendo dizer-se que a superfície do globo é um verdadeiro mosaico de regiões. (SANTOS, 1953A, p. 28).

Assim, o intelectual afirma que é necessário para o estudo das particularidades das realidades geográficas uma abordagem que leve em consideração a análise regional, e “se deve preocupar com as realizações dos grupos humanos sobre o nosso planeta”, as quais colocam a Geografia no hall das ciências humanas. (SANTOS, 1953A, p. 31).

É a essa realidade que se deve, principalmente, dirigir o estudo geográfico. Operação de análise, a investigação geográfica tende a verificar na síntese, que é o fato geográfico, quais os seus componentes e como entram em combinação. É a Geografia Regional que se incumbe dessa análise, em um determinado espaço, ‘inconcreto’ e de maneira global. [...] No seu desejo de afirmação, não pode haver para a ciência geográfica estudo mais profícuo e adequado que o da região. (SANTOS, 1953A, p. 32-33).

A geografia chamada regional encerra por conceituar região em duas perspectivas, uma natural e outra humana. Para Santos, a região geográfica seria a perfeita solidariedade entre os elementos complexos de cada uma, natural<sup>178</sup> e humana, que daria a sua caracterização.

Por fim, Milton Santos conclui que: (i) a abordagem regional, operando sob uma base espacial, dá à Geografia a especificidade de cientificidade; (ii) o objeto de estudo da Geografia são as regiões humanas; (iii) as regiões naturais não devem ser desprezadas, porém devemos nos atentar para não concluir que os fatos naturais determinam as ações humanas; (iv) não há limites lineares definidos e fixos entre as regiões geográficas e sempre haverá entre elas espaços intermédios.

---

<sup>178</sup>Como afirma Milton Santos (1953, p. 73), não deve o geógrafo desprezar os estudos das regiões naturais, no entanto, “o que se chamar com o designativo de região natural, imaginando um quadro existente antes das modificações atuais introduzidas pelo homem, certamente natural não será”. Pois, o homem, cuja adaptação ao meio não é passiva, modifica a paisagem primitiva, sem que seja fácil estabelecer a divisão entre trabalho do homem e da Natureza.

3) SANTOS, M. **Zona do Cacau**: introdução ao estudo geográfico. 2. ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo: Col. Brasileira. Vol. 296, Biblioteca Pedagógica Brasileira. 1957<sup>179</sup>.

O livro foi publicado originalmente em 1955, e reeditado, revisado e atualizado, por indicação de Aroldo de Azevedo, na Coleção Brasileira pela Companhia Editora Nacional em 1957. Apresenta uma descrição tanto física quanto humana da zona cacaeira baiana, região participante e ativa da vida econômica do estado da Bahia, ora nos momentos de crise, ora nos períodos prósperos.

A zona cacaeira da Bahia é a mais nova de nossas zonas de produção, e, entretanto, a mais rica. Cabem-lhe, no conjunto do país, cerca de 95% da produção total de cacau, o que nos confere o segundo lugar na estatística mundial. Tem o cacau, na economia do estado, um papel de relevo, já que de sua cultura, direta ou indiretamente, beneficia-se o erário com muito mais de metade do seu orçamento, constituindo, por si só, o sustentáculo de sua vida econômica. As crises que o abalam – crises, aliás, muito comuns aos produtos primários – não se limitam à zona produtora, mas se refletem, indelevelmente, em todo o estado da Bahia, cujas finanças também se regozijam com os seus períodos de bonança. (SANTOS, 1957, p. 7).

A porção do território baiano referente à Zona do Cacau quase que se sobrepõe aos limites da parte sul do estado da Bahia. Segundo Milton Santos, é bom notar que os fenômenos naturais, nela ocorrentes, são propícios para os índices de produtividade alcançados na região.

É o cacau uma planta de ecologia muito exigente, somente produzindo economicamente dentro de certas condições de solo, topografia e clima, sendo, sabidamente, mais importante essa última. Daí os limites de sua zona produtora serem dados em consonância com a incidência daqueles fatores naturais por ele requeridos, para que possa viver e florescer com vantagem. Essas condições são presentes nas terras do sul da Bahia, não havendo outra explicação para sua formidável adaptação. (SANTOS, 1957, p. 10).

O cacau teve um papel fundamental no desenvolvimento econômico da região. Milton Santos aponta a produção do cacau como causa para que o curso ascensional do sul do estado começasse; antes, ali se encontravam as culturas de arroz. O cacau justificou o desbravamento das matas, o ingresso nos sertões, o plantio às margens dos rios e o estabelecimento das grandes fazendas.

---

<sup>179</sup>Na segunda edição, Milton Santos procurou corrigir os erros da publicação original e acrescentou, também, alguns dos resultados de pesquisas e trabalhos mais recente, financiados pela Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia. Os capítulos inéditos são: Problemas de Geografia Urbana, O Comércio de Cacau e a Industrialização do Cacau. (SANTOS, 1957).

Todo o contexto da lavoura de cacau está associado ao modo de vida regional nascente; à distribuição dispersa e difusa do povoamento, à acentuada concentração demográfica nos principais núcleos populacionais e à dependência tanto das condições físicas do meio geográfico quanto do retorno econômico.

Para o geógrafo, a revolução dos transportes<sup>180</sup>, a qual atingiu o sul da Bahia, juntamente com o aumento das necessidades internacionais do cacau e os lucros auferidos na exploração desse produto, alteraram profundamente a organização espacial da região e como consequência, deslocaram certos ‘fronts’ pioneiros da agricultura de cacau.

“À proporção que o ‘front’ cacauero se ia deslocando, surgiam novos e deixava-se para traz outros, que cristalizavam a sua influência derredor das vias de comunicação” (SANTOS, 1957, p. 61), o que levou à proeminência de alguns núcleos populacionais em relação aos demais, acarretando a inevitável mudança na hierarquia urbana. “Aqueles [‘fronts’] situados à margem das linhas de circulação geral destinaram-se ao papel de disciplinadores das trocas no meio rural” (SANTOS, 1957, p. 75).

No entanto, conforme o autor, a Zona do Cacau nunca fora uma região de prosperidade coletiva. Era uma região produtora de desigualdades, ou seja, do ponto de vista socioeconômico, ela se enquadrava entre as regiões brasileiras de fome endêmica.

É verdade que, nas cidades, de modo geral, as pessoas de melhores posses se esmeram em apresentar mesas fartas, onde os princípios vitamínicos são abundantes. Estes, porém, e infelizmente, não chegam à metade, e a maioria dos habitantes vive no interior, espalhada pelas fazendas e roças. (SANTOS, 1957, p. 101).

A divisão territorial do trabalho, na Zona do Cacau organizava-se em torno dos seguintes personagens/agentes: (i) fazendeiro, chamado de cacaucultor, que se assemelhava ao grande proprietário rural brasileiro, e de maneira geral, perdera o laço afetivo com a terra, que caracterizava o camponês, e assim, “cuida de sua plantação porque sabe que dela é que hão de vir os grãos de ouro que lhe fazem a fortuna” (SANTOS, 1957, p. 106); (ii) o exportador, que diretamente negociava a safra com o mercado consumidor, principalmente, os Estados Unidos; (iii) o banqueiro, considerado como “o centro da vida econômica regional” (SANTOS, 1957, p. 109), pois adiantava dinheiro antes da safra, por meio dos empréstimos bancários; (iv) os trabalhadores, “responsáveis pela grande movimentação do braço humano”

---

<sup>180</sup>De acordo com Milton Santos (1957, p. 70), “chegando a rodovia, esta como que redistribuiu o espaço, reorganizando as relações comerciais, alterando as áreas de influência, perturbando, enfim, a hierarquia já estabelecida”.

(SANTOS, 1957, p. 109), eram à base da cadeia produtiva do cacau e respondiam pela variação demográfica da região, pois buscavam melhores salários na colheita.

O livro encerra sem uma conclusão, no entanto, a cada capítulo Milton Santos discorre sobre a ideia central, a Zona do Cacau, com efeito de levar a termo os pontos levantados. Na última seção do livro, apresenta uma série de dados estatísticos com a finalidade de ilustrar alguns dos argumentos defendidos na obra.

### 2.1.1 Análise dos Textos Comentados referentes à Escola Francesa de Geografia Clássica.

Em seus primeiros ensaios é visível a importância da Escola Francesa de Geografia – Fase Clássica, e conseqüentemente, um comprometimento com a epistemologia vidaliana, que por um lado registrou no discurso do personagem o amadurecimento de sua posição filosófica fundada na orientação neokantiana. Tal corrente contribuiu para que Milton Santos compreendesse a relação entre o homem e a natureza, salvando-se da crença num determinismo irrecorrível. Em certa medida, Milton Santos (1953A), lembrava que

não se pode dizer, de antemão, a natureza das relações que se vão dar em determinado território somente pela consideração das suas condições naturais e mesmo das técnicas aportadas pelo grupo que nele se vai fixar, porque do jogo ainda participam outros elementos, muitos dos quais incapazes de medida e que atuam diferentemente, trazendo conseqüências também diferentes (SANTOS, 1953A, p. 26-27)

Para isso o personagem admitia que o trabalho, do homem, inscreve na paisagem vestígios de sua capacidade criadora e transformadora independente das condições naturais encontradas, isto é, criticava o determinismo absoluto.

Por outro lado, para Santos, em concordância com os vidalianos, reconhecia que a ação do homem no meio geográfico ocorria por meio das atividades técnicas habituais com as quais o era capaz de idear tanto para sobreviver no mundo, quanto para não o tornar um ser vulnerável às adversidades.

Todavia, por trás dessa discussão, estava a definição de gênero de vida, termo apresentado na literatura por Vidal (1911), seguido por Max Sorre (1948), do qual Milton Santos apropria-se para refletir o prestígio da cultura do cacau [fruto] na formação de uma personalidade regional no Sul do Estado da Bahia.

Para Santos (1957, p. 8) “o cacau é, como produção agrícola, o responsável por inúmeros traços da fisionomia do seu ‘habitat’, tanto no aspecto econômico, como no social e, até mesmo, no psico-social”.

Portanto o cacau era o gênero de vida dominante e circunscrevia os contornos da região geográfica. Porém, é interessante notarmos, segundo Santos, que a própria oscilação econômica do gênero de vida refletia na instabilidade de sua região, isto é, ora a influência do produto ou área de produção dilatava-se por seus “fronts” [economia positiva] ora contraía-se nos momentos de crise [economia negativa].

Tal observação pode ser interpretada na seguinte citação: “Cada vez que o cacau cai de preço, no mercado internacional, ou simplesmente sobe o do gado em pé, os fazendeiros se sentem animados a transformar seus cacauais em pastagens (...)”. (SANTOS, 1956).

O livro “Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico”, cuja primeira edição foi concluída no ano de 1955 e a segunda edição publicada em 1957, abordou, de forma particular, a questão gênero de vida/cacau. Essa discussão, especialmente sobre a particularidade dos gêneros de vida, pode-se dizer que foi uma herança vidaliana, portanto, tal termo está presente em algumas obras dos representantes da Geografia Francesa Clássica<sup>181</sup>.

O estudo do gênero de vida cacauero corroborou para que o personagem se aprofundasse na discussão sobre os processos de intervenção do homem no meio natural, a introdução de novos elementos à paisagem, a relação entre núcleo urbano e campo, as formas de civilização presente nos arredores do gênero de vida. Porém, como unidade terminológica a expressão gênero de vida não é tão frequente, quer se apresente de forma clara, literal [SANTOS, 1956C], quer de forma subtendida [SANTOS, 1956A].

Por outro lado, o êxodo rural não se está verificando por motivo de uma melhoria nas técnicas agrícolas, o que seria até estimável, mas apresenta, mesmo, aspectos patológicos, como a transformação de terras de cultura em pastagens, como é o caso de Conceição de Almeida e de Castro Alves, que sendo da zona de Feira de Santana, tinha uma paisagem agrícola semelhante à de municípios do Recôncavo. Artur Ferreira, no que refere a Castro Alves, afirma que dos progressos da criação decorrem as causas da diminuição de população desse município do Recôncavo. A pecuária extensiva tem substituído os labores da agricultura. O novo gênero de vida, como se sabe, contribui para a rarefação da população, além de levar ao latifúndio. O fato deve ser levado à conta da ação metropolitana da cidade do Salvador. As

---

<sup>181</sup>Para Brunhes e Vallaux (1921, p. 66), “il est évidemment des groupes humains qui ont eu et qui ont encore une sorte d’activité strictement monopolisée ; mais, en général, ce qui existe, ce que révèle la géographie, ce sont des groupes humains ayant une forme d’activité prédominante, culture ou chasse, et qui associent dans leur genre de vie une ou plusieurs autres formes d’activité à celle-là”. De acordo com Sion (1909, p. 317) “telle semble avoir été la règle, en effet, au moins pendant la seconde moitié du XIX siècle : les documents qui signalent l’immigration provoquée par les chômages n’indiquent point que l’ouvrier soit retenu par la possession ou la culture d’un domaine, si exigü ful-il. En somme, le tisserand était resté un paysan par son genre de vie, par son travail de l’été, plutôt que par son amour de la terre”. Segundo Blanchard (1906, p. 414) le genre de vie du Flamand n’atténue pas ce qu’il y a, dans son caractère, de fermé, d’hostile à l’étranger. L’habitant de la Flandre intérieure vit autant qu’il le peut chez lui, dans sa maison, souvent isolée des autres demeures ; il apporte tous ses soins à la rendre gaie et propre : il la préfère au monde extérieur, où sévit un climat désagréable.

grandes cidades, como se sabe, obrigam sua região a adaptar a produção às suas necessidades. (SANTOS, 1956C, p. 122).

Há zonas que ainda estão a conquistar-se, e até das que primeiro foram desbravadas há testemunhas oculares da conquista da mata de cacau. As marcas do trabalho do homem estão bem presente. Não pesam as dúvidas pois, sobre o fato de haver a cultura cacaueira começado por ganhar o interior, subindo as margens dos rios: assim se beneficiava dos terrenos propícios e das facilidades no transporte do produto. Ainda hoje [década de 1950], quem sobe os rios Pardo, Jequitinhonha, das Contas, Almada ou qualquer outro, vê ainda, debruçada sobre o rio, a sede de uma antiga propriedade, com a sua casa grande, as barcaças, as casas dos empregados. Depois, a procura internacional gerou, em cadeia, a subida dos preços e uma febre de plantar. O desbravamento, já então, foi feito com a ajuda da ferrovia, depois da rodovia, dois novos elementos a paisagem. (SANTOS, 1956A, p. 388).

Até os fins da década de 1950, são muitos os livros e artigos que trazem um diálogo com os representantes da Escola de Geografia Clássica. Ao longo do texto, transparece para o leitor, que Milton Santos trava inúmeras conversas com os vidalianos, as quais acham explicitadas nas expressões: “no dizer de Lannou”, “observa Le Febvre”, “ensina Cholley”, “afirma ainda Vallaux”, “apontada por Gottmann”, “Já Gallois”, “acentua Demangeon”, entre outros.

Isso é algo que talvez nos comprove certo *modus operandi* do pensamento de Milton Santos. Entretanto, a despreocupação com as citações bibliográficas e as obras referenciadas, em muitos trabalhos, dificulta o conhecimento da origem de algumas ideias, uma característica que existia, entre os geógrafos franceses (ABREU, 1994).

A exemplo, SANTOS (1956, p. 392), “adotando a convenção de Sorre, que representa pela letra A as fazendas isoladas, com 1 ou 2 casas e menos de 15 habitantes, por B (...)”, é interessante notarmos que a proposta de representação simbólica mencionada pelo personagem como se fosse de autoria de Max Sorre não foi encontrada em nenhuma das obras analisadas do geógrafo francês.

Todavia, as poucas obras que foram mencionadas nos trabalhos de Milton Santos, podem apontar a dedicação que o personagem tinha em ler autores da Geografia Clássica.

**Quadro 12: Referências Bibliográficas – Geografia Clássica**

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>		
<b>Autor</b>	<b>Obra</b>	<b>Localização</b>
<b>André Allix</b>	L'Esprit et les methodes de la Geographie. In: les Estudos Rhodaniennes, vol XXIII, n4	(1953A)
<b>André Cholley</b>	La Geographie: guide de l'etudiant. Paris: Presses Universitaires de France, 1951.	(1953A)
<b>Albert Demangeon</b>	Problemes de Geographie Humaine. 3ª ed..Paris: Livraria Armand Collin, 1945	(1953A)
<b>Camille Vallaux</b>	Les Sciences Geographiques. Paris: Felix Alcan, 1929	(1953A)
<b>Emmanuel De Martonne</b>	Tratê de Geographie Physique. Paris: Livraria Armand Collin, 1948.	(1953A)
<b>Georges Chabot</b>	Les Villes. 2ª ed..Paris: Livraria Armand Collin, 1952	(1953A)
<b>Jean Brunhes</b>	La Geographie Humaine. Paris: Presses Universitaires de France, 1947.	(1953A)
<b>Jean Gottmann</b>	La Politique des Etats et leur Geographie. Paris: Livraria Armand Collin, 1952	(1953A)
<b>Pierre Deffontaines</b>	Defense et illustration de la geographie Humaine. In: La Revue de la Geographie Humaine et Etnologie, Ano I, n. I, p. 5 – 13, xx.	(1953A)
	Que est La Geographie Humaine, prefácio á “Geographie et Colonisation” de Georges Hardy.	(1953A)
<b>Lucien Febvre</b>	La Terre et l'evolution humaine. Paris: Livraria Armand Collin, 1948.	(1953A)
<b>Lucien Gallois</b>	Regions Naturelles et Noms des Pays. Paris: Livraria Armand Collin, 1908	(1953A)
<b>Maurice Le Lanou</b>	La Geographie Humaine. Paris: Flammarion, 1949.	(1953A)
	La Vocation Actuelle de La Geographie Humaine. In: Les Estudos Rhodaniennes, v. XXIII, n. 6, p. 272 – 280, xx.	(1953A)
<b>Max Sorre</b>	Les Fondements de La Geographie Humaine. Tom. I (Les Fondements Biologiques). Paris: Livraria Armand Collin, 1951.	(1953A)
	Les Fondements de La Geographie Humaine. Tom. II/Parte 1 (Les Fondements Techniques). Paris: Livraria Armand Collin, 1948.	(1953A)
	Les Fondements de La Geographie Humaine. Tom. II/Parte 2 (Les Fondements Biologiques). Paris: Livraria Armand Collin, 1950.	(1953A)
<b>Pierre Monbeig</b>	Ensaio de Geografia Humana Brasileira. São Paulo: Livraria Martins, 1940.	(1948) (1953A)
	Colonização, Povoamento e Plantação de Cacau no Sul do Estado da Bahia. São Paulo: Livraria Martins, 1940.	(1957)
	A Divisão Regional do Estado de São Paulo. In Anais da Associação dos Geografos Brasileiros, vol 1, 1949	(1953A)
<b>René Clozier</b>	As Etapas da Geografia. Lisboa: Publicações Europa, 1950	(1953A)
<b>Vidal de La Blache</b>	Princípios de Geografia Humana. Lisboa: Edições Cosmos, 1946	(1953A)

Org.: Costa, P. H. F. (2013)

O dualismo era presente, ao longo dessa fase, entre os polos: (i) Geografia Física e Geografia Humana; (ii) Geografia Geral e Geografia Regional, e ainda (o dualismo) encontra ressonância em muitas discussões elementares da ciência geográfica e são, frequentemente, abordados em seus ensaios.

Essas questões, evidentemente, são reminiscências da influência vidaliana. Já que no par: Geografia Geral/Geografia Regional - Vidal não era a favor a uma omissão dos pressupostos da Geografia Geral em defesa da Geografia Regional, mas de uma redefinição em seus objetivos.

Para Milton Santos (1953A, p. 30), a Geografia Geral “deixará de ser investigadora de leis absolutas, regulando os fatos geográficos, um fim em si mesma, para dedicar-se ao estudo da estrutura dos elementos geográficos e de sua aptidão para entrar em combinação, um método”.

Conquanto, seja a Geografia Geral, área que busque no particular, fenômenos singulares ao local de estudo enquanto realidade observável e não generalizações. No entanto, para a definição de Geografia Física e Geografia Humana, admitiam a Geografia enquanto uma ciência do homem. Para o personagem (1953A, p. 30),

ao longo de suas divergências conceituais, todos os geógrafos parecem estar de acordo em que a nossa disciplina se deve preocupar com as realizações dos grupos humanos sobre o nosso planeta. Os esforços dos grupos humanos para se afirmarem, mediante a combinação dos recursos que lhe são oferecidos pelo meio e a capacidade de que dispõem para desenvolvê-los, são um fator de diferenciação e de organização.

É bom notarmos, ainda, que a definição e a compreensão de Ciência Geográfica Moderna, para Milton Santos, seriam quando esta passa a ser uma vertente do conhecimento e se inclui no esquema das disciplinas autônomas, dando sentido e identidade a ela.

Para ele, e constatado em seus primeiros textos, o modelo pautado na Geografia Tradicional Francesa era a que definiria a Geografia como uma ciência moderna<sup>182</sup>. De acordo com Santos (1953, p. 12 – 13)

A Geografia de hoje, porém, se caracteriza por ser uma ciência de relações e a sua diferenciação como os demais departamentos científicos decorre de um princípio que lhe é exclusivo, o da conexão ou associação, mediante o qual ela estuda os fatos ocorridos na superfície da Terra, somente levando em conta a sua correlação com outros fenômenos, pois o seu estudo isolado pertence às outras ciências. (SANTOS, 1953, p. 12 - 13).

Assim como os vidalianos, Milton Santos reconhecia que a Geografia ganhou foro de Ciência e passou a ser um ramo independente quando ela apresentou uma convenção de

---

<sup>182</sup>De acordo com Capel (1981, p. 109), “a pesar de la temprana creación de una cátedra de geografía en la Universidad de París, en 1809, y de la fundación en 1828 de la primera Sociedad Geográfica Europea en París, puede afirmarse que, de hecho, la institucionalización universitaria y el desarrollo de la Geografía Moderna sólo se realizó en Francia en el último tercio del siglo XIX”.

princípios próprios. A saber, o personagem no livro “Estudos sobre Geografia” (1953), coloca que o caráter científico da Geografia toma por base a premissa de ter ela à posse de princípios como: o da atividade terrestre, o da unidade terrestre, o da conexão ou correlação, o da localização que se completa com a da extensão, o da causalidade.

o da atividade terrestre, o da unidade terrestre, o da conexão ou correlação, o da localização que se completa com o da extensão e o princípio da causalidade. [...] Pelo princípio da atividade terrestre aprendemos que a terra, ou seja, o objeto da Geografia, está em permanente mudança, por isso mesmo a Geografia é ciência viva, e como tal, há que adaptar-se, a cada instante, às modificações ou transformações do seu objeto. [...] O princípio da unidade terrestre significa ser a terra uma só, podendo os fenômenos ocorridos em determinado lugar repetirem-se em outro, contato que, também, se repitam as circunstâncias. Significa, ainda, que os fenômenos ocorridos num lugar podem influir, embora remotamente, na Geografia de outro, apesar de serem distantes um do outro. É o caso das secas do Nordeste brasileiro, que vão buscar suas causas mais recuadas em fenômenos ocorridos em outra parte do hemisfério. [...] A lei de conexão ou da correlação ensina que todos os fatos ocorridos em determinado lugar ou região tem estreita ligação uns com os outros e, mesmo, dependem uns dos outros, constituindo enfim uma cadeia da qual não se sabe ao certo, qual o primeiro ou qual o último elo. A noção de Ecologia deriva desse princípio. [...] O princípio de localização manda que se diga ‘onde’ está o fenômeno a estudar-se e o princípio da extensão ‘até onde’ se verifica a sua influência. Deste último deriva o conceito de área, de capital importância na Geografia moderna. Há, mesmo, quem chame a Geografia de ciência das áreas. [...] O princípio de causalidade deriva do fato de que todos os fatos da Geografia, seja ela física ou cultural, dão origem a outros fatos: são ao mesmo tempo, causa e efeito. (SANTOS, 1953, p. 16)

Outra característica encontrada entre os vidalianos e assegurada por Santos foi a concepção de contingência. É possível dizermos que o personagem compartilhava dessa visão quando afirmava que para realizar um estudo analítico dos fenômenos geográficos deveria buscar “reconhecer as relações recíprocas, de causa e efeito ou de simples interdependência, mantidas mutuamente pelos elementos de um precipitado”.

Defendia que “tanto mais a convergência é complexa, tanto mais rica é a realidade geográfica” e levantava a hipótese na qual o mais simples dos fenômenos geográficos, “exprime sempre uma combinação, uma convergência de elementos ou de fatores de diversas ordens”. (SANTOS, 1953A, p. 18 – 19).

Ainda sobre a contingência, Milton Santos (1953) alertava que os contornos de uma região não devem ser exatos e nem permanentes porque são marcados de contingência e aponta La Blache como o precursor dessa lição.

Pode o geógrafo sem dúvida, munido dos elementos que lhe estiverem à mão, tentar o bosquejo de uma planificação regional, mesmo em escala mundial. Não se deve esquecer, entretanto, da lição de La Blache, que ensina ser marcado de contingência tudo aquilo de que o homem participa. (SANTOS, 1953, p. 80).

A exemplo dos vidalianos, Milton Santos nessa fase, recorria às visitas técnicas para realizar seus trabalhos e reconhecia a abundância de informações que se podia coletar in loco.

Ubaitaba – cidade, no entanto, a bem dizer vive exclusivamente como reflexo do cacau, das fazendas do seu e de municípios vizinhos. Cresceu à sombra do cacau. Sua estrutura social, sua vida urbana, seu desenvolvimento, são função exclusiva do cacau, podendo dizer-se que mostrariam outros aspectos se viesse à região tributária a mudar de atividade. Sob esse prisma, pode Ubaitaba ser considerada cidade tipo da região, pelo menos uma das que, a nosso ver, melhor refletem as relações de ordem econômica e demográfica que derivam da cultura de cacau e do seu respetivo comércio. [...] Tentamos, assim, por em relevo as características que melhor se prestam a atestar essa evidência. Fizemo-lo não de gabinete, mas depois de estudo local, mediante observações, inquéritos, busca em documentos, conversa com entendidos e trabalho de crítica. (SANTOS, 1954, p. 3 – 4, grifo nosso).

Assim, Santos percorreu a Zona Cacaueira (1957), a cidade de Nazaré (1957A), a região de Jequié (1956), a zonal rural de Ipiaú (1955), o município de Ubaitaba (1954), entre outros. Algumas viagens de estudos eram financiadas pela “Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia”.

O personagem em alguns textos revelava a importância da parceria com a Instituição de fomento a pesquisa do Estado, como no trecho da 2ª edição do livro “Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico” (1957), que o auxílio financeiro permitiu ao personagem revisar e melhorar as reflexões contidas no livro ou no primeiro parágrafo do artigo “Ituberá: porto cacaueiro rejuvenescido pela indústria” (1958A) no qual agradece o capital investido para a atividade de pesquisa.

O autor [Milton Santos] procurou expungir da edição original os erros e equívocos que observou depois ou lhe foram apontados. E acrescentou, também, alguns dos resultados de pesquisas e trabalhos seus mais recentes, estimulados pela Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, como é o caso dos capítulos intitulados “Problemas de Geografia Urbana”, “O Comércio do Cacau”, e “A Industrialização do Cacau”. Outros capítulos sofreram, outrossim, modificações substanciais. A obra, porém, prossegue com o aspecto e a intenção originais – retratar em miniatura, mas com honestidade, uma das mais interessantes e características regiões do Brasil. (SANTOS, 1957, p. 8).

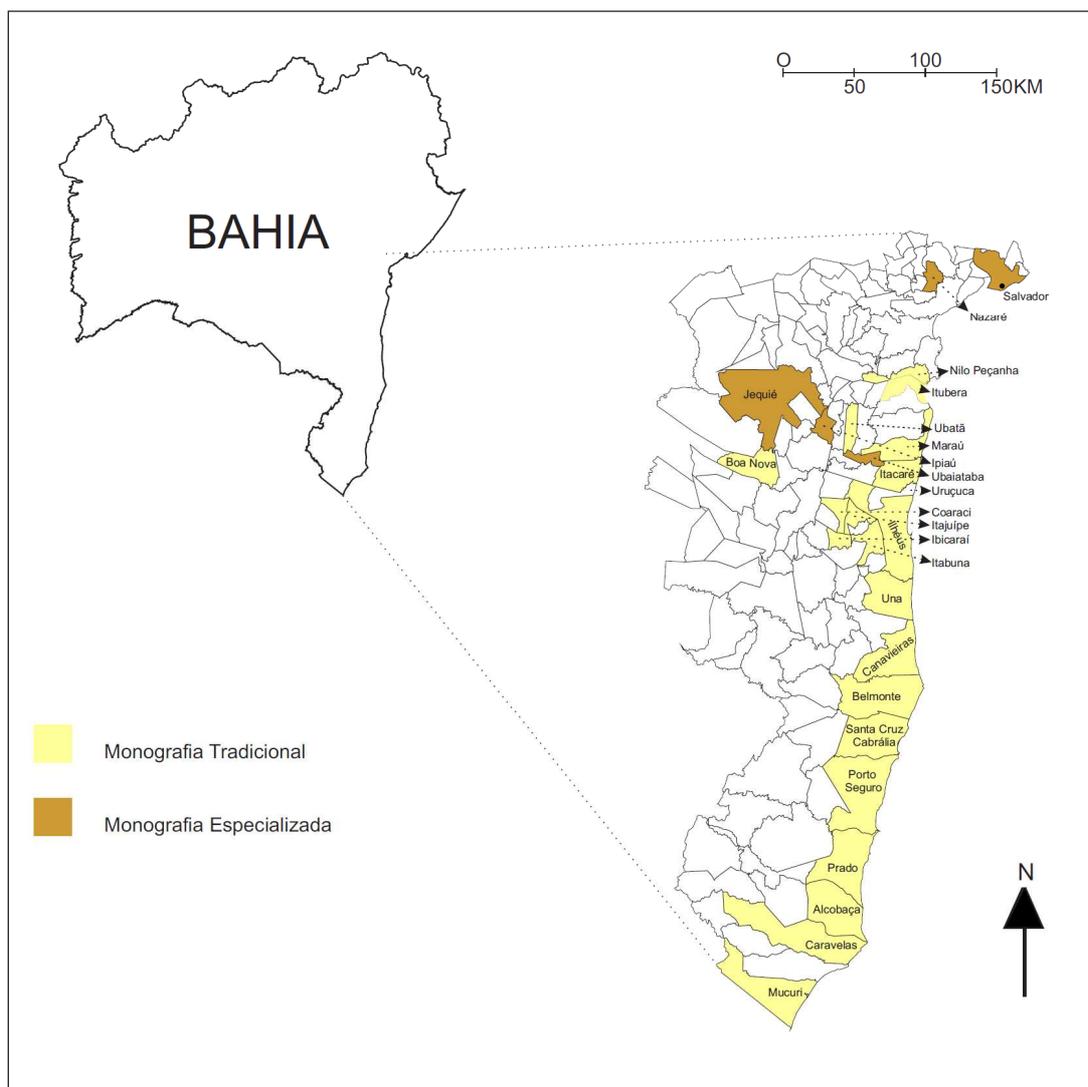
O autor [Milton Santos] durante as férias escolares 1955-1956, interessado no problema da formação dos núcleos e no mecanismo de sua hierarquia, empreendeu uma viagem de estudos à zona do cacau, sob os auspícios da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia. (SANTOS, 1958A, p. 119).

As expedições a campo, realizadas por Milton Santos, eram transformadas em estudos monográficos. O personagem tinha o cuidado de publicar os resultados das pesquisas em livro ou em eventos científicos. Esses seguiam duas formas de abordagem, as quais eram vistas nos trabalhos dos vidalianos conforme a sua geração. Segundo Dickinson (1969, p. 216), “a change of approach in the regional monograph from Vidal’s initial framework is already fully apparent in the twenties. This is revealed in comparison of Demangeon’s monograph on Picardy, published in 1905, and Deffontaines’s on the lands of the middle Garonne published in 1932”. Assim Albert Demangeon (1934, p. 315) comprova essa mudança de perspectiva entre as gerações ao comentar o livro *Le Val de Loire: Étude de géographie régionale de Roger Dion*,

“c'est un travail de tout premier ordre, approfondi et personnel, que nous apporte Mr R. Dion dans ce beau livre, fruit de longues années de labeur, aussi remarquable par la valeur des recherches que par le soin de la forme. Il présente d'abord cet attrait particulier que la géographie physique et la géographie humaine s'y présentent en une intime collaboration. La plupart des monographies régionales de France contiennent normalement deux parties, l'une physique, l'autre humaine, et cela depuis les toutes premières qui datent d'une trentaine d'années. Mais on observe actuellement une tendance, qui résulte évidemment de la différenciation des méthodes, à traiter comme un tout la géographie physique et comme un tout la géographie humaine, chacune indépendante de l'autre; on obtient ainsi des édifices qui comprennent deux chambres séparées par une épaisse cloison, qui ne communiquent pas par l'intérieur, par le fond, par la substance et qui n'ont de commun que le même toit et le même architecte”.

Logo, Milton Santos publicou sobre a Região Cacaueira tanto numa perspectiva monográfica tradicional como em estudos especializados, como iremos visualizar na figura 02.

### Estudos Monográficos: Localização geográfica das cidades referenciadas e as formas de abordagem



Org.: Costa, P. H. F. (2013)

**Figura 02:** Localização geográfica das cidades as quais eram referenciadas nos artigos

(i) as monografias tradicionais, a exemplo dos contemporâneos de Vidal e de 1ª geração, seguiam um padrão formal de apresentação: introdução; localização da área estudada; bases físicas ou quadro físico (relevo, solo, clima, hidrografia, vegetação, etc...); povoamento ou fases da ocupação; formação histórica; estrutura agrária, tipo de produção e relações de trabalho; estrutura urbana, rede de cidades, população urbana, equipamentos urbanos, funções urbanas, hierarquia das cidades da região estudada; estrutura industrial (quando ocorria na região em foco), escoamento da produção, origem da matéria prima, tipos de estabelecimentos; e conclusão.

Í N D I C E	
Prefácio .....	7
I — A ZONA DO CACAU .....	11
Região e zona .....	18
II — O CACAU E O QUADRO NATURAL .....	
1 — O cacau e o clima .....	19
2 — O cacau e a floresta .....	22
3 — A floresta e o solo .....	24
4 — O cacau e o solo .....	25
III — A CULTURA DO CACAU .....	
1 — Os processos culturais .....	27
2 — Uma Fazenda de Cacau: A Fazenda Morro Redondo .....	31
IV — POVOAMENTO E POPULAÇÃO .....	
1 — O Povoamento .....	43
2 — A População .....	53
114	
MILTON SANTOS	
V — «HABITAT» RURAL E URBANO (Problemas) .....	
1 — «Habitat» rural .....	57
2 — «Habitat» urbano .....	65
VI — A ANTIGA CAPITAL DO CACAU .....	73
VII — OS TRANSPORTES .....	
1 — Os portos .....	77
2 — As rodovias .....	83
3 — As ferrovias .....	86
4 — Os aeroportos .....	87
VIII — ALIMENTAÇÃO NA ZONA CACAUEIRA .....	89
IX — OS TIPOS HUMANOS .....	
1 — O fazendeiro .....	93
2 — O exportador .....	96
3 — O banqueiro .....	97
4 — O trabalhador .....	99
X — MONOCULTURA, ECOLOGIA E ECONOMIA ..	101
Bibliografia sumária .....	
XI — ALGUNS DADOS ESTATÍSTICOS .....	109
Bibliografia sumária .....	111

**Figura 03:** Sumário do livro “Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico” (1957)

(ii) as monografias especializadas que reuniam em um só documento dados a respeito de uma temática específica, gerando um grande acervo. Esse tipo de pesquisa mais setorizado culminou em análises regionais temáticas. Desse modo, os geógrafos vidalianos despertavam interesse às particularidades impostas pela complexidade do mundo que se transformava e se modernizava, sem perder de vista a perspectiva regional.

Entre as especializações, Milton Santos optou por se dedicar à Geografia Urbana. As cidades ou os núcleos urbanos, para ele retratavam a vida regional e presidiam a organização do espaço que lhe ficava ao derredor; tornaram-se verdadeiros nódulos de relações.

Assim, em função das necessidades urbanas, o campo se transformava para se adaptar ao papel que a cidade lhe impunha, e a cidade atendia às carências do campo. Para Santos (1953A, p. 81), “há um sincronismo entre a cidade e o espaço que a rodeia, refletindo um as pulsações do outro”.

Outras temáticas específicas também foram desenvolvidas em artigos, alguns já misturam as influências da Geografia Clássica e da Geografia Aplicada: (a) Geografia Agrária: (i) “Estrutura Agrária no Município de Ipiáú”/(1955), no qual tentou apresentar as características predominantemente agrárias no município e defender que “a diversificação agrícola não exclui a monocultura cacauzeira”; (ii) “Notas para um estudo do Habitat Rural na Zona Cacaueira da Bahia”/(1956A), no qual, apoia-se em Max Sorre para discutir primeiro as distinções funcionais entre urbano e rural, e segundo para classificar o povoamento em

concentrado ou disperso; (b) Geografia das Indústrias: (i) “As indústrias da cidade de Salvador: distribuição geográfica” (1958), no qual apresenta as características dominantes das indústrias dos subúrbios de Salvador, ligadas ao número médio de operários, à classe de fabricação, ao tipo de consumo e à clientela a que se destina; (ii) “Ituberá: porto cacauero rejuvenescido pela indústria”(1958A), no qual o autor levanta os problemas da falta de indústria na modernização dos núcleos urbanos, tendo como exemplo Ituberá, e no mecanismo de sua hierarquia, no entanto, a temática: indústria já apresentava uma fase de transição, na qual Milton Santos dedicava a entender os fatos geográficos sobre uma racionalidade técnica associada ao planejamento.

Dentre o ponto da Geografia Urbana era muito comum Santos associar a revolução dos transportes ao desenvolvimento da cidade. Para ele, a revolução do transporte: (i) facilitou a comunicação entre a metrópole e a sua região; (ii) estimulou o desenvolvimento de novas atividades econômicas; (iii) desempenhou o papel de condensadores de população.

Assim, não eram trabalhos que se esgotavam no assunto da cidade pela cidade, mas da cidade no contexto espacial regional, por exemplo, em “A cidade de Jequié e sua Região” (1956) e em “Nazaré: um porto ferroviário do Recôncavo Baiano” (1957A). Milton Santos relacionava a ampliação dos limites administrativos de uma cidade, ou seja, o domínio ou a sua zona de influência, com as novas funções que a cidade incorporava.

A revolução do transporte, principalmente a rodovia foi determinante para que as cidades estabelecessem relações comerciais e definissem sua posição no enquadramento regional.

Expandindo-se por toda zona, a rodovia teria de acarretar sérias modificações na hierarquia urbana, tumultuando, por outro lado, a divisão regional. No tempo das canoas e burros, e mesmo após a chegada do trem, conquanto houvesse as inevitáveis faixas de indeterminação, não era difícil uma certa delimitação da área de influência de cada núcleo. Por um lado, contribuía para isso os fixos itinerários das tropas e, por outro, as tarifas, também fixas, da estrada de ferro. A combinação desses elementos fazia com que coubesse a cada localidade uma zona de atração mais ou menos determinada e estável. Sua influência era tranquila. [...] Chegando a rodovia, esta como que redistribuiu o espaço, reorganizando as relações comerciais, alterando as áreas de influência, perturbando, enfim, a hierarquia já estabelecida (SANTOS, 1956, p.14).

O discurso da Escola de Geografia Francesa [Fase Clássica], na primeira metade do século XX, foi distinguido tanto pela qualidade de suas descrições quanto de suas explicações sobre o meio. A saber, o personagem mantinha essa postura vidaliana, segundo Santos (1953, p. 19), “devemos dividir o estudo geográfico em pelo menos, três fases: a da observação, a da

localização e da interpretação (...) não devemos esquecer que a atual fase, que atravessa a ciência geográfica é, eminentemente, criticista” e, assim, “em lugar de isolar os fatos que descreve, o geógrafo os vê enquadrados por outros fatos, que destes são inseparáveis”.

Como forma de coletar os dados em campo, Santos fazia uso de questionários e entrevistas. Para representá-los, construía tabelas, gráficos e mapas a moda vidaliana. No entanto, alertava aos alunos que todo inquérito, a ponto de validar o esforço da interpretação, somente era viável se somado ao exercício da crítica, ou seja, de olhar o fenômeno de fora e não se prender aos números.

As respostas (...) não podem, todas, ser acolhidas sem a devida crítica. Todo questionário, por mais objetivo que seja – e talvez por isso mesmo – pode dar lugar a uma multiplicidade de respostas, dependendo da posição em que se coloque o respondente. (SANTOS, 1956, p. 1).

Milton Santos, com esta postura, determinara uma visão interessada em conhecer, tanto que possível, a realidade brasileira especificamente do estado da Bahia, fora dos limites rígidos da organização dos dados estatísticos ou dos simples depoimentos ou enquetes diretas. Artíficos estes que “se não violenta ou deforma a realidade, pelo menos a amplia um pouco, em favor de facilidades didáticas” (SANTOS, 1957, p. 12).

Ao situar a problemática de seu trabalho, na medida do possível, Milton detinha a preocupação de localizar o fenômeno investigado em sua área de ocorrência. Com isso defendia que os dados estatísticos tanto enriqueciam o trabalho e ilustravam o tema em cena quanto não discriminavam com exatidão a distribuição do fenômeno.

Os dados estatísticos, de cuja utilidade não podemos prescindir, prendem-se exclusivamente, às divisões administrativas, descendo ao âmbito municipal e quando muito, ao distrital, o que acarreta enormes dificuldades ao trabalho de análise regional (SANTOS, 1953, p. 70).

Além disso, Milton Santos, às vezes aventurava-se em gêneros discursivos mais literários para expressar a dinâmica da região em análise, no entanto, predominava nessa fase o estilo descritivista crítico a exemplo da última citação.

Perdoado já pelo governo e investido nas funções de inspetor de minas, com o título e ordenado de coronel, aquela comissão lhe proporcionou a oportunidade de ver as terras de Jequié, que participavam do ‘Sertão da Ressaca’, nome que era dado à faixa de terra entre o rio de Contas e o rio Pardo. Então era o terreno coberto por densa mata. Animado pela perspectiva de uma próspera lavoura, José de Sá Bittencourt, associado a um

seu irmão, comprou boa parte daquelas terras a João Gonçalves da Costa, pelo preço de dez mil cruzados ‘sendo metade a dinheiro e metade por uma letra ou escrito de obrigação’. [...] Morto o dono da propriedade e, também, sua mulher, foi ela (cujo inventário rezava ter doze léguas de extensão e doze de largura) dividida em vários lotes, que receberam nomes também vários. Um deles foi chamado Jequié ou Barra do Jequié e coube ao coronel brigadeiro José de Sá Bittencourt e Câmara, governador das armas da província da Bahia . É possível que as suas ocupações, decorrentes mesmo de sua posição, o afastassem da propriedade, razão por que ela começou a entrar em decadência. Enquanto isso, na confluência do rio Jequezinho com o rio de Contas, foi-se formando um pequeno povoado, certamente para servir às diversas fazendas surgidas do retalhamento da antiga ‘Borda da Mata’. (SANTOS, 1956, p. 75). [Literário]

Velha cidade do Recôncavo Baiano, a antiga Nazaré das Farinhas, hoje simplesmente Nazaré, exhibe, na sua fisionomia urbana, os traços de seu passado heráldico, nos sobrados e sobradões que se apertam em suas ruas estreitas e são testemunhas vivas de sua nobreza antiga. Edificada no estreito vale do rio Jaguaripe, espraia-se por suas 2 margens, embora mais pela esquerda, onde teve origem, e evitando as colinas que são próximas da sua calha, prefere estender-se linearmente, o que faz por cerca de vários quilômetros a beira-rio, de tal forma que, nas medias enchentes, as águas invadem as ruas mais próximas e até mesmo carregam algumas casas que, debruçadas sobre os barrancos, são construídas com material menos resistente. (1957A, p. 305). [Literário/Descritivo]

O Estado da Bahia, com seus 4.834.575 habitantes, era, em 1950, a terceira unidade quanto à população, vivendo em seu território cerca de 9,2% da população do Brasil. Eram, então, 2.352.821 homens e 2.481.754 mulheres, isto é 48,67% e 51,33%, respectivamente. O número de pessoas do sexo masculino, menor que o das de sexo feminino, é fato, aliás, constatado do recenseamento de 1900 para cá. Ainda em 1872 os homens eram em número maior do que as mulheres (cerca de 52,15%) o mesmo acontecendo, embora em escala menos acentuada, em 1890 (50,02%). O fato agravado cada ano que passa parece ser o resultado da nossa perda de substancia demográfica, em virtude das migrações internas onde a Bahia comparece como o 2º dos Estados que fornecem retirantes, fenômeno que, como é sabido, alimenta-se mais das populações masculinas que das femininas. Em 1900, os homens eram 49,87%, alcançando-se um relativo equilíbrio, rompido em 1920 e 1940, com decréscimos para 49,37% e 48,85%, respectivamente. Em 1950, com 48,67% de homens e 51,53% de mulheres presentes, pode o fato ser constatado, com maior evidencia, pela simples análise da distribuição da nossa população por grupos de idade e sexo. Até os 10 anos é maior o numero de homens que de mulheres. Dos 11 anos aos 39, as mulheres são em maior número. Acima dos 40 anos, voltam os homens a predominar, o que sucede até os anos, quando as mulheres recobram a primazia. Este ultimo fato deve-se à maior longevidade da mulher baiana, em relação ao homem. (...) Deve, porém, e sobretudo, interessar-nos a maneira como se distribui a população baiana no espaço baiano. A simples enunciação do nosso índice de densidade (8,6) não tem outro valor senão o de nos mostrar a inandade desses símbolos e o perigo de usá-los, sem o conhecimento da realidade a que se ligam. Porque a população baiana não se distribui uniformemente pelo seu território. (SANTOS, 1956C, p. 115 – 116). [Descritivo Crítico]

O ideário evolucionista presente na literatura francesa dos geógrafos clássicos, a partir do fim do século XIX, contagiou os trabalhos do personagem. De modo que as metáforas, oriundas de expressões biológicas e físico-químicas, estenderam-se sobre seus artigos, nesse período vidaliano, “todo orgânico”, “organismo urbano”, “centripetismo”, “força de atração”, “células”, “átomos”, “fisionomia”, entre outros. A exemplo,

Cada um desses organismos, tomados como um todo e assim mesmo funcionando, possui dentro de si e como seus formadores, organismos menores, para os quais idêntica maneira de formação pode ser constatada. E assim indefinidamente. [...] Esses átomos e células se justapõem por similitude ou por solidariedade, mas o certo é que vão, afinal, constituir uma unidade funcional, uma teia indissolúvel de relações recíprocas que emprestam à região ou zona a sua fisionomia e singularidade. [...] Há uma hierarquia entre esses organismos. (SANTOS, 1953A, p. 57)

O sítio em que a rua assenta é fator importante ao seu estudo: não é só a infra-estrutura da paisagem, como pode explicar sobrevivências e fatos novos que lhe atribuem seu dinamismo atual. Mas a história urbana é responsável pelas funções que cada artéria é chamada a desempenhar. (...) O perigo é o de se imaginar a rua como uma realidade autônoma, isolada do organismo a que pertence. (SANTOS, 1957B, p. 71).

Para esclarecer os fatos geográficos Santos não abordava apenas a disposição natural dos objetos, defendia que “para ser compreensiva a Geografia Humana não pode se ater apenas a consideração do estado atual das coisas, é necessário encarar a evolução dos fatos recorrer ao passado, isto é, à História”. (SANTOS, 1953A, p. 63).

Diante dessa preocupação, Milton, ao longo dessa fase, apresentava no conjunto de sua obra, tópicos ou passagens que retratavam o cuidado em fundamentar as reflexões geográficas sobre o subsídio dos acontecimentos históricos.

**Quadro 13** : O recurso histórico como subsídio para o argumento geográfico

OBRA/ANO	CITAÇÃO	RECURSO HISTÓRICO	ARGUMENTO GEOGRÁFICO
1954	A história de Ubaitaba, como estabelecimento humano, pode dividir-se em duas fases bem nítidas. Uma é anterior a 1914, quando uma enchente de grande proporções destruiu o que então não existia. Dessa fase primitiva nada se pode dizer com segurança ainda porque nada restou à fúria das águas, ainda porque nenhum documento histórico dessa época tinha ficado. Entretanto, a tradição oral admite que havia apenas uma rua acompanhando o curso do rio e correspondendo à localização da atual Av. Getúlio Vargas.. [...] Nessa 2ª fase conseguimos distinguir 4 períodos. O 1º da readaptação viu construída pequeníssima parte da cidade atual e, testemunhando o receio de nova e arrasadora cheia, demonstra tendência a galgar nível superior, (...). O segundo período (...) mostra uma expansão no sentido da montante, (...). No 3º período (...) continua a crescer, embora lentamente, a Av. Getulio Vargas (...). O 4º e atual período [início da década de 1950], revela mais acentuada conquista das encostas pelas habitações. (SANTOS, 1954, p. 8 – 9).	A evolução da cidade e sua disposição sobre a paisagem antes e após o desastre natural.	Entender os esforços do homem na modificação da paisagem.
1955	Ipiaú pode ser considerado como um município tipicamente cacauicultor, não obstante ser Ilhéus o que mais produz. Das 1313 propriedades recenseadas em 1940, cerca de 1227 produzem cacau, isto é, 93, 45%. Assim em apenas 6,55% dos estabelecimentos, achavam-se presentes outras atividades, e não a cultura cacauífera (...). Entre 1950 e 1954 calcula-se em 300 000 o número de novos pés de cacau plantados, isso importando num aumento de área cultivada calculável em 839 hectares.	A safra agrícola de 1939 e a estimativa de produção do ano de 1954 para o município de Ipiaú.	A diversificação agrícola não exclui a monocultura cacauífera.
1955A	Criado numa época em que a impressão se fazia a duras penas, movidos os incipientes maquinismos a braço humano e quando os transportes mais rápidos eram fluvial ou marítimos e o hipomóvel [veículo movido por tração animal], o jornal possuía então uma pequena área geográfica de influência e uma profundidade também, pequena, tendo em vista o reduzido número dos que sabiam ler ou podiam comprar as folhas. Os tempos, porém, foram mudando. E a descoberta da máquina a vapor proporcionou a invenção da locomotiva e o aparelhamento de navios velozes. A revolução industrial fez com que aumentasse a população mundial, concentrada sobre certos pontos e determinadas áreas, alteou-lhe o padrão de vida, revolucionou as técnicas inclusive de feitura de jornais e estes passaram a ter uma clientela maior e cada vez mais exigente. (p. 117 – 178)	Revolução da Técnica de feitura de jornais e dos transportes ao longo de um período histórico.	A expansão da área geográfica dos jornais baianos e a formação de uma região jornalística resultante da revolução da técnica.

Org.: Costa, P. H. F. (2013)

É interessante notarmos que existia a preocupação com a periodização. O que definia os marcos históricos, usualmente, era o desenvolvimento técnico do período, ou a técnica [assunto presente em obras mais recentes<sup>183</sup>]. O objetivo da periodização era encontrar, por meio dos fatos históricos, explicações geográficas para entender as diferenças e as modificações contidas na paisagem ao longo do tempo.

Assim, o autor apresentava a periodização tanto como um recurso metodológico quanto um elemento historiográfico para auxiliar o debate que gira em torno do argumento geográfico. A saber, no artigo “Problemas de Geografia Urbana na Zona Cacaueira Baiana” (1956B), o personagem apresenta dois períodos: (i) “pré-mecânico”, segundo Santos (1956B, p. 8 – 9) “era o período da energia animal humana, quando o cacau era todo transportado em lombo de burros, ou em canoas, para os portos litorâneos, ou para Jequié, ‘porto de terra’”; (ii) e o “mecânico” que consolidou com a chegada das estradas e das ferrovias e que redefiniram a hierarquia entre as cidades já estabelecida e a organização espacial então vigente.

O amparo histórico contribui para que o personagem entendesse a dinâmica das cidades da zona cacaueira sobre uma evolução temporal a partir da técnica. Com isso ele aponta outra problemática que irá acompanhá-lo em sua trajetória intelectual, a ideia de técnica como um instrumento da mediação Homem (ação humana) e Natureza (meio geográfico), “não se pode, entretanto, negar que o homem, com os recursos que hoje a técnica lhe deu, pode alterar substancialmente o quadro que lhe seria imposto, se se subordinasse de mãos atadas aos mandamentos da natureza” (SANTOS, 1953A, p. 27).

Contudo, no meio da década de 1950, muitos geógrafos, entre eles o professor Milton, acabam por iniciar uma série de trabalhos voltados aos interesses do Estado, sinal de variação na perspectiva do trabalho. De modo que são contratados com o objetivo de abordar em campo os aspectos particulares e os problemas técnicos, com a finalidade de começar a serem corrigidos. Essa seria a nova função que os geógrafos iriam exercer na área de planejamento.

Acreditamos que a mudança de sentido que ora se opera em muitos estudiosos interessados em conhecer, tanto quanto possível, a realidade brasileira, determinará uma nova posição que se há de tomar contra o

---

<sup>183</sup>Entre tantos, destacam-se as obras, por Santos apresentar uma preocupação conceitual com a proposta de periodização: SANTOS, M **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1978; SANTOS, M **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985; SANTOS, M **Metamorfose do Espaço Habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988; SANTOS, M **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo/razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

empobrecimento da Nação. Em outras palavras, queremos dizer que não são mais das generalidades de que nos havemos de valer para conhecer o particular, mas deste para que àqueles possamos chegar. (CARVALHO, 1956<sup>184</sup>)

E tanto vale a observação que Santos realiza um trabalho sobre o papel da metrópole baiana em relação à formação de suas zonas de influência comercial, “Zona de influência comercial: do Estado da Bahia” (1956). Tal trabalho é solicitado porque, nesse momento, o governo do estado da Bahia considerava que a falta de estudos regionais inviabilizava qualquer planejamento e estes estudos poderiam retratar as particularidades da realidade brasileira.

De fato, Milton Santos, após o estudo atribuiu a Salvador a função de metrópole do estado e capital regional do Recôncavo Baiano. Contudo, a influência da capital estava fadada à diminuição por conta da conjugação de dois fatores: a fraqueza industrial da capital baiana e a inexistência de um adequado sistema de transporte. A realização deste trabalho anuncia uma virada epistemológica em sua pesquisa.

## **2.2 – Geografia Aplicada**

Os textos apresentam características da perspectiva da Geografia Aplicada, período de ordem mais pragmática. Em um sentido geral, significa que os documentos apresentam um fim prático, aplicado, concreto, em suma, revelam a eficiência da racionalidade instrumental no agir para a sociedade e confronta-se com a ação abstrata, especulativa e de ordem não objetiva.

Assim, a produção científica/geográfica de Milton Santos, nessa fase, diz respeito à ação que o personagem exerceu sobre uma determinada área, isto é, a transformação de um conhecimento imaterial em um saber técnico e operacional com a finalidade de resolver os problemas diagnosticados sobre o local investigado.

Presenciamos nos textos, a atenção do personagem em pensar nas demandas encontradas a partir de uma ideia planejada. O personagem, nesses trabalhos, tende a executar metodologias de planejamento, a trabalhar em equipe e a buscar soluções viáveis para as dificuldades levantadas.

---

<sup>184</sup>Eusébio de Oliveira Carvalho - Diretor do Departamento de Geografia e Secretário do Diretório Regional – Prefácio do Relatório Técnico de Pesquisa – SANTOS, p. 1, 1956c.

1) SANTOS, M. **A cidade como centro de região**: definições e métodos de avaliação da centralidade. Salvador: UFBA/LGER, 1959A.

Na primeira parte da obra, Milton Santos discute a definição de *cidade* e coloca que a questão deve ser refletida do ponto de vista do geógrafo, “pois a cidade constitui uma forma particular de organização do espaço, uma paisagem e, por outro lado, preside as relações de um espaço maior, em seu derredor, que é a sua zona de influência” (SANTOS, 1959A, p. 7).

Para construir a definição de cidade, o intelectual se apoia nas obras de Chabot<sup>185</sup>, Tricart<sup>186</sup>, Pierre George<sup>187</sup>, Max Sorre<sup>188</sup>, às quais faz referência em seu texto. Assim, antes de definir, Santos enumera as principais características do ‘organismo urbano’, que são: o fator de centralidade, o dinamismo próprio, as funções urbanas, a formação de rede, o raio de influência, a competição entre os núcleos, a hierarquia urbana. E desaconselha delimitar o fato urbano à sua oposição em relação ao fato rural, uma vez que são processos diferentes de formação.

Toda a dificuldade de corresponder a uma ambição de Geografia Humana geral, no que refere ao fato urbano, reside no problema de definir a cidade sem fazer apelo à sua posição contraditória em relação ao fato rural e, de outro lado, à não dificuldade de, sem essa menção, determinar o elemento ou os elementos que nos permitem dizer, diante de determinada forma de organização do espaço: aqui está uma cidade. (SANTOS, 1959A, p. 10).

Para o geógrafo essas duas realidades são criadoras de suas próprias atividades e, cada vez mais podem ser definidas pelo pressuposto da autonomia ou da coalescência de funções. Contudo, Santos não apresenta o conceito de cidade que norteia seu trabalho e estabelece como característica principal do fato urbano a sua centralidade, na qual deposita a responsabilidade de definir a hierarquia urbana dentro de uma região.

---

<sup>185</sup>CHABOT **Les Villes** 2.<sup>a</sup> Ed. Paris: Armand Collin, 1952.

<sup>186</sup>TRICART **L’Habitat Urbain** Paris: C.D.U, 1951.

<sup>187</sup>GEORGE, P. **La Ville**: le fait urbain a travers le Monde. Paris: P.O.F., 1952. Apesar de fazer referência a essa literatura no texto em tela, ele não a discute sobre um ponto de vista marxista, como em outros momentos, só menciona sem dialogar com a obra de Pierre George. É bom destacar isso, uma vez que, no texto “O papel metropolitano da cidade do Salvador (1956E)”, quando Milton Santos menciona o nome do geógrafo francês, referindo-se às diferenças de desenvolvimento econômico entre as cidades capitalistas, mesmo que não faça associação à obra que fundamenta seu argumento no artigo, podemos afirmar, após a leitura do livro em destaque nessa nota, que o personagem se apoiou a tal para construir sua reflexão. Logo, no artigo (1956E), é um exemplo claro que o personagem já toma contato com literaturas de cunho mais crítico. Contudo, ao aludir à literatura francesa no trabalho “A cidade como centro de região” (1950A) não a revela sobre um sentido inovador de pensar a cidade e sim comenta sem o cuidado de dizer ao leitor que tal foi um marco nos estudos sobre a geografia urbana na França pois apresenta uma nova forma de olhar à cidade.

<sup>188</sup>SORRE, M. **Les fondements de le Geographie Humaine**. Paris: Armand Collin, 1951.

Estabelecido que função de centro é a mais característica da cidade e que, dentro de uma determinada região, as diferentes cidades guardam, entre si, uma hierarquia, os geógrafos buscaram, depois, a fórmula que lhes permitisse, sem a necessidade de demoradas pesquisas de campo e estudo de casos individuais, chegar ao conhecimento de qual e como seja essa hierarquia. (SANTOS, 1959A, p. 15).

Na segunda parte da obra, em revista a alguns estudos que levam em consideração o grau de centralidade de um núcleo urbano<sup>189</sup>, aprofunda-se no método Rochefort, o qual segue em alguns trabalhos<sup>190</sup>, mas com adaptações em questão à realidade brasileira. De modo que o leva a concluir que “numa mesma rede urbana, a comparação de hierarquias se torna inválida, se no espaço que ela compreende os gêneros de vida e os processos de elaboração urbana são diferentes” (SANTOS, 1959A, p. 28).

## 2) SANTOS, M. **A rede urbana do Recôncavo**. Salvador: UFBA/LGER, 1959<sup>191</sup>.

O objetivo do trabalho foi a análise da rede urbana do Recôncavo Baiano, considerada a mais antiga do país, mas que vem sofrendo mudanças significativas em sua estrutura e funcionamento ao longo dos anos. Sob tal perspectiva, Milton Santos examina as principais relações mantidas por Salvador e o que as fazem organizar esse espaço atual, bem como esboça a formação e a hierarquia dos principais núcleos urbanos da região.

Para a compreensão desse quadro, Santos traz para o debate uma série de dados estatísticos brutos, tomados do recenseamento de 1950 e resultado de pesquisas diretas. Logo, vale-se de vários processos e métodos para determinar a centralidade urbana de uma região, de modo a permitir uma perspectiva da importância relativa dos núcleos e sua respectiva hierarquia.

No entanto, o geógrafo adota o método de Rochefort e organiza uma série de tabelas, gráficos e mapas com o intuito de apresentar: (i) os índices de centralidade; (ii) o número total de terciários de cada município; (iii) a porcentagem dos terciários sobre a população ativa total; (iv) a população absoluta dos núcleos urbanos; (v) as zonas de influência comercial das

<sup>189</sup>CHABOT La détermination des courbes isochrones en Géographie Urbaine – L’isochrone d’une heure au tour de Dijon C. R. do Cong. Int. Geog. de Amsterdam, T. II 1938; CHRISTALLER, W. Die Zentrden Orte Sudd entschalands Iena, 1933 ou CHRISTALLER Rapports fonctionnels entre les agglomerations urbaines et les campnes C. R. do Cong. Int. Geog. de Amsterdam, T. II 1938, p. 123 ; DICKINSON, R City Region and Regionalism. Londres, Routledge Kegan Paul Ltd., 1952.; ROCHEFORT, M. Methodes d’études des reseaux urbains. Interet de l’analyse du secteur tertiaire – Annales de Géographie n. 354.

<sup>190</sup>SANTOS, M. **As Zonas de Influência Comercial no Estado da Bahia**. Diretório Regional de Geografia, Salvador, n. 2, p. 1-17, 1956 e SANTOS, M Zonas de influência comercial no Estado da Bahia. In: **Estudos de Geografia da Bahia: Geografia e Planejamento**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958.

<sup>191</sup>A síntese do livro foi defendida no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, ocorrido na cidade de Salvador/BA em agosto de 1959.

principais cidades; (vi) o número de veículos de carga por município; (vii) a distribuição espacial dos estabelecimentos comerciais associados à cadeia produtiva do automóvel; (viii) a quantidade de hotéis e pensões por município; (ix) as matrículas em curso secundário; (x) a movimentação bancária; (xi) a disposição do tráfego na região; (xii) o histórico das gerações das capitais regionais; e (xiii) a comercialização dos principais produtos, pondo em evidência os diferentes tipos de influência que deram origem às várias características da região urbana, desde a paisagem e estrutura dos núcleos até a sua função no contexto regional do Recôncavo Baiano.

Tal esforço fez com que Santos procurasse aflorar os principais problemas da Geografia Urbana da região, as mudanças recentes e a evolução das relações da cidade de Salvador com as diferentes cidades e destas entre si. Contudo, ele suscita por meio dos números absolutos das porcentagens e da cartografia, discussões caras a respeito do contexto regional do sul da Bahia e remonta ao passado, buscando compreender a dinâmica da rede urbana através do tempo para fortalecer sua argumentação.

Assim, correspondendo a um conjunto de fatores históricos, o intelectual na presente obra defende que a evolução da produção da economia local e principalmente do transporte (momento definido por ele como *revolução da técnica*), influiu diretamente tanto na representatividade, fortalecimento ou enfraquecimento, de cada núcleo urbano no contexto regional quanto na paisagem e na organização do espaço e, com isso, destaca dois períodos: o pré-mecânico e o mecânico.

No período pré-mecânico, que foi o mais longo (três séculos) a atividade agrícola comandava a localização dos núcleos, do mesmo modo que as necessidades de seu escoamento condicionavam a sua hierarquia. [...] Por último, a contemplação da rede ferroviária e a implantação de uma trama de estradas de rodagem são co-responsáveis na mudança de hierarquia dos núcleos. (SANTOS, 1959, p. 20).

Milton Santos segue discutindo a decadência e a prosperidade de algumas cidades do Recôncavo, frente às mudanças recentes no meio de transporte. Mesmo que antes do período atual os municípios registrassem similitude nas condições naturais e nos gêneros de vida, o fator de diferenciação marcante é levantado como a construção das vias de comunicação entre cidades, sobretudo, as rodovias e ferrovias.

Nas zonas de mais antiga urbanização, a economia praticamente não mudou durante muitos séculos; e permanece a mesma. O que mudou foi o tipo dos transportes, gerando, assim concomitantemente, uma reorganização do

espaço e uma nova formulação das relações entre os núcleos. Em cada uma das áreas, exatamente pela persistência do mesmo gênero de vida agrícola, a reorganização assumiu aspectos particulares e específicos. (SANTOS, 1959, p. 34).

As novas vias de comunicação foram responsáveis pela marginalização de alguns núcleos desfavorecidos e pela oferta de certos serviços urbanos, os quais com a falta de interesse do Estado tornaram-se precários. Assim, o crescimento de alguns núcleos urbanos levou ao processo migratório, tanto da zona rural para zona urbana quanto entre as cidades ‘pobres’ e cidades ‘ricas’.

Santos coloca que a oferta de emprego é, entre as variáveis, o principal elemento de mudança. “Incapaz a zona rural de reter excedentes, um processo migratório tem início e vai se terminar nas maiores cidades da região e em Salvador, sem falar nos que emigram para o sul do país ou encontram ocupação nos trabalhos petrolíferos” (SANTOS, 1959, p. 25).

Milton Santos chega à conclusão de que no Recôncavo, sob a perspectiva da economia, pode-se encontrar: (1) cidades do fumo; (2) cidades do açúcar; (3) cidades do Recôncavo Sul (mandioqueiro, ceramistas e fruticultor); (4) cidades dormitório do Recôncavo Norte e (5) cidades marginais.

Porém, de um ponto de vista histórico, temos: (a) área de velha economia agrícola e de antiga urbanização, incluindo as zonas do fumo, da cana de açúcar e a zona do baixo sudoeste presidida por Nazaré; (b) áreas de velha economia e de urbanização recente, como o Recôncavo Norte; (c) o caso à parte de Feira de Santana e Alagoinha, onde a economia é renovada e a urbanização é recente.

Além do fato de que nos lugares onde o processo de organização urbana foi o mais simples em virtude de uma esclerose técnica ou da negligência do fator transporte, somadas a quase nenhuma influência das relações externas da região ou interesse do Estado, os núcleos urbanos encontravam-se na base da hierarquia urbana.

3) SANTOS, M. **O centro da cidade do Salvador**: Estudo de Geografia Urbana. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959B.

A cidade de Salvador, construída para ser a capital do Brasil, viveu um período de estagnação quando, durante o século XIX, viu o eixo da economia nacional se deslocar e estabilizar-se no sul do país.

A decadência econômica refletiu-se, sobretudo, na fisionomia da cidade e no seu dinamismo. O centro, que até então era uma exteriorização exacerbada do luxo e da riqueza,

subordinou-se a um complexo desajustamento social e passou a ser o local dos cortiços, das favelas, dos 'slums', dos 'bidonvilles'.

Ao lado disto, a incapacidade para organizar a vida na cidade, sujeitada ao determinismo econômico da produção e a ampliação da divisão entre as classes (menos favorecidas e possuidoras), que influiu nos seus padrões de vida, vão gerando um novo quadro, "tipificado no aumento de moléstias mentais e cardíacas, na elevação dos índices de criminalidade, num estilo educacional excessivamente profissionalizado e imediatista" (SANTOS, 1959B, p. 6).

As riquezas de que foi a depositária durante os primeiros séculos permitiram a construção de belas igrejas e palácios, casarões e sobrados que suportaram as ofensas do tempo e continuam na paisagem como uma nota singular. Por outro lado, uma certa ausência de dinamismo da vida urbana, durante um largo período, não somente impediu um desenvolvimento maior da área central, como contribuiu igualmente para a permanência do seu aspecto secular. Mas os sobrados, havendo perdido sua destinação original, deterioraram-se até constituir o que, em conjunto, são hoje, isto é, uma área de 'slums'. (SANTOS, 1959B, p. 6).

Contudo, o crescimento recente, após a década de 1940 da cidade de Salvador e a expansão de suas atividades, com a preponderância dos setores secundários e terciários sobre o primário, levaram a uma reestruturação econômica.

Desse modo conduziram à modificação da fisionomia do centro, provocando dois cenários: a parte alta, 'A Cidade' e a parte baixa, 'O Comércio', motivando no decurso da história urbana uma especialização das funções.

Na obra, o autor opta por estudar geograficamente o centro da cidade de Salvador, levando em consideração: (i) o sentido e o ritmo da evolução da região e da cidade; (ii) os dados do sítio; (iii) as formas atuais da organização e da vida urbana, incluindo, de um lado, o dinamismo atual (forças de transformação) e de outro, as forças de inércia, representadas pela resistência, maior ou menor, que oferecem as estruturas provindas do passado.

Para Milton Santos, o centro reúne elementos intimamente ligados e ao mesmo tempo relacionados à formação e o desenvolvimento da região e do organismo urbano, como as formas atuais (presente), definidas com forças de transformação, e as formas inscritas (passado), forças de resistência. Enfim, estas entram em conflito e, como resultado, projetam uma paisagem nova sob uma paisagem antiga que se degrada.

O centro de uma grande cidade é, então, o teatro dessa luta de tendências. Sua síntese se manifesta pela criação de uma paisagem. Os componentes

dessa paisagem refletem uma parte de escolha, representada pelo estilo das construções e os processos de urbanismo, mas refletem, sobretudo, as necessidades e condições próprias a cada etapa da evolução urbana. (SANTOS, 1959B, p. 22).

O estudo da formação da cidade e da evolução da região objeto do primeiro capítulo revela a multiplicidade de contrastes decorrentes das condições históricas passadas e atuais da economia regional.

A organização atual do espaço urbano, segundo Santos, é consequência da escolha do sítio, cuja função primitiva foi administrativa e militar, e do papel de metrópole regional, capital econômica do Recôncavo Baiano – transformação que contribuiu para o alargamento da zona de influência.

Contudo, conforme o autor, no período mais recente da evolução urbana, a cidade presencia certa perda de influência regional, cujo retraimento da área metropolitana deve-se à incapacidade de organizar seu espaço regional e à falta de dinamismo da mesma.

No segundo capítulo, discute como a história econômica local favoreceu a concentração dos recursos técnicos, financeiros e sociais e, o acúmulo de funções nas áreas centrais. De modo que as funções que o centro abriga (portuária, administrativa, comercial, bancária, industrial e artesanal) revelaram antes de tudo a função metropolitana de Salvador, e sobrelevaram tanto a vida urbana quanto a vida regional.

No terceiro capítulo, o geógrafo admite que a paisagem central da cidade de Salvador é marcada pela sua contradição entre as diferentes concepções de urbanismo e arquitetura presentes ao longo da sua história urbana. Essa variedade de traçados, das gerações de construções, que encerram por figurar o tempo cristalizado na paisagem urbana, não só revela o mosaico dos séculos, mas representa a sucessão das técnicas.

Nesse momento, o autor reconhece três períodos na formação dos bairros centrais que se sucederam no tempo: o primeiro, de curta duração, representa a escolha inicial do sítio urbano e o “desejo dos fundadores de construir uma cidade em xadrez”; o segundo, de longa duração, resulta de um crescimento linear da cidade, sem funções urbanas determinadas, e “um compromisso entre o sítio e as condições sociais e econômicas”; o terceiro, atual, coincide com o desenvolvimento econômico do centro, “a ampliação das funções urbanas e a introdução dos transportes modernos” (SANTOS, 1959B, p. 142-143). Entretanto, a paisagem urbana atual é constituída por elementos de todos os períodos, o que justifica a sua heterogeneidade urbanística e arquitetônica.

No último capítulo, analisa a atual fisionomia do centro e seu processo de elaboração, no qual revela certa interdependência entre o visível e as funções, entre paisagem e conteúdo. Além, de um dinamismo entre as tendências de renovação e as tendências conservadora.

Por fim, Milton Santos assume que o dinamismo urbano da cidade de Salvador é um resultado da centralização de recursos excessiva em relação ao território do estado, e a incapacidade de levar ao interior infraestrutura. A fuga de capitais disponíveis, a pobreza crônica das áreas agrícolas, a dependência de um mercado externo e a ausência de uma função industrial importante influem negativamente sobre o desenvolvimento regional.

As áreas centrais não escapam a essas influências e justapõem uma área moderna, “o que se deve à força das funções que abriga”, a outra área, “onde mora uma população heterogênea e pobre” (SANTOS, 1959B, p. 189).

Assim, Santos chega a uma definição que caracteriza a cidade de Salvador e o seu centro, ou seja, Salvador “é uma criação da economia especulativa, a metrópole de uma economia agrícola comercial antiga que ainda hoje subsiste; ela conserva as funções que lhe deram um papel regional e embora penetrada pelas novas formas de vida, devidas à sua participação aos modos de vida do mundo industrial, mostra, ainda, na paisagem, aspectos materiais de outros períodos” (SANTOS, 1959B, p. 192).

4) SANTOS, M.; CARVALHO, A. **A Geografia Aplicada**. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia / Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, 1960.

Nesta obra os autores mostram que a geografia do fim do século XIX e início do século XX acompanha uma tendência geral das outras ciências na solução de problemas práticos, e evolui nos seus métodos, nas suas ideias e nas suas técnicas de trabalho.

Segundo eles esta ciência da paisagem, que até o século passado não passava de um conhecimento descritivo e cartográfico, inicia com Vidal de la Blache os primeiras esboços os quais apresentam os fatos geográficos sob um sistema de explicação e interpretação. De modo que se observava a totalidade das relações entre os homens e a superfície da terra.

Contudo, a partir da década de 1930, a Geografia passa dessa livre interpretação e explicação para a atitude de aplicar o conhecimento na organização de um espaço, visando melhorias à sociedade. Ou seja, parte da ideia da utilização dos domínios geográficos para a solução dos problemas de ordem prática, o que constitui tão somente uma aplicação da Geografia ao bem comum ou ao bem privado.

A Geografia Aplicada se insere nessa tendência geral para a utilização dos dados científicos que, ao mesmo tempo, reflete o progresso atingido pela Ciência e, por outro lado, atende à necessidade de uma época em que a velocidade das transformações e a ânsia generalizada de progresso e bem estar precisam de um ponto de equilíbrio, que seria representado pela utilização mais racional dos recursos, segundo uma disciplina. Manifestação de racionalização administrativa, quer no domínio público, quer no domínio privado, é bom senso científico dosado; bom senso coletivo, porque o individual pode, às vezes, aconselhar a manutenção de um certo estado de coisa. (SANTOS & CARVALHO, 1960, p. 10)

Para os autores, a preocupação dos governos em atribuir maior rendimento a todos os setores da atividade humana exigiu uma racionalização quanto aos métodos para solucionar os problemas de desenvolvimento, de expansão ou de simples organização espacial a partir da 2ª Guerra Mundial.

De modo que constituiu, por meio do planejamento, um mercado de trabalho para o geógrafo. Portanto, na organização do plano, fase preliminar e básica de qualquer planejamento, o geógrafo teria a oportunidade de aplicar seus conhecimentos adquiridos, ou seja, levantar os problemas e propor os caminhos.

Essas premissas só podem ser obtidas com o estudo prévio dos fenômenos ou dos problemas analisados o que sob muitos aspectos, o geógrafo está habilitado a exercer. Contudo, escapa ao profissional geógrafo a execução do plano o qual, segundo os autores, restringir-se-ia aos administradores, engenheiros, arquitetos e economistas.

Mas, ainda que com o propósito de ver o seu trabalho servindo à aplicação, deve o geógrafo ter bem presente que o seu papel não é o de apresentar soluções, mas de fornecer os contornos do quadro, com toda nitidez, de modo a que os planejadores e administradores possam, então, escolher os caminhos políticos. (SANTOS & CARVALHO, 1960, p. 18).

Assim, cabe à Geografia, como verdadeira filosofia das técnicas, o papel de evitar a visão unilateral dos fenômenos e reconstruir, harmoniosamente o mundo. Para os autores, uma ciência puramente acadêmica é uma ciência amputada, ou seja, “a prática atua como um estimulante e um controle e impede o cientista de se meter em becos sem saída, ou de se gastar em esforços meritórios, mas estéreis”. (SANTOS & CARVALHO, p. 17).

### 2.2.1 Análise dos Textos Comentados referentes à Geografia Aplicada.

A partir da segunda metade da década de 1950, Milton Santos apresenta mudanças. As preocupações com a finalidade e utilidade do conhecimento geográfico, aspecto este que colocavam em “dúvida” a atividade puramente especulativa, abstrata, sem eficácia direta na realidade, surgia entre os artigos que escrevia.

Milton dava um “tom” mais funcional e mais preocupado ao valor dos serviços prestados à sociedade. A experiência dele com a busca dos meios para o ajuste do mundo real a certos fins utilitários o aproximava do pensamento do pragmatismo francês.

Na Geografia Aplicada os geógrafos valorizam mais às consequências e efeitos da ação do que a seus princípios e pressupostos. Logo, a ambição por estudos geográficos que não só interpretavam a interação entre os vários fatores do meio; que não só respondiam sobre a totalidade das relações entre os homens e a natureza que os abrigava; mas que propunham intervenções aos problemas encontrados e com objetivo de aplicar o conhecimento para a melhoria da sociedade, foi o grande diferencial nessa nova fase. Para Santos (1960, p. 111),

o geógrafo, por sua vez, está cada vez mais compenetrado do papel que deve ser chamado a desempenhar numa organização mais racional do mundo. Não se contente em escrever trabalhos mais ou menos especulativos, mas procura sempre que pode, e é quase sempre, tirar dos seus trabalhos conclusões que ajudem à solução dos problemas coletivos.

A nova orientação do autor estava voltada para fins utilitários. Sem abandonar o “espírito de síntese” e o método funcionalista-monográfico fazia uso de uma razão instrumental, técnica, para realizar o trabalho.

A herança do período anterior ajudou o personagem a organizar tanto o diagnóstico sobre a área estudada, quanto as propostas dirigidas as melhorias da sociedade. De modo que inaugura uma fase na qual colocava o homem no centro de suas preocupações, e propunha o objetivo de procurar meios para garantir o desenvolvimento da sociedade.

Santos (1960A, p. 111) via a Geografia Aplicada frente à renovação do debate da Escola Francesa de Geografia Clássica e admitia que “os enriquecimentos desta, atribuindo-se novas técnicas e uma teoria científica cada vez mais atualizada, constituem elemento indispensável a que, tanto a geografia regional como a geografia aplicada evoluam e progridam”.

Passar dessa interpretação [instruída por Vidal] para a atitude de utilizar o conhecimento da organização de um espaço, na obra de sua melhoria, não

constitui uma mudança, nem uma deturpação do conceito da geografia. Antes, representa uma tomada de consciência e um verdadeiro enriquecimento. É o que se está verificando, sobretudo a partir da segunda guerra mundial. (SANTOS, 1960, p. 9 – 10)

Para o personagem o maior expoente da Geografia Aplicada era o francês Jean Tricart, com quem teve a felicidade de trabalhar ao longo desse período que se inaugurava em sua trajetória intelectual, precisamente no fim da década de 1950.

Santos admirava o potencial de Tricart em analisar a paisagem e se preocupar em propor alternativas práticas a favor do desenvolvimento humano. Nessa fase, embevecido com a possibilidade de por em prática seu conhecimento e determinado em ajudar a sociedade, Milton Santos, publica uma série de artigos e relatórios, os quais tinham como intuito diagnosticar os problemas e levantar as soluções, ou melhor, “uma aplicação da geografia ao bem comum”. (SANTOS, 1960, p. 10).

Teve assim, Jean Tricart, como seu mestre e conselheiro, além de Michel Rochefort e Ettiene Juliard; Tricart além de orientador era amigo de Milton Santos, que admirava a garra e a disposição do francês.

Esteve [Jean Tricart] entre nós [geógrafos baianos] durante três meses, no decorrer dos quais mostrou-se incansável. Esse trimestre serviu-lhe para percorrer pelo menos uma quarta parte do Estado. Os que tiveram a fortuna de o acompanhar em suas excursões dirão do seu amor ao trabalho, do seu zelo científico, de sua vocação para fazer aprender aos outros. Mas, sobretudo, admirar a sua enorme capacidade de apreender e interpretar os problemas, qualidade que é responsável pelo seu justo renome como geógrafo em todo o mundo. Familiarizando-se sem demora com as questões, sentindo os problemas que a paisagem lhe colocava, não quedava como mero espectador, nem se limitava à descrição e interpretação pura e simples. Preferia ir buscar as correlações profundas das coisas, de modo a reconhecer a hierarquia dos fatos. Daí é que se pode partir para a procura de soluções que atribuem bem-estar à população, sem violentar os equilíbrios naturais sabiamente instaurados. Não fosse ele um dos maiores defensores da geografia aplicada, essa indispensável complementação à geografia – de modo a impedir que se torne uma ciência amputada, mas seja cada vez mais uma ciência viva, capaz de servir, como nenhuma outra, à obra da melhoria da condição de vida dos povos. (SANTOS, 1958D, p. 6).

O personagem tendo como base os fundamentos da escola anterior se via completo para chegar às conclusões, já que, compreendia o dinamismo dos fatores geográficos sobre uma área a moda de um geógrafo clássico. Contudo entendia que o saber tradicional já não respondia às questões de ordem mais objetiva, de modo que o personagem chama atenção para o fato.

O leitor baiano, já acostumado à ideia tradicional de Recôncavo poderá estranhar os limites que vamos atribuir à região que fica em torno da baía de Todos os Santos, e aureolando Salvador. (...) Nossa decisão não foi gratuita. O objetivo deste estudo é a análise de uma rede urbana, a mais antiga do país, mas que vem através dos tempos sofrendo mudanças em sua estrutura e em seu funcionamento. A ideia tradicional não podia servir à definição de um fato dinâmico. (...) Propomo-nos, aqui, a esboçar os principais problemas da Geografia Urbana do Recôncavo, estudando sobretudo a formação e a hierarquia dos núcleos, bem como a evolução do tipo de relações mantidas com a Cidade do Salvador. (SANTOS, 1959, p. 3 – 4)

Os trabalhos de Geografia Aplicada, sobre os mais diferentes temas, contribuía para obras que recorriam um diagnóstico prévio e um plano de ação futura. Os estudos de geomorfologia, de hidrologia, de climatologia, de geografia industrial, urbana ou agrária, visaram a uma aplicação racional para a melhoria da sociedade baiana.

Os geógrafos arcaíam com a responsabilidade de organizar e orientar as ações para remediar os problemas confrontados, sendo assim a geografia aplicada contribuiu para o desenvolvimento da própria ciência geográfica, tornando-a uma ciência a serviço do povo.

Vivemos num mundo em plena reorganização, onde o planejamento constitui a base racional para qualquer empreendimento sério. Sendo uma ciência ou arte das mais complexas, a planificação utiliza uma enormidade de conhecimento e exige a formação específica, experiência e autoridade daqueles que a realizam. (SANTOS, 1960, p. 31).

Diante disso, sobre o mundo em reconstrução, pós-guerra, o personagem via no campo de ação do geógrafo o planejamento como um caminho para executar as atividades profissionais.

Ele pontuava duas competências imprescindíveis aos geógrafos: (i) “impedir que se façam obras que resultem em consequências danosas”, realizando estudos por meio de um diagnóstico completo; (ii) “permitir que se obtenha o maior rendimento nos empreendimentos projetados”, propondo um plano de ação ou um planejamento. (SANTOS, 1960A, p. 113).

A exemplo, o trabalho que Milton Santos apresentou no evento da AGB, no ano de 1960, “A propriedade rural no vale médio do Paraguaçu (1964)”, no qual publica um diagnóstico completo sobre a situação fundiária no vale médio do Paraguaçu, levando em conta: (i) o tamanho da propriedade; (ii) os tipo de propriedade; (iii) o cenário da década de 1940 e o cenário da década de 1950, apontando as transformações; (iv) a utilização percentual das terras por municípios e propriedades dedicadas as atividades agrícolas (dividindo em pequena, média ou grande escala), a pecuária (dividindo em pequena, média ou grande

escala), ou atividades mistas (pecuária e agricultura); (v) áreas de colheita; (vi) as condições naturais; bem como o artigo que publicou no Boletim Baiano de Geografia, no ano de 1960, “Aspectos Geográficos da concorrência entre os diversos meios de transporte na zona cacauera” (1960B), no qual apresenta: (i) um histórico da evolução dos transportes na zona cacauera, (ii) especifica o papel de cada meio de transporte no deslocamento da produção, (iii) compara os custos no escoamento por tipo de transporte e conclui justificando a falta de um planejamento e a desarticulação entre as possibilidades de transportes, o que irá comprometer o futuro da via fluvial e férrea, “de um ponto de vista dinâmico, é para ser realçado que o caminhão cada dia vai conquistando terreno em detrimento do trem e da canoa” (SANTOS, 1960B, p. 48).

Milton Santos defendia que os geógrafos têm a competência de promover o bem-estar à humanidade por meio do conhecimento geográfico e recomendava que as atividades dessa alçada não fossem realizadas por outros especialistas. Pois para Santos, os geógrafos têm a facilidade de propor soluções práticas aos problemas. (SANTOS, 1960, 1960A, 1965).

É fundamental o papel da geografia na reconstrução harmoniosa do mundo, como é desejo do humanismo do nosso tempo. Nenhuma outra ciência está mais apta a realizar essa verdadeira intuição ou apreensão global dos problemas a solucionar em cada pedaço desse nosso planeta. Como verdadeira filosofia das técnicas, num mundo em que estas tanto e tão rapidamente evoluíram, criando tantas minúcias de especialização, cabe à geografia a missão de guardar a ideia do conjunto e, através da síntese, evitar o tratamento unilateral dos fenômenos. No planejamento, a geografia aplicada tem, pois, a função primordial de fornecer uma visão geral do quadro a transformar, de modo que a sua tarefa consiste em precisar-lhe os dados e, através deles, indicar as soluções possíveis. (SANTOS, 1960, p. 32).

Para Santos (1960, 1960A, 1965), o que faltava aos outros cientistas era compreender os processos e conexões presentes na realidade. Diante disso, o personagem começou a estudar os fenômenos geográficos sem os individualizarem, isto é, realizava um estudo das partes sem perder o foco do todo. Como exemplo, estudou o centro da cidade do Salvador (1959B) sem abandonar as relações dessa área com os bairros vizinhos e a região metropolitana; investigou o Vale do Rio Paraguaçu (1959C, 1960C, 1964) associando as questões do Estado da Bahia.

Todavia, os trabalhos de geografia aplicada, de acordo com o personagem, deveriam voltar-se para a paisagem, tornando-se suas ações mais objetivas, pontuais, e, conseqüentemente, mais eficazes, ou para a região, visando sua organização, ordenamento.

No entanto, ambas as ações visavam à otimização dos recursos, do tempo de implementação e da eficiência. As propostas deveriam ser direcionadas aos problemas diagnosticados. Com isso, a categoria de análise paisagem contribuía para que o geógrafo conseguisse captar os elementos complexos que a constituem, procurando nos problemas aplicar soluções concretas.

De acordo o personagem,

A paisagem é uma arrumação, no sentido de que os seus elementos se dispõem segundo uma certa ordem, originalmente coerente com o sistema social e econômico que a gerou, mas que pode variar em acordo com as mudanças que esse sistema porventura sofrer. Mas, a paisagem é também a expressão de uma síntese de ações e reações multilaterais, em que o meio natural, transformado ou não pelos homens, é um dos termos; e o outro, os próprios grupos humanos por intermédio das técnicas. Nenhum elemento aparece isolado. Há, na verdade, uma cadeia de ações e reações recíprocas, entre as quais difícil é dizer qual a causa e qual é efeito; todos os fatos são a um tempo efeito e causa, isto é, a corrente de relações é ininterrupta. (SANTOSA, 1960, p. 107).

E a região era vista sobre uma perspectiva mais abrangente, que envolvia elementos não perceptíveis de ordem direta e que atuava sobre uma escala diferente da paisagem. Para Santos (1960A, p. 119),

o geógrafo compreende a região como um conjunto elaborado pelos homens e em constante evolução. Os homens fazem e desfazem regiões. Uma ofensa a um dos seus fatores basta para perturbar todo um sistema, antigo ou recentemente estabelecido. Por isso, a introdução de novos elementos numa região solidamente estruturada jamais devia se fazer sem a audiência do especialista das regiões, que é o geógrafo.

Os trabalhos contavam com a interessada colaboração dos alunos, os quais eram referenciados nos artigos das principais entidades governamentais e não governamentais, como: a Agência Municipal de Estatística, o Departamento de Obras Contra as Secas (Distrito da Bahia), o Departamento de Energia do Estado, o Departamento de Geografia, Ajudagem e Engenharia Rural da Secretaria da Agricultura, o Instituto de Economia e Finanças, a Universidade da Bahia.

A maioria das excursões didáticas e as publicações eram financiadas, o que contribuiu para as realizações de grandes pesquisas. O incentivo aos trabalhos de ordem prática era reconhecido, pelas facilidades que as fontes de fomento a pesquisa escancaravam, “pois interessando-se pela vida e pelos problemas concretos, é capaz de obter os meios

financeiros que uma ciência pura não poderia conseguir ver postos à sua disposição”. (SANTOS, 1960A, p. 111).

Os principais investidores eram: Governo do Estado da Bahia (Comissão de Planejamento Econômico) e Fundação Joaquim Nabuco.

#### Quadro 14: Os investidores e a finalidade dos trabalhos

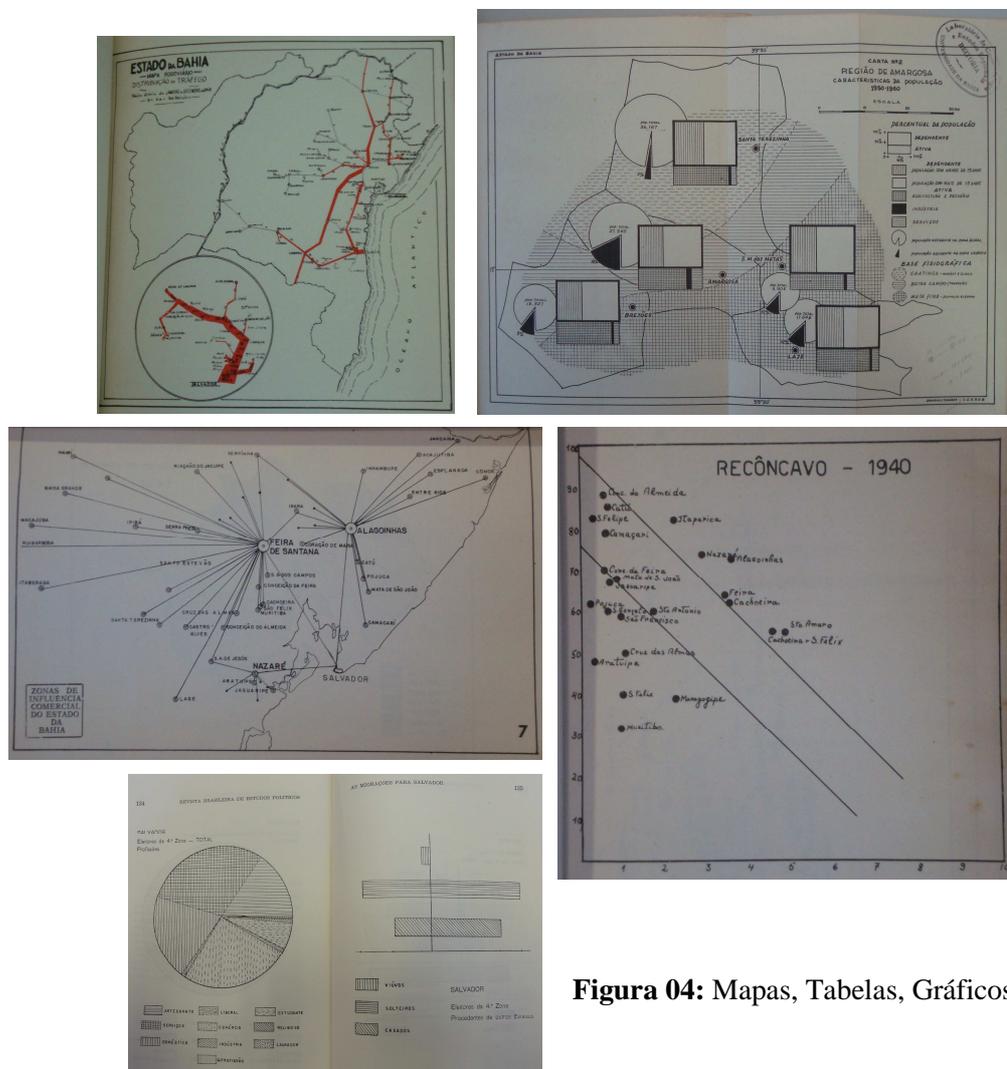
<b>Autores</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Financiamento</b>	<b>Ano (Publicação)</b>	<b>Finalidade</b>
Milton Santos	Zonas de Influência Comercial do Estado da Bahia	Governo do Estado da Bahia (Comissão de Planejamento Econômico)	1956 [1958]	Definir o papel da metrópole baiana em relação ao seu território de influência comercial.
Milton Santos e Deraldo Jacobina	Localização Industrial no Estado da Bahia	Governo do Estado da Bahia (Comissão de Planejamento Econômico)	1958	Levantar o potencial industrial do Estado.
Milton Santos	Localização Industrial na cidade do Salvador.	Governo do Estado da Bahia (Comissão de Planejamento Econômico)	1958	Investigar áreas capazes de receber indústrias sem comprometer a vida urbana da cidade do Salvador.
Milton Santos, Jean Tricart, Tereza C. da Silva, Ana D. S. Carvalho	Reconhecimento Geográfico da Baía do Rio Itapicuru	Governo do Estado da Bahia (Comissão de Planejamento Econômico)	1958	Avaliar o impacto da construção de barragens para irrigação dos cultivos do sertão nordestino
Milton Santos	A propriedade Rural no Vale Médio do Paraguaçu	Fundação Joaquim Nabuco	1959	Apontar os problemas fundiários do Vale Médio do Paraguaçu.
Milton Santos	A Região Amargosa	Governo do Estado da Bahia (Comissão de Planejamento Econômico)	1963	Elaborar um plano de ação para Região de Amargosa
Milton Santos	A cultura do cacau no Estado da Bahia	Fundação Joaquim Nabuco	1964	Apresentar um diagnóstico sobre a organização atual da cultura do Cacau no Estado da Bahia.

Org.: Costa, P. H. F. (2013)

Para Santos (1960C, p.5), “os dados devem ser coletados diretamente no campo, sobretudo, através de questionários, entrevistas com as lideranças e representantes do poder, fotografias”. Milton alertava os alunos que a busca de informações deveria ser tomada de uma posição, na medida do possível, imparcial. O investigador, continua Santos (1960C, p.5), no momento da pesquisa presencial não deve conduzir a resposta de uma enquete, ou solicitar só as informações que convém o contratante, no caso o governo, “o pesquisador se deve dirigir com o espírito desarmado; uma ideia preconcebida pode desencaminhar o rumo da pesquisa, levando a resultados falsos”.

De acordo com Santos (1960C), o fator humano é dinâmico. Logo, para ele, era necessário levar em conta as análises qualitativas, capturadas *in loco*, e as quantitativas, “cedidas” por terceiros. À vista disso o personagem buscava a explicação ao longo das mais diversas fontes. Santos procurava encontrar as correlações entre os elementos levantados. Para auxiliá-lo contava com: (i) a estatística, que o permitia enumerar a evolução de certos fatos e fornecer um panorama inicial; (ii) as fotografias, que, para ele, ilustravam a dinâmica local e

facilitavam o trabalho no gabinete; (iii) a cartografia<sup>192</sup>, que, segundo Santos, possibilitava uma visão global da incidência de vários fenômenos, tomados isolado ou globalmente.



**Figura 04:** Mapas, Tabelas, Gráficos

Sobre o recurso histórico, para Santos, apesar deste contribuir para compreender a complexidade dos fenômenos humanos, era insuficiente para intervir na realidade concreta. Assim, a Geografia Aplicada, praticada pelo personagem, procurava avaliar o tempo presente por meio da sobreposição entre os fenômenos físico e humano. Com isso, Milton tinha como objetivo produzir um conhecimento voltado para o futuro. Portanto, no nosso entendimento, o personagem praticava uma visão prospectiva, como na citação:

Condições humanas e condições naturais, bem como as perspectivas abertas pelas obras a serem feitas [construções de barragens e presença de um braço

<sup>192</sup>“A comparação entre séries diversas de cartogramas e mapas é bem instrutiva da repartição e do dinamismo dos fatos, servindo, assim, de roteiro para o administrador ou o homem prático”. (SANTOS, 1960A, p. 116).

da estrada de ferro, entre os municípios de Iaçú e Itaeté, na Bahia] devem ser levadas em conta ao se pensar nas atividades que se irão implantar aí. Tratando-se de cultura comercial o algodão parece indicado – (...). Do mesmo modo é de se prever a criação de um mercado, uma cidade-mercado. Esta deve ser escolhida previamente, entre os pequenos núcleos populacionais já existentes, no qual se localizariam serviços públicos e uma infraestrutura econômica de base, capaz de influir sobre a própria área agrícola. (SANTOS, 1960C, p. 11).

O personagem alertava que as propostas de intervenções, o plano de ação, a execução do cronograma, todo o planejamento não, necessariamente, era seguido pelo contratante. O trabalho, o qual o geógrafo “aplicado” desenvolvia, somente, subsidiava a ação e não a implementação das sugestões. Para Santos a realização do feito era uma questão política e não cabia aos geógrafos executá-lo.

Mas, ainda que com o propósito de ver o seu trabalho servindo à aplicação deve o geógrafo ter bem presente que o seu papel não é o de apresentar soluções, mas o de fornecer os contornos do quadro, com toda nitidez, de modo a que os planejadores e administradores possam, então, escolher os caminhos políticos. (SANTOS, 1965, p. 251).

Contudo, as propostas eram levantadas para melhor servir o solicitante. As recomendações levavam em conta a sobreposição dos elementos de ordem natural e social. O trabalho em si era realizado separadamente no que tange as excursões de campo e a coleta de dados, cada equipe construía um cronograma e uma metodologia para atender melhor as suas necessidades.

Para Santos (1958E), não existe uma ligação mecânica entre os fatos físicos e os fatos humanos, o que corrobora para serem trabalhados individualmente, já que, “o meio físico natural se modifica em escala geológica, enquanto as condições humanas evoluem em velocidade histórica”.

No entanto, as conclusões sobre a área estudada eram construídas coletivamente, dado que ambos os fatores insidiam sobre a sociedade e para essa, visando melhorias, objetivo fim do trabalho.

A melhor utilização das águas disponíveis dependem das condições geomorfológicas do vale. Se se irrigam terras arenosas, por exemplo, perde-se um deflúvio considerável por infiltração, e o rendimento das obras é menor: com a mesma descarga se melhora uma superfície duas ou três vezes inferior ao que se poderia obter sobre terreno melhor escolhido. A topografia do vale deve também ser aproveitada ao máximo a fim de diminuir o custo das barragens e dos canais de irrigação. Por exemplo, a irrigação é menos

custosa se os canais seguem a superfície plana e suavemente inclinada dum terraço aluvial que se devesse cortar um relevo de vertente dissecado em lombadas e ravinamentos. [...] A transformação pela irrigação do meio natural da bacia do Itapicuru terá importantes consequências sobre as condições de vida das populações. Tudo deve ser feito a fim de que as despesas públicas consideráveis envolvidas nos projetos tenham somente resultados favoráveis. Por exemplo, a construção das açudagens deverá escolher entre os diversos lugares possíveis, o que inundará a superfície mínima de terras já cultivadas. Deve-se também fazer de tal maneira que as terras irrigadas sejam exploradas com o rendimento máximo. Isto exigirá uma certa recolocação das populações ribeirinhas. Para se obter sucesso deve haver também um bom conhecimento das condições de vida da região. O desenvolvimento da produção não alcança ainda os resultados pretendidos se não se adotar ao mesmo tempo uma política de construção de novas vias de comunicação, visando romper o isolamento em que vive ainda a região. (SANTOS et al. 1958D, p. 115).

Os resultados eram publicados na forma de relatórios e a redação dos documentos tinha um considerável cunho objetivo e técnico do que um texto acadêmico, mas chamava a atenção pelo grande valor científico das reflexões.

No entanto, apesar dos trabalhos não dispensarem a colaboração da história e da estatística, para auxiliar na evolução da paisagem os geógrafos da corrente aplicada eram descrentes em relação à “geografia retrospectiva” o que os obrigavam a redobrar o cuidado aos fatos presente e suas relações. (SANTOS, 1959).

Alguns trabalhos recorriam a modelos matemáticos para auxiliar no diagnóstico, como foi o caso de “A rede urbana do Recôncavo” (1959), no qual foi testado o método Rochefort para definir a hierarquia urbana do Recôncavo e “A cidade como centro de região” (1959A), no qual procurou primeiro apresentar formas diversas de calcular a centralidade urbana (Christaller<sup>193</sup>, Arnhold<sup>194</sup>, Winidi<sup>195</sup>, Alexander<sup>196</sup>), para depois afirmar o método Rochefort<sup>197</sup>.

É interessante notar que nessa fase da Geografia Aplicada, Milton Santos não perde a essência dos trabalhos vidalianos, e por inúmeras vezes faz referências a artigos e ensinamentos aos geógrafos da Escola Francesa – Fase Clássica. Como por exemplo, no livro

---

<sup>193</sup>CHRISTALLER, W. Rapports fonctionnels entre les agglomerations urbaines et les campagnes. In: **Comptes rendus du Congrès International de Géographie**, Amsterdam, 1938.

<sup>194</sup>ARNHOLD, H Die Abgrenzung der Stadtlandschaft: ein Beitrag zur Stadtgeographie und Raumplanung. In: Wissenschaftliche Veröffentlichungen des Deutschen Instituts für Länderkunde: mit Kartenbeil. - Leipzig [u.a.]: Verl. Enzyklopädie, 1953.

<sup>195</sup>WINIDI, W. The scope of urban geography: instanced with facts from USA, England and Poland. In: **Comptes rendus du Congrès International de Géographie**, Varsovie, 1934.

<sup>196</sup>ALEXANDER, J. W. An Economic Base Study of Madison. In: **Wisconsin Commerce Papers**, vol. 1, n. 4, 1953.

<sup>197</sup>ROCHEFORT, M Méthodes d'étude des réseaux urbains: intérêt de l'analyse du secteur tertiaire de la population active. In: **Annales de Géographie**, t, 66, n. 354, p. 125-143, 1957.

“Geografia Aplicada (1960)” Vidal de La Blache é lembrado entre os precursores de embutir o espírito de síntese, fato que ele julga essencial para auxiliar as investigações de ordem prática; ou no artigo “Geografia e desenvolvimento econômico” (1960A), quando afirma que a solidariedade entre os fatos geográficos são que determinam a formação de uma paisagem, como Max Sorre havia dito em 1957.

Outro fato semelhante é o uso de termos como “habitat”, “gênero de vida<sup>198</sup>”, “organismo urbano” nos documentos que se reportavam a geografia aplicada. Também é interessante apontar que algumas palestras e cursos oferecidos pelo Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais tratavam da temática de geografia clássica, destacam-se: (i) a palestra de Pierre Monbeig, em 1959, “O meio físico e a história”; (ii) o curso de Pierre Deffontaines, em 1959, “Como fazer uma monografia regional de geografia humana?”. (LGERUBa, 1963).

---

<sup>198</sup> Á exemplo: “O círculo que traçamos, abrangendo cidades dessa e da faixa anterior, mostra como Cachoeira (tomada isoladamente), Cruz das Almas e São Felix (tomada isoladamente também) se colocam em uma posição de destaque, que é autêntica em relação às outras do grupo abarcado pelo círculo. Por outro lado, é para notar que todas elas se enquadram sob um mesmo gênero de vida – a cultura do fumo – e sua arrumação corresponde, no esquema, à hierarquia realmente existente”. (SANTOS, 1959, p. 9)

**Quadro 15: Referências Bibliográficas – Geografia Aplicada**

<b>REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS</b>		
<b>Autor</b>	<b>Obra</b>	<b>Localização</b>
<b>Arsene Alexandre</b>	Plan d'étude de l'habitat urbain. In : Cong. Int. Geog. de Paris, 1931.	(1959B)
<b>Abel Chatelain</b>	Essai sur la classification des industries. In : Revue de Geographie de Lyon, V. XXX, 1955.	(1958J)
<b>Arthur Hillman</b>	Organização da Comunidade e Planejamento. Rio de Janeiro : Livraria AGIR, 1956.	(1958J)
<b>Georges Chabot</b>	Les Villes 2.a Ed. Paris: Armand Collin, 1952.	(1959A)
	La determination des courbes isochrones en Geographie Urbaine. In : Cong. Int. Geog. de Amsterdam, 1938.	(1959A)
<b>E.M. Hoover</b>	La localisation des activités économiques. Paris : Les Editions Ouvrières – Economie et Humanisme, 1948.	(1968J)
<b>E.S. Willats</b>	L'état actuel de la planification régionale en Grande Bretagne et la contribution des géographes. Paris : A. Colin, 1952	(1960A)
<b>Jean Coppolnni</b>	Les bases géographiques du groupement regional d'urbanisme de Toulouse et son aménagement. In : Cong. Int. Geog. de Lisbonne, 1951.	(1858J)
<b>Jean Tricart</b>	L'Habitat Urbain Paris: C.D.U, 1951.	(1958J) (1959A) (1960)
	Existe-t'il une geographie appliquée ?In : Cahiers Pédagogiques pour le Enseignement du Second Dgré, n. 4, 1958	(1960A)
	Aspects géomorphologiques du delta du Senegal. In : Revue de Geomorphologie Dynamique, n. 5/6, 1957.	(1960A)
<b>John W. Alexander</b>	An Economic Base Study of Madison. Winconstin : UWM, 1953	(1958J) (1959A)
<b>Leonard C. Yasseem</b>	Plant Location. New York : American Reserach Council, 1956.	(1958J)
<b>L.D. Stamp</b>	Applied Geography. London : London Essays, 1951.	(1960A)
<b>Michel Phlipponneau</b>	La vie rurale dans la bangeu parisiense. Paris : Armand Colin, 1956.	(1960A)
<b>Michel Rochefort</b>	Methodes d'études des reseaux urbains : intérêt de l'analyse du secteur tertiaire de la population active. In : Annales de Geographie, v. 66, 1957.	(1959A)
	Determination des types de villes d'up reseau urbain. In : Cong. Int. Geog. Rio de Janeiro, 1956.	(1959A)
<b>Omer Tulippe</b>	La Géographie en Belgique. Paris : A. Colin, 1952	(1960A)
	Le géographe au service de l'Urbanisme. In : la Revue de Geographie Humaine et Ethnologie, n.1, 1955.	(1960A)
<b>Pierre George</b>	La Ville: le fait urbain a travers le Monde. Paris: P.O.F., 1952	(1959A) (1959B)
<b>Recteur Blache</b>	La geographie des villes dans se rapports avec les techniques et leur évolution. In : Cong. Int. Geog. Rio de Janeiro, 1956.	(1959B)
<b>Robert Dickinson</b>	City, Region and Regionalism. London : Routledge Kegan Paul Ltd, 1952	(1959A) (1959B)
<b>Robert Auzelle</b>	Tecnique de L'Urbanisme. Paris : PUF, 1953	(1958J)
<b>Walenty Winid</b>	The scope of Urban Geography : Instanced with facts from Varsovia, USA, England and Poland. In : Cong. Int. Geog. Amsterdam, 1938.	(1959A)
<b>Walter Christaller</b>	Rapports fonctionnels entre les agglomeratios urbaines et les campegnes. In : Cong. Int. Geog. Amsterdam, 1938.	(1959A)

Org.: Costa, P. H. F. (2013)

No entanto, Milton Santos apresenta uma bibliografia nos trabalhos publicados apoiada em autores clássicos da Geografia Aplicada, como: Philipponeau e Tulippe, além de manuais de economia e obras relacionadas com o tema: planejamento, o que nos ajuda a confirmar essa nova orientação em sua trajetória.

O mais conhecido trabalho de Geografia Aplicada de Milton Santos foi sua tese defendida na Universidade de Strasbourg, no ano letivo de 1957-1958. “A tese com que nos doutoramos em Strasbourg, sobre “O Centro da Cidade do Salvador” (1959B) se inscreve nesse esquema” (SANTOS, 1960A, p. 113).

A preocupação inicial era levantar os problemas e propor as soluções que incidiam sobre a vida urbana e regional que ocorria no centro da cidade do Salvador. Portanto, seu trabalho propunha ações. Pode-se dizer que “trouxe uma substancial melhoria aos transportes municipais” (TRICART, 1960, p. 42).

O estudo, que brilhantemente lhe valeu o título de Doutor da Universidade de Strasbourg, inscreveu-se em bom lugar entre a crescente série de publicações geográficas brasileiras. Trabalho científico e universitário, o do professor Santos não é, por outro lado, desprovido de valor prático. Na geografia passa-se o mesmo que em outras disciplinas para as quais os limites entre a pesquisa pura e a pesquisa aplicada é cada vez mais convencional. E estou certo de que Milton Santos, geógrafo e professor, jamais se apresenta dissociado do Milton Santos, cidadão de Salvador. (MONBEIG, 1959, p. 13).

Por fim, no artigo, “O papel metropolitano da cidade do Salvador” (1956D), é preciso notar que Milton Santos emprega expressões ainda não citadas por ele em outros textos: “mundo capitalista”, “vorazes interesses das nações imperialistas”, “crescendo macrocefalicamente”.

Nesse artigo, ele se preocupa com problemas relativos à Geografia Urbana, contudo, tem como linha de pesquisa a economia política. Para isso, segue o raciocínio “crítico” do geógrafo Pierre George<sup>199</sup> e apresenta as contradições da região metropolitana de Salvador, a qual denomina como “uma metrópole displicente”.

---

<sup>199</sup>O livro que não é citado no artigo, mas pelas referências chegamos à conclusão que foi o “La ville: Le fait urbain à travers le monde”, publicado em 1952, o qual Pierre George propõe uma tipologia de cidades cujo critério adotado pelo autor foi a influência da expansão capitalista no mundo e o reflexo nas áreas urbanas, o que lhe conduziu a classificar em: (1) cidades embrionárias, dominadas por economias rurais, típicas de países subdesenvolvidos; (2) cidades mercados, decorrente do comércio realizado nessas áreas que datam da Antiguidade e da Idade Média; (3) cidades comerciais e industriais, fruto da Revolução Industrial e do Capitalismo; (4) Cidades Colônias, resultado dos contínuos processos de exploração por países capitalistas; (5) Cidades Socialistas. (GEORGE, 1952). A classificação proposta acalorou o debate sobre a Geografia Urbana Mundial na França. George Chabot (1953, p. 40), vidaliano de 3ª geração, comentou em nota que “l’ouvrage comble une lacune, et particulièrement regrettable du point de vue géographique ; nous avons eu, jusqu’ici,

Pierre George classifica as grandes cidades do mundo capitalista, oriundas do desenvolvimento econômico dos séculos XIX e XX, em dois grandes tipos, o primeiro sendo constituído por ‘organismos completos característicos do conjunto dos mecanismos econômicos do mundo capitalista’, e o segundo por ‘cidades de especulação comercial, criadas pelas populações imigradas durante a época colonial e comportando apenas dois setores de atividades: o primário (ou melhor, o controle do setor primário regional) e o terciário’. Nesta última categoria está Salvador, cidade cuja atividade cinge-se a comerciar e fazer escoar os produtos primários colhidos ou produzidos em sua área de influência; e, como aquelas, um ponto em que a civilização material do mundo moderno toma contato com o mundo colonial, que é o seu ‘arriére-pays’ (SANTOS, 1956D, p. 185).

Após apontar os problemas da área metropolitana da capital baiana como a excessiva centralização de recursos sociais e técnicos e a dificuldade de transmitir o progresso ao resto do território, o intelectual conclui que a cidade de Salvador, em relação ao estado da Bahia e sua região metropolitana é macrocefálica.

Segundo Milton Santos, uma metrópole deve ser capaz de “tornar suas funções vitais interessantes a um espaço regional”<sup>200</sup>. Assim, a fraqueza da metrópole soteropolitana está na negligência dos administradores públicos em não tonificar o seu mundo rural e de anotar tímidos esforços para a modernização tanto do campo como da cidade. Com essa observação, o estudioso faz duras críticas:

alguns economistas bisonhos, presos a fórmulas de gabinete, ainda persistem afirmando que uma forte agricultura é a responsável pelo progresso industrial. De fato, é o contrário que acontece. Sem indústria é impossível modernizar e melhorar a agricultura. (SANTOS, 1956D, p. 188).

Sem dúvida, a linguagem da temática exposta, na citação acima, difere-se de todos os artigos desta fase [Geografia Aplicada] e da anterior [Geografia Clássica]. Assim, essa citação aponta um pensamento isolado frente àqueles que foram comentados anteriormente. Portanto

---

surtout des monographie ; de villes et, en plus petit nombre, des études de géographie urbaine générale ; mais les géographes regrettent que l'on n'ait pas toujours assez montré, même dans les tableaux régionaux, des types régionaux de villes où s'exprimerait l'influence du milieu physique et humain, du climat, d'une histoire commune, d'une même civilisation, voire d'une même religion”. É interessante notar a relação da data da publicação do livro (1952), na França, e a data de publicação do artigo de Milton Santos (1956), até o presente ano de 1956 Milton Santos não havia saído do território brasileiro, fato alcançado em 1958, no entanto, duas hipóteses nos recorrem: (i) o livro deve ter sido presenteado por amigos, já que mantinha amizade com personalidades que viajavam com frequência à França, no entanto, não encontrado no Acervo; (ii) Milton Santos, em suas visitas à São Paulo ou no Rio de Janeiro, tomou contato com a literatura. Ambas corroboram para que Milton Santos revela-se um espírito curioso e atento às discussões traçadas na França, mais uma evidencia característica de sua vanguarda, a busca do novo.

<sup>200</sup>SANTOS (1956D, p. 186).

as expressões usadas, na citação, frisam particularidades da obra do personagem e o aproxima de uma abordagem marxista como veremos a seguir.

### 2.3 – Geografia Ativa

Os textos apresentam características da perspectiva da Geografia Ativa, mesmo que ainda incipiente, levanta questões desenvolvidas por marxistas e que serão mais bem pontuados no próximo tópico.

1) SANTOS, M O panorama econômico-social da Bahia. In: **Revista Brasileira dos Municípios**, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 67/68, p. 117-124, jul/dez, 1964C.

O artigo publicado em 1964 discorre sobre os motivos que o autor aponta o Estado da Bahia como um exemplo típico de área de subdesenvolvimento. Inicia o texto apresentando os contrastes: zona úmida/zona semiárida, zona de floresta/zona de caatinga, área cuja população é relativamente densa e áreas bem fracamente povoadas, terrenos que praticam uma agricultura comercial e outros que não ultrapassaram o estágio da agricultura de subsistência e regiões de concentração urbana e outras consideradas deprimidas.

Afirma que a multiplicidade de aspectos é consequência da história de valorização do território. Diante disso, Santos comenta cinco questões que corroboram em confirmar a tese que o Estado da Bahia é subdesenvolvido.

A primeira questão é a dependência do mercado externo que a agricultura submete-se para erguer a economia baiana e a concentração da propriedade contribuindo para a rarefação demográfica.

A segunda questão pontua a presença de um quadro industrial insuficiente e frágil, além das desigualdades encontradas quando comparadas às indústrias de pequeno e grande porte e a concentração desse setor em Salvador.

O terceiro ponto é sobre o papel do comércio no desenvolvimento econômico do Estado e a carga tributária que esse impõe sobre as atividades comerciais, além de criticar o precário sistema de transporte e de rodovias.

O quarto ponto é sobre as desigualdades sociais e a falta de investimento nas áreas de Educação e Saúde. Por fim, o quinto tópico comenta a necessidade da equidade entre as pessoas. E conclui com a discussão da relação dependência e pobreza.

### 2.3.1 Análise dos Textos Comentados referentes à Geografia Ativa

No período analisado, décadas de 1950 e 1960, não é claro a inclinação para a Geografia Ativa, no entanto, o discurso que ele apresenta em alguns artigos contribuem para definir algumas atitudes comuns a essa perspectiva da ciência geográfica, que tinha como orientação filosófica a abordagem marxista.

Desenvolve-se a partir da crítica às estruturas capitalistas e as relações que esta mantém no território e com a sociedade a fim de desmascarar a sua natureza exploratória e provocadora de desigualdades.

A leitura de Pierre George e a convivência com os colegas franceses é que vão contribuir para que Milton Santos assumisse um lado mais preocupado com as minorias ou atento aos efeitos das estruturas capitalistas nos países subdesenvolvidos<sup>201</sup>. Logo, Santos atribui aos fatores econômicos o peso preponderante na determinação histórica de regiões baianas.

O Estado da Bahia, com uma superfície superior a 560 mil quilômetros quadrados e uma população beirando os sete milhões de habitantes, pode ser apontado como um exemplo típico de área subdesenvolvida, (...). O Estado da Bahia reúne (...) áreas cuja população é relativamente densa e áreas bem fracamente povoadas, algumas praticando uma agricultura comercial e outras que ainda não ultrapassaram o estágio da agricultura de subsistência, (...). É a história da valorização do território que explica essa multiplicidade de aspectos que, entretanto, mantem entre si uma certa ligação, uma determinada hierarquia. (...) Entretanto, e apesar da persistência de formas antigas de exploração tipo capitalista e das formas recentemente introduzidas de agricultura comercial, que contribuem para elevar a renda média, o Estado da Bahia, com uma renda média “per capita” de, aproximadamente, Cr\$ 15000 (equivalente a US\$ 100 da época) em 1960, continua um exemplo válido de região subdesenvolvida. (SANTOS, 1964C, p. 117).

A situação do pós-guerra assediou muitos intelectuais a se filiarem ao Partido Comunista, o que culminou nas influências ideológicas refletidas nos artigos que se seguiam. Mesmo que, Milton Santos não fosse filiado a unidades partidárias, ele tinha uma queda pelas discussões levantada pela o Partido Comunista, além de amigos com essa inclinação<sup>202</sup>.

---

<sup>201</sup>Milton Santos no texto “Geografia, Marxismo e Subdesenvolvimento” (1980, p. 82) faz referência a Pierre George como um iniciante nas questões legadas ao marxismo e geografia. Pierre George, leal à tradição da Geografia Humana francesa, agrupou um certo número de geógrafos ativistas. Merece o crédito de haver estabelecido a importância das estruturas sócio-econômicas na explicação geográfica. Suas primeiras publicações sobre população (1951-1959), Geografia Social (1946) e seu trabalho sobre as cidades (1952) demonstram seu esforço em abarcar a dinâmica dos sistemas socioeconômicos com as estruturas da produção.

<sup>202</sup>Discussão apresentada no capítulo 2.

O discurso que ele apresenta nos textos está sobre uma forma mais “agressiva”, com um vocabulário engajado nas causas sociais. Apesar de não declarar de forma explícita a aproximação com a Geografia Ativa, como fez em outros momentos<sup>203</sup>, percebe-se uma ruptura epistemológica, ainda incipiente, mas que será melhor esclarecida nas próximas fases de sua trajetória intelectual, após o exílio na França.

Nesse momento parece haver “desvios ideológicos”, Milton Santos não assume uma postura militante das causas sociais, mas já se interroga sobre a qualidade dos governantes baianos. Fato, no qual, ao finalizar o relatório sobre a “Região Amargosa” (1963B), solicitado pelo Governo do Estado da Bahia (Comissão de Planejamento Econômico), depois de apresentar uma linguagem formal, como requer um relatório (caracterização da área, principais problemas encontrados, propostas de ação), no último parágrafo, no tópico das conclusões, Milton Santos apresenta uma crítica à política adotada. Parece criticar a forma com que os dirigentes interpretavam os relatórios que eram realizados pelas equipes técnicas.

A única solução à vista parece ser a erradicação das causas atuais do mal-estar rural, com a construção de um novo equilíbrio entre os efetivos humanos, as atividades econômicas, as técnicas utilizadas e o próprio solo em que todos se instalam. Tarefa difícil? Pois seja. Mas, não se pediriam aos homens outras tarefas, se eles não fossem capazes de se distinguir dos outros animais pela inteligência e vontade, que fornecem os caminhos e os meios. (SANTOS, 1963B, p. 40).

A revolta anunciada permite aproximar da ideia da Geografia Ativa quando os representantes desta perspectiva geográfica citavam que a geografia que lhes eram convenientes era “uma geografia de discordâncias e desarmonias”.

Os artigos, nesse período da Geografia Ativa, manifestam-se mais num sentido de denúncia do que num diagnóstico prospectivo, apesar de apontar, do ponto de vista de Santos, soluções. Como colocado no texto “Alguns problemas do crescimento da cidade do Salvador” (1961), no qual levanta os problemas de ordem urbana, apontando: (A) os obstáculos a um crescimento consciente (falta de planejamento, a permanência das funções antigas, a pobreza da população, a fraqueza da administração) e (B) os problemas de uma evolução espontânea (o crescimento exagerado dos loteamentos, a luta pelo espaço entre as classes sociais, as constantes invasões de terra) e por fim critica o Estado sugerindo mudanças nas relações que

---

<sup>203</sup>Para os outros dois momentos, Milton Santos, nessa primeira fase, publica livros teóricos que subsidiavam seus trabalhos ou clareava para o leitor sua opinião sobre a Geografia e Métodos de Pesquisa. Como exemplo, (i) Estudos sobre Geografia (1953); (ii) O estudos regionais e o futuro da geografia (1953A); (iii) A cidade como centro da região: definições e método de avaliação da centralidade (1959A); (iv) A Geografia Aplicada (1960)

esse tem com o espaço urbano soteropolitano. Milton já se posiciona contra as políticas locais e levanta os responsáveis pelo quadro encontrado.

Esse deserto de Salvador é obra dos homens. Se a Prefeitura pudesse agir com coragem, impedindo loteamento nas áreas mais apropriadas à cultura, disciplinando corretamente o crescimento da cidade, estaria em suas mãos transformar esse deserto em vergel substituindo a desolação dos espaços vazios e a cupidez que se lê no quadriculado dos loteamentos, pela vida e pelo trabalho dos homens nas quadras ideias das granjas, dos pomares, das hortas. (SANTOS, 1959H, p. 128).

O subdesenvolvimento do Estado é, também, responsável pela hipertrofia do aparelho comercial e da distribuição, que igualmente aparece como uma carga pesada sobre o aparelho econômico, porque ampliada a faixa dos não produtores. Trata-se de uma divisão social do trabalho que, ao contrário de animar a economia, representa um peso negativo, não obstante influir na atenuação de subemprego. (SANTOS, 1964C, p. 121).

Outra característica é a estrutura do texto, no qual, confronta alguns termos seja na mesma frase seja no mesmo parágrafo como: subdesenvolvimento/desenvolvimento, zonas pioneiras/zonas deprimidas, mundo agrário/mundo rural, rarefação/concentração, com o objetivo de revelar os contrastes e as contradições dialéticas da realidade.

Podemos distinguir, dentro do território baiano, áreas de depressão econômica e áreas pioneiras. As áreas de depressão são, realmente, as regiões de povoamento antigo, cuja economia não foi capaz de evoluir a ponto de continuar sustentando a população em evolução; daí ser uma de suas principais características a grande proporção de mulheres na população, a qual é atingida pelo êxodo que as cidades enfraquecidas não podem conter. (...) As áreas pioneiras, conquistadas mais recentemente para a vida econômica, e onde novas atividades se instalam, mostram características opostas: uma grande proporção de imigrantes na população, notável incremento demográfico, surgimento de novos núcleos urbanos. (SANTOS, 1961B, p. 19).

Les différences criantes entre les aires industrielles et les aires purement agricoles, les contrastes entre le monde urbain et le monde rural, ont attiré vivement l'attention sur le sous-développement de vaste régions du pays où règne le paupérisme. (SANTOS, 1963C, p.314)

Essa postura assemelha-se ao efeito provocado no uso de pares dialéticos, envolvendo oposições entre forças de origens constitutivas do capitalismo e seu modo de produção, vista em obras de geógrafos marxistas<sup>204</sup>. Sendo a maior influência dele o professor Pierre George.

---

<sup>204</sup>Para ilustrar a passagem, retiramos um fragmento do seminário “*A importância da Geografia do subdesenvolvimento*”, ocorrido no de 1962 e realizado sob a direção de Pierre George no Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, coordenado pelo professor Milton Santos. “Inicialmente deve-se procurar uma definição precisa de subdesenvolvimento. Ela nos leva a um problema de doutrina. Há países

Embora ainda não esteja tão claro o rebatimento dessa perspectiva geográfica no conjunto da obra de Milton Santos, nessa primeira fase intelectual, sua ida para França, despertada pelo momento político vivido no Brasil e a possibilidade de realizar atividades nas universidades francesas, colaborariam para que esses elementos ficassem mais aparentes na próxima etapa de sua trajetória intelectual.

Contudo, é possível afirmar que Santos já incorpora os princípios da abordagem marxista antes de chegar à França e lá ele aprofunda, no que tange a filosofia da abordagem.

### 3. CONSIDERAÇÕES

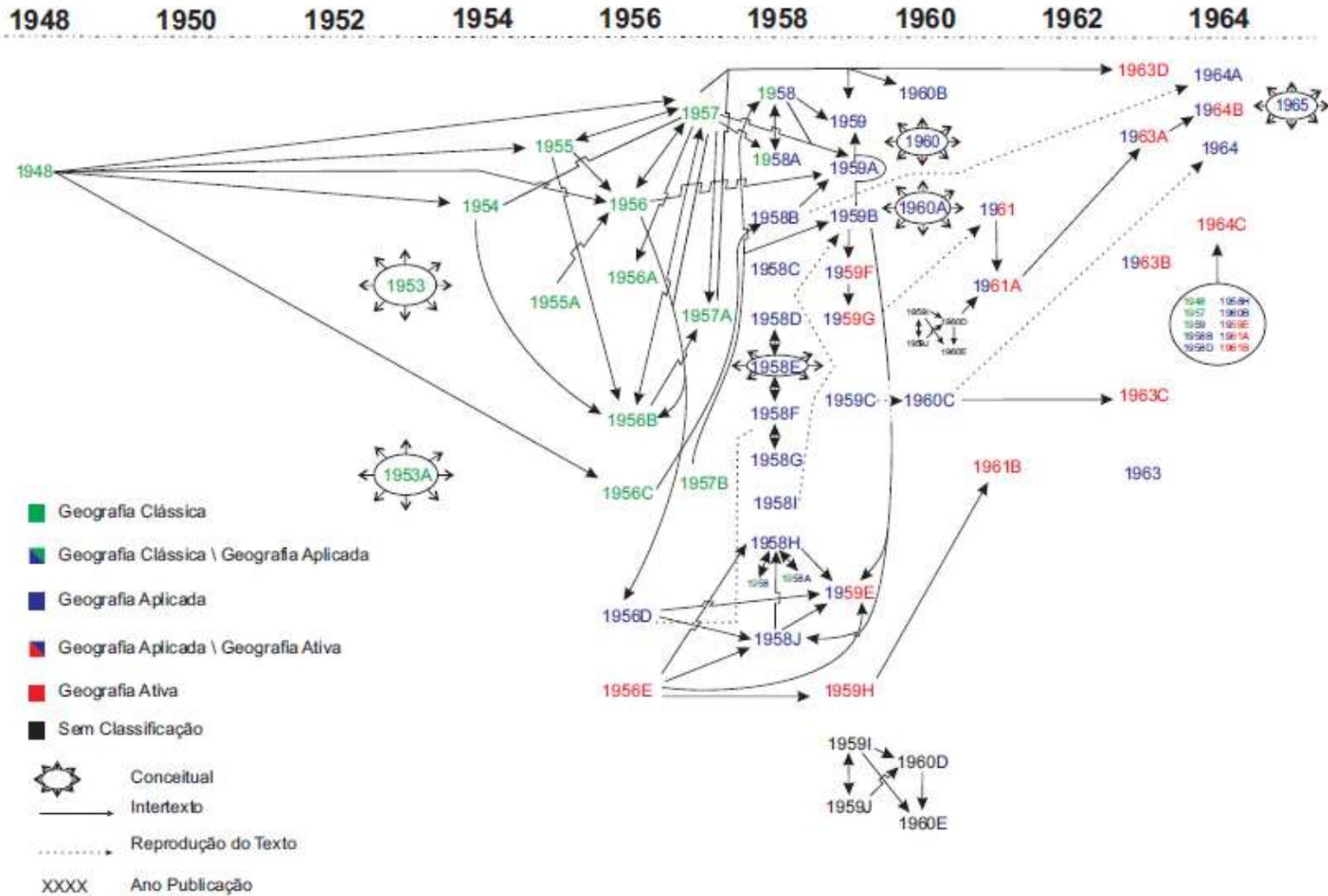
Por fim, as características seletivas “**vanguarda**”, “**universalidade**” e “**viés geográfico**” podem ser confirmadas na análise da produção geográfica e científica do período em destaque. A **vanguarda** é revelada na busca por novos paradigmas da geografia, representada pelas mudanças de perspectivas que o personagem adota na construção das reflexões presentes no texto.

Às vezes, transparece uma insatisfação com o modelo anterior e uma preocupação com o modelo assinalado no período determinado. Fato é que Milton Santos valoriza a variante geográfica posta e acaba por dedicar um livro ou um artigo a explicar o sistema de ideias no qual ele está estruturando a base teórica de sua produção, como o livro “Os estudos regionais e o futuro da Geografia” (1953A), que aponta os pressupostos da Geografia Clássica ou o livro “Geografia Aplicada” (1960), que ajuda a esclarecer a construção teórica da Geografia Aplicada. Esses pontos podem ser confirmados quando construimos o mapeamento textual (Figura 05) o qual nos ajudou a visualizar as mudanças no discurso frente a variante geográfica que o influenciou, ao longo desta primeira fase “jovem”. A ligação entre os textos, que chamamos de intertexto, evidenciam a preocupação que o personagem tinha em continuar debatendo a mesma temática. E que esta vai se adaptando segundo a variante geográfica que Santos parte para escrever o texto.

---

subdesenvolvidos porque houve países desenvolvidos. Há exploração demográfica e o seus resultados. O subdesenvolvimento não é apenas, o atraso de desenvolvimento mas a herança de relações há 2 ou 3 séculos. Problema agravado com o aumento acelerado de população dos países subdesenvolvidos”. (IBGE, 1963, p. 48)

**Mapeamento Textual: leitura interpretativa da produção científica/geográfica do «Jovem Milton Santos»**



**Figura 05:** Mapeamento Textual – uma leitura interpretativa da produção científica/geográfica do Milton Santos

Outro detalhe de seu vanguardismo é o fato do personagem procurar atualizar-se tanto com biografias recentes sobre temática por ele desenvolvida, visto o ano de publicação das referências que ele utiliza em cada período, quanto com a leitura de anais de eventos e revistas internacionais de Geografia.

A **universalidade** manifesta-se na procura por espaços de debates e interlocutores, visto na incorporação de novas obras e autores citados nos textos do personagem quanto na influência que certos textos provocaram em outros autores, ou melhor, textos dessa fase intelectual sendo referenciados tanto por historiadores: ARAUJO, E P de História de Jequié. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1971 o autor cita o artigo: SANTOS (1956), (ii) AZEVEDO, T de; Problemas Sociais da Exploração do Petróleo na Bahia. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1959, o autor faz referência ao texto: SANTOS (1956C) e (iii) TORRES, C Bahia “Cidade Feitiço”. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1961, menciona o livro: SANTOS (1959B) e por geógrafos como afirma Silva (2009, p. 134).

Nos trabalhos do Laboratório, foi também estudado o Recôncavo Baiano, região do entorno da cidade do Salvador, que se desenvolveu com as culturas da cana-de-açúcar e do fumo. A Rede Urbana do Recôncavo (1959) foi um dos trabalhos mais importantes dessa época. Nessa pesquisa, Milton Santos cria novos limites para a região do Recôncavo, abandonando, portanto, a delimitação tradicional e a oficial do IBGE, justificando que o estudo versava sobre a rede urbana mais antiga do país, que vinha passando por mudanças na sua estrutura, e destaca o fato de que o Recôncavo foi sempre mais um conceito histórico. Descreve os aspectos físicos da região e trabalha com o conceito de redes de cidades de Michel Rochefort. Estuda a formação da rede urbana, as mudanças recentes e as relações com Salvador e outros centros. É um dos trabalhos que até hoje é consultado e retomado em dissertações de mestrado. Apresenta uma série de mapas interessantes e elucidativos sobre a realidade da região na época em que o trabalho foi escrito. (SILVA, 2009, p. 134).

Além disso, a geógrafa francesa Jacqueline Beaujeu-Garnier publica na revista *L'Information Géographique*, em 1956 (Vol. 20, n. 3, p. 124), um comentário sobre o livro “Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico” (1955) e em 1961 (Vol. 25, n. 4, p. 180) uma nota sobre os livros “A cidade como centro de região: definições e método de avaliação da centralidade” (1959A), e outra sobre “O centro da cidade do Salvador” (1959B). Isso contribuiu para divulgar as ideias de Milton Santos no território francês e em outros países, já que se tratava de uma revista internacional.

O **viés geográfico** é facilmente reconhecido na preocupação que Milton Santos tem em definir a ciência geográfica, em discutir o método e questionar os limites e as fronteiras da Geografia com as disciplinas das Ciências Humanas.

## CAPÍTULO 4 – A DEFINIÇÃO DOS TERMOS NA LEITURA DO VOCABULÁRIO

### 1. INTRODUÇÃO

O vocabulário<sup>205</sup> de um personagem reflete sua visão de mundo, bem como os instrumentos e as formas com que esse interpreta a realidade, tendo como norte uma área do conhecimento. Ele processa termos representativos de um campo do saber o qual é comumente utilizado no discurso de um personagem. Assim, a terminologia, delimitada na Tese, desenvolve-se a partir de escritos capitais [Anexo 1] do personagem Milton Santos os quais tendem a constituir o seu discurso.

Ao entrarmos nesse universo do pensamento miltoniano lidamos com a sua linguagem, tomada na forma que o personagem concebe o mundo, o qual ele vê por meio de uma parcela autônoma do saber, no caso, a ciência geográfica, a qual não esta desvinculada das demais disciplinas, já que todas partem do mesmo material constitutivo, o real. O que as disciplinas individualmente fazem é lapidar esse real sobre a ferramenta de seus pressupostos.

A linguagem é o que nos liga ao mundo, é a partir dela que percebemos o mundo e lhe conferimos significação, e com a diversidade de línguas, mundos. Mas, se a linguagem nos liga ao mundo, é também o que nos distancia dele, criando relações estreitas com a imaginação. (FERREIRA, 2012, p. 97)

Para Santos (1999, p. 55), “a linguagem tem um papel fundamental na vida do homem por ser a forma pela qual se identifica e reconhece a objetividade em seu derredor, através dos nomes já dados. (...) é a partir do nome que produzimos o pensamento e não o contrário”.

Ao nomear, o autor é capaz de verbalizar a realidade e explicá-la por meio do seu campo discursivo, de modo que se vê ai a presença do seu vocabulário. Ao desdobrar as linhas de seu texto automaticamente vamos tomando contato com os termos que ele emprega em seu discurso, logo, em seu conjunto, tornar-se-á o vocabulário recorrente a sua obra. A definição do termo é dada pelo conceito que o autor estabelece conveniente a aquela representação.

---

<sup>205</sup>“Cumpro, pois, distinguir, um vocabulário de um glossário, por um critério qualitativo-quantitativo básico: o **vocabulário** busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez, “n” discursos manifestados -, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; o **glossário** pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado (no limite, de uma macrotexto) em sua especificidade léxico-semântica e semântico-sintática, numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivas e bem determinadas”. (BARBOSA, 1996, p. 36, negrito da autora).

Assim, o presente capítulo, não só faz referência aonde, nos escrito de Milton Santos, aparece cada termo, mas apresenta ademais as rupturas epistemológicas no desenvolvimento de sua trajetória ou os diferentes usos dos termos.

É interessante notar que esse próprio trabalho de definição muda de natureza ao longo da obra do personagem, posto em jogo os diferentes recursos que ele recorre a cada fase que o brinda. Tal exercício é resultado de uma investigação genealógica, no qual o termo, em sua manifestação, é a matéria-prima para compreender o personagem como **uma referência de vanguarda, universalidade e com viés geográfico já em sua primeira fase intelectual, a qual denominamos de “Jovem Milton Santos”**.

A análise da linguagem a partir do vocabulário revela em sua maioria tanto o estilo de pensamento do autor e a fase de sua trajetória epistemológica, quanto sua intelecção sobre o assunto.

O vocabulário tem como unidade-padrão o termo, o qual é representativo do universo de discurso do personagem. Por sua vez, para definir a “unidade terminológica”, elegemos uma das seguintes significações específicas: (i) frequentemente aparecem no texto; (ii) produzam impacto na condução da escrita do texto [ou seja provoca o leitor a refletir]; (iii) foram preocupações do autor em conceitualizá-las; (iv) marcam um momento na história do pensamento do autor; (v) foram lapidadas e permanecem em obras mais recentes.

Contudo a análise do vocabulário, a seu turno, situa o termo numa perspectiva sincrônica e diacrônica. Sincrônica quando o termo é empregado, ou melhor, no momento que ele aparece no discurso do personagem e é contextualizado. Diacrônico quando é levado o processo evolutivo do termo, isto é, ele é comparado ao longo da trajetória intelectual do personagem.

Contudo, é necessário refletirmos os termos em simultaneidade com as duas perspectivas comentadas, pois são essas que nos permitem afirmar o movimento que o pensamento do personagem realiza.

O termo em seu estado de definição é a forma inteligível que o personagem tem sobre determinadas coisas. Por isso, perceber a flutuação do termo no tempo corrobora para afirmarmos como o personagem contempla determinada questão e se o personagem mudou de opinião ou amadureceu alguma ideia ao longo do tempo.

Desse modo, primeiro isolamos o termo no discurso, destituído de sentido e confrontamos as definições postas pelo personagem e, com isso, localizamos as influências presentes no vocabulário e a evolução dos conceitos, ambos, no tempo histórico que o pensamento do personagem está situado.

Observa-se, por exemplo, o termo, “Meio Geográfico”, empregado pelo personagem no período denominado de Geografia Aplicada. Este expressa um significado diferente, frente aos demais períodos, no caso, uma relação de correspondência entre fatores físicos e humanos.

A Geografia se coloca, de modo todo particular, entre as Ciências Naturais e Ciências Humanas. Ela se preocupa, de um lado, com o quadro natural, já transformado ou não pelos grupos humanos, e onde estes realizam a sua atividade, dobrando-se ao meio, modificando-o para melhor ou para pior, ou, o que é mais raro, conservando-o. A ideia de **meio geográfico** deriva exatamente dessas ações e reações recíprocas e continuadas, onde a hierarquia dos fatores é somente um fenômeno histórico, mutável com a sua própria evolução. **Meio geográfico** e Paisagem são quase sinônimos, sendo esta o aspecto visível da atividade humana e aquele a ambiência total em que o grupo humano exerce essa atividade (SANTOS & CARVALHO, 1960, p. 15, *grifo nosso*).

Portanto, a definição de “Meio Geográfico”, quando comparada, nos ajuda a refletir que o termo constitui uma marca no discurso do personagem no que tange uma categoria de análise e revela a preocupação que o personagem tem em defini-lo ao longo de sua trajetória; logo, indica que o emprego do termo, na Geografia Aplicada, toma uma proporção que lhe foge de um sentido popular quando o sentido popular afirma que “Meio Geográfico” é um conjunto de características físicas. Santos (1960) defende a indissociabilidade das atividades físicas e humanas para entender a complexidade do que seria o “Meio Geográfico”.

Diante disso, podemos concluir, que o termo “Meio Geográfico” sofre, por sua vez, modificações em diferentes contextos intra-universo discursivo e, ao mesmo tempo, fornece uma interpretação potencializada pelo personagem, o que assinala uma marca particular na história do seu pensamento.

Por fim, nós nos empenhamos em apresentar alguns exemplos de termos, identificados na obra do personagem, os quais passaram pelo filtro das significações específicas. Apesar das exposições que se seguem serem breves a intenção é promover o debate e dar relevo ao importante papel que a lexicografia e a terminologia podem desempenhar nos estudos da história do pensamento geográfico.

## 2 À EXEMPLO: CINCO TERMOS QUE REMODELARAM AO LONGO DA TRAJETÓRIA EPISTEMOLÓGICA DO PERSONAGEM MILTON SANTOS.

### CENTRO

O termo “centro”, em algumas literaturas, é compreendido como sinônimo de meio, de ponto central, lugar para onde convergem todas as forças ou área de uma cidade, na acepção do urbanismo ou do planejamento urbano. Entre a produção do personagem, encontramos as seguintes definições:

(A) Centro [Geografia Clássica] 1. “No elementar e incipiente zoneamento urbano de Jequié, espontaneamente estabelecido de alguns anos para cá, pode-se distinguir, sem dificuldade, a sua área central, especificamente comercial, das demais áreas, as zonas residenciais da cidade. A parte comercial se alarga por várias ruas, cobrindo vasta extensão de terreno. É formada de casas na maioria térreas, coladas umas às outras, “parede-meia” como se diz por ali, um que outro sobrado e apenas um edifício com três pavimentos, recentemente construído, e que fica numa das esquinas da praça Rui Barbosa”. (SANTOS, 1956, p. 88). À vista disso, “centro” acaba por ser uma área não residencial onde se aloca as atividades comerciais.

(B) Centro [Geografia Aplicada] 1. “Estabelecido que a função de centro é a mais característica da cidade e que, dentro de uma determinada região, as diferentes cidades guardam, entre si, uma hierarquia, os geógrafos buscaram, depois, a fórmula que lhes permitisse, sem a necessidade de demoradas pesquisas de campo e estudo de casos individuais, chegar ao conhecimento de qual e como seja essa hierarquia”. (SANTOS, 1959A, p. 15). Consequentemente, “centro” é visto tanto como o lugar onde se concentram as atividades de uma “cidade” quanto como um adjetivo que se junta ao substantivo “cidade” para qualificá-la na hierarquia urbana de uma região e exprime o papel de relação dessa com as demais.

(C) Centro [Geografia Ativa] 1. “A pecuária extensiva, que se instala em alguns Municípios com o sacrifício das lavouras, facilitada, como é notório, pelo crédito indiscriminado do Banco do Brasil, é outro fator, e muito importante, de despovoamento. Junto a esse elemento de perturbação do antigo equilíbrio, está o petróleo, por culpa de cuja exploração vemos abandonados campos de cultura e

reduzidas as possibilidades de trabalho para a população agrícola que tem de mudar-se. Por outro lado, as pequenas cidades e vilas do Recôncavo mostram-se incapazes de assegurar trabalho para os que, por esse ou aquele motivo, sobram do mundo rural. Elas não dispõem de condições econômicas para essa tarefa, a que historicamente se destinam. Mais propriamente, saturaram a sua capacidade de absorção. O fato deve ser atribuído a uma excessiva centralização inclusive administrativa e energética, cuja política é mais um sintoma da feição colonial da nossa economia". Desse modo, a palavra "centro", na citação, encontra-se em sua forma derivada "centralização" e expõe um significado de concentração, mas, no sentido de potencia política.

O termo "centro" aparece frequentemente nos textos do personagem, em sua primeira fase intelectual. Destacam-se os trabalhos "A cidade como centro da região: definição e método de avaliação da centralidade" (1959A) e "O centro da cidade do Salvador" (1959B).

Nos dois casos a palavra "centro" integra o título da publicação, o que indica uma preocupação com o termo ou uma relação do termo com o assunto ou a matéria abordada na investigação. No primeiro "centro" revela-se como uma categoria de análise e no segundo, título de sua tese de doutoramento, como agente de sua pesquisa.

Nas citações apresentadas acima podemos perceber as diferenças no significado empregado. É interessante notar que os casos A [Geografia Clássica] e B [Geografia Aplicada] apresentam semelhanças e se difere do encontrado em C [Geografia Ativa].

Na definição atribuída pelo personagem, em (B), o termo é usado para isolar e caracterizar uma parte da cidade. Dessa forma Santos (1956) atenta-se em descrever os elementos que incidem sobre a área: as casas, as ruas, as pessoas, as atividades, a igreja isto é, o centro é o lugar onde abriga os diversos tipos de função e que, por isso, permite a cidade uma vida diurna.

Em (C) a definição de "centro" tem como característica delimitar o universo de análise do investigador, levantando nesta parte da cidade as atividades básicas capazes de oferecer serviços à região a que preside e, comparar o resultado com outros centros analisados ajudando a definir a cidade mais importante pelo seu centro, dentro de um enquadramento regional.

Dessa definição fica bem claro a hierarquia urbana da região investigada. Nota-se que a graduação estabelecida entre as cidades provem de uma questão econômica, por exemplo, quanto mais atividades relacionadas a favor do desenvolvimento da produção

cacaueira na região, como a presença de agências bancárias [para o financiamento da produção], de feiras agrícolas [para a circulação da produção], de comércio especializado [para atender as necessidades do produtor e da produção], de linhas de transporte [para o escoamento da produção fora da região], maior será seu prestígio.

De fato, o termo “centro”, como colocado pelo personagem, designa a posição econômica de cada cidade no contexto regional. Todavia, o personagem quantifica essas características e as colocam em fórmulas com objetivo de estabelecer o ranking.

Pode-se dizer que o personagem faz um diagnóstico da região a partir da centralidade dos núcleos urbanos e orienta, indiretamente, os produtores tanto indicando as melhores cidades para negociar sua produção como as cidades que possuem melhores estruturas.

Diferentemente, das definições comentadas em (A) e (B), na citação (C) a palavra “centro” apresenta-se em sua forma derivada, “centralização”, e se coloca sobre um significado político. É interessante comentar que o discurso apresentado no fragmento expõe uma postura preocupada com as consequências do despovoamento da região e não com as causas que ordenam a cidade num contexto regional. Logo, o personagem aponta os atores externo, os quais historicamente não existiam na paisagem [Petrobrás e Banco do Brasil], e que interferem diretamente na dinâmica da área.

Outra observação foi com a palavra “excessiva” que acompanha a palavra “centralização”. Na forma como está ordenado na frase passa uma impressão da insatisfação do personagem com o cenário narrado.

Por fim, o vocábulo “centro” vai se tornando cada vez mais insignificante, ao longo do tempo e das publicações, em favor de outras questões que vão surgindo e de um novo corpus teórico que o personagem vai tomando contato.

O termo “centro” deixa de ser definido por local ou como uma variável estática e retrata na forma de processo como um elemento dinâmico. Por esse motivo em (D) apresenta-se com um propósito diferente do que encontramos nas demais definições.

## CIDADE

Por conseguinte, o termo “cidade”, em algumas obras, corresponde a uma porção demarcada do território em que determinado número de pessoas vivem e praticam diversas atividades. Para o personagem, no período destacado na Tese.

(A) Cidade [Geografia Clássica] **1.** “Ubaitaba- cidade, no entanto, a bem dizer vive exclusivamente como reflexo do cacau, das fazendas do seu e dos municípios vizinhos. Cresceu à sombra do cacau. Sua estrutura social, sua vida urbana, seu desenvolvimento, são função exclusiva do cacau, podendo dizer-se que mostrariam outros aspectos se viesse a região tributária a mudar a atividade. Sob esse prisma, pode Ubaitaba ser considerada cidade tipo da região, pelo menos um das que, a nosso ver, melhor refletem as relações de ordem econômica e demográfica que derivam da cultura de cacau e do seu respectivo comércio”. (SANTOS, 1954, p. 3 – 4). **2.** “A cidade de Ubaitaba está situada à margem esquerda do rio das Contas, numa planície apertada entre as colinas e o rio. Está quase no centro da região produtora do cacau, na Bahia, participando de uma zona em que o relevo não apresenta elevações consideráveis, pois nem aí, nem nos arredores há elevações maiores de 200 metros”. (SANTOS, 1954, p. 6). **3.** “A cidade existe apenas para servir aos produtores de cacau e é para o seu distrito um entreposto desse produto e somente dele”. (SANTOS, 1954, p. 11). Dessa maneira, o termo “cidade” caracteriza uma área condicionada pelas atividades presentes em seu entorno.

(B) Cidade [Geografia Aplicada] – **1.** “É muito antigo o problema de definir corretamente o que seja uma cidade. Enfrentado por sociólogos e economistas, o ponto de vista que nos interessa, aqui, é o do geógrafo, pois cidade constitui uma forma particular de organização do espaço, uma paisagem e, por outro lado, preside às relações de um espaço maior, em seu derredor, que é a sua zona de influência. Paisagem especial ou elemento de coordenação, constitui um fato eminentemente geográfico”. (SANTOS, 1959A, p. 7). **2.** “O fato de que o Recôncavo tenha representado, desde muito tempo, a justaposição de áreas mais ou menos estanques e cada qual possuindo um tipo de economia diferente, obriga a considerar as cidades do ponto de vista dessas economias diferentes, cada qual gerando um diferente processo demográfico e bem assim um processo de elaboração urbana particular. Do ponto de vista da economia que as gerou,

podemos constatar a existência no Recôncavo de pelo menos 5 grupos de aglomerações urbanas: 1) cidades da zona furrageira; 2) cidades da zona do açúcar; 3) cidades do Recôncavo Sul (mandioqueiro, ceramista e friticultor); 4) cidades – dormitório do Recôncavo Norte e 5) cidades marginais”. (SANTOS, 1959, p. 33). Assim sendo, o termo “cidade” é tanto o núcleo da gestão do espaço que a preside quanto o substantivo que será adjetivado segundo a atividade econômica predominante na região.

(C) Cidade [Geografia Ativa] 1. “Quem deixa Salvador pela estrada de rodagem, não pode se furtar a uma reação de espanto ou surpresa, vendo a extrema rarefação do povoamento, a quase completa ausência da vida humana, derredor de uma cidade que beira os 600 mil habitantes. Cidades são, por definição, aglomerações que não produzem para sua subsistência. Por isso, criam em torno o que esquematicamente se chama de “cinturão verde”, mas pode até deixar de ser um cinturão, geometricamente falando. Admira, portanto, que Salvador esteja cercada pelo que, sem exagero, podemos chamar de verdadeiro deserto. As estradas, nessa área que, de um lado, vai até bem perto de São Sebastião e, nos outros ramais compreende boa parte dos municípios de Camassari e de Mata de São João, atravessam terrenos nus. Isso acontece desde as portas da cidade, logo depois que se deixa o posto de Campinas. É uma paisagem triste, uma verdadeira desolação” (SANTOS, 1959H, p. 127). O termo “cidade” adquiriu, naquela situação, um significado trágico a partir do momento que o personagem denuncia as contradições existentes entre as cidades.

O elemento “cidade” além de ser uma palavra frequente no vocabulário do Jovem Milton Santos marca a sua especialidade na Ciência Geográfica: Geografia Urbana. A maioria das publicações, ao longo dessa primeira fase, destaca a dedicação que o personagem teve em refletir o espaço urbano sob diferentes perspectivas.

É interessante notar que a cidade e o urbano se confundem e, por esse motivo, são tratados como sinônimo, fato que não ocorre em trabalhos a partir da década de 1980. Logo, ao examinar os trechos dos textos, o significado apresentado em A [Geografia Clássica] não apresenta os contrastes visíveis na fisionomia de uma “cidade”. De modo que o termo foi posto em uso por Santos sobre uma forma “pacífica”.

Deste modo, o personagem apresenta o termo como se a “cidade” não respondesse as ações econômicas externas, sofresse com as oscilações do mercado, apresentasse um quadro

de pobreza entre os residentes, passasse por um processo de evasão demográfica. Todas as características correntes nas pequenas cidades baianas do período.

Além do mais, a cidade é definida por oposição ao fator rural e não é confrontada com as demais cidades vizinhas. Há ainda a insistência de localizá-la pelos atributos físicos. Diferentemente em (A), em B [Geografia Aplicada] a cidade torna-se uma variável de análise, ou seja, ela é estudada em relação a seus pares, na tentativa de estabelecer uma hierarquia urbana, porém ainda não revela as desigualdades sociais existentes.

Logo, o personagem define critérios de ordem material [total da população, sexo, idade, profissão, atividades econômicas, etc.], para estabelecer a ordem de importância entre as cidades da região e faz uso dos métodos de avaliação (Equação de Christaller, Fórmula de Arnhold, Método Rochefort).

Há uma preocupação em definir seu espaço urbano, não em relação a seu espaço rural, mas na centralidade que o primeiro sobressai sobre o segundo, no que podemos dizer referente às relações de influência entre ambos.

Portanto, a cidade é o fator ativo e não passivo, como é colocado no período anterior, ela possui autonomia e orienta as ações da região. No entanto, em C [Geografia Ativa], o personagem se preocupa com as contradições aparente na periferia da cidade do Salvador e questiona como pode acontecer um vazio demográfico entorno de uma capital que abriga mais de meio milhão de pessoas.

Diante dessa questão, Santos aponta de forma indireta o agente ativo na produção desse cenário, isto é, a falta de oportunidade nas áreas do entorno da capital. O discurso avança sobre uma dimensão política, ou seja, a verdadeira desolação é consequência do abandono e do interesse dos administradores públicos.

Com o intuito de sensibilizar ou valorizar o grau de precariedade Milton Santos descreve a situação encontrada pela metáfora deserto. Assim, o fenômeno climático não é usado como um tributo físico, climatológico e sim por analogia à paisagem que esse provoca nos lugares de ocorrência, ou seja, para o personagem a rarefação nas áreas do entorno da cidade assemelha-se a regiões desérticas.

Portanto, o termo em (C) foge do sentido empregado em (A) e (B).

## PAISAGEM

O termo “paisagem”, para alguns autores, assemelha-se a composição de um cenário formado por elementos de diversas naturezas materiais e que estão no campo de contemplação do observador. Na obra de Milton Santos foi possível identificar as seguintes definições:

(A) Paisagem [Geografia Clássica] **1.** “Quem percorrer o município de Ipiaú, no centro da zona cacauceira da Bahia, viajando através de suas estradas principais, há de notar, caso venha de Jequié, que são muitas as fazendas chamadas mistas (cacau, café e o gado), paisagem que vai rareando, até quase desaparecer à medida que se deixa a sede municipal na direção de Ibirataia e Ubatã. Aqui, onde as casas aparecem com maior frequência, é o domínio do cacau. Além dessas duas paisagens, há a da zona do rio Oricó, onde o cacau não pode medrar economicamente”. (SANTOS, 1955, p. 224). **2.** “A paisagem rural que se observa, com ligeiras mudanças, apresenta-se sempre a mesma, abrangendo diversos modos de ocupação do solo, notabilizando-se a criação do gado, o plantio do cacau e do café e a cultura da cana-de-açúcar e da mandioca”. (SANTOS, 1956, p. 100). Consequentemente, o termo “paisagem” é empregado como sinônimo de um quadro bucólico no qual o personagem conta, brevemente, a situação por ele avistada.

(B) Paisagem [Geografia Aplicada] **1.** “A geografia, ciência da paisagem, conservando seu objeto próprio, como toda ciência, evolui nos seus métodos e nas suas ideias”. (SANTOS, 1960, p. 9). **2.** “(...) entre as ciências naturais, a geografia é a que mais se apercebe do papel do homem, como hospede e trabalhador desse quadro natural; e dentre as ciências sociais é a única, talvez, que enquadra os grupos humanos numa realidade total que é a paisagem”. (SANTOS, 1960, p. 15). **3.** “Consideramos a paisagem como uma arrumação, entendendo que os seus elementos formadores se dispõem segundo uma certa ordem, originalmente coerente com o sistema econômico e social que a gerou, ordem essa que pode, entretanto, variar de acordo com as mudanças que esse sistema porventura sofrer no curso da evolução. O que caracteriza a paisagem, aos olhos dos geógrafos, não é, apenas, o seu aspecto atual, derivado dessa multiplicidade de ações e reações recíprocas e ininterruptas, mas o seu dinamismo. Ora, arrumação atual e dinamismo são os aspectos fundamentais para o conhecimento de quem deseja intervir, com proveito, no sentido de melhorar as condições presentes

numa dada região”. (SANTOS, 1960, p. 17 – 18). À vista disso, o termo paisagem é empregado como objeto próprio de intervenção do geógrafo.

(C) Paisagem [Geografia Ativa] 1. “O centro de uma grande cidade é, então, o teatro dessa luta de tendências. Sua síntese se manifesta pela criação de uma paisagem. Os componentes dessa paisagem refletem uma parte de escolha, representada pelo estilo das construções e os processos de urbanismo, mas refletem, sobretudo, as necessidades e condições próprias a cada etapa da evolução urbana. A paisagem é, então, o resultado de uma combinação de elementos cuja dosagem supõe um certo ritmo de evolução e de um certo dinamismo; e o elemento de contradição é representado pelos fatores de inercia já mencionados”. (SANTOS, 1959B). Dessa maneira, a forma que o termo “paisagem” é colocado permite ao personagem evidenciar as divergências percebidas.

O termo “paisagem” não se apresenta regularmente nas obras do autor, na fase Jovem. Porém quando ocorre no texto, o termo acompanha o esforço do personagem em definir ou caracterizar a palavra. Com isso, o termo “paisagem” não pode ser analisado de forma isolada e especulativa, ele não é fruto de uma abstração do autor, são os objetos reais que dão sentido à palavra.

É interessante apontar que o termo “paisagem” acompanha toda trajetória intelectual do personagem, e com o passar dos anos vão aparecendo novos elementos na paisagem para serem discutidos. Contudo, esses elementos possuem relativa similaridade no que diz respeito à materialidade.

Para Milton Santos, em qualquer fase de sua carreira, “paisagem” é um conjunto de objetos visíveis. Tal acepção vai ser preservada em A [Geografia Clássica], em B [Geografia Aplicada] e em C [Geografia Ativa]. Porém, incrementado com as características de cada período.

Ao refletir sobre a citação em (A) o personagem contribui para a construção do imaginário do leitor fornecendo-lhe detalhes da área narrada e levando a ciência do leitor a mesma paisagem no qual o personagem observa. A preocupação em descrever e focar as condições naturais são um ponto comum na definição de paisagem no período clássico. Santos não se preocupa em definir teoricamente a paisagem, mas ele se empenha em assinalar os elementos visíveis que enquadram o cenário, sejam esse físicos ou humanos.

Em (B) a paisagem revela-se como objeto da ciência geográfica. O geógrafo, para Santos, tem a tarefa de conhecer a disposição dos objetos no cenário investigado (na

paisagem) para poder intervir com seus métodos próprios. A paisagem passa a ser o agente sobre o qual o geógrafo aplica seu conhecimento na tentativa de organizar o espaço para melhor atender a sociedade.

Nesse período, Milton Santos trava um debate entre a diferença de “Meio Geográfico” e “Paisagem”, o que nas próximas fases de sua trajetória intelectual. Ele apresenta uma longa discussão entre “Espaço” e “Paisagem”, contudo, o conceito de “Paisagem” se preserva como apontamos anteriormente.

Já em C [Geografia Ativa], apesar da obra (1959B) ser classificada, por nós e, principalmente, pelo próprio personagem, como um exemplo de publicação da perspectiva da Geografia Aplicada, o conceito de paisagem dá indícios de uma mudança epistemológica.

Os elementos “luta”, “contradição”, “fatores de inércia”, não são comuns aos relatórios apresentados pelas equipes técnicas e tais termos dão uma noção de um certo dinamismo à “paisagem” que nos parece uma preocupação política com a conceituação desse.

Santos constrói a definição do que seria “paisagem” sobre os preceitos de uma confrontação de elementos de tendências como novo/velho, residências/cortiços, relíquias históricas/construções modernas.

Por fim, em todos os casos (A), (B) e (C) a paisagem é valorizada pelo seu aspecto cênico, estético, visível, no entanto, em (B) e principalmente em (C), a impressão do sentido estático de (A), dá lugar ao sentido dinâmico.

A paisagem já não é mais só um conjunto de casas, árvores, etc., sobre um terreno, mas um cenário no qual o geógrafo tanto pode intervir para melhorar, quanto pode ser um artigo para denunciar as contradições.

## REGIÃO

Em algumas literaturas, o termo “região” corresponde a uma faixa extensa da superfície terrestre que se configura em uma unidade em consequência de determinada característica. Para Santos, na fase Jovem, podemos encontrar:

(A) Região [Geografia Clássica] **1.** “A região geográfica é uma realidade existente por se é provida de individualidade que a distingue das que lhe são distantes ou mesmo vizinhas, mas, o dinamismo das organizações humanas faz com que os seus limites sejam instáveis, ao contrário da rigidez, em dado momento, dos limites administrativos ou políticos”. (SANTOS, 1953A, p. 61) **2.** “O jornal regional circula em sua área respectiva, sofrendo nas bordas a concorrência do jornal da região vizinha. A maior ou menor extensão de sua influência depende de vários fatores, como os horários de ônibus, trens etc.” (SANTOS, 1955, p. 183). Portanto, o termo “região”, como empregado pelo personagem, exerce a função de definir uma área, mesmo que efêmera, levando em consideração as particularidades.

(B) Região [Geografia Aplicada] **1.** “O conceito de região geográfica é um conceito complexo, por ser de natureza sintética. É baseado principalmente na paisagem, incluindo os fatos essenciais que a explicam. A região geográfica elementar é um conjunto do meio físico e dos seus aspectos de utilização do homem. Para ter um valor objetivo, a região geográfica deve apresentar uma certa homogeneidade, o que implica num meio físico homogêneo e condições de aproveitamento dos recursos naturais pelo homem da mesma essência”. (SANTOS, 1958E, p. 12). **2.** “(...) uma divisão regional não deve visar somente à apreensão dos aspectos mais conservadores dos fatos humanos, mas também das possibilidades de aproveitamento dos potenciais que permitam uma modificação das condições de vida e, portanto, da fisionomia da própria região”. (SANTOS, 1958E, p. 13). **3.** “Uma divisão regional, para ser eficaz deve comportar os elementos seguintes: (i) caracterização do meio físico; (ii) formas de exploração direta dos recursos naturais: agricultura, criação, exploração mineral, etc.; (iii) atividades humanas mais independentes dos recursos naturais: comércio, transporte, certas indústrias etc...” (SANTOS, 1958E, p. 13 – 14). O personagem apresenta os elementos que definem uma “região” e a torna operacional para apoiar o geógrafo nos pareceres técnicos.

(C) Região [Geografia Ativa] 1. “Podemos distinguir, dentro do território baiano, áreas de depressão econômica e áreas pioneiras. As áreas de depressão são realmente, as regiões de povoamento antigo, cuja economia não foi capaz de evoluir a ponto de continuar sustentando a população em evolução; (...). As áreas pioneiras, conquistadas mais recentemente para a vida econômica, e onde novas atividades se instalam, mostram características opostas: uma grande proporção imigrantes na população, notável incremento demográfico, surgimento de novos núcleos urbanos. Pode dar-se o caso de haver um pioneirismo interior, dentro de regiões de povoamento antigo. Regiões pioneiras, por excelência, dentro da Bahia, são atualmente, a zona de pecuária ao leste de Conquista, o Extremo-Sul do Estado e a Zona Cacaueira, (...). Na área de Nazaré, o despovoamento que se liga, diretamente, à concorrência entre o caminhão e o trem, e ao posterior de mantê-lo da estrada de ferro, em torno da qual girava e ainda gira a vida urbana. Quanto ao restante da região, várias outras causas podem ser surpreendidas. A proximidade de uma metrópole, a cidade de Salvador, age, sem dúvida, como um eficiente exutório. É um fato de atração. De fato, porém, tal fator seria menos atuante se os de repulsão não fosse também fortes. (...) O São Francisco chegou a ser, no passado, uma das áreas de maior densidade demográfica do País. Essa situação, porém, não se manteve e hoje essa região (...) aparece com índices demográficos insignificantes”. (SANTOS, 1961, p. 20-22) Desse modo, o personagem apresenta o termo “região” como sinônimo de “zona” e “área” e o caracteriza por meio das desigualdades encontradas dentro do Estado da Bahia.

O termo “região” pode ser encontrado em trabalhos mais recentes, no entanto, percebe-se uma evolução no seu conteúdo explicativo em comparação com os publicados na fase Jovem.

No período clássico o termo é mais explorado e acaba por ser um assunto frequente nas publicações do personagem. Destacam-se os livros “Os Estudos Regionais e o Futuro da Geografia” (1953A), o qual Milton Santos dedica dois capítulos [A Região Natural e A Região Humana] em função de discorrer sobre a evolução do conceito de região e, “Zona do Cacaú: introdução ao Estudo Geográfico” (1957), o qual investiga os reais limites da região cacaueira, indicado, pelo personagem, como o gênero de vida dominante no sul da Bahia, área de estudo.

Apesar desses esforços, o termo em A [Geografia Clássica], apresenta-se em sua forma mais simples, em comparação ao termo em B [Geografia Aplicada] e em C [Geografia Ativa]; visto que, a palavra região é empregada pelo personagem como o produto da ação do gênero de vida dominante sobre uma determinada área, isto é, a relação entre homem/natureza mediada pela técnica é que permitia uma definição dos limites da região em foco.

Logo, os atributos físicos e humanos presentes no interior dessa área foram os alvos da descrição do investigador para defini-la. A região não é justificada por fatores calculáveis ou variáveis externas, mas pelas atividades presentes em seu interior, às vezes, o conceito de região nesse período confunde-se com o de paisagem.

Já em (B) o personagem buscou evidenciar elementos comuns para orientá-lo à demarcação da região, contudo, é notável como as expressões “valor objetivo” e “para ser eficaz” fazem referência à necessidade de aplicação de uma concepção metodológica.

Assim sendo, é imprescindível o uso de uma racionalidade instrumental para delimitar a área e nomeá-la como região “X”. Portanto, é comum nos trabalhos do período “aplicado” tal processualística, uma vez que o termo “região” é empregado como algo mensurável e seus limites, mesmo que instáveis, são delineados de forma objetiva para contribuir ao trabalho técnico.

Contudo, em (C) o termo “região” admite os reflexos dos agentes externos à área, seja um banco, uma petroleira ou uma região com mais oportunidades do que outras. Deste modo, superficialmente, Milton Santos introduz a ideia de competitividade. Os adjetivos pioneiro e deprimido revelam as contradições presentes no Estado da Bahia.

Assim, as regiões ganham conotação de pobreza e riqueza, decadência e apogeu, desenvolvida e subdesenvolvida. É interessante acentuar que o personagem chama atenção, nesse período, para a questão da atividade industrial como um elemento que se insere na paisagem da região. Com isso, o personagem aponta as consequências tanto das disparidades sociais presentes na região, quanto das que ocorrem na fronteira de duas regiões que se diferem pelo seu nível tecnológico.

Podemos dizer que com tal pensamento, o personagem inicia um processo reflexivo sobre os efeitos do capitalismo na área investigada.

## TÉCNICA

De acordo com alguns autores, o termo “técnica” pode ser sinônimo de conhecimento prático.

Para Santos:

(A) Técnica [Geografia Clássica] 1. “Não se pode, entretanto, negar que o homem, com os recursos que hoje a técnica lhe deu, pode alterar substancialmente o quadro que lhe seria imposto, se se subordinasse de mãos atadas aos mandamentos da natureza. Não há dúvida, porém, que a sua ação, nesse sentido, depende em grande escala do seu meio, meio geográfico, acentue-se”. (SANTOS, 1953A, p. 27, *grifo do autor*). Portanto, o termo “técnica” é posto como recurso de que o homem faz uso para se adequar ao meio geográfico.

(B) Técnica [Geografia Aplicada] 1. “O conhecimento das diversas atividades econômicas dentro de cada município e de sua equação demográfica pode servir para a correção das estatísticas. Assim, o estudo das atividades econômicas, não se limitando a um simples levantamento de recursos, deve conduzir à observação de um aspecto tangível da realidade regional, uma equação de dois termos: os recursos naturais e as técnicas utilizadas pelos grupos humanos. Técnica no caso significará modo de utilização dos recursos. Esse modo de utilização dos recursos resulta de uma adaptação ativa do grupo humano ao meio, não só ao meio natural, mas ao meio geográfico. O estudo, desse modo, deve abranger desde o regime fundiário, fator relevante para a interpretação de uma paisagem agrícola, até o calendário das culturas, a distribuição do tempo dos lavradores, importantes elementos na análise da produtividade. A verificação cuidadosa dos diversos sistemas agrários e de suas variantes regionais poderá mostrar-se muito útil”. (SANTOS, 1959C, p. 7 – 8). Consequentemente, o termo “técnica” é uma variável de uma equação que tem como objetivo corrigir qualquer incongruência dos dados estatísticos e orientar o levantamento das atividades econômicas desenvolvidas na região.

(C) Técnica [Geografia Ativa] 1. “A primeira lição é a de que, se a agricultura baiana perdesse a sua dependência, tão estrita, em matéria de preços e em relação a mercados de fora, e pudesse estar menos à mercê das variações climáticas, mediante, em muitos casos, o aperfeiçoamento das técnicas, o produto nacional baiano cresceria de

maneira considerável e, conseqüentemente, a renda média “per capita”. Por outro lado, maiores recursos de capital poderiam ser mobilizados para a diversificação da economia”. (SANTOS, 1964C, p. 123). O termo “técnica” corresponde ao recurso instrumental no qual o produtor recorre para diminuir sua dependência com o mercado externo e suportar as adversidades climáticas.

O termo “técnica” desponta, entre os vocábulos empregados nas publicações miltonianas, como o mais importante. Tal o acompanha em todas as fases de sua trajetória intelectual. É interessante notar como Milton Santos amadurece a reflexão sobre o papel da técnica na Ciência Geográfica ao longo do tempo.

O termo “técnica” é empregado nos primeiros escritos segundo um instrumento de trabalho do homem usado como recurso no papel da mediação Homem (Ação Humana) / Natureza (Meio Geográfico), sendo assim um elemento descritivo na paisagem. E nos últimos de sua trajetória intelectual, para os anos da década de 1980, como uma categoria filosófica, elemento constitutivo do objeto da geografia: espaço geográfico<sup>206</sup>.

O termo em A [Geografia Clássica] representa o instrumento pelo qual o homem organiza seu espaço e interfere na natureza.

A técnica é considerada nesse período pelo personagem como uma ferramenta de trabalho capaz de modificar o espaço geográfico em sua forma aparente, logo, é mais um elemento que compõem o meio geográfico no momento da descrição do investigador.

Todavia em B [Geografia Aplicada], o personagem associa o termo “técnica” a uma variável de pesquisa. Sendo assim, destaca a importância de entender a dinâmica da área estudada pelo fator técnica [atividades econômicas].

Para Santos o termo foi capaz de revelar tanto o grau de desenvolvimento da área e, logo, apontar as necessidades encontradas e a aplicação de soluções concretas, quanto de corrigir as distorções dos dados estatísticos que são consultados por pesquisadores.

Diante disso, podemos concluir que o termo “técnica” participa desse período nos escritos do personagem como um avaliador da situação que se revela a área estudada quanto ao grau de desenvolvimento.

---

<sup>206</sup>Sobre o termo “técnica” e seu processo evolutivo no pensamento de Milton Santos pode-se consultar a seguinte Tese: GRIMM, F. Trajetória epistemológica de Milton Santos: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis. 2011. 307f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Em C [Geografia Ativa], o personagem associa o termo “técnica” ao processo de produção. Consequentemente, o personagem critica, mesmo que sutilmente, a relação de dependência que o produtor possui com a técnica, seja para entender o processo de submissão ao mercado externo seja para compreender os impactos das condicionantes naturais na produção agrícola.

Sendo assim, podemos dizer que a palavra técnica, nesse período, já inclui uma conotação política revelada nos trechos: “perdesse a sua dependência” e “maiores recurso de capital”.

As unidades terminológicas listadas ajudam a sinalizar as transições epistemológicas encontradas ao longo da trajetória intelectual do personagem. À vista disso, as variantes do pensamento geográfico [Clássico, Aplicado, Ativo] brotam, por meio dos termos, entre os textos publicados. Dessa forma os vocábulos se remodelam segundo a intenção que o personagem deposita na hora de escrever e no momento no qual ele se encontra.

### 3. CONSIDERAÇÕES

As metalinguagens técnico-científicas, operacionalizadas ao longo do discurso do personagem [(meio geográfico, centro, cidade, paisagem, região, técnica)<sup>207</sup>, (equipamento urbano, fator ativo/passivo, geografia, metrópole, zona de influência, transporte, período, sociedade, propriedade, indústria, cultura)<sup>208</sup>, entre outras<sup>209</sup>], permitem identificar as perspectivas históricas as quais Milton Santos esta vivenciando. Estas foram apresentadas no Quadro 17.

É interessante ressaltar que as unidades terminológicas podem ser analisadas pela forma flexionada ou derivada, conforme o exemplo: centro/centralidade/centralização. Observamos que apesar da derivação, a raiz “centro” se manteve, mas apresentou diferentes graus de significação, isto é, a intenção do uso do termo “centro” não foi o mesmo quando o personagem optou por “centralização”.

Essa variação marca a construção do pensamento do personagem sobre o período em exercício. Portanto a unidade terminológica no contexto proposto permite ao investigador revelar as influências que o personagem está recebendo ao escrever o texto:

---

<sup>207</sup>As unidades terminológicas comentadas no capítulo 4.

<sup>208</sup>Outros termos que participam do universo metalinguístico do personagem, nessa primeira fase intelectual, e que apesar de não terem sido comentados foram levantados ao longo da Tese.

<sup>209</sup>Acredita-se que a investigação não se encerra por um único interprete do período e que outros pesquisadores poderão se desfrutar de termos que não foram percebidos ao longo da Tese em tela.

(i) Geografia Clássica [Variante Geográfica] → Epistemologia Vidaliana [Núcleo Originário] → Neokantismo [Corrente Filosófica];

(ii) Geografia Aplicada [Variante Geográfica] → Corrente Utilitarista [Núcleo Originário] → Pragmatismo [Corrente Filosófica];

(iii) Geografia Ativa [Variante Geográfica] → Abordagem Marxista [Núcleo Originário] → Marxismo [Corrente Filosófica].

Contudo, apesar da sugestão das significações específicas, foram encontradas dificuldades na escolha das unidades terminológicas a serem comentadas. Nem todas as características foram contempladas no grupo de termos selecionados. Apesar disso, acreditamos que tais significações foram importantes para restringir, no universo discursivo do personagem, as palavras-chaves que melhor representaram seu domínio epistemológico, conseqüentemente, os traços de **vanguarda, universalidade e viés geográfico**.

Em suma, para os termos comentados podemos concluir que em sua maioria os termos foram escolhidos em decorrência da frequência que apareciam no texto ou por persistirem nos trabalhos mais recentes do personagem. Em quase todos os casos há uma semelhança entre o sentido popular e o significado empregado pela Geografia Clássica e, nos demais, as questões ideológicas moldam o conteúdo explicativo dos termos. Como se segue no quadro:

**Quadro 16:** As unidades terminológicas – critérios de seleção

UNIDADE TERMINOLÓGICA	SIGNIFICAÇÃO ESPECÍFICA	VARIANTE GEOGRÁFICA		
		GEOGRAFIA CLÁSSICA	GEOGRAFIA APLICADA	GEOGRAFIA ATIVA
CENTRO	- frequentemente aparece no texto;	área interna	variável	função política
CIDADE	- frequentemente aparece no texto; - marca um momento na história;	área	variável	espaço de contradição
PAISAGEM	- foi lapidada e permanece em obras mais recentes	área visível	agente de intervenção	espaço de contradição
REGIÃO	- frequentemente aparece no texto; - foi lapidada e permanece em obras mais recentes	área	agente de intervenção	espaço de contradição
TÉCNICA	- foi lapidada e permanece em obras mais recentes	recurso	variável	função política

Org.: COSTA, P. H. F (2013)

Embora, devamos admitir que no fim da tese tomamos contato com metodologias avaliativas para se delimitar os termos de um vocabulário. No entanto, não invalida a intenção de concentrar esforços na análise realizada.

Dos poucos termos avaliados percebemos a importância de isolá-los do discurso e revelá-los em sua forma evolutiva, isto é, nas ocasiões que esses aparecem no pensamento do personagem. Percebemos o quanto é rico não olhar somente para a produção, mas para os detalhes, ou melhor, para as unidades terminológicas.

Tais elementos nos ajudam a revelar as características seletivas [**vanguarda, universalidade e viés geográfico**] que propomos investigar na Tese. A **vanguarda** e o **viés geográfico** são de fáceis visualizações, mas, a **universalidade** requer uma análise mais apurada, que infelizmente não foi realizada. Contudo, não se deve deixar de mencionar os caminhos que poderão ser traçados em um momento posterior, seja num artigo, num pós-doutorado ou no alerta para outros pesquisadores.

A **universalidade** é revelada no impacto do termo em outros campos dos saberes ou na utilização deste em artigos e livros de outros profissionais, sob o mesmo conceito abordado no texto publicado.

Essa característica é mais fácil de identificar nos trabalhos mais recentes do personagem, já que, correntemente encontram-se conceitos cunhados por Milton Santos, em textos de arquitetos, historiadores, sociólogos entre outros; por exemplo, o termo “globalização”.

A **universalidade** é sublinhada pela susceptibilidade que o termo carrega para ser emprestado<sup>210</sup> e que, conseqüentemente, revela a amplitude de seu discurso, já que aponta seus interlocutores.

A **vanguarda** é manifestada na procura que o personagem tem em mudar de estilo de escrita, ou melhor, de empregar os termos sobre uma diversidade de sentidos, revelando as variantes de seu pensamento e, por conseguinte, as rupturas epistemológicas.

Nesse caso, o personagem rompe com formas passadas que ele havia empregado e adota um novo significado para o termo. Outra questão da **vanguarda**, esta no uso disciplinado do termo por outras gerações. Todavia, precisaria confrontar o termo em Milton

---

<sup>210</sup> Uma observação, o ato de emprestar pode promover o enriquecimento intelectual de uma ciência ou de um ser. Contudo o termo pode passar por transformações, quer de significado, quer de sentido, as quais tornam esse parte integrante do universo que o cooptou. O termo que ora era universal e mantinha sua essência, agora é de responsabilidade de outro e muda de autor e de originalidade, isto é, revela que os termos são objetos de incitação de pensamento e podem ser recriados para atenderem a necessidade de quem o “manipula”. Define-se tal mecanismo como processo de tradução. O personagem é autor do termo já que desprende de um capital intelectual e de uma ação criativa para rever seu propósito no momento da escrita.

Santos e o termo em um grupo de orientandos. Infelizmente não tivemos material para isso, mas é importante ressaltar tal mecanismo para indicar aos futuros trabalhos que poderão decorrer desta Tese.

O **viés geográfico** encerra-se nos próprios termos utilizados pelo personagem e na preocupação de defini-los sobre uma perspectiva geográfica. Preocupação que está presente desde os primeiros ensaios, com as obras de conteúdo mais teórico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta tese foi possível delinear no período jovem [1948 – 1964], características seletivas do personagem, como **vanguarda**, **universalidade** e o **viés geográfico**. Estas anunciadas, na hipótese: **O personagem Milton Santos emerge como uma referencia de vanguarda, universalidade e com viés geográfico já em sua primeira fase intelectual, a qual, denominamos de “Jovem Milton Santos”**. Desta forma, apresentamos tanto uma apreciação do percurso intelectual de Milton Santos, personagem desta trama, a partir de sua trajetória biográfica, de sua produção científica/geográfica e de seu vocabulário quanto da matriz clássica originária de seu pensamento.

Para chegarmos à comprovação da hipótese, foi necessário construir um protótipo metodológico particular [discutido no capítulo 1] o qual se mostrou capaz de atender nossa inquietação inicial (renovada após as turbulências anunciadas). Porém, como todo protótipo é um produto em teste, conseqüentemente, este deve ser ajustado segundo a posição dos colaboradores.

Outro ponto que devemos ressaltar é que o protótipo foi construído para atender as necessidades desta Tese, então, acentua-se que o protótipo deve ser adaptado de acordo com as demandas. Bem como: (i) somente estudar uma das partes, (ii) modificar os mediadores para rastrear outro conjunto de informação, (iii) acrescentar outras características no quadro da matriz (quadro 17), entre outras questões. Tais ficam a critério do investigador.

Como são raros os trabalhos, já assinalado anteriormente, na pesquisa científica brasileira os quais se preocupam em aprofundar os procedimentos metodológicos que conduzem o pesquisador a erguer as considerações sobre o personagem investigado, supomos que tal processualística é o que se destaca entre os feitos desta Tese.

Com base no protótipo metodológico atentamos em dissecar o personagem por intermédio: de sua biografia [apresentado no capítulo 2], de sua produção científica/geográfica [exposto no capítulo 3], de seu vocabulário [analisado no capítulo 4], a ponto de desvelar a matriz clássica originária, retomando o debate filosófico na Geografia. E como resultado desta interpretação, que findou na revelação dos domínios: teórico-conceitual, metodológico, complementar e epistemológico, afirmamos a forma que Milton Santos compreendia a realidade e a explanava em seu discurso. Assim sendo, foi possível detectarmos aquelas características seletivas [**Vanguarda, Universalidade, Viés Geográfico**] considerando que tais constituem a personalidade e a *práxis* do personagem e que, então, ressoa sobre a vida, a escrita e o léxico.

Quadro 17: Matriz Clássica Originária

MATRIZ CLÁSSICA ORIGINÁRIA										
DOMÍNIO TEÓRICO-CONCEITUAL			DOMÍNIO METODOLÓGICO			DOMÍNIO COMPLEMENTAR			DOMÍNIO EPISTEMOLÓGICO	
CORRENTE FILOSÓFICA	TEORIA	CATEGORIAS DE ANÁLISE	REPRESENTAÇÃO DOS DADOS	OBJETO	MÉTODO DE ANÁLISE	ASSERÇÃO DE VALOR	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	TEMAS EM ANÁLISE	VARIANTE GEOGRÁFICA	NÚCLEO ORIGINÁRIO
NEOKANTISMO	TEORIA DE VIDAL DE LA BLACHE	PAISAGEM / REGIÃO / MEIO GEOGRÁFICO	GRÁFICOS / TABELAS / MAPAS	RELAÇÃO HOMEM E NATUREZA	FUNCIONALISTA - MONOGRÁFICO	A GEOGRAFIA É UMA CIÊNCIA EMPÍRICA, PAUTADA NA OBSERVAÇÃO / A GEOGRAFIA É UMA CIÊNCIA DE CONTATO ENTRE O DOMÍNIO DA NATUREZA E DA HUMANIDADE / A GEOGRAFIA É UMA CIÊNCIA DE SÍNTESE	PAUL VIDA DE LA BLACHE / MAX SORRE / PIERRE MONBEIG / LUCIEN FEBVRE	ESTRUTURA SOCIAL E ECONÔMICA DOS NÚCLEOS URBANOS EM FUNÇÃO DA LAVOURA CACAUEIRA / EVOLUÇÃO DOS TRANSPORTES E MUDANÇAS DE HIERARQUIA NA ZONA DO CACAU / TENTAIVA DE CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DAS AGLOMERAÇÕES DA ZONA CACAUEIRA DO ESTADO DA BAHIA / DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA POPULAÇÃO BAIANA	GEOGRAFIA CLÁSSICA	EPISTEMOLOGIA VIDALIANA
PRAGMATISMO	TEORIA DOS LUGARES CENTRAIS / TEORIA LOCACIONAL	PAISAGEM / REGIÃO / MEIO GEOGRÁFICO	GRÁFICOS / TABELAS / MAPAS	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PELO HOMEM	EMPÍRICO - ANALÍTICO	A GEOGRAFIA É UMA CIÊNCIA PRÁTICA, PORTANTO, APLICADA / A GEOGRAFIA RESPONDE A UMA NECESSIDADE DO HOMEM / A GEOGRAFIA É UMA CIÊNCIA PROPOSITIVA	JEAN TRICART / MICHEL ROCHEFORT / MICHEL PHILIPPONNEAU / OMER TULIPPE	PAPEL DA METRÓPOLE BAIANA EM RELAÇÃO AO SEU TERRITÓRIO / PLANEJAMENTO REGIONAL / PROBLEMA DA DIVISÃO REGIONAL DA BAHIA / AS MIGRAÇÕES / A CIDADE DO SALVADOR	GEOGRAFIA APLICADA	CORRENTE UTILITARISTA
MARXISMO	TEORIA POLÍTICA-ECONOMICA	SUBDESENVOLVIMENTO – DESENVOLVIMENTO / ÁREAS PIONEIRA E DEPRIMIDAS	GRÁFICOS / TABELAS / MAPAS	CONTRADIÇÃO PROVOCADA PELA ESTRUTURA CAPITALISTA	HISTÓRICO - DIALÉTICO	A GEOGRAFIA É UMA CIÊNCIA HUMANA / A GEOGRAFIA APOIA-SE NA HISTÓRIA PARA DEFINIR A SITUAÇÃO PRESENTE / A GEOGRAFIA É UMA CIÊNCIA DAS DISCORDÂNCIAS	PIERRE GEORGE	SALVADOR UMA CIDADE SUBDESENVOLVIDA / AS DESIGUALDADES NO ESTADO DA BAHIA / O PAPEL METROPOLITANO DA CIDADE DO SALVADOR	GEOGRAFIA ATIVA	ABORDAGEM MARXISTA

ORG.: COSTA, P. H. F. (2013)

Logo, deduzimos que a matriz é o ativo do pensamento do personagem e em consequência desse atributo ele faz uso para afetar o outro [**vanguarda**], convencer o outro [**universalidade**] e se rotular ao outro [**viés geográfico**]. Paralelamente, Santos, passa a ser contaminado com os valores de cada fase, os quais desabrocham em seu discurso e rompem com o modelo anterior [**vanguarda**], ampliam o universo de debate [**universalidade**] e revelam as particularidades de uma ciência [**viés geográfico**].

Tais características seletivas foram verificadas entre as dimensões do material analisado:

(A) a característica vanguardista do personagem manifestou-se nos confrontos com a ordem vigente; na fundação do primeiro laboratório de geografia aplicada (LGERUBa); em ser o primeiro baiano a se filiar e participar dos cursos da AGB; na proposta de instituir um Boletim Baiano de Geografia; na iniciativa de convidar Jean Tricart para conhecer a Bahia; na prática denunciativa através das publicações; nas mudanças tanto de estilo de escrita quanto no emprego dos termos; na busca de novos paradigmas; no esforço de atualizar-se; de estar a par da evolução do pensamento geográfico no mundo, recorrendo assim a literaturas estrangeiras; na preocupação de publicar entre os artigos pelo menos um que demonstre suas afinidades teóricas. Isto posto, confirma que Milton Santos, foi uma referência de **vanguarda**, no sentido tanto de influenciar uma geração quanto romper com sua forma de pensar anterior.

(B) a **universalidade** indicou-se no estudo de uma língua estrangeira; nas mudanças tanto do ambiente do debate quanto a posição no debate; em busca de ouvir e ser ouvido sem perder a compostura ou se deixar influenciar pela posição política [Escola-Aluno; Escola-Professor; Universidade-Aluno, Universidade-Professor, Jornal-Colunista-Governo, Governo-Jornal-Colunista]; nas viagens dentro do Brasil, para França e ao continente africano, seja representando o governo seja como aluno de intercâmbio; nas publicações internacionais ora na seção de comentários de obras publicadas ora como autor de artigos; tornando-se referência para outros autores como geógrafos e historiadores; nas relações estabelecidas com os professores franceses e outros colegas, nos convites para palestrar. Todos validam a iniciativa de Milton Santos em construir um diálogo com outras ciências, outros centros de pesquisa e outras pessoas, portanto, uma referência de **universalidade**.

(C) o **viés geográfico** apontou-se nas literaturas consultadas desde o colégio; no interesse pela disciplina Geografia; nas matérias que gostava de lecionar entre elas a Geografia; nos concursos realizados; nos eventos que participava; no título de doutor

concretizado na França; no ofício; na preocupação em delimitar o território da Geografia frente às Ciências Humanas; na forma que falava sobre o mundo; nos termos que empregava para construir sua reflexão; nos temas que estimulavam a pesquisa. Por tudo isso Milton Santos coloca-se como uma referência de **viés geográfico**.

**Quadro 18:** A comprovação da hipótese por material analisado

	<b>VANGUARDA</b>	<b>UNIVERSALIDADE</b>	<b>VIÉS GEOGRÁFICO</b>
<b>BIOGRAFIA [CAPÍTULO 2]</b>	FUNDAR O JORNAL “O PHAROL” E “O LUZEIRO” / PROVOCAR O DEBATE LITERÁRIO / (RE)ORGANIZAR O GRÊMIO ESTUDANTIL DO COLÉGIO / TRABALHAR COMO PROFESSOR / ORIENTAR JOVENS SECUNDARISTAS A FUNDAREM NÚCLEOS ESTUDANTIS / PARTICIPAR DO CENTRO ACADÊMICO DA UNIVERSIDADE / ENVOLVER-SE COM A ASSOCIAÇÃO DE GEÓGRAFOS BRASILEIROS (AGB) / VIAJAR PARA O RJ AFIM DE PARTICIPAR DOS CURSO DO IBGE / PUBLICAR NOS EVENTOS DA AGB / LEVAR JEAN TRICART PARA BAHIA / REALIZAR O DOUTORADO NA FRANÇA / FUNDAR E COORDENAR O LGERUBA / INSTRUMENTALIZAR UMA GERAÇÃO NO OFÍCIO DE GEÓGRAFO / PROPOR A PUBLICAÇÃO DO PRIMEIRO BOLETIM DE GEOGRAFIA DO ESTADO DA BAHIA / TRABALHAR NO GOVERNO DO ESTADO / REPRESENTAR O GOVERNO NACIONAL NA BAHIA / TORNAR O PRIMEIRO BAIANO PRESIDENTE DA AGB / TORNAR-SE UM PRESO POLÍTICO NA DITADURA	TER O FRANCÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA / SUBMETER AO REGIME DE INTERNATO E RESIDÊNCIA NO IBE / ESCREVER MATÉRIAS DE JORNAL NA ÉPOCA DE COLÉGIO / VIAJAR PELO INTERIOR DA BAHIA COM O INTUITO DE AJUDAR OS JOVENS / DISCURSAR PARA OS COLEGAS SOBRE O MUNDO / TORNAR-SE JORNALISTA E PROFESSOR / CORRESPONDER COM PROFESSORES FRANCESES / ACOMPANHAR AS PUBLICAÇÕES DA AGB E DO BOLETIM GEOGRÁFICO DO IBGE / APRESENTAR TRABALHOS EM DIVERSOS EVENTOS / VIAJAR PARA FRANÇA POR CONTA DO DOUTORADO / INICIAR UM CONVÊNIO ENTRE O LGERUBA E A CENTRO DE GEOGRAFIA APLICADA NA FRANÇA / LANÇAR UM REVISTA DE GEOGRAFIA COM ARTIGOS DE COLEGAS ESTRANGEIROS E GEÓGRAFOS BAIANOS / PALESTRAR EM OUTRO CENTROS IMPORTANTES / TER O RECONHECIMENTO INTELCTUAL PELOS COLEGAS FRANCESES A PONTO DE INTERFERIREM EM SUA PRISÃO	RECEBER UMA EDUCAÇÃO FAMILIAR PREOCUPADA COM O PRÓXIMO / LER JOSUÉ DE CASTRO E VIDALIANOS / APROXIMAR DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DA ESCOLA/ LECIONAR AOS 15 ANOS A MATÉRIA GEOGRAFIA NA ESCOLA QUE ESTUDAVA / DEFENDER UMA TESE DE GEOGRAFIA / PASSAR NO CONCURSO DO MUNICÍPIO DE ILHÉUS PARA PROFESSOR DE GEOGRAFIA / ASSOCIAR-SE AS ENTIDADES DE CLASSE DA GEOGRAFIA / ACOMPANHAR OS CURSO DAS ENTIDADES DE GEOGRAFIA / PARTICIPAR DOS ENCONTROS DE GEOGRAFIA / MINISTRAR AULAS DE GEOGRAFIA HUMANA NO ENSINO UNIVERSITÁRIO / DEFENDER UMA TESE NO INSTITUTO DE GEOGRAFIA DE STRASBOURG (FR) / INSTITUIR UM LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA APLICADA / FUNDAR O BOLETIM BAIANO DE GEOGRAFIA / TRABALHAR COMO GEÓGRAFO / LECIONAR NOS INSTITUTO DE GEOGRAFIA NA FRANÇA
<b>PRODUÇÃO CIENTÍFICA / GEOGRÁFICA [CAPÍTULO 3]</b>	ROMPER COM INFLUÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS PASSADAS / INFLUENCIAR UMA GERAÇÃO DE GEÓGRAFOS / MUDAR O ESTILÍSTICA DO TEXTO	TER O TRABALHO CITADO POR PESQUISADORES AFINS / PUBLICAR EM DIVERSOS MEIOS E DE DIFERENTES NACIONALIDADES / PROCURAR O DEBATE COM GEÓGRAFOS FORA DA BAHIA	PUBLICAR TRABALHOS COM CONTEÚDO GEOGRÁFICO / PREOCUPAR-SE EM CONSTRUIR UM SISTEMA DE IDEIAS GEOGRÁFICA / DISCUTIR O OBJETO E O MÉTODO DA GEOGRAFIA
<b>VOCABULÁRIO [CAPÍTULO 4]</b>	RENOVAR O SENTIDO DOS TERMOS SEGUNDO A VARIANTE GEOGRÁFICA / DELIMITAR UM UNIVERSO DISCURSIVO QUE INFLUENCIA UMA GERAÇÃO	REVELAR-SE EM TEXTOS DE DISCIPLINAS AFINS /	APRESENTAR UM VOCABULÁRIO GEOGRÁFICO NOS TRABALHOS

Org.: COSTA, P. H. F (2013)

Deste modo, a referência de **vanguarda** esteve presente na preocupação que o personagem tinha em não ficar estático com a dialética do mundo, o que consideramos como uma ação revolucionária cuja preocupação do personagem era rever as suas posições, criar novas formas de ação e opor-se a uma tendência natural. Por isso que, em nosso trabalho, o aspecto de **vanguarda** manifestou-se na prática do personagem em narrar os fatos e de conviver com o mundo. Assim sendo, o personagem adotou uma posição crítica sobre as coisas; procurou assumir uma postura absoluta sobre a forma de vida dominante; tentou aproximar os afins; lutou por uma ação coletiva e de consciência de grupo. Logo, a **vanguarda** “miltoniana” aflorou no movimento de solidariedade e de cumplicidade que o

personagem teve com o outro; no esforço do personagem em estimular no outro maneiras de se levantar frente à apatia do mundo; nos instrumentos que o personagem apresentou ao outro e o tornaram capazes de criar uma identidade militante para transformar o mundo. Frente a isto, por muitos colegas, o personagem foi taxado de utopista, quando não o acusavam de “extremista”. Na verdade, a **vanguarda** “miltoniana” desagradou os mais “conservadores”.

A **universalidade** “miltoniana” foi identificada quando o personagem era referenciado em outras biografias. Tal fato nos fez refletir a capacidade de um pensamento em ser “traduzido” por um outro profissional, com objetivo de explicar o mundo através do outro, porém, preservando o conteúdo explicativo original. O que definiu a **universalidade** do pensamento do personagem foi o seu horizonte de entendimento, a sua escala de ação, a sua possibilidade de dialogar com o diferente.

O **viés geográfico** foi uma questão que Milton Santos sempre levou com ele, podemos dizer que é uma preocupação de “berço”. No entanto, é impressionante como, ainda existem geógrafos que dizem que Santos não é geógrafo por ter se formado em Direito. Tal característica prova o tanto que o personagem dedicou-se para afirmar a importância da Ciência Geográfica para olhar o mundo. Milton Santos é um exemplo de geógrafo, não só em seus textos, mas em sua vida, sempre, atinado com as mudanças que aconteciam e preocupado em se posicionar sobre estas, desde a primeira fase intelectual, como vimos nesta Tese.

Por fim, alguns contratempos não permitiram o avanço da pesquisa. Não foi possível nem verificar a influência dos termos nas produções dos orientandos de Milton Santos, o que poderia ajudar a validar, em uma outra perspectiva, a **vanguarda**; nem confirmar o impacto dos termos em textos afins, com o objetivo de entender se as referências bibliográficas miltonianas encontradas nas obras dos historiadores e geógrafos foram empregadas com o intuito de certificar o argumento do autor ou de confrontar o argumento do autor, o que poderia corroborar para fortalecer o argumento da **universalidade**. É preciso salientar, tais pontos, tanto para aqueles que porventura irão ler este documento ou para apontar que o trabalho não terminou com a presente Tese.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. de A. O Estudo Geográfico da Cidade no Brasil: Evolução e Avaliação. Contribuição à História do Pensamento Geográfico. In: CARLOS, A.F.A. (org.). **Os Caminhos da Reflexão Sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994, p.199-322.

ALEXANDER, J. W. An Economic Base Study of Madison. In: **Wisconsin Commerce Papers**, vol. 1, n. 4, 1953.

ALLIX, A. La foire de Goncelin. In: **Recueil des travaux de l'Institut de Geographie Alpine**, t. 2, n. 3, p. 299 – 332, 1914.

ALMEIDA, R. S.A **Geografia e os Geografos do IBGE no período 1938 – 1998**. 2000. 634f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

ANDRADE, M. C de **Geografia: ciência da sociedade**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANDRADE, M. C. de Milton Santos: o geógrafo-cidadão. In: SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

AZEVEDO, T de **Problemas Sociais da Exploração do Petróleo na Bahia**. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1959.

\_\_\_\_\_. **As Ciências Sociais na Bahia: notas para sua História**. Salvador: Universidade da Bahia, 1964.

\_\_\_\_\_. **A francesia baiana de antanho**. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Centro de Estudos Baianos, 1985.

BACHIMON, P. Physiologie d'un langage: l'organicisme aux débutas de la géographie humaine. In : **Espaces Temps**, 13, p. 75 – 103, 1979.

BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M (org.) **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 1996.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

BAULIG, H. Contingence et nécessité en Geographie Humaine. In **Annales Economies, Sociétés, Civilisations**, 14e année, n. 2, p. 320-324, 1959.

BERDOULAY, V La métaphore organiciste. In: **Annales de Géographie**, t. 91, n. 507, p. 573 – 586, 1982.

\_\_\_\_\_. Perspectivas actuales del Posibilismo: de Vidal de La Blache a la ciencia contemporánea. In: **Geocritica**, ano VIII, n. 47, p. 1 – 15, sep., 1983.

\_\_\_\_\_. Les idéologies comme phénomènes géographiques. In : **Cahiers de géographie du Québec**, vol. 29, n. 77, p. 205 – 216, 1985.

\_\_\_\_\_. Geographie : lieux de discours. In : **Cahiers de géographie du Québec**, vol. 32, n. 87, p. 245 – 252, 1988.

\_\_\_\_\_. **La formation de l'école française de géographie**. Paris: CTHS, 2008.

BLANCHARD, R. **La Flandre**: étude géographique de la plaine flamande en France, Belgique et Hollande. Paris: Armand Colin, 1906.

BOURDIEU, P. L'illusion biographique. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 62-63, p. 69 – 72, 1986.

\_\_\_\_\_. **As regras da arte**. São Paulo: CIA das Letras, 1996.

BRANDÃO, M. de A. Milton Santos: intelectual por projeto: uma obra entre o vigor da inteligência com responsabilidade política lato sensu e a sedução da estética. In: **Revista VeraCidade**, ano VII, n. 7, p. 1 – 12, out., 2011.

BROC, N. Peut-on parler de géographie humaine au XVIIIe siècle en France ? In : **Annales de Géographie**, t. 78, n. 425, p. 57 – 75, 1969.

\_\_\_\_\_. L'établissement de la géographie en France : diffusion, institutions, projets (1870-1890). In : **Annales de Géographie**, t. 83, n. 459, p. 545-568, 1974.

\_\_\_\_\_. **La géographie des philosophes: géographes et voyageurs français au XVIIIe siècle**. These, Montpellier, 1972, publiée par l'Association des Publications près les Universités de Strasbourg, Fondation Bauling, Paris, Ophrys, 1976, 600p.

BRUNHES, J. Du caractère propre et du caractère complexe des faits de géographie humaine. In: **Annales de Géographie**, t. 22, n. 121, p. 1 – 40, 1913.

\_\_\_\_\_. Vidal de La Blache. In: **Revue Universitaire**, v. 3, p. 4 – 15, 1918

BRUNHES, J., VALLAUX, C. **La Géographie de l'Histoire**: géographie de la paix et de la guerre sur terre et sur mer. Paris: Librairie Felix Alcan, 1921.

CANATA, F. A. P. Z.; REIS JR., D. F. C.; CRUZ, H. J. M. Do pensamento à linguagem: metodologia para análise de discursos geográficos (estudo de caso Aziz Ab'Saber). In: **Anais do XIV Encontro de Geógrafos de América Latina**, p. 1-20, 2013.

CANDIDO, A. Limites da biografia In: **Revista Remate de Males**, edição especial, Antônio Candido, p. 63 - 65, 1999.

CAPEL, H. Institucionalización de la Geografía y estrategias de la comunidad científica de los geógrafos. In: **Geocritica**, ano 1, n. 8, p. 1 – 21, 1977.

\_\_\_\_\_. Sobre clasificaciones, paradigmas y cambio conceptual en Geografía. In: **El Basilisco**, n. 11, p. 4 – 12, 1980.

\_\_\_\_\_. **Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea**: una introducción a la Geografía. Barcelona: Barcanova Temas Universitarios, 1981.

\_\_\_\_\_. Positivismo y antipositivismo en la ciencia geográfica: el ejemplo de la geomorfología. In: **Geocritica**, ano VIII, n. 43, p. 1 – 44, 1983.

\_\_\_\_\_. CAPEL, H Historia de la ciencia e historia de las disciplinas científicas. In: **Geocritica**, ano XII, n. 84, p. 1 – 42, 1989.

CARDOSO, S A M Milton Santos, Meu professor. In: SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARNEIRO, M. P. d'A. & ERDENS, A. D. Passando a limpo... o mestre e o amigo. In: SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTRO, A. de Rua Chile: o quartel da Narandiba: e muitos amigos. In: SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CHABOT, G. **Les Villes**. Paris: Armand Collin, 1952.

CHRISTALLER, W. Rapports fonctionnels entre les agglomérations urbaines et les campagnes. In: **Comptes rendus du Congrès International de Géographie**, Amsterdam, 1938.

CHOLLEY, A **La Géographie: guide de l'étudiant**. Paris: Presses Universitaires de France, 1942.

CLAVAL, P. **Evolución de la Geografía Humana**. Barcelona: Oikus-tau, s. a. – ediciones, 1974.

\_\_\_\_\_. CLAVAl, P. Le Marxisme et l'espace. In: **Espace géographique**, t. 6, n. 3, p. 145 – 164, 1977.

\_\_\_\_\_. **Géographie: Humaine et économique contemporaine**. Paris: Presses universitaires de France, 1984.

\_\_\_\_\_. **Autour de Vidal de La Blache: la formation de l'École française de géographie**. Paris: CNRS, 1993.

\_\_\_\_\_. **História da Geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

CLAVAL, P., SANGUIN, A-L. **La géographie française a l'époque classique (1918-1968)**. Paris: Éditions l'Harmattan, 1996.

CORREA, R. L. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

COSTA GOMEZ, P C da Quelques reflexions sur les catégories de la pensée vidalienne. In : **Autour de Vidal de La Blache: la formation de l'École française de géographie**. Paris: CNRS, 1993.

DE MARTONNE, E. **La Valachie** essai de monographie géographique. Paris: Armand Colin, 1902.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

DEMANGEON, A. **La picardie**: les régions voisines (Artois, Cambrésis, Beauvaisis). Paris: Armand Colin, 1905.

\_\_\_\_\_. Économie agricole et peuplement rural. In: **Annales de Géographie**, t. 43, n. 241, p. 1 – 21, 1934.

DENEUX, J-F **Historie de la pensée géographique**. Paris: Belin, 2006.

DESHAIES, L La nature de la géographie comme Science sociale selon Pierre George. In: **Cahiers de Géographie du Québec**, v. 52, n. 146, p. 303 – 312, 2008.

DICKINSON, R. E **The Makers of Modern Geography**. New York: Frederick A. Praeger Publishers, 1969.

\_\_\_\_\_. **City, Region and Regionalism**. Londres: Routledge Kegan Paul Ltd., 1952.

DUARTE, V. da S. Velhos amigos, amizades renovadas. In: SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DURKHEIM, E. Morphologie Sociale. In: **L'Année Sociologique**, Paris: Armand Collin, 1906-1909

ENTRIKIN, J. N. Robert Park's human ecology and human geography. In: **Annals of the Association of American Geographers**, v. 70, n. 1, 1980.

FALCON, F. História das Ideias. In: CARDOSO, C. F.(org.) **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FERREIRA, A. M. de A. **Para um vocabulário fundamental da obra de Milton Santos**: com equivalência em francês. 2000. 188f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Departamento de Lingüística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANCE, P; ST. CLAIRE, W. **Mapping lives**: the uses of biography. New York: Oxford University Press, 2002.

GALLOIS, L Paul Vidal de La Blache (1845-1918). In: **Annales de Geographie**, t.27, n° 147, p. 161 – 173, 1918.

GEORGE, P Les méthodes de la reconstruction agricole em URSS. In: **Annales de Géographie**, t. 55, n.300, p. 247 – 258, 1946.

\_\_\_\_\_. **La Ville**: le fait urbain a travers le Monde. Paris: P.O.F., 1952

\_\_\_\_\_. Etude comparée de quelques formes de développement urbain. In: **Revue de Géographie de Lyon**, vol. 28, n. 3, p. 268 – 279, 1953.

\_\_\_\_\_. Les sous-développement agricole, peril majeur. In; **Annales de Géographie**, t. 71, n. 388, p. 630 – 634, 1962.

\_\_\_\_\_. **Panorama du Monde Actuel**. Paris: P.U.F., 1965.

GEORGE, P et al. **A Geografia Ativa**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1968.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

GONÇALVES, N. M. S. Professor Milton Santos: o mestre amigo e incentivador. Reminiscências. In: SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

GRIMM, F. Aspectos da produção teórica e da organização do arquivo de documentos do geógrafo Milton Santos. In: **Revista IEB**, n. 52, p. 165-182, set/mar, 2011.

GRIMM, F. **Trajetória epistemológica de Milton Santos: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis**. 2011. 307f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GRINBERG, L P **Jung: o homem criativo**. São Paulo: FTD, 1997.

GUGLIELMO, R. Principaux aspects du développement de la pétrochimie em France. In: **Annales de Geographie**, t. 65, n. 348, p. 123 – 139, 1956.

GUIMARAES, A. Uma glória baiana. In: SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

HOUAISS, A.; VILLAR, M de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE **Visita de Mestres Franceses: conferencias e aulas dos professores Pierre George e Jean Tricart**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1963

JAPIASSÚ, H ; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia** Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1996.

KABATEK, J Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. In : **Lexis**, v. XXIX, n. 2, 2005, p. 151 – 178.

KOYRÉ, A. **Estudos de história do pensamento científico**. Rio e Janeiro : Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. **Estudos de historia do pensamento filosófico** Rio e Janeiro : Forense Universitária, 1991.

LA BLACHE, P. V. de Récents travaux sur la géographie de la France. In : **Annales de Geographie**, t.1, n. 1, p. 32 – 52, 1892.

\_\_\_\_\_. Le principe de la géographie générale. In : **Annales de Geographie**, t. 5, n. 20, p. 129 – 142, 1896.

\_\_\_\_\_. La Géographie politique, à propos des écrits de M. Frédéric Ratzel. In : **Annales de Géographie**, t. 7, n. 32, p. 97 – 111, 1898.

\_\_\_\_\_. Leçon d'ouverture du cours de géographie. In : **Annales de Geographie**, t.8, n. 38, p. 97 – 109, 1899.

\_\_\_\_\_. Une nouvelle histoire universelle. In : **Annales de Geographie**, t. 9, n. 45, p. 257-259, 1900.

\_\_\_\_\_. Les conditions géographiques des faits sociaux. In : **Annales de Géographie**, t. 11, n. 55, p. 13 – 23, 1902.

\_\_\_\_\_. Friedrich Ratzel. In : **Annales de Géographie**, t. 13, n. 72, p. 466-467, 1904.

\_\_\_\_\_. La conception actuelle de l'enseignement de la géographie. In : **Annales de Géographie**, t. 14, n. 75, p. 193 – 207, 1905.

\_\_\_\_\_. Les genres de vie dans la géographie humaine. In : **Annales de Geographie**, t. 20, n. 111, p. 193-212, 1911.

\_\_\_\_\_. Des caracteres distinctifs de la géographie. In : **Annales de Géographie**, t. 22, n. 124, p. 289 – 299, 1913.

\_\_\_\_\_. **Principes de Géographie Humaine**. Paris: Armand Colin, 1922.

LACOSTE, Y. Aspects géographiques généraux des industries de la construction. In: **Annales de Geographie**, t. 68, n. 366, p. 121 – 153, 1959.

\_\_\_\_\_. Le sous-développement: quelques ouvrages significatifs parus depuis dix ans. In : **Annales de Géographie**, t. 71, n. 386, p. 387-414, 1962.

\_\_\_\_\_. Le concept de sous-développement et la Géographie. In: **Annales de Géographie**, t. 76, n. 418, p. 644 – 670, 1967.

LAGEAT, Y. La géographie, discipline dénaturée? In: GAVILLON, F **L'invention de la nature**. Paris: CEIMA, 2008.

LAMEGO, M. **Práticas e Representações da Geografia Quantitativa no Brasil: a formação de uma caricatura**. Rio de Janeiro, 2010. 247f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

LEITE, M. A. P. (org.) **Milton Santos** – Encontros. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

LIRA, L A de **O primeiro esboço do método geográfico de Vidal de la Blache a partir dos estudos do Mediterrâneo. Permanências e rupturas no contexto da institucionalização da geografia (1872 – 1918)**. 2012. 228f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LIVINGSTONE, D N Natural theology and neo-lamarckism: the changing contexto of nineteenth century Geography in the United States and Great Britain. In: **Annals of the Association of American Geographers**, vol. 74, p. 9-28, 1984.

\_\_\_\_. The Geographical tradition. London: Blackwell, 1992.

LOWENTHAL, L. The triumph of mass idols. In: **Literature, popular culture, and society**. Palo Alto: Pacific Books, 1962.

MEYNIER, A Quelques exemples de géographie appliquée In: **Norois**, n. 5, p. 41 – 50, 1955.

\_\_\_\_. **Histoire de la pensée géographique em France (1872 – 1969)**. Paris: PUF, 1969.

\_\_\_\_. **Guide de l'Étudiant em Geographie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1971

MONBEIG, P. Une défense de la géographie appliquée. In : **Annales Économies, Sociétés, Civilisations**. 16<sup>e</sup> année, n. 6, p. 1225 – 1229, 1961.

MONTEIRO, C. A. F. **A Geografia no Brasil (1934 – 1977): avaliação e tendência**. São Paulo: USP/IG, 1980.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história critica**. 20<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MORAES, A. C. R. Notas sobre identidade nacional e institucionalização da Geografia no Brasil. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 166-176, 1991.

MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originárias**. São Paulo: Contexto, 2008.

NICOLAS-OBADIA, G. Paul Vidal de La Blache entre la filosofia francesa y la geografía alemana. In: **Geocritica**, n. 35, 1981.

NIETZSCHE, F. **Vontade de Potência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

PALHORIES, F. Le pragmatisme em Morale. In: **Revue néo-scolastique de philosophie**, 20 année, n. 79, p. 339-365, 1913.

PAREYSON, L. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEDRAO, F. Uma injustiça atinada. In: SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

PHILIPPONNEAU, M **Geografia e Acção**: introdução à Geografia Aplicada. Lisboa: Edições Cosmos, 1964.

\_\_\_\_\_. L'essor de la géographie appliquée. In: **Rev. Int. Sc. Soc.**, v. XXXIII, n. 1, p. 148 – 176, 1981.

PINCHEMEL, Ph. L'aménagement du territoire. In: **L'information géographique**, v. 16, n.1, p. 12 – 16, 1952.

ROBIC, M-C La stratégie épistémologique du mixte : le dossier vidalien. In: **Espaces Temps**, n. 47 – 48, 1991.

\_\_\_\_\_. L'identité nationale et ses enjeux: a propôs du Tableau de la géographie de la France de P. Vidal de la Blache. In: **Treballs de la Societat de Geografia**, n. 48, vol. XIV, 1999.

ROCHEFORT, M Méthodes d'étude des réseaux urbains: intérêt de l'analyse du secteur tertiaire de la population active. In: **Annales de Géographie**, t, 66, n. 354, p. 125-143, 1957.

REIS JR História da ciência geográfica: espectro temático e uma versão descritiva. In: **Cadernos de História da Ciência**, v. 7, n. 1, p. 11-33, 2011.

\_\_\_\_\_. História do pensamento geográfico: como lê-lo para interpreta-la? (as rotinas técnicas). In: **I Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo**. Anais... Rio Claro: UNESP, p. 596-605, 2008.

RHEIN, C La geographie: discipline scolaire et/ou science sociale? (1860-1920) In: **Revue française de sociologie**, V. 23-2, pp. 223 – 251, 1982.

SAMPAIO, N. de S. **O diálogo democrático na Bahia**. Rio de Janeiro: Livraria da Revista Forense, 1960.

SANTOS, M. **O povoamento da Bahia**: suas causas econômicas. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1948.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre Geografia**. Salvador: Tipografia Manú, 1953.

\_\_\_\_\_. **Os estudos regionais e o futuro da geografia**. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1953A.

\_\_\_\_\_. **Ubaitaba**: Estudo de Geografia Urbana. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1954.

\_\_\_\_\_. Estrutura agrária do município de Ipiauí. In: **Revista Brasileira dos Municípios**, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 31, p. 224-226, jul/set, 1955.

\_\_\_\_\_. A cidade de Jequié e sua Região. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 1, p. 71 - 112, jan/mar, 1956.

\_\_\_\_\_. Notas para um estudo do habitat rural na zona cacauceira da Bahia. In: **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, São Paulo, v. VIII, tomo I (1953-1954), p. 386 – 394, 1956A.

\_\_\_\_\_. Problemas de Geografia Urbana na Zona Cacaueira Bahiana. In: **Anais do XVIII Congresso Internacional de Geografia**, Rio de Janeiro, p. 1 – 25, 1956B.

\_\_\_\_\_. Distribuição geográfica da população bahiana. In: **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, Salvador, n. 80, p. 115-123, 1956C.

\_\_\_\_\_. **Zonas de influência comercial do Estado da Bahia**. Salvador: Diretório Regional de Geografia, 1956D.

\_\_\_\_\_. O papel metropolitano da cidade de Salvador. In: **Revista Brasileira dos Municípios**, Rio de Janeiro, ano IX, n. 35/36, p. 185-190, jul/dez, 1956E.

\_\_\_\_\_. **Zona do Cacau: Introdução ao Estudo Geográfico**. 2. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

\_\_\_\_\_. Nazaré: um porto ferroviário do Recôncavo Baiano. In: **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, São Paulo, v. IX, tomo I (1954-1955), p. 305 – 320, 1957A.

\_\_\_\_\_. A Baixa dos Sapateiros. In: **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, Salvador, n. 81, p. 71-79, 1957B.

\_\_\_\_\_. Ituberá: porto cacaueiro rejuvenescido pela indústria. In: **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, São Paulo, v. X, tomo I (1955-1957), p. 119 – 131, 1958A.

\_\_\_\_\_. A População da Bahia. In: **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 146, set/out, 1958B

\_\_\_\_\_. Os climas da Bahia. In: **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 145, jul/ago, 1958C.

\_\_\_\_\_. Zonas de influência comercial: do Estado da Bahia. In: **Estudos de Geografia da Bahia: Geografia e Planejamento**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958F.

SANTOS, M. et al. Reconhecimento Geográfico da Bacia do Rio Itapicuru. In: **Estudos de Geografia da Bahia: Geografia e Planejamento**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958G.

\_\_\_\_\_. Uma definição da Cidade do Salvador. In: **Revista Brasileira dos Municípios**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 41/42, p. 17-20, jan/jun, 1958I.

\_\_\_\_\_. Localização Industrial em Salvador. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 3, jul/set, 1958J.

\_\_\_\_\_. **A rede urbana do Recôncavo**. Salvador: UFBA/LGER, 1959.

\_\_\_\_\_. **A cidade como centro de região: definições e metodo de avaliação da centralidade**. Salvador: UFBA/LGER, 1959A.

\_\_\_\_\_. **O centro da cidade do Salvador: Estudo de Geografia Urbana**. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959B

\_\_\_\_\_. **Programa de Estudos de Geografia Humana para o Vale do Rio Paraguaçu.** Salvador: UFBA/LGER, 1959C.

\_\_\_\_\_. **Fatores que retardam o desenvolvimento da Bahia:** a falta de indústria. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1959E.

\_\_\_\_\_. Contribuição ao estudo dos centros de cidades: o exemplo da cidade de Salvador. In: **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.32, p. 17 – 30, jul. 1959F.

\_\_\_\_\_. Quelques problèmes géographiques du centre de la ville de Salvador. In: **L'Information Géographique**, Paris, ano XXIII, n. 3, p. 93-98, mai/jun, 1959G.

\_\_\_\_\_. Salvador e o deserto. In: **Revista Brasileira dos Municípios**, Rio de Janeiro, ano XII, n. 47/48, p. 127-128, jul/dez, 1959H.

\_\_\_\_\_. Notas de viagem à Costa do Marfim: Economia comercial e transformação da paisagem na A.O.F. In: **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, ano XII, n. 1/2, p. 5-16, 1959I.

\_\_\_\_\_. A cultura do cacau na Costa do Marfim. In: **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 31, p. 68-95, mar, 1959J.

\_\_\_\_\_. Geografia e desenvolvimento econômico. In: **Desenvolvimento:** problemas e soluções. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1960A, p. 107-126.

\_\_\_\_\_. Aspectos geográficos da concorrência entre os diversos meios de transportes na zona cacauera da Bahia. In: **Boletim Baiano de Geografia**, Salvador, ano I, n. 1, p. 41-56, jun, 1960B.

\_\_\_\_\_. Programa de Estudos de Geografia Humana para o Vale do Rio Paraguaçu. In: **Revista Brasileira dos Municípios**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 49/52, p. 57-60, jan/dez, 1960C.

\_\_\_\_\_. Uma comparação entre as zonas cacauera do Estado da Bahia (Brasil) e da Costa do Marfim. In: **Boletim Baiano de Geografia**, Salvador, ano I, n.3, p.21-33, dez, 1960D.

\_\_\_\_\_. Alguns problemas do crescimento da cidade do Salvador. In: **Boletim Baiano de Geografia**, Salvador, ano II, n. 5/6, p. 21-45, 1961.

\_\_\_\_\_. Quelques problèmes des grandes villes dans les pays sous-développés. In **Revue de Géographie de Lyon**, Lyon, v. XXXVI, n. 3, p. 197-218, 1961A.

\_\_\_\_\_. Zonas deprimidas e zonas pioneiras. In: **Revista Brasileira dos Municípios**, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 53/54, p. 19-24, jan/jun, 1961B.

\_\_\_\_\_. As migrações para Salvador através da análise do fichário eleitoral. In: **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, Belo Horizonte, n. 15, p. 127-150, jan/jul, 1963.

\_\_\_\_\_. As grandes cidades latino-americanas. In: **América Latina**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 3, p. 85-89, jul/set, 1963A.

\_\_\_\_ . **A região de Amargosa**. Salvador: UFBA/LGER, 1963B.

\_\_\_\_ . Les difficultés de développement d'une partie de la zone sèche de l'Etat da Bahia: la vallée moyenne du fleuve Paraguaçu. In: **Annales de Géographie**, Paris, ano LXXII, n. 391, p. 314-330, mai/jun, 1963C.

\_\_\_\_ . La culture du cacao dans l'Etat de Bahia. In: **Les Cahiers d'outre mer**, Bordeaux, tomo XVI, p. 360-378, 1963D.

\_\_\_\_ . A propriedade rural no vale médio do Paraguaçu. In: **Anais AGB**, São Paulo, v. XIII, tomo I, (1959-60), p. 165-176, 1964.

\_\_\_\_ . Brasília: a nova capital brasileira In: **Colloque sur le problème des capitales em Amérique Latine**, 1964, Toulouse. Anais... Toulouse: Caravelle, 1964B.

\_\_\_\_ . **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

\_\_\_\_ . **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_ . Entrevista com o professor Milton Santos. In: **Revista GEOSUL**, ano IV, n. 7, p. 170 – 201, 1989.

\_\_\_\_ . **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_ . **Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

\_\_\_\_ . (1955A) Classificação funcional dos jornais brasileiros: as regiões jornalísticas. In: TAVARES, L. G. P (org.) **Apontamentos para a história da imprensa na Bahia**. Salvador: A.L.B., 2008.

\_\_\_\_ . (1960E) **Marianne em preto e branco**. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.

SANTOS, M.; CARVALHO, A. D. da S. As indústrias da cidade do Salvador: distribuição geográfica. In: **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, São Paulo, v. X, tomo I (1955-1957), p. 103 – 118, 1958.

SANTOS, M. et al. **Estudos de Geografia da Bahia: Geografia e Planejamento**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958D.

SANTOS, M; TRICART, J. O problema da divisão regional da Bahia In: **Estudos de Geografia da Bahia: Geografia e Planejamento**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958E.

SANTOS, M; JACOBINA, D. Localização Industrial no Estado da Bahia. In: **Estudos e Problemas da Bahia**, Salvador, ed. mim. da CPE, nº 3, 1958H

SANTOS, M.; CARVALHO, A. **A Geografia Aplicada**. Salvador: UFBA/LGER, 1960.

SANTOS, M; BEAUJEU-GARNIER, J. La population de Bahia. In: **Volume Jubilaire M.A. LEFEVRE**, Louvain, p. 203-226, 1964A.

SANTOS, M; CARVALHO, A. A Geografia aplicada. In: **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, ano XXIV, n. 185, p. 249-258, mar/abr, 1965.

SHAW, P; LINNCEUS, D. P. Types of intertextuality in Chairman's statements In: **Nordic Journal of English Studies**, v. 13, n. 1, p. 37-64, 2013.

SILVA, J. B. da Milton Santos: novos horizontes para a geografia brasileira. In: SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, F. S. da & SILVA, M. A. da Uma leitura de Milton Santos (1948-1964). In: **Revista GEOSUL**, Florianópolis, v. 19, n. 37, p. 157-189, jan/jun, 2004.

SILVA, M A Genese da geografia urbana no Brasile: a contribuição de grupos de pesquisa da Bahia. In: **GeoTextos**, v. 5, n. 2, p. 131 – 146, 2009.

SILVEIRA, G. M. da A juventude de Milton Santos. In: SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVEIRA, M. L. Espaço geográfico e fenômeno técnico. In. BOMFIM, P. R. A. & SOUSA NETO, M. F. de. **Geografia e pensamento geográfico no Brasil**. São Paulo: Annablume e Laboratório de Geografia Política, 2010, p. 123-139.

SION, J **Les Paysans de la Normandie Orientale** (Pays de Caux, Bray, Vexin Normand, Vallée de la Seine): étude géographique. Paris: Armand Colin, 1909.

\_\_\_\_\_. (1934) L'art de la description chez Vidal de La Blache. In: ROBIC, M-C, TISSIER, J-L, PINCHEMEL, P **Deux siècles de géographie française: une anthologie**. Paris: CHTS, 2011.

SODERQVIST, T A new look at the genre of scientific biography. In: **The History and Poetics of Scientific Biography**. Burlington: Ashgate, 2007.

SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUZA, M. A. A. de Por que ouvir dizer e por querer saber. In: SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SORRE, M. La notion de genre de vie et sa valeur actuelle. In : **Annales de Géographie**, t. 57, n. 306, p. 97-108, 1948.

\_\_\_\_\_. **Les fondements de le Geographie Humaine**. Paris: Armand Collin, 1951.

STODDART, D. R. Darwin's impact on geography. In: **Annals of the Association of American Geographers**, v. 56, p. 683-698, 1966.

TAVARES, L. H. D. **Historia da Bahia**. Salvador: Editora da UFBA/São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2001.

TRICART, J **L'Habitat Urbain** Paris: C.D.U, 1951.

TRICART, J Existe-t-il une géographie appliquée? In: **Cahiers pédagogiques pour l'enseignement du second degré**, no 4, février, 1958

\_\_\_\_. A contribuição do centro de Geografia Aplicada para a “mise en valeur” do Estado da Bahia. In: **Boletim Baiano de Geografia**, ano I, n. 3, p. 35 – 48, 1960.

\_\_\_\_. Negro so pode ser africano. In: SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

TORRES, C **Bahia “Cidade Feitiço”**. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1961.

VALVERDE, O. **La coopération française dans la géographie brésilienne**. In CARDOSO, L. C. & MARTINIÈRE, G. (org.) **France-Brésil. Vingt ans de coopération (Science et technologie)**. Grenoble ; Paris: Presses Universitaires de Grenoble ; IHEAL, 1989. pp. 79-85.

VALLAUX, C **La Basse-Bretagne: étude de géographie humaine**. Paris: Armand Colin, 1907.

VASCONCELOS, P. de A. Milton Santos: geógrafo e cidadão do mundo (1926-2001). In: **Afro-Ásia**, n. 25/26, p. 369-405, 2001.

VELHO, G. **Arte e Sociedade: ensaios de sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

VIANA FILHO, L **A Verdade na Biografia**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1945.

VILAS BOAS, S. **Metabiografia e seis tópicos para o aperfeiçoamento do jornalismo biográfico**. 2006. 208f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

WINIDI, W. The scope of urban geography: instanced with facts from USA, England and Poland. In: **Comptes rendus du Congrès International de Géographie**, Varsovie, 1934.

XAVIER, R. Associação Brasileira de Municípios: apresentação In: **Revista Brasileira dos Municípios**, ano I, n. 1/2, p. 1 – 2, jan./jun., 1948.

YAZIGI, E. Milton e a criatividade. In: SOUZA, M. A. A. de (org.) **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

## ANEXO

## ANEXO 1 = PANORAMA BIBLIOGRÁFICO

## BAHIA: O DESPERTAR REFLEXIVO E OS ESTUDOS URBANOS-REGIONAIS

FASE		BAHIA: O DESPERTAR REFLEXIVO E OS ESTUDOS URBANOS-REGIONAIS				
CATEGORIA		AUTOR	TÍTULO	ORIGEM	ANO	
EPISTEMOLOGIA VIDALIANA	ESCOLA FRANCESA DE GEOGRAFIA – FASE CLÁSSICA	Livro	SANTOS, M	O povoamento da Bahia: suas causas econômicas	Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1948.	1948
		Livro	SANTOS, M	Estudos sobre geografia	Salvador: Tipografia Manú, 1953.	1953
		Livro	SANTOS, M	Os estudos regionais e o futuro da geografia	Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1953.	1953A
		TCP - RTP	SANTOS, M	Ubaitaba: Estudo de Geografia Urbana	Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1954.	1954
		ART - RBM	SANTOS, M	Estrutura agrária do município de Ipiatã	Revista Brasileira dos Municípios, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 31, p. 224-226, jul/set, 1955.	1955
		TCP – Evento	SANTOS, M	Classificação funcional dos jornais brasileiros: as regiões jornalísticas	TAVARES, L. G. P (org.) Apontamentos para a história da imprensa na Bahia. Salvador: A.L.B., 2008.	1955A
		ART - RBG	SANTOS, M	A cidade de Jequié e sua região	Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 1, p. 71 - 112, jan/mar, 1956.	1956
		TCP - Evento	SANTOS, M	Notas para um estudo do habitat rural na zona cacauzeira da Bahia	Anais AGB, São Paulo, v. VIII, tomo I, (1953-1954), p. 385-394, 1956.	1956A
		TCP - Evento	SANTOS, M	Problemas de Geografia Urbana na Zona Cacauzeira Bahiana	Congresso Internacional de Geografia, XVIII., 1956, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: União Geográfica Internacional, 1956. p. 1-25.	1956B
		ART - RIGHB	SANTOS, M	Distribuição geográfica da população bahiana	Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Salvador, n. 80, p. 115-123, 1956.	1956C
		Livro	SANTOS, M	Zona do cacau: Introdução ao estudo geográfico	Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1957 (2.ed.).	1957
		TCP - Evento	SANTOS, M	Nazaré: um porto ferroviário do Recôncavo Baiano	Anais AGB, São Paulo, v. IX, tomo I, (1954-55), p. 305-320, 1957.	1957A
ART - RIGHB	SANTOS, M	A Baixa dos Sapateiros	Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Salvador, n. 81, p. 71-79, 1957.	1957B		
TRANSIÇÃO	TCP – Evento	SANTOS, M. & CARVALHO, A. D. da S.	As indústrias da cidade do Salvador: distribuição geográfica.	Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, v. X, tomo I (1955-1957), p. 103 – 118, 1958.	1958	
	TCP – Evento	SANTOS, M	Ituberá: porto cacauzeiro rejuvenescido pela indústria.	Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, v. X, tomo I (1955-1957), p. 119 – 131, 1958.	1958A	
	ART - BG	SANTOS, M	A população da Bahia	Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 146, p. 622-625, set/out, 1958.	1958B	
	ART - BG	SANTOS, M	Os climas da Bahia	Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 145, p. 516-519, jul/ago, 1958.	1958C	

CORRENTE UTILITARISTA	GEOGRAFIA APLICADA	TCP - RTP	SANTOS, M	Zonas de influência comercial: do Estado da Bahia	Diretório Regional de Geografia, Salvador, n. 2, p. 1-17, 1956.	1956D
CORRENTE UTILITARISTA	GEOGRAFIA APLICADA	Livro	SANTOS, M	A rede urbana do Recôncavo	Salvador: UFBA/LGER, 1959.	1959
		Livro	SANTOS, M	A cidade como centro de região: definições e método de avaliação da centralidade	Salvador: UFBA/LGER, 1959.	1959A
		Livro	SANTOS, M.; TRICART, J SILVA, T. C da; CARVALHO, A. D da S.	Estudos de Geografia da Bahia: Geografia e Planejamento	Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958.	1958D
		CL	SANTOS, M; TRICART, J	O problema da divisão regional da Bahia	Estudos de Geografia da Bahia: Geografia e Planejamento. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958.	1958E
		CL	SANTOS, M	Zonas de influência comercial: do Estado da Bahia	Estudos de Geografia da Bahia: Geografia e Planejamento. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958.	1958F
		CL	SANTOS, M.; TRICART, J SILVA, T. C da; CARVALHO, A. D da S.	Reconhecimento Geográfico da Bacia do Rio Itapicuru	Estudos de Geografia da Bahia: Geografia e Planejamento. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958.	1958G
		CL	SANTOS, M; JACOBINA, D.	Localização Industrial no Estado da Bahia	Estudos e Problemas da Bahia, ed. mim. da CPE nº 3, Salvador/BA	1958H
		ART - RBM	SANTOS, M	Uma definição da Cidade do Salvador	Revista Brasileira dos Municípios, Rio de Janeiro, ano XI, n. 41/42, p. 17-20, jan/jun, 1958.	1958I
		ART - RBG	SANTOS, M	Localização Industrial em Salvador	Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, ano XX, n. 3, p. 3 - 34, jul/set, 1958.	1958J
		Livro	SANTOS, M	O centro da cidade do Salvador	Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.	1959B
		TCP - RTP	SANTOS, M	Programa de Estudos de Geografia Humana para o Vale do Rio Paraguaçu.	Salvador: UFBA/LGER, 1959.	1959C
		Livro	SANTOS, M; CARVALHO, A.	A Geografia aplicada	Salvador: UFBA/LGER, 1960.	1960
		CL	SANTOS, M	Geografia e desenvolvimento econômico	Desenvolvimento: problemas e soluções, Salvador: Livraria Progresso Editora, 1960, p. 107-126.	1960A
		ART - BBG	SANTOS, M	Aspectos geográficos da concorrência entre os diversos meios de transportes na zona cacauzeira da Bahia	Boletim Baiano de Geografia, Salvador, ano I, n. 1, p. 41-56, jun, 1960.	1960B
		ART - RBM	SANTOS, M	Programa de Estudos de Geografia Humana para o Vale do Rio Paraguaçu	Revista Brasileira dos Municípios, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 49/52, p. 57-60, jan/dez, 1960.	1960C
		ART - RBEP	SANTOS, M	As migrações para Salvador através da análise do fichário eleitoral	Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte, n. 15, p. 127-150, jan/jul, 1963.	1963
		TCP - Evento	SANTOS, M	A propriedade rural no vale médio do Paraguaçu	Anais AGB, São Paulo, v. XIII, tomo I, (1959-60), p. 165-176, 1964.	1964
		ART - Inter.	SANTOS, M; BEAUJEU-GARNIER, J.	La population de Bahia	Volume Jubilaire M.A. LEFEVRE, Louvain, p. 203-226, 1964.	1964A
ART - BG	SANTOS, M; CARVALHO, A.	A Geografia aplicada	Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, ano XXIV, n. 185, p. 249-258, mar/abr, 1965.	1965		

TRANSIÇÃO	TCP - RTP	SANTOS, M	Fatores que retardam o desenvolvimento da Bahia: a falta de industria	Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1959.	1959E	
	ART - BPG	SANTOS, M	Contribuição ao estudo dos centros de cidades: o exemplo da cidade de Salvador	Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 32, p. 17-30, jul, 1959.	1959F	
	ART - Inter.	SANTOS, M	Quelques problèmes géographiques du centre de la ville de Salvador.	L'Information Géographique, Paris, ano XXIII, n. 3, p. 93-98, mai/jun, 1959.	1959G	
	ART - BBG	SANTOS, M	Alguns problemas do crescimento da cidade do Salvador.	Boletim Baiano de Geografia, Salvador, ano II, n. 5/6, p. 21-45, 1961.	1961	
TRANSIÇÃO	ART - Inter.	SANTOS, M	Quelques problèmes des grandes villes dans les pays sous-développés	Revue de Géographie de Lyon, Lyon, v. XXXVI, n. 3, p. 197-218, 1961.	1961 <sup>a</sup>	
	CL	SANTOS, M	As grandes cidades latino-americanas	América Latina, Rio de Janeiro, ano 6, n. 3, p. 85-89, jul/set, 1963.	1963 <sup>a</sup>	
	TCP - RTP	SANTOS, M	A região de Amargosa	Salvador: UFBA/LGER, 1963.	1963B	
	TCP - Evento	SANTOS, M	Brasília, a nova capital brasileira	Colloque sur le problème des capitales em Amérique Latine, 1964, Toulouse. Anais... Toulouse: Caravelle, 1964.	1964B	
ABORDAGEM MARXISTA	GEOGRAFIA ATIVA	ART - RBM	SANTOS, M	O papel metropolitano da cidade do Salvador	Revista Brasileira dos Municípios, Rio de Janeiro, ano IX, n. 35/36, p. 185-190, jul/dez, 1956.	1956E
		ART - RBM	SANTOS, M	Salvador e o deserto	Revista Brasileira dos Municípios, Rio de Janeiro, ano XII, n. 47/48, p. 127-128, jul/dez, 1959.	1959H
		ART - RBM	SANTOS, M.	Zonas deprimidas e zonas pioneiras	Revista Brasileira dos Municípios, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 53/54, p. 19-24, jan/jun, 1961.	1961B
		ART - Inter.	SANTOS, M	Les difficultés de développement d'une partie de la zone sèche de l'Etat da Bahia: la vallée moyenne du fleuve Paraguaçu	Annales de Géographie, Paris, ano LXXII, n. 391, p. 314-330, mai/jun, 1963.	1963C
		ART - Inter.	SANTOS, M	La culture du cacao dans l'Etat de Bahia	Les Cahiers d'outre mer, Bordeaux, tomo XVI, p. 360-378, 1963.	1963D
		ART - RBM	SANTOS, M	O panorama econômico-social da Bahia	Revista Brasileira dos Municípios, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 67/68, p. 117-124, jul/dez, 1964.	1964C
SEM CLASSIFICAÇÃO	ART - BCG	SANTOS, M	Notas de viagem à Costa do Marfim: Economia comercial e transformação da paisagem na A.O.F.	Boletim Carioca de Geografia, Rio de Janeiro, ano XII, n. 1/2, p. 5-16, 1959.	1959I	
	ART - BPG	SANTOS, M	A cultura do cacau na Costa do Marfim	Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 31, p. 68-95, mar, 1959.	1959J	
	ART - BBG	SANTOS, M	Uma comparação entre as zonas cacauceira do Estado da Bahia (Brasil) e da Costa do Marfim	Boletim Baiano de Geografia, Salvador, ano I, n.3, p.21-33, dez, 1960.	1960D	
	Livro	SANTOS, M	Marianne em Preto e Branco	Salvador: Livraria Progresso Editora, 1960.	1960E	

**Legenda:** ART = Artigo / BBG = Boletim Baiano de Geografia / BCG = Boletim Carioca de Geografia / BG = Boletim Geográfico / BPG = Boletim Paulista de Geografia / CL = Capítulo de Livro / Inter. = Internacional / RBEP = Revista Brasileira de Estudos Políticos / RBG = Revista Brasileira de Geografia / RBM = Revista Brasileira dos Municípios / RIGHB = Revista do Instituto Geográfico Histórico Brasileiro / RTP = Relatório Técnico de Pesquisa / TCP = Trabalho Completo Publicado